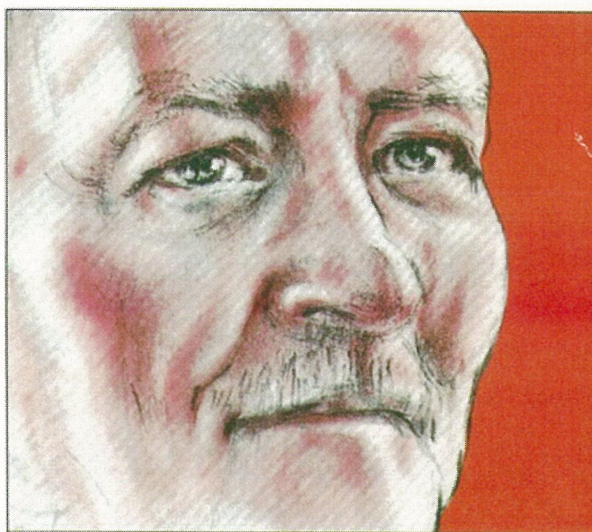


THE FEBRUARY MAN

Evolving Consciousness and
Identity in Hypnotherapy



MILTON H. ERICKSON M.D.
ERNEST LAWRENCE ROSSI

GRUPO PROVISÃO ESTUDA Mecânica
Quântica ,
pnl, : Participe você também ,
compatilhe
seu conhecimento ou venha aprender .
WHATZAPP : 65 996320674

O HOMEM DE FEVEREIRO

“ Expandindo a Consciência e
Identidade em Hipnoterapia ”

Milton H. Erickson, M.D.
&
Ernest Lawrence Rossi, Ph. D.

EDITORA LIVRO PLENO
2003

Título original
The February Man - Evolving consciousness
and identity in hypnotherapy

© 1989 by Brunner/Mazel, Inc.

Conselho editorial

Douglas Marcondes Cesar
Glauci Estela Sanchez

Coordenação editorial

Glauci Estela Sanchez

Capa

Sérgio G. Fernandes

Tradução

Helena Prebianchi

Revisão

Vilma A. Albino

Editora Livro Pleno Ltda

Rua Dr. Cândido Gomide, 584 - Jd. Chapadão

CEP: 13070-200 - Campinas - SP

Telefax: (0XX) 19 3243-2275

E.mail edlivropleno@uol.com.br.

www.editoralivropleno@uol.com.br.

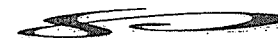
Sumário

Apresentação	5
Prefácio	7
Introdução	13
Sessão I, PARTE 1 <i>Abordagens à hipnose terapêutica</i>	25
Sessão I, PARTE 2 <i>Criação da identidade do Homem de Fevereiro</i>	57
Sessão II <i>Múltiplos níveis de comunicação e existência</i>	155
Sessão III <i>Evocando e utilizando processos psicodinâmicos</i>	231
Sessão IV <i>Trabalho terapêutico ativo durante o transe</i>	267
Bibliografia	287
Participantes das sessões e dos comentários	293

Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas videográficos. Vedada a atemorização e/ou a recuperação total ou parcial bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e sua editoração.

Grupo Provisão estuda Mecânica Quântica, Pnl, participe você também, compatilhar seu conhecimento. venha aprender me chame no : WHATZAPP : 65 9 9632 0674

Apresentação



Freud escolheu *O homem e os ratos* para descrever o tratamento de um caso de psicose obsessiva, o *Caso Dora* para ilustrar uma forma de se curar uma fobia, o *Caso Ana "Ó"* para demonstrar os padrões de uma histeria e há quem diga, com uma certa razão, que Freud ganhou a psicanálise de presente dos seus clientes.

Com Erickson ocorreu algo semelhante.

Ele teve uma vivência clínica extraordinária e também teve seus casos clínicos favoritos que, uma vez ou outra, ele pinçava e citava com carinho durante seus seminários didáticos. *O Homem de Fevereiro* é um deles. Ele mostra Erickson no melhor de sua forma, fazendo hipnoterapia nos idos de 1945; e foi enriquecido e tornado mais belo com a reconstituição feita pelo fabuloso Ernest L. Rossi em colaboração com o próprio Erickson em 1979, um pouco antes da sua morte em 27 de março de 1980.

O Homem de Fevereiro é simplesmente fascinante e consegue ser completamente científico sem ser cansativo. Ao contrário, ele é profundo mas é leve, é intenso mas é entusiasmado, é sério mas é alegre, é otimista e crivado de intervenções bem humoradas que emocionam e freqüentemente provocam os risos do leitor.

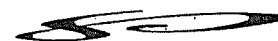
Estamos vivendo um momento histórico particularmente interessante para a evolução das psicoterapias; um instante em que Milton Erickson começa a ser progressivamente redescoberto e reavaliado. Há cada vez mais interesse pelo seu trabalho em todo o mundo. Mas, por que razão há esse interesse crescente pela hipnose e pelos métodos de Erickson? Talvez porque o mundo esteja precisando de respostas objetivas e de um alento que ele traz alegremente sério e complexamente simples.

Sem dúvida alguma este livro vai preencher uma lacuna enorme na bibliografia sobre hipnose e trazer muitas respostas e muitas questões novas, mas em qualquer uma destas situações vai proporcionar o crescimento pessoal e incentivar novas buscas para o leitor, que sentirá isso assim que começar a leitura.

O editor

Prefácio

Sidney Rosen, M. D.



Como é bom ouvir a voz de Erickson novamente! E a de nosso guia, Ernest Rossi, que após mais de quinze anos, estudando e praticando a abordagem de Erickson, traz-nos sua compreensão, permitindo-nos testemunhar o processo pelo qual alcançou-a. Como nos seus livros anteriores com Erickson, Rossi não se interpõe entre Erickson e o leitor. Ele apresenta uma transcrição que nos permite observar, verdadeiramente, Erickson trabalhando em 1945. Assim, modestamente, age como um aluno questionador, encorajando Erickson a explicar o pressuposto de suas intervenções terapêuticas. Eles (Erickson e Rossi) discutem ainda muitos outros assuntos interessantes, como a natureza da terapia, a natureza humana, o desenvolvimento da consciência e até mesmo a evolução da gíria e dos "palavrões".

Talvez, por Erickson, um ano antes de sua morte, estar pronto a explicar-se mais do que o fizera anteriormente, Rossi estivesse apto a obter respostas quase diretas para algumas de suas perguntas; ao invés daquelas metafóricas que Erickson parecia preferir. Certamente estas respostas de guru estimularam o pensamento e crescimento de centenas de alunos seus; porém, nós preferimos formulações mais simples, fáceis de serem compreendidas. Margaret Mead (1977) chegou a escrever sobre os apelos que ela e outros alunos

de Erickson faziam “por demonstrações mais simples, mais repetitivas...” Rossi, paciente e persistentemente, obteve explicações mais claras e simples que ajudam-nos a entender a essência do trabalho de Erickson.

Podemos ver, neste livro, o quanto de trabalho Erickson teve ao preparar sua paciente para a mudança. E ainda que, às vezes, o tenha feito de forma brincalhona e inesperada — jogando com palavras, fazendo-a a escrever com ambas as mãos ao mesmo tempo e levando-a a concordar, antecipadamente, que seria curada —, é evidente que ela sentiu que tal preparação era essencial. E mais, Erickson estava bem afinado com a relação terapêutica, mantendo em tom de desafio e confiança. Como Rossi apontou, ele estava interessado, principalmente, em encorajar e estimular os processos que permitiriam a mudança do paciente. A procura do *insight* era apenas um desses processos, talvez um dos menos importantes. Quando observamos Erickson, guiando sua paciente, além dos *insights* e conexões com o passado, podemos, de fato, supor que isto era feito, em grande parte, como resposta à convicção *dela*, de que, antes de se curar, seria necessário entender o passado.

Erickson nos diria: “É o paciente quem realiza o trabalho. Tudo o que o terapeuta faz é proporcionar condições nas quais esse trabalho possa ser feito.” Erickson trabalhava inteira e cuidadosamente a fim de proporcionar tais condições. Ele explorava e utilizava todos elementos imagináveis da comunicação e educação, a fim de fazê-lo. Enfatizava, por exemplo, a importância de se utilizar o poder evocador e os múltiplos sentidos das palavras — das suas e das do paciente. Um bom exemplo desse respeito pelas palavras é visto quando ele percebe na escrita automática da paciente, que ela havia escrito uma palavra que tanto podia ser lida como “vivendo”, “dando” ou “mergulho”.^{*} Erickson usa essa observação como uma base para organizar a terapia ao redor da fobia da paciente em nadar, com a crença de que, quando esta fobia estiver superada, ela (a paciente) também estará mais livre para viver, dedicar e estará livre da depressão.

Alguns leitores podem sentir que ele foi arbitrário na interpretação desta ou de outras palavras. De fato, Rossi,

^{*} Em inglês: *living, giving e diving*. (N.T.)

ele próprio, num ponto, acusa-o de fazer inferências. Porém, permanecemos impressionados pela sua atenção diligente para cada expressão da paciente, como também para cada uma das suas (dele) comunicações.

Testemunhamos, além do cuidadoso uso de palavras, muitas formas de sugestão indireta — sugestões formuladas como perguntas, por exemplo. Enquanto fazia esta “manipulação”, Erickson, constantemente, estava pedindo *permissão* à paciente para intervir e estava sempre pronto a mudar suas intervenções de acordo com as reações dela. Dessa forma, ele demonstrava o respeito que caracterizava a sua forma de lidar com os pacientes. De fato, devemos comentar, nesse ponto, que apesar do muito do que foi escrito sobre as técnicas ericksonianas enfatizar o brilhantismo e sinceridade do terapeuta, quando observamos o próprio Erickson trabalhando, ficamos mais impressionados pela presença e criatividade únicas de seus pacientes.

Qual o valor de se utilizar a regressão como o aspecto dominante nessa terapia? Enquanto estava lendo este livro, tornou-se claro para mim porque Erickson tendia a tratar quase todo mundo como uma criança! Entendi subitamente porque, pelo menos nos seus últimos anos, ele parecia tão apaixonado por anedotas, adivinhas e jogos infantis. Sinto agora que ele, provavelmente, compreendeu, por meio do seu trabalho com pacientes adultos em estado regredido hipnoticamente, que é precisamente nesse “estágio infantil” que estamos mais abertos a aprender, mais curiosos e mais aptos a mudar. A fim de intensificar a experiência de regressão do paciente, Erickson trabalhava consistentemente para criar uma ilusão convincente de que ele era, na verdade, uma pessoa mais velha falando com uma criancinha. Ele tinha a reação e ab-reação infantis para as experiências traumáticas e, por meio de discussões, guiava-a até o processo de reeducação. Como resultado, a “criança” tinha novas experiências para juntar às suas lembranças — experiências positivas com um adulto atencioso e compreensivo. Essas experiências corretivas de regressão, como as chamei, exerciam um efeito duradouro na paciente, mesmo depois de ela voltar ao seu “eu adulto”.

Entre as experiências de reeducação que a criança teve em suas discussões com o Homem de Fevereiro (Erickson

visitou-a, em regressão hipnótica, em Fevereiro, por muitos anos.) estavam algumas que se tornaram conhecidas como reenquadramento. Há alguns belos exemplos de reenquadramento neste livro. Por exemplo, a paciente tinha sentimentos de culpa por seus desejos de morte em relação a sua irmã mais nova e responsabilizava-se pela experiência de quase-afogamento que ela havia vivido. Erickson reenquadrou, dizendo-lhe: "Todos esses anos você se condenou, não? Por quê? Talvez dessa forma você pudesse alcançar uma maior e melhor compreensão de si mesma." (Autocondenação é reenquadrada como um passo para autocompreensão.) Simularmente, a rivalidade é reenquadrada como: "Ter ciúmes de Helen quando você era um bebê tinha um significado. Agora que você cresceu, tem completamente um outro significado. Você não poderia desejar que uma criancinha apreciasse seu próprio valor, sua própria personalidade e suas próprias necessidades o suficiente, para defendê-las de forma compreensiva?"

Num ponto, Rossi sugere a Erickson que a base da sua hipnoterapia é "ab-reação e a reestruturação dos processos mentais dos pacientes". Erickson corrige-o, dizendo: "Não é reestruturação. Você lhes dá uma visão mais completa." Rossi é então capaz de resumir sua compreensão no comentário: "A hipnoterapia realmente facilita um ponto de vista mais completo, mais compreensivo e liberta das limitações e do literalismo da infância." Isto está bem longe da crença de muitos terapeutas, de que a hipnose envolve algum tipo de reprogramação.

No tratamento desse caso, vemos o início de uma abordagem, a qual Jay Haley chamou de "prescrição de sintoma". Quando a paciente estava, aparentemente, pronta para tentar nadar, Erickson proibiu-a de fazê-lo. Ele explica: "Eu ponho *minha* inibição no seu nadar." Depois, ele aponta: "Eu posso mudar." E, naturalmente, ele retirou sua inibição na sessão seguinte que teve com ela.

Erickson fornece também uma consideração interessante para ter outras pessoas presentes durante a terapia. "...Este medo, esta ansiedade em nadar é observada em relação a outras pessoas. Você precisa vencer alguns desses medos e ansiedades que são manifestados em relação a outras pessoas e escondidos de outras pessoas... exibindo-os de

forma que possa ser percebido que se pode viver, mesmo que os outros saibam. Gostamos mais das pessoas quando sabemos que são reais nas pequenas coisas." Terapeutas de grupo sabem disso há muito tempo, mas devemos lembrar que terapia de grupo não era muito usada em 1945.

Admito que como muitos outros, quando li pela primeira vez o caso do Homem de Fevereiro, *Hypnotherapy* (Erickson e Rossi, 1979) e *Uncommon therapy* (Haley, 1973), fiquei excitado com a idéia de que esta parece ser a primeira vez em que um terapeuta tenha realmente mudado a história de um paciente. Entendo agora que esta mudança, como muitas outras, em terapia, realmente consiste em ampliar a estrutura ou expandir a consciência no presente e não no passado. De fato, lembro-me do comentário que Erickson fazia com frequência: "Compreender o passado, não muda o passado." A "realidade" na regressão tem sido questionada, justificadamente, acredito. Além de uma descoberta de lembranças reais, um grande elemento de fantasia é, frequentemente, envolvido. Mas a regressão não precisa ser "real" para servir como ajuda. Simplesmente, o sentimento subjetivo de ser jovem pode possibilitar a um paciente ver os problemas por meio de uma perspectiva diferente. Pode também intensificar a relação terapeuta-cliente e levar a ab-reações terapêuticas.

Antes de terminar a terapia, Erickson ajudou a paciente a demonstrar hostilidade em relação a ele. Julga que isto é importante porque os pacientes, geralmente, ficam com raiva do terapeuta, por ele sumir com seus sintomas, e expressam isso, destruindo seu trabalho terapêutico. Aqui, de novo, Erickson mostra um interesse agudo em manter os ganhos terapêuticos.

Chegará um tempo em que veremos revisões mais críticas sobre Erickson e seu trabalho. Mesmo aqueles que entre nós foram "hipnotizados" por ele, avaliarão diferentemente nossas experiências com o decorrer do tempo. Nesse ponto, contudo, quando penso nele é com amor — mesmo não sendo ele uma pessoa "amável" no sentido usual do termo. Ele transmitiu seu amor e respeito para mim e incontáveis outros "dizendo as coisas como elas são". Por exemplo, uma vez, quando eu contei-lhe que gostaria de ser capaz de experimentar mais do que intelectualizar, ele respondeu: "Seu

trabalho mostra o contrário. Você prefere compreender, mais do que experimentar." Tipicamente, ele acompanhou esse comentário incisivo com a sugestão: "Mas você pode intelectualizar de diferentes maneiras." Finalmente, ele colocou-me em transe, por meio de uma experiência que combinava o pensar e o sentir. Ele trouxe-a com uma indução hipnótica que começava com: "Na minha maneira de viver, com frequência, gosto de escalar uma montanha e sempre quero saber o que há do outro lado." Assim ele modelou uma forma diferente de intelectualizar: *querendo saber*. E é só agora, oito anos depois, enquanto escrevo este prefácio, que percebo que ele fez isto.

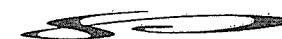
Para aqueles que trabalharam com Erickson, há sempre mais para aprender sobre ele, na medida em que penetramos em sua obra e a estudamos cuidadosamente — especialmente o literalismo e os pensamentos, como são apresentados aqui.

Para a vasta maioria de leitores, para os quais este pode ser o primeiro ou segundo livro que lêem sobre Erickson, ficará evidente que vale a pena lê-lo rápida ou lentamente. Se lido rapidamente, levará a uma compreensão do por que, recentemente, tanto interesse em Erickson. Se lido lentamente, estimulará idéias que enriquecerão o trabalho de qualquer terapeuta. Obrigado, Ernest Rossi, por este presente.

Sidney Rosen, M. D., Presidente da Sociedade de Psicoterapia e Hipnose Milton H. Erickson de Nova Iorque. Autor de My voice will go with you: the teaching tales of Milton H. Erickson.

Introdução

Ernest Lawrence Rossi, Ph.D.



Este livro sobre o Homem de Fevereiro, transcende o relato de caso tipicamente encontrado na literatura psicoterápica. Vai além das formas usuais da análise e da psicoterapia, por focar a possibilidade de se facilitar a evolução de novos desenvolvimentos da consciência e identidade.

O falecido Milton H. Erickson, visto como o mais criativo hipnoterapeuta da sua geração, criou as abordagens únicas aqui documentadas. O material apresentado tem grande valor, por ser o único registro literal de um caso completo de hipnoterapia da fase média da carreira de Erickson, quando seu gênio inovador estava no auge.

Além disso, felizmente, fomos capazes de adicionar comentários detalhados, do próprio Erickson, registrados em 15 horas de discussões — o que fornece uma compreensão, sem paralelo, do seu pensamento e dos seus métodos.

O *Homem de Fevereiro* é um estudo de caso fascinante, que ilustra o uso da regressão profunda no tratamento de uma jovem deprimida. Além de depressão crônica, a jovem tinha uma fobia severa e disfuncional em relação à água, que se originara a partir de uma lembrança traumática e profundamente reprimida de ser responsável pelo quase-afogamento da sua irmã mais nova. Ao tratar o caso, Erickson

adota o papel de apoio do Homem de Fevereiro que visita a jovem, muitas vezes, durante o curso das quatro sessões psicoterápicas. Durante essas sessões, ele utiliza fenômenos hipnóticos clássicos como regressão, distorção de tempo, escrita automática, amnésia e outros, para explorar toda a infância e adolescência da paciente. Como o Homem de Fevereiro, ele proporciona-lhe as sementes para novos desenvolvimentos da sua personalidade adulta.

É uma pena que, nesse período, mais nenhum registro completo do trabalho de Erickson tenha aparecido. E mesmo que esses registros fossem, de alguma forma, encontrados, ainda assim não teríamos os comentários do próprio Erickson — e sem seus comentários, é quase impossível compreender seu trabalho. Dessa forma, este livro funciona como uma última safra de Erickson: pode não existir mais a maioria de seus comentários sobre a natureza humana, a evolução da consciência, a essência do trabalho psicoterápico e a essência de sua própria abordagem inovadora em hipnoterapia.

A história deste livro

O livro tem uma longa história que remonta há mais de quarenta anos. Começa em 1945, quando Erickson, informalmente, demonstrou sua abordagem singular em hipnoterapia (usando uma enfermeira como sujeito) para um pequeno grupo de colegas profissionais e alunos. Houve, somente, quatro sessões de hipnoterapia com esta enfermeira, a quem vamos chamar de "Srta. S" ou "Jane". As sessões foram registradas, na íntegra, com anotações feitas pela Srta. Cameron e posteriormente datilografadas com apenas algumas omissões não-significativas. Muitos anos mais tarde, em 1986, consegui entrar em contato com a Srta. Cameron e perguntar-lhe sobre suas recordações daquele período com Erickson. Ela respondeu-me com a seguinte carta:

Srta. Cameron: lembranças de uma secretária

"Quando se participa de uma reunião, deve-se concentrar quase exclusivamente no trabalho que se está realizando. Porém, eu me lembro de um sentimento de insuportável ten-

são no escritório do Dr. Erickson, em Eloise, quando o sujeito encarou seus sentimentos de extrema hostilidade em relação a sua família. Na hora, achei que era uma cirurgia emocional. A última sessão, à qual eu estava presente, foi definitivamente alegre, com o sujeito rindo freqüentemente e parecendo feliz e relaxado.

Dr. Erickson era, realmente, um grande patrão. Ele compreendia as limitações dos outros, melhor do que eles mesmos. Meus primeiros dias no escritório foram memoráveis. Aparentemente ele não tivera secretária por algum tempo. Num canto havia uma mesa lotada com livros, papéis e parafernália. A escrivainha da secretária estava coberta com cartas e todo o tipo de artigos, esperando para serem arquivados ou respondidos. Eu comecei a ler e separar.

Durante os primeiros dois dias, o Dr. Erickson ditou apenas uma carta. Eu lia, empilhava e tentava fazer um mínimo de perguntas. Um pensamento não me abandonava: aquilo podia ser um caso de se morder mais do que se pode mastigar. Mas, no final do segundo dia, ao deixar o escritório, o Dr. Erickson disse que iria gostar de ter-me trabalhando ali. Senti-me grande.

Poucos dias depois, ele perguntou-me se eu poderia desenhar. Fui franca: nem mesmo uma reta com uma régua. Então ele colocou-me para copiar uma ilustração usada em suas palestras para alunos de medicina. O resultado foi uma abominação, mas ele disse que estava "adequado" e começou a usá-lo. Minhas orelhas ficavam vermelhas toda vez em que ele levava-o do escritório.

Com freqüência o Dr. Erickson mandava-me fazer anotações das verbalizações dos pacientes. Ele usava-as, posteriormente, para ensinar aos seus alunos de medicina a distinguir entre problemas mentais de diversos tipos. Uma mulher que havia sido paciente em Eloise por muitos anos falava, constantemente, por monossílabos ou frases curtas que pareciam totalmente incompreensíveis. Ela foi gentil e conversou comigo por alguns minutos. Durante esse tempo, falou-me apenas uma sentença completa: "Chase e filho é o nome." Teria sido fácil acreditar que ela havia escutado (a propaganda) no rádio sobre "Chase and Sanborn Café", uma marca muito divulgada na época. Dr. Erickson foi ao centro do problema. Descobriu que, há muitos anos, a paciente,

que nunca fora casada, havia dado à luz a uma criança — um fato calamitoso no tempo em que ela era jovem.* Isto era típico na sua compreensão das crises nas vidas das pessoas que ele tratava e com as quais trabalhava.

As pessoas que vinham estudar e trabalhar com Dr. Erickson tornavam o serviço, especialmente, gratificante. Os profissionais visitantes e os alunos de medicina que, naquele tempo, pareciam estar tremendamente interessados em hipnose e nos métodos do Dr. Erickson e principalmente aqueles que tinham desenvolvido problemas recentemente. A qualquer hora que ele programasse falar, o local designado para tanto ficava lotado. Sempre que ele dizia aos seus alunos que os encontraria numa determinada hora, à tarde ou à noite, a notícia parecia espalhar-se pelos arredores de Eloise com uma velocidade maior do que a de sinais de fumaça ou de tambores selvagens. Era espantoso. Na hora marcada a sala estava cheia, não só com os alunos e pessoas de Eloise, mas também com um grande número de estranhos. Sempre foi inacreditável o domínio que o Dr. Erickson tinha sobre a multidão. Fico maravilhada toda vez em que me lembro. Muitos atores, observando-o, teriam ficado completamente verdes.

Um dos passatempos do Dr. Erickson parecia interessar muitas pessoas que vinham ao seu escritório. O parapeito atrás de sua escrivaninha guardava recipientes de várias formas e tamanhos que ele havia feito e cada um deles continha diferentes variedades de cactos. Ele explicava que as crianças não se importavam com eles, e por isso eram excelentes plantas para se ter em casa.

Um jantar casual com os Erickson era sempre um episódio agradável. A Sra. Erickson era uma anfitriã fascinante e cada um dos filhos tinha um estilo individual diferente. Você deve ter ouvido isso e assim concorda comigo. As crianças eram incentivadas a trabalhar e a guardar o dinheiro. Quando eu estava em Eloise, Bert e Lance cultivavam jardins e a família comprava sua produção e cada um dos mais novos era pago pelo que tivesse feito na casa. No final do

* Em inglês *son* = filho e *born* = nascido. Assim, quando a paciente diz "Chase e filho é o nome", isso pode ser uma associação (metafórica e distorcidamente) originada a partir da marca de café que era muito noticiada: Chase e Sanborn.

ano, eles recebiam um bônus igual à quantia poupada. Esta idéia sempre me pareceu tão boa que a relato às pessoas que têm filhos.

Trabalhar como secretária do Dr. Erickson foi uma oportunidade privilegiada para observar e aprender. Foi, de fato, o ponto alto de minha experiência profissional. Fico feliz em saber que o trabalho dele está sendo reconhecido — obviamente que muito disso deve-se aos seus esforços — e tornar-se-á uma parte importante do mundo de amanhã."

O material datilografado pela Srta. Cameron, sobre o estudo do caso da Srta. S, permaneceu nos arquivos de Erickson por cerca de trinta anos, até que ele os desse para mim, para meus estudos particulares, quando comecei a trabalhar com ele no início dos anos 70. Durante aqueles anos, no entanto, eu simplesmente não era capaz de compreender o significado desse caso e porque Erickson continuava referindo-se a ele para ilustrar este ou aquele aspecto do seu trabalho. Minha confusão sobre esse caso é facilmente compreendida à luz da visão de Jerome Fink, M.D., que foi o real responsável pelo encontro entre Erickson e a paciente.

A visão do Dr. Jerome Fink sobre o trabalho de Erickson

O outro membro do pequeno grupo que testemunhou este caso terapêutico era Dr. Fink, na época, um médico residente. A seguir, está uma apreciação do desenvolvimento da situação terapêutica.

Fink: A paciente, Srta. S, era uma aluna de enfermagem, de 19 anos de idade, incomumente talentosa e inteligente, que, no início, havia sido convidada à minha casa, devido ao seu interesse em psiquiatria. Sua visita tinha como objetivo ver e participar de um trabalho com hipnose, para compreender melhor a psicodinâmica elementar.

Na discussão preliminar sobre hipnose, onde se falou dos padrões normais de comportamentos em estados de transe, percebeu-se que a Srta. S estava, extremamente, atenta. Imediatamente,

tamente, reconheci o desenvolvimento de uma transferência intensa, bem como o seu desejo de ser colocada em transe. De fato, ela disse que teria a honra de ser o primeiro sujeito.

Um transe profundo foi facilmente induzido pelo método de levitação da mão e, por causa do pouco tempo disponível, ela foi colocada sob vários fenômenos hipnóticos. Sujeitos menos capazes, freqüentemente, recusam-se a cooperar quando não há tempo adequado. É uma prática minha com sujeitos inexperientes, permitir-lhes que escrevam alguma coisa durante seu primeiro transe. A maioria deles abstém-se de escrever qualquer coisa que possa delatar um antigo conflito — por exemplo, geralmente escrevem seus nomes. Neste caso, contudo, a Srta. S escreveu: “Esta maldita guerra.” Para evitar qualquer confronto psicodinâmico prematuro, o papel foi retirado e ela foi desperta com a sugestão de que teria amnésia para os fatos ocorridos durante o transe. Para seu espanto, foi também demonstrado que ela era capaz de escrita automática — o que foi logo de grande valor para a paciente.

Vários dias depois, ao encontrar a Srta. S numa enfermaria do hospital, ela questionou-me sobre os eventos ocorridos durante seu período de amnésia.

Respondi-lhe apenas com evasivas. Ela insistiu em suas perguntas, juntando uma afirmação, aparentemente, inconsciente sobre seu “medo de água”. Suspeitei que isso era um apelo indireto do seu inconsciente, para fazer terapia. Suas respostas às minhas perguntas (formuladas para serem compreendidas apenas pela sua personalidade inconsciente) confirmaram minha suspeita. Pouco depois, fui abordado pela amiga da Srta. S, “Ann Dey”, que solicitou uma segunda noite de experiência hipnótica. Os arranjos foram feitos e o Dr. Erickson foi trazido, porque eu não era um médico

da equipe; era um residente e, de súbito, esta jovem havia vindo até mim com uma fobia. Eu havia trabalhado com Milton desde o segundo ano de medicina. Sob sua supervisão eu dera palestras sobre hipnose aos quartoanistas, quando eu era apenas um segundoanista. Milton e eu éramos muito amigos.

Sempre tive necessidade de sentir-me aceito e tornei-me extremamente competente em hipnose — provavelmente, porque é tão dramática! Então as pessoas começaram a referir-se a mim como Svengali? e tornaram-se receosas porque achavam que a intuição de Erickson me contaminara e que eu poderia “ver através deles”. Houve um grande movimento em nosso grupo psicanalítico e a mensagem era: se você quer ser um psicanalista, é melhor rejeitar Erickson. Eu não tenho tempo aqui para todos os detalhes, mas o conflito resultou na dissolução da sociedade psicanalítica de Detroit.

Ryan: Eles eram contra a pessoa de Erickson ou contra o seu tipo de trabalho?

Fink: Acho que eram contra a sua forma de trabalhar. Ele era muito intuitivo. Eu saí da Clínica Menninger para ir falar a um grupo de alunos de medicina e lembro-me do chefe da equipe ter me dito que Erickson era abominavelmente intuitivo. Ele havia estudado um caso por três meses (a paciente fora diagnosticada como tendo esquizofrenia catatônica). Erickson que estivera fora, durante esse período, viu a paciente por trinta segundos e disse: “Bem, essa garota é uma esquizofrênica catatônica.” Perguntei-lhe como Erickson chegara a essa conclusão e ele contou que Erickson tinha dito: “Bem, se você percebeu, esta garota estava movendo o polegar, partindo da palma da mão até a ponta dos dedos, inconscientemente. Ela não sabia onde se encontravam os limites do seu ego. Não sabia se terminavam no seu cotovelo ou fora do seu corpo.”

Trabalhei com Erickson na equipe de exame psiquiátrico no posto do exército durante a Segunda Guerra Mundial e vi muitas coisas como esta. Ele era brilhantemente intuitivo. Mas, honestamente, não acredito que ele fosse organizado o suficiente, nesse estágio de sua vida profissional, para estar ciente de todas as coisas que são discutidas na apresentação de caso, como neste livro com Rossi.

Ryan: Você acredita que Erickson estivesse fazendo alguma coisa que ele sabia como fazer num nível intuitivo. E, posteriormente, pode-se discuti-lo sobre uma perspectiva teórica qualquer, o que não significa, contudo, que seja igual ao que Erickson viu.

Fink: Exatamente. Foi exatamente isso que aconteceu.

Ryan: Isto implica que Erickson fez muito do que ele disse que fez, só que não pelas razões que todos imaginaram, *posteriormente*.

Fink: Exatamente. A dificuldade que senti foi que, em muitas, muitas vezes nos transcritos deste livro, Dr. Rossi diz: "Você fez isso e aquilo?" E Erickson diz: "Uh-huh." Na minha opinião, é perfeitamente possível que Erickson nunca houvesse pensado num ponto de vista particular, até que Rossi lhe perguntasse e então ele respondeu sim.

Foi entre 1º de julho de 1945 e 1º de maio de 1946 que Erickson entregou-me esta pilha de transcrições originais, nas quais se baseia este livro.

Ryan: Elas lhe parecem representativas do que ocorria nas sessões? Ou lhe soam falsas?

Fink: Ainda não estou bem certo. Há um ponto no início, quando o Dr. Rossi pergunta: "Você está, realmente, fazendo tais coisas com uma intenção planejada? Por quê? Não posso acreditar. Estudo com você há sete anos e ainda acho difícil acreditar que você não esteja se diver-

tindo comigo por meio de todo o tipo de intelectualizações *posteriores*, envolvidas num caso como esse. Apesar de a evidência, que tem mais de trinta anos, estar bem aqui diante de nós. Por que acho tão difícil de acreditar?"

Acho que o Dr. Rossi estava correto em ousar perguntar ao chefe. Acho que Erickson sempre teve essa necessidade de estar certo em todas as vezes e Rossi, em minha opinião, tinha razão em duvidar; muito da psicodinâmica discutida foi intelectualização elaborada *posteriormente*. Erickson era um companheiro excepcionalmente intuitivo e não há dúvida de que ele tenha curado essa jovem. O que estou questionando é o quanto, realmente, Erickson pensava antes da hora.

Conheci Erickson muito bem quando era mais jovem. Muitas vezes, ele e Betty visitavam-nos em casa. Fui um protegido de Erickson por cerca de quatro anos. Durante 1942, quando eu era um segundoanista de medicina, Erickson iniciou suas palestras sobre hipnose. Tornamo-nos muito amigos e, ao falar, ele colocava-me sob sua asa.

Ao longo dos anos eu tive um bloqueio absoluto em ser hipnotizado. Erickson fez várias tentativas, incluindo uma ou duas com o meu consentimento — e, por alguma razão, nunca fui capaz de entrar em transe com ele. Não sei porque não consegui. Suponho que eu tivesse resistência e descrença o suficiente. Tornei-me um bom operador, a despeito do fato de não poder entrar em transe com ninguém.

Acredito que este livro seja de muito valor, mas também que alguns dos conceitos desenvolvidos aqui devam ser tomados com certa reserva. Como eu disse, Erickson era excepcionalmente intuitivo, mas ele não poderia ter conscientemente imaginado toda a psicodinâmica. Ele nunca havia encontrado o sujeito antes da primeira sessão.

Ryan: É possível que alguns dos conceitos desenvolvidos neste livro venham ainda a ser validados? Independentemente de ele tê-los planejado, conscientemente ou não, ele pode ainda ter feito isso num nível intuitivo.

Fink: Oh, não há dúvida sobre isso! Ele agia dessa forma, mas creio que era o único homem, neste país, que podia fazê-lo.

Esta entrevista franca e interessante com o Dr. Fink, mostra a limitação desta ou qualquer outra análise *posterior* de caso. Simplesmente não sabemos o quanto do compromisso terapêutico altamente intuitivo de um clínico brilhante pode ser compreendido à luz de uma análise cognitiva mais recente. Há muitas pesquisas ultimamente que, de fato, sugerem que as últimas considerações sobre o "hemisfério esquerdo" são apenas histórias para fazer com que os processos não-conscientes do "hemisfério direito" tivessem sentido (Gazzaniga, 1985). Mesmo tendo em mente estas limitações, ainda insisto em meus esforços para compreender a abordagem de Erickson.

A abordagem do Homem de Fevereiro

Entre 1973 e 1981 fui co-autor de vários artigos (Erickson & Rossi, 1974, 1975, 1976, 1977 e 1980) e três livros sobre hipnoterapia com Erickson (Erickson, Rossi & Rossi, 1976; Erickson & Rossi, 1979, 1981). Também editei quatro volumes dos seus artigos (Erickson, 1980). Durante esse tempo, obtive mais e mais *insight* sobre sua forma de pensar e, gradualmente, tornei-me capaz de compreender alguma coisa no vasto escopo do que ele chamou de "Abordagem do Homem de Fevereiro". Em 1979, nós publicamos uma pequena versão do Homem de Fevereiro, como capítulo final do nosso livro *Hypnotherapy: an exploratory casebook*. Naquele exemplo, enfatizei como Erickson usou o Homem de Fevereiro para facilitar a criação de nova identidade e consciência em pacientes que haviam experimentado diversos níveis de carência em suas primeiras experiências de vida. Esta abordagem foi um passo significativo entre todas as formas anteriores de terapia que enfocavam a análise e o trabalho sobre os problemas psicológicos do passado.

Com esse *background* preparatório, eu estava finalmente pronto para explorar com riqueza de detalhes as quatro sessões apresentadas aqui. Erickson e eu gravamos cerca de quinze horas de comentários sobre essas sessões, revendo cada frase, cada palavra e sentença em repetidos e cansativos detalhes, para nos assegurar que atingíamos uma compreensão adequada dos pontos refinados de seus métodos. Outros profissionais treinados por Erickson (Marion Moore, Robert Pearson, Sandra Sylvester), informalmente, aprofundaram um ou outro desses comentários, fazendo perguntas e adicionando suas perspectivas à nossa compreensão. Eu editei esses comentários e li a maioria deles para Erickson para sua clarificação e aprovação finais.

O manuscrito ficou completo entre a primavera e o outono de 1979, um ano antes da morte de Erickson. Seria o nosso quarto projeto em conjunto. Precisava apenas de uma introdução para poder ser publicado. Mas com a morte de Erickson, na primavera de 1980, caí num estado de luto e tristeza e não fui capaz de olhar o manuscrito por outros oito anos. Durante esse tempo, distraí-me co-editando uma série de volumes sobre os seminários, *workshops* e palestras de Erickson (Rossi & Ryan, 1985, 1986; Rossi, Ryan & Sharp, 1984) e fazendo algumas incursões independentes na psicobiologia, a qual Erickson chamava de bases psico-neurofisiológicas da hipnose terapêutica (Rossi, 1986; Rossi & Cheek, 1988).

Invariavelmente, eu tinha uma série de sonhos nos quais Erickson sempre me aparecia como um professor de 40 ou 50 anos, de idade. Isto era surpreendente porque eu não o conhecera até que ele estivesse com 70. Contudo, Erickson tinha 40-50 anos, quando criou a abordagem do Homem de Fevereiro e deu as palestras, seminários e *workshops* que eu estava editando. Aparentemente, minha mente interior estava assimilando o ensinamento de Erickson, daquela fase em que eu ainda não o conhecera.

Eu estava finalmente apto a retornar ao manuscrito em 1987 com uma nova perspectiva, ávido por saber se ele ainda faria sentido e teria algum valor para a nova geração de alunos que estavam sendo esmagados pelos numerosos volumes de livros e artigos que haviam sido publicados sobre Erickson recentemente.

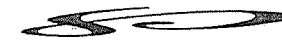
Como eu revira as evidências do seu pensamento cuidadosamente detalhado, percebi que este livro poderia ser uma correção importante para aqueles que descreviam Erickson como inteiramente intuitivo e idiossincrásico. Erickson, certamente, era intuitivo, no sentido que ele sempre confiou nas suas associações inconscientes para iniciar a exploração psicodinâmica de um novo caso. Ele podia até parecer idiossincrásico, em algumas de suas maneiras não-ortodoxas de estabelecer “experimentos de campo”, para ter acesso à realidade fenomenológica da experiência hipnótica. Erickson sempre insistiu, contudo, que seus procedimentos verbais e não-verbais, cuidadosamente preparados para facilitar experiências hipnóticas, eram essencialmente racionais ao utilizar as potencialidades e individualidade únicas do paciente.

Seus comentários, neste livro, são um testamento ao caráter profundo e inovador de seu pensamento e do seu trabalho terapêutico; permitindo a utilização de sua abordagem para ampliar a consciência e facilitar o desenvolvimento de nova identidade na hipnoterapia.

Sessão I

PARTE 1

Abordagens à hipnose terapêutica



As primeiras seções deste relato são muito difíceis de se avaliar, passados quarenta anos desde que foram registradas. Sem os tons vocais e gestos corporais, que forneciam nuances importantes sobre o significado das piadas, adivinhas e dos jogos contidos nessa parte, a palavra transcrita, apenas, torna-se muito confusa. O objetivo geral da conversa entre Erickson, Dr. Fink e o sujeito, no início dos trabalhos, é atrair, motivar e apreender a atenção da paciente (estágio 1 da microdinâmica de indução de transe, Erickson & Rossi, 1976/1980) e, então, enfraquecer seus padrões de consciência habituais por meio da confusão, alteração de pontos de referência, distração, sobrecarga cognitiva e falta de sentido (estágio 2 da microdinâmica de indução de transe).

Se o leitor sentir-se confuso e sobrecarregado, tentando compreender o sentido desses primeiros momentos, pode consolar-se imaginando o quanto mais confuso e transtornado o sujeito deve ter se sentido — mesmo que tenha tentado enfrentar o “ataque” verbal associativo desfechado sobre ele.

1.0 Confusão: jogos associativos e adivinhas para se iniciar a prontidão de resposta e o processo hipnótico

Erickson: Tirando as conchas, o que você acha de Gene Autry?

Fink: Com certeza, eu deveria conseguir andar a cavalo como ele. Ou isso não faz sentido cavalhar? Estou por fora. O que eu acho de Gene Autry?

Erickson: O que dava para se fazer com um jardim?

Fink: Bem, fertilizar ajuda.

Erickson: Como você consegue pular de jardim para Gene Autry?

Fink: Puramente esquizóide.

Erickson: Você pode sussurrar isso? (Dr. Fink sussurra *Drifting Along* com o *Tumbling Tumbleweed*.)

Fink: Tumble... Tumbleweed. Gene Autry.

Erickson: Sim, é isto. Ele não está pulando. Eu havia perguntado sobre o jardim dele — Gene Autry canta o *Tumbling Tumbleweed*.

Fink: É uma canção para ser lembrada.

Erickson: Não é uma canção — apenas um cavalo de outra cor.

Sujeito: Estou aqui tentando ligar com... !? (Sujeito está confuso.)

Fink: E eu ainda errei.

Erickson: Tenho certeza de que ele não se lembra. E a sua advertência deveria ter refrescado a memória dele. Mas a memória dele não estava refrescada e, por conseguinte, ele não lhe ouviu. (Sujeito move-se para mais perto da Srta. Dey.)

Fink: Bem, isto é comigo.

Sujeito: O que ela está fazendo?

Fink: Está escrevendo uma carta. Para um amigo.

Rossi (Em 1987): A sessão começa com uma conversa aparentemente irrelevante, na qual Milton Erickson pergunta ao Sr. Fink se ele gosta de Gene Autry (um cantor *country*, popular na época).

Dr. Fink responde espirituosamente, mas com trocadilhos pobres: sobre sentido cavalhar e ficando por fora. Erickson, então, introduz um jogo associativo: “O que dava para se fazer com um jardim?” e “Como você consegue pular de jardim para Gene Autry?”

Contudo, a consequência desse jogo de palavras inicial tem efeito imediato sobre a consciência do sujeito: ela está obviamente confusa, mas não percebe que Erickson está fazendo isso com ela *indiretamente*. É como se Erickson não estivesse dirigindo-se a ela; ele sabe que ela está escutando, mas age como se estivesse engajado apenas com Dr. Fink.

O sujeito logo dá mostras de tentar juntar-se ao jogo associativo que se desenvolve ao seu redor, quando diz: “Estou aqui, tentando ligar com...” Com isso, ela indica estar confusa — um estágio ideal para se iniciar a hipnose, porque sua atenção está, aparentemente, focalizada nas dinâmicas progressivas que Erickson está desenrolando. E ainda ela espera receber de Erickson ou do Dr. Fink a direção de que necessita. Essa necessidade de clarificação evidencia que a Srta. S está agora num estágio de *prontidão de resposta*: ela está pronta para responder, aceitando qualquer sugestão que possa esclarecê-la. Erickson vê este estado de prontidão como uma pré-disposição ideal para se iniciar a experiência hipnoterapêutica.

1.1 Perguntas, confusão, não-conhecimento e non sequitur para facilitar a microdinâmica de indução de transe

Erickson: De que cor é aquele marrom?

Sujeito: Não tenho a mínima idéia. Tudo que sei é que é marrom.

Erickson: Que estudo foi mencionado?

Fink: Obviamente um estudo em marrom?

Sujeito: Estou contente em saber qual é a palavra.

Erickson: Quem está no mundo da lua?*

Fink: Eu estou — marrom-escuro agitado.

Sujeito: Isso significa alguma coisa?

Erickson: Não. Ele está, apenas, fascinado pelos sons das palavras.

Sra. Fink: Dr. Erickson, como você pôde identificar o marrom?

Erickson: Foi fácil, depois de ter sido formalmente apresentado a ele.

Fink: Que era um tipo de verde colérico.

Erickson: Por que Jerry desafiou-a a apresentar escrita automática?

Sujeito: Tenho que pensar numa resposta apropriada.

Erickson: Agora vamos dar um auxílio ao Jerry. Qual foi a minha pergunta?

Sujeito: Não acredito que possa ajudá-lo. Estou perdida há três ou quatro falas.

Rossi: É difícil acompanhar essas passagens, mas uma coisa é muito clara — o sujeito está admitindo novamente que está confuso, ao dizer: "Estou perdida há três ou quatro falas." Nesse ponto, vemos os cinco estágios típicos da microdinâmica do transe e da sugestão (Erickson & Rossi, 1976/1980, 1979) começando a acontecer:

(1) a atenção dela está sendo focalizada nos tópicos que você (Erickson) está apresentando;

(2) seus padrões mentais habituais estão sendo desmanchados e ela fica confusa na medida em que tenta, desesperadamente, acompanhar a conversa;

(3) sem perceber, ela está sendo remetida a buscas internas mais criativas dentro de sua própria mente;

(4) as buscas internas são processos de ativação do inconsciente que

* Study = assunto, brown = marrom, study in brown = estudo em marrom, in a brown study = no mundo da lua. (N.T.)

(5) estabelecem a prontidão para uma resposta hipnótica criativa.

De fato, é nesse contexto que você faz a primeira insinuação sobre o trabalho hipnótico, perguntando: "Por que Jerry desafiou-a a apresentar escrita automática?" O sujeito responde com perplexidade ("Tenho que pensar numa resposta apropriada."), sobre a qual você imediatamente compõe a confusão dela, apresentando outro *non sequitur* sobre dar ajuda ao Dr. Fink e responder à sua pergunta.

Erickson: Em cada vida deve existir alguma confusão e alguma sabedoria também.

Rossi: A confusão é necessária para quebrar as limitações aprendidas por ela, de forma que o novo possa ser recebido pela consciência. Você continua esta abordagem de confusão, na próxima sequência, com uma série de perguntas e afirmações que evocam um sentido maior de *não-conhecimento*. Este *não-conhecimento* vai em direção aos processos inconscientes da busca interna que podem evocar a resposta hipnótica de escrita automática.

1.2 Enigmas, adivinhas e sobrecarga cognitiva: ativando as potencialidades do sujeito; a ética dos "jogos mentais"

Fink: Isto não é um marrom quente, é?

Erickson: Eu vou lhe dar a ajuda que você está querendo. Tudo o que você tem a fazer é pegá-la. Agora, aqui vai a ajuda: São Pedro deve pegar um peixe. Por quê?

Srta. Dey: Nós vamos deixá-la imaginar... Isto lhe dará as pistas.

Fink: Você completará, para mim, as duas letras que estão faltando?

Sujeito: Agora vem o princípio. É tão simples, não é?

Erickson: Erro meu, Jerry.

Fink: Talvez fosse Santo André.

Erickson: Meu erro. Eu corrigirei, mas será um desperdício fazê-lo agora.

- Sujeito:* Vocês vão deixá-lo continuar assim?
- Erickson:* Um pobre homem sobre o desfiladeiro. Por quê?
- Sujeito:* Agora, eu também estou em apuros.
- Erickson:* Mary, se você está sofrendo tanto, eu posso levá-la para fora, na cozinha, e lhe contar.
- Fink:* Isto, porque ele é um gênio, e eu não.
- Srta. Dey:* Realmente é um enigma, não é?
- Fink:* Você poderia responder a uma pergunta?
- Erickson:* Sim.
- Fink:* Você está me dando as letras para soletrar a palavra?
- Erickson:* Sempre respondo às suas perguntas. Você perguntou-me se eu responderia uma pergunta e eu disse "sim". Concorda?
- Fink:* Sim, muito bem. Vejamos. Como posso reformular a questão? Cada palavra é uma pista para uma letra?
- Erickson:* Você acha que agora que respondi uma, ele está tentando fazer-me responder a segunda pergunta?
- Fink:* Uh-hum.
- Erickson:* Certo. Agora, em quanto tempo o trem está atrasado?
- Fink:* Cerca de vinte minutos.
- Erickson:* Eu pensei que você nunca chegaria perto.
- Fink:* É tão simples. Isso significa que alguma coisa muito importante está relacionada com algo que deveria ser descoberto agora?
- Sujeito:* Deus! Extraordinário! Agora responda aquela uma.
- Fink:* Você responde.
- Erickson:* (Pegando um prendedor de papéis.) Mas você é o único que estava olhando.
- Fink:* A palavra era *manchado*.
- Erickson:* Bem, o que dá para fazer com esta página?

- Fink:* Oh! Puxa!
- Erickson:* Como você descreveria esta página?
- Fink:* Você está querendo dizer que, o tempo todo, eu estava tentando adivinhar essa palavra.
- Erickson:* Com esta frase eu estava apenas descrevendo-lhe a aparência da página e você ainda está lá e não aqui.
- Fink:* Não, eu estou exatamente aqui.
- Erickson:* Certo. Agora, o que dá para fazer com Ella Fink?
- Fink:* Acho que somos dois animais irracionais.
- Erickson:* Foi simples.
- Fink:* Muito simples.
- Erickson:* O que você achou do processo dele, de imaginar?
- Sujeito:* Foi bonito.
- Srta. Dey:* Por que você não tira o *s* e o *t* de *santo* e deixa o resto?
- Fink:* *Santo* é abreviado por *St.**
- Erickson:* Eu usei São Pedro para lembrá-lo do enigma. Comecei com a lembrança e terminei pela lembrança, para desordenar seu pensamento.
- Fink:* Eu estava acompanhando o padrão que você estava usando no início.
- Erickson:* Havia quatro coisas lá. É por isso que ele não conseguia adivinhar. Se eu tivesse dito: "A mulher de São Pedro deve pescar um peixe", você poderia ter compreendido.
- Fink:* São Pedro não tinha uma mulher. Porque, se assim fosse, ele seria soberano de outros domínios.
- Srta. Dey:* Você tem provas disso?
- Fink:* Não e não me importo em provar esta ou qualquer outra afirmação.
- Sujeito:* Eu ainda quero descobrir aquele detalhe das quatro letras.

* O Dr. Fink refere-se à abreviação em inglês. (N.E.)

Erickson: Constantinopla é uma palavra comprida. Você consegue soletrá-la? Isso significa algo? Há quatro letras, não há?

Sujeito: É tão simples, desde que alguém elabore.

Fink: Foi muito bom.

Erickson: Você está muito disposto esta noite, Jerry?

Sujeito: Você está gozando, naturalmente.

Erickson: Aposto que não parece.

Sujeito: Não, não parece. É muito complicado.

Rossi (Em 1987): O grau de confusão e o *non sequitur* são tão grandes, nesta parte, que podemos nos sentir como num jogo caótico de pingue-pongue mental — ao observarmos Erickson ir e vir entre Dr. Fink e a Srta. S. De fato, não era para fazer charme que Erickson contava às pessoas (em ocasiões escolhidas cuidadosamente) qual abordagem estava usando para fazer jogos mentais, como ele conta aqui. Geralmente, na medida em que ele fornecia estas explicações, havia em sua face uma expressão dócil e, ao mesmo tempo, hiper-alerta e questionadora. Como de costume, seu comportamento possuía múltiplos níveis de significado e ele observava, acuradamente, quais deles estavam sendo assimilados pelo sujeito.

Num nível, ao fazer jogos mentais que alteravam os processos associativos das pessoas, ele estava se divertindo — não há dúvidas. Por outro lado, num outro nível, esses jogos eram uma forma importante de *experimentação de campo*, por meio dos quais ele pesquisava a natureza da consciência e o processo hipnótico. E ainda: suas explicações, até certo ponto, ingênuas de como o processo associativo de alguém estava sendo manipulado eram uma demonstração clara e generosa da sua habilidade: se o sujeito desejasse continuar o jogo, sua própria expectativa e confiança em Erickson poderiam potencializar os próximos passos do processo hipnótico.

Temos aqui uma ilustração do desenvolvimento de nossas concepções, sobre o que poderíamos chamar de *a ética dos jogos mentais*. Um princípio básico desta nova ética é o

de que o sujeito está ciente de algumas das abordagens que estão sendo utilizadas e concorda em submeter-se ao processo com objetivos previamente estabelecidos.

Quando Erickson descreve como "ele começou com a lembrança e terminou pela lembrança para confundi-lo em seu pensamento", ele ilustra aquilo que, posteriormente, denominamos de *amnésia estruturada*; todas as associações ocorridas entre o princípio e o fim da lembrança tendem a se perder num *hiato amnésico*, de tal forma que o pensamento consciente do ouvinte torna-se confuso e se desmancha.

Ao final dessa sessão, o sujeito mostra-se confuso, afirmando: "É tão complicado...", assim, admitindo seu estado de sobrecarga cognitiva. De fato, essa parte ilustra até que ponto Erickson poderia ir na utilização de enigmas, adivinhas e jogos associativos. Se ele chegava a um grau, aparentemente, irracional, no uso de tais recursos, era porque havia reconhecido a importância de se confundir os processos mentais conscientes do sujeito para ativar aqueles outros associativos e inconscientes, que fariam o trabalho hipnótico. Erickson, com frequência, estressava o ponto de ativação interna, que é o estado no qual as potencialidades do sujeito são ativadas para um gancho do trabalho terapêutico — o ideal da abordagem hipnoterapêutica. Esse ponto de vista contrasta com a concepção errônea, ainda prevalente, de que a hipnose é como um estado em branco, no qual o sujeito torna-se um autômato passivo, presa da programação e sugestão hipnóticas.

1.3 Perguntas, implicação e o desejo de saber, evocando indiretamente um conjunto de aprendizagens anteriores para facilitar a escrita automática

Erickson: Qual o problema com a sua mão? Ela se levantou do seu colo, chegando mais perto do lápis.

Sujeito: Não se pode nem mesmo respirar aqui.

Erickson: Certamente, você pode. Tente.

Sujeito: Está bem. Então eu peguei o lápis — e daí? Ela me fez levantar e olhar para o despertador na noite passada. Eu fiquei com tanta raiva dela.

Rossi: O que estava acontecendo, realmente, quando você perguntou o que havia com a mão dela? A mão dela estava apenas levantando num movimento, aparentemente, randômico e você aproveitou a oportunidade para comentar que aquele movimento poderia ser uma indicação de que a mão dela iria se mover em direção ao lápis para realizar escrita automática?

Erickson: Sim.

Rossi: Simplesmente, ao fazer essa pergunta, dando a entender que ela podia estar, involuntariamente, fazendo um movimento inconsciente em direção ao lápis, você estava iniciando uma confusão que tenderia a desmanchar a consciência dela e facilitar a hipnose, na qual ela deveria esperar por respostas automáticas.

Marion Moore, M. D.: Isso sempre leva o paciente a querer saber o que o Dr. Erickson está vendo e que ele ainda não está sentindo.

Rossi: Sim; perguntas às quais a mente consciente não pode responder com facilidade são úteis em ativar processos inconscientes.

Erickson: Como a criança, você começa a aprender no momento em que ouve alguma coisa: você quer saber o que está sendo dito, o que significa, e por aí afora.

Moore: A criança realiza uma busca interna, para que aquilo que ouve faça sentido.

Rossi: Com tais perguntas, você está *envocando* também um conjunto inicial que vai direto de volta à infância.

1.4 Perguntas *envocando* lembranças: *expectativa* *envocando* *responsabilidade* *automática*

Erickson: O que acontecerá a seguir tem relação com algo fora desta sala.

Sujeito: O que estou propensa a fazer?

Erickson: O que eu disse?

Sujeito: (Pausa) É um lápis muito bom. (Silêncio) Sempre me espantou. Processo tedioso, não?

Erickson: Bons trabalhos são feitos lentamente.

Sujeito: Terei que pedir a ele para contar aos supervisores. Sei o que deve ser dito. É para dizer *sim*. É tão complicado. Todo esse trabalho para obter *sim* dela. (Referindo-se a sua mão com escrita automática.)

Erickson: O que você acha que significa?

Sujeito: Recuso-me a responder isso. Não acho que signifique alguma coisa.

Erickson: Você se recusa a responder isso. Você quer saber, não quer?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Quando digo "O que acontecerá a seguir refere-se a algo fora desta sala", estou invocando lembranças que ela não tinha nessa sala.

Rossi: E era esse seu verdadeiro objetivo ao fazer essa afirmação — invocar, indiretamente, lembranças não relacionadas a esta sala?

Erickson: Sim.

Rossi: Ela pergunta então: "O que estou propensa a fazer?" Você responde com outra pergunta: "O que eu disse?" E assim ativa outra busca interior. Isto gera confusão, de tal forma que ela tem agora que se perguntar sobre o que você disse antes. Ao mesmo tempo, insinua dúvida sobre si mesma e assim enfraquece seus padrões de consciência.

Erickson: Um-hum.

Rossi: Você está observando, pacientemente, a mão dela com uma atitude de expectativa interessada, aguardando que ela faça alguns movimentos automáticos. Ela comenta que é um "processo tedioso", mas você reforça positivamente o processo com o truismo: "Bons trabalhos são feitos lentamente." Ela não pode argumentar e assim deve também aceitar a implicação de que está fazendo um bom trabalho, que, presumivelmente, resultará em escrita automática. Então, a Srta. S comenta, com certa impaciência, que ela sabe que todo esse trabalho irá terminar com sua mão res-

pondendo sim. Você lhe pergunta o que isso significa, mas ela exhibe uma defesa, recusando-se a responder e negando que signifique alguma coisa. Você reconhece esta verdade da experiência dela e ainda procura motivá-la por meio da sua curiosidade natural, perguntando: "Você quer saber, não quer?" Com a resposta: "Certamente", ela está, na verdade, revertendo sua atitude anterior de que a escrita automática, não significa nada; e está provavelmente mais aberta neste ponto, para receber novo significado.

1.5 Perguntando para melhor facilitar a escrita automática

(O sujeito escreve *sim* de forma lenta e hesitante, que é característica da escrita automática.)

Erickson: Vou fazer-lhe uma pergunta e você dará a primeira resposta que vier à sua mente. Este *sim* é uma contradição de algo que você disse?

Rossi: Você realmente não sabe se este *sim* é uma contradição de algo que ela já disse. Você está simplesmente iniciando outra busca interna para melhor facilitar a escrita automática.

Erickson: Sim.

1.6 Contradição e confusão em nível consciente para aprofundar a busca interna e o transe automaticamente

Sujeito: Eu direi não.

Erickson: Agora responda com uma palavra. É uma contradição com alguma coisa?

Sujeito: Não.

Erickson: Relaciona-se com algo que você disse?

Sujeito: Sim. Isso não faz sentido.

Erickson: Foi dito em algum lugar que não aqui?

Sujeito: Não.

Erickson: Foi dito somente aqui?

Sujeito: Sim.

Erickson: Somente aqui?

Sujeito: Não.

Erickson: Seu último sim e seu último não se contradizem.

Rossi: Então, nesse ponto, sua mente consciente está confusa de verdade.

Erickson: Certo!

Moore: Esta confusão aprofunda sua busca interna, que automaticamente aprofunda seu transe.

Rossi: Praticamente, todas as suas perguntas, nessa parte e na seguinte, não podem ser respondidas com facilidade pela mente consciente dela. O processo hipnótico está, contudo, sendo evocado: sua mente consciente e a intencionalidade estão sendo colocadas um pouco de lado, na medida em que ela espera por respostas vindas das buscas e processos inconscientes que estão sendo ativados dentro de si.

Erickson: Sim.

1.7 Mais contradições, confusões e a dupla ligação consciente-inconsciente, aprofundando o transe. Dois níveis de respostas sim e não; o processo hipnótico

Erickson: A verdade é o que você disse ainda há pouco, ou é esta última resposta que indica a verdade mais acuradamente?

Sujeito: Sim. Mas você não pode saber nada. Só eu tenho a escolha de dizer sim ou não.

Erickson: Isto está, de alguma forma, ligado à dor aqui embaixo? (Aponta para o ombro do sujeito.)

Sujeito: Não.

Erickson: Está ligado à dor aqui em cima?

Sujeito: Não.

Erickson: Você esqueceu algo?

Sujeito: Sim. Não me pergunte o quê. Eu não sei.

Erickson: Está ligado com alguma coisa que você esqueceu?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você acredita que esqueceu?

Sujeito: Não.

Erickson: Você esqueceu?

Sujeito: Sim. Não faz sentido.

Erickson: Não faz? Você gostaria de competir consigo mesma?

Sujeito: Não, particularmente.

Erickson: Não seria divertido?

Sujeito: Sim.

Erickson: Vejamos sua resposta... Faz sentido?

Sujeito: Não.

Erickson: Veja o que sua mão escreve.

Sujeito: Provavelmente dirá *sim*.

Erickson: Ela sempre diz o que você não fala.

Sujeito: Na maioria das vezes. Eu sei o que é para dizer.

Erickson: Perceba a série contraditória de respostas *sim* e *não*, que começam com "Você esqueceu algo?" primeiro, ela responde *sim*; então, responde *sim* à minha pergunta: "Está ligado com alguma coisa que você esqueceu?" Mas, quando eu digo: "Você acredita que esqueceu?", ela diz *não*. Insisto com: "Você esqueceu?" e ela diz: "Sim, não faz sentido." Ela própria está reconhecendo a contradição.

Rossi: Ela está se contradizendo porque está confusa?

Erickson: Sim.

Rossi: Realmente, na medida em que estudo este material em maiores detalhes, percebo que a confusão dela parece estar relacionada ao fato de estar sendo apanhada pela dupla ligação consciente-inconsciente. Aqui, ela está respondendo *sim* e *não*, alternadamente, à mesma pergunta; em dois

diferentes sistemas de respostas: o consciente e o inconsciente. Sua resposta *sim* pode ser sua resposta consciente: ela sabe que sua mente consciente esqueceu alguma coisa. Sua resposta *não* à pergunta: "Você acredita que esqueceu?", pode ser sua resposta inconsciente, reconhecendo não ter esquecido nada. Por tudo isso, sua *confusão, busca interna e escrita automática indicam que o sujeito está entrando no processo hipnótico de responder sem intenção consciente* — apesar de você não ter induzido o transe com nenhum tipo de ritual formal.

1.8 O uso de surpresa para facilitar o foco e a busca interiores: a essência da hipnose ericksoniana é evocar as potencialidades e ultrapassar as limitações aprendidas

Erickson: Vamos interromper esse assunto. Agora, me diga, você irá surpreender-se hoje à noite?

Sujeito: Sim.

Erickson: Quem irá fazer isso?

Sujeito: Você.

Erickson: Eu vou.

Sujeito: Sim.

Erickson: Você vai ajudar?

Sujeito: Sim.

Erickson: Mais alguém?

Sujeito: Dr. Fink.

Erickson: O que sua mão diz? Mais alguém irá ajudar?

Sujeito: Provavelmente ela dirá *sim*.

Rossi: Novamente, você está enfocando os processos internos, agora, com o fenômeno da surpresa. Ela acha que a surpresa virá de fora — de você ou do Dr. Fink. A maioria dos pacientes procura soluções fora; mas você lhe sugere que a solução virá de dentro dela quando, gentilmente, a questiona (com o que, de fato, é uma afirmação): "Você vai

ajudar?"* Você tenta facilitar mais, um foco interno, perguntando o que a mão dela irá dizer, pois, a escrita automática vai focalizar a sua atenção nas respostas de dentro de si — que é onde ocorrerá a resolução do sintoma.

Erickson: Sim. Existe alguma coisa que desejo tirar dela. Ela não sabe o que é e eu também não. Levei-a a contradizer-se e admitir que mais alguém poderia ajudar. A implicação disso é que, de qualquer forma que a ajuda venha — da minha parte ou da sua — ela terá a informação. Em outras palavras, estou tentando preveni-la a obter informação sobre um ponto de vista escolhido conscientemente. Não quero que ela obtenha a informação, assumindo que sou eu ou o Dr. Fink que a estamos fornecendo.

Rossi: Você está facilitando uma busca geral de processos internos que permanecerão imparciais com relação às estruturas de referência conscientes dela. A essência da hipnoterapia ericksoniana não é colocar algo dentro dos pacientes, mas, mais que isso, é evocar alguma coisa fora de suas estruturas de referência consciente e de suas limitações aprendidas. Este é um aspecto importante, porque o público, em geral, e muitos profissionais também ainda acreditam que a hipnose é usada para controlar ou programar as pessoas, como se elas fossem autômatos, sem mentes.

Moore: Esta idéia é errada.

Rossi: A essência da hipnoterapia é evocar respostas e potencialidades de dentro do paciente. Você concorda?

Erickson: Sim. (Erickson passa a contar sobre um investigador de polícia que desistiu de usar equipamento para detecção de mentira, porque seu trabalho poderia ser feito melhor com a hipnose, fazendo-se, à pessoa, perguntas que: (1) cobrissem todas as possibilidades de respostas, (2) evocassem confusão e (3) permitissem tanto respostas negativas como positivas.)

* No original: "You will help?", o auxiliar *will* é utilizado para indicar uma ação que ocorrerá num tempo futuro, em frases interrogativas, afirmativas e negativas; sendo que nas primeiras, deverá aparecer antes do pronome (will you...?) Na frase de Erickson, todavia, observa-se que o auxiliar sucede o pronome, e nesse caso, *will* indica uma promessa ou determinação, flexionado como um *anomalous verb*. (N.T.)

1.9 *Iniciando uma busca indireta por uma lembrança traumática; "responder involuntariamente". A intuição de Erickson como uma resposta inconsciente a dicas mínimas*

Erickson: Vamos interromper novamente. Gostaria que você respondesse involuntariamente a esta pergunta: Há alguma coisa com estas flores de que você não goste?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você vai escrever?

Sujeito: Não.

Erickson: Então você não vai escrever?

Sujeito: Não.

Erickson: Você está sendo positiva?

Sujeito: Eu não deveria dizer sim, mas vou dizer.

Erickson: Eu quero uma promessa.

Sujeito: Certo. Eu prometo.

Erickson: Se você promettesse não pegar um ônibus para casa, o que faria depois?

Sujeito: Provavelmente iria a pé.

Erickson: Se você tivesse que ir à cidade, como faria?

Sujeito: Tomaria um táxi ou um bonde.

Erickson: Por que iria preferir um táxi?

Sujeito: Não gosto muito de bondes.

Erickson: Mais alguma coisa a favor dos táxis?

Sujeito: São mais rápidos.

Erickson: São mais rápidos, não são? Transportam-nos muito mais depressa. Dessa forma, prometendo não pegar um ônibus, você, na verdade, chegaria antes à cidade, não? Bom.

Sujeito: Alguma coisa vai acontecer aqui.

Erickson: Vou deixar Dr. Fink conduzir agora. Já falei muito. Vamos ver o que ele faz. O que você acha que ele vai fazer?

Sujeito: É difícil dizer.

Erickson: Pode ser dito?

Sujeito: Sim. Oh, céus!

Rossi: Qual é, na verdade, a intenção da solicitação curiosa para o sujeito responder involuntariamente a esta pergunta sobre flores?

Erickson: Flores é uma palavra importante se houver alguma coisa na mente da Srta. S que ela tenha reprimido. Em geral, as pessoas gostam de flores. Mas, frequentemente, existem coisas naquilo do que você gosta, que você não aprecia.

Rossi: Não acompanhei...

Erickson: Suponha que Betty (esposa de Erickson) esqueceu-se da morte de Roger, seu cachorro predileto. Ela gostava de Roger, mas não dele morto. Assim, ela esqueceu Roger, completamente.

Rossi: Então as coisas das quais não gostamos, estão, com muita frequência, associadas com aquelas das quais gostamos.

Moore: Tal como os espinhos na rosa.

Rossi: Então, você está evocando um conjunto para procurar alguma coisa da qual ela não gosta — algum tipo de lembrança traumática — que é importante e preciosa para ela?

Erickson: Sim, é uma maneira de procurar uma lembrança traumática, sem deixar que a mente consciente da Srta. S saiba que estou fazendo isso.

Rossi: É uma forma indireta de procurar uma lembrança traumática?

Moore: Deixando o paciente fazer todo o trabalho.

Rossi: Então, a frase "responder involuntariamente" é, na verdade, uma sugestão indireta para buscar "o reprimido". Tende a evocar o estágio 3 do nosso paradigma da microdinâmica da sugestão e da indução de transe — aquele da busca interna inconsciente.

(Em 1987): A afirmação completa de Erickson, "Gostaria que você respondesse involuntariamente a esta pergunta: Há alguma coisa com estas flores de que você não goste?" pode servir para ilustrar sua incrível intuição. No final desse caso, veremos que o sujeito tem um medo de flores do qual não está ciente: as flores estavam associadas com o seu problema principal de medo de água.

O que é a intuição, exatamente? Erickson descreveu-a como uma resposta inconsciente a dicas mínimas. Nesta situação, por exemplo, poderíamos supor que Erickson, inconscientemente, captou uma resposta comportamental negativa do sujeito em relação a algumas flores do escritório. Ele poderia ter percebido que ela havia feito uma careta, quase que insignificante, evitando olhar as flores ou, havia franzido suas narinas para obstruir o cheiro delas.

A intuição e os processos associativos inconscientes de Erickson trouxeram, então, esta resposta negativa mínima do sujeito a um nível consciente, através da pergunta/afirmação — mesmo, sem que eles ainda pudessem compreender o profundo significado das flores.

(Em 1979) Milton, você realmente pensava tudo isso antes da hora de usá-lo? Você planejava isso adiantadamente como uma abordagem em direção a uma lembrança traumática? Nesse ponto você já sabia que a base do problema da Srta. S estava numa lembrança traumática reprimida?

Erickson: Não, eu estava só procurando.

Rossi: Mas como você sabia que deveria começar procurando por uma lembrança traumática? O Dr. Fink havia lhe dito alguma coisa sobre isso?

Erickson: Não. O Dr. Fink não sabia qual era o problema. Apenas sentiu que havia alguma coisa errada com ela. A Srta. S era uma enfermeira da equipe dele que parecia estar sempre deprimida. Ela não era uma paciente.

1.10 Permitindo à mente consciente da paciente vencer pequenas batalhas; múltiplos níveis de respostas e significados

Fink: Você está preparada para tudo o que vai ser dito e feito pelo Dr. Erickson agora?

Sujeito: Não, eu continuarei confundindo-o.

Fink: Você quer continuar a confundi-lo?

Sujeito: Sim.

Fink: Você quer continuar me confundindo?

Sujeito: Sim.

Fink: Você quer continuar a se confundir?

Sujeito: Não.

Fink: Você está tomando um táxi, agora?

Sujeito: Sim. Eu não sei que tipo de sentido isso faz.

Rossi: O sujeito parece ter pegado o estilo do jogo e agora tenta virar a mesa mantendo-o confuso.

Erickson: Oh, sim! Você sempre deixa o paciente vencer estes jogos e dar o melhor de si mesmo, em cada *pequena batalha*.

Rossi: O importante é que o Dr. Fink fê-la admitir, claramente, seu desejo de *não* ser confundida por si mesma. Em outras palavras, ela quer saber o que quer que seja, que está confundindo a todos. A Srta. S é então inquerida: "Você está tomando um táxi, agora?" — uma pergunta, completamente sem sentido em nível consciente. Num nível inconsciente, contudo, a questão sobre táxi é, provavelmente, associada com a busca indireta pela lembrança traumática iniciada anteriormente. Seu inconsciente responde com um *sim* claro e indireto — ao fazê-lo, o sujeito está agora no processo de mover-se rapidamente em direção ao desvendamento da lembrança traumática. Sua mente consciente, então, adiciona o pensamento desnorteador: "Eu não sei que tipo de sentido isso faz."

É uma demonstração maravilhosa dos múltiplos níveis de significados através dos quais você atinge seus objetivos terapêuticos. Em um nível, a transcrição acima, parece ser algo superficial e repetitiva, terminando com a pergunta evasiva e aparentemente, sem sentido, sobre o táxi. Em outro nível, contudo, o conteúdo literal do diálogo funciona como uma espécie de código para os profundos significados que,

na verdade, estão sendo trabalhados. O sujeito confirma esse fenômeno de nível-múltiplo, através da sua afirmação final, a qual representa bem o conflito que ela está enfrentando entre seus entendimentos conscientes e inconscientes sobre o que está se passando na terapia.

1.11 *Confusão facilitando a indução tradicional de sono hipnótico; metáfora e focalização associativa indireta para iniciar o falar sobre depressão*

Fink: Você está pensando alguma coisa sobre Ichabod Crane?

Sujeito: Não.

Fink: E aquilo também era um táxi?

Sujeito: Sim.

Fink: Vá em frente com isso.

Sujeito: Já esqueci o objetivo inicial.

Fink: Adormeça profundamente. Bem fundo, adormeça profundamente. Continue a dormir. Você pode até mesmo fechar seus olhos e ir cada vez mais fundo. Continue dormindo e durma profundamente; muito, muito profundamente, muito profundamente... Para ser capaz de ir cada vez mais fundo no sono, você deve bloquear tudo, exceto as vozes do Dr. Erickson, a minha e a sua. Vá fundo, progressivamente... Continue dormindo profundamente, profundamente, adormecida, facilmente, tranquilamente, profundamente e proteja esse sono. Apenas durma, do seu jeito, de forma que você possa alcançar tudo que você quer. E durma descan-sadamente, confiantemente, muito relaxada. Profundamente adormecida. Continue a dormir cada vez mais profundamente.

Erickson: E continue dormindo muito profundamente. Profundamente adormecida. Vamos tirar esse lápis para que você possa dormir cada vez mais profundamente e sentir-se mais confortável. E vamos tirar esse papel para que você possa dor-

mir mais profundamente. E você tem que ter um objetivo ao ir dormir. E você vai alcançar esse objetivo de forma confortável. E você dormirá profundamente e só poderá ouvir Dr. Fink e eu. Com uma vaga noção de que tudo está bem e continuará bem. Concorda?

Sujeito: Sim.

Erickson: Se eu conversar com o Dr. Fink, isso não a perturbará, perturbará?

Sujeito: Não.

Rossi: Qual o significado da pergunta sobre Ichabod Crane?

Erickson: Ele era uma figura amedrontadora e depressiva, de roupas escuras. Estamos apresentando um possível gancho para ela mostrar sua depressão.

Rossi: Isto é um exemplo de focalização associativa indireta. Ichabod Crane é associado à metáfora do táxi com a pergunta: "E aquilo também era um táxi?" Ao responder sim, ela confirma estar rapidamente chegando até sua área problemática.

Erickson: Sim, e é também uma forma de confundir-la. Tanto que ela termina por admitir: "Eu já esqueci o objetivo inicial."

Rossi: Obviamente, ela está atenta e confusa quando admite ter esquecido o objetivo inicial. Parece que o Dr. Fink não pôde resistir à oportunidade, e de repente pula com um entusiasmo de novato para iniciar uma indução hipnótica tradicional, dizendo-lhe, vigorosamente, para ir dormir. Esta "ordem" parece paradoxal, se lembrarmos das preparações tão elaboradas que foram feitas, anteriormente, para ativar os processos associativos do sujeito. Todavia, o paradoxo é resolvido, se reconhecermos que você encara o dormir simplesmente como mais uma metáfora (e sugestão indireta) que leva a consciência a abandonar sua intencionalidade para dirigir-se ao inconsciente e dar a ele maior latitude na expressão dos processos associativos que você ativou.

1.12 A diretiva implícita e um sinal comportamental involuntário de transe profundo: enfraquecendo a resistência com "você vai, não vai?"

Erickson: Acho que você poderia continuar a dormir por si mesma, durante alguns minutos, até que sentisse dentro de você que você está dormindo satisfatoriamente, tanto para mim, como para o Dr. Fink e para você. E você vai, não vai? Apenas permaneça dormindo profundamente... quando você sentir que está mesmo adormecida profundamente, sua mão direita se levantará para me deixar saber. E sua mão está levantando, não está?

Sujeito: Sim.

Rossi: Aqui você usa uma diretiva para sinalizar que a mão direita dela se levantará quando ela estiver "profundamente adormecida". Você regularmente usa algum sinal involuntário, desse tipo, para provar a si mesmo que o paciente está respondendo às suas sugestões e está pronto para o próximo passo. Quando a paciente concorda que está "profundamente adormecida", está, de fato, mostrando-se cooperativa para com você e, presumivelmente, está pronta para a próxima sugestão.

Erickson: Sim. Aqui há uma utilização do que sentencieei com muito cuidado: "Você vai, não vai?"

Rossi: Por que você trabalhou nisso com tanto cuidado?

Erickson: Eu não quero que ela diga não. Se ela tem um sentimento, a palavra não poderia ser dita. E ela não pode dizê-la porque eu já disse. Tirei-a dela.

Rossi: Você enfraqueceu qualquer não — qualquer negativismo ou resistência — que ela possa ter experimentado em relação a você e ao que você estava apresentando. Você havia sentido que ela era um sujeito resistente?

Erickson: Não, mas ela estava hesitante.

1.13 *Facilitando um conjunto mental e um conjunto de novas aprendizagens ao escrever de trás para frente e de cabeça para baixo: a ação-metáfora*

Erickson: Você gostaria de aprender a mover sua mão rapidamente? Eu gostaria que você tivesse prática em movimentar sua mão livre e facilmente, confortavelmente. É muito fácil, não é? Agora, suponha que você me mostre como fazer outros movimentos com a mão de maneira fácil e confortável. Agora, mexa os seus dedos. Você pode tirar seu anel? Agora, continue dormindo, mas tire-o e coloque-o atrás. Não tire-o de uma vez — apenas até o meio do dedo. Agora, deslize-o para trás. Agora, você pode mover ambas as mãos confortavelmente. Outra coisa: você pode pegar este lápis e escrever a data do seu nascimento. Não o ano, só o dia. Certo. Agora escreva de trás para frente. É uma tarefa muito difícil para ser realizada rapidamente. Você faz isso com frequência? Você gostaria de tentar mais alguma coisa?

Sujeito: Sim.

Erickson: Veja se você pode escrevê-lo de cabeça para baixo. Foi bonito, não foi? Foi a primeira vez que você tentou isso? Você não sabia que poderia fazer isso, sabia? Agora, vou mudar o lápis para sua outra mão. E agora escreva o dia de seu aniversário de trás para frente. Certo. Você acha que conseguiria escrever rapidamente? Vou ajudá-la um pouco aqui. Ponha este lápis lá e ponha este outro aqui, e agora comece a escrever com ambas as mãos. Está, realmente, muito bem feito. Você gostaria de ver isto depois de acordar? Tudo bem, nós tiraremos esta página. E você não saberá o que é, pois seus olhos não estavam abertos. Certo?

Sujeito: Sim.

Rossi: Por que você engaja nessa tarefa peculiar de escrever de trás para frente e de cabeça para baixo?

Erickson: Estou apresentando um certo conjunto mental de possibilidades.

Rossi: Um conjunto mental de possibilidades de se fazer alguma coisa incomum: um conjunto de novas aprendizagens exploratórias?

Erickson: Sim. Tente agora. (Erickson incita Rossi a escrever de trás para frente, com um lápis em cada mão, ao mesmo tempo. Rossi acaba rindo da realização e sente-se estranho e curioso sobre a coisa toda. Está querendo saber o que virá a seguir e sente necessidade que Erickson dê mais instruções.)

Rossi: Você está enfraquecendo as *estruturas mentais* habituais dela, dando-lhe a *experiência física* de escrever de uma maneira, totalmente, diferente do habitual. Escrever de trás para frente e de cabeça para baixo é um tipo de *ação-metáfora* para aprender a pensar de novas formas. Este é o motivo pelo qual os pacientes vêm à terapia — para quebrar suas limitações aprendidas e desenvolver novos padrões de vida. Mas, quando você teve a idéia de desenvolver um conjunto de novas aprendizagens exploratórias nos pacientes?

Erickson: Na escola elementar.

Rossi: Por causa das perguntas que você tinha a respeito de como trabalhavam suas próprias sensações e percepções?

Erickson: Em parte. Mas, eu também percebi simplesmente que havia garotos destros e garotos canhotos — e eu queria compreender aquilo.

1.14 *Comunicação em dois níveis; sugestão pós-hipnótica para fascinar, responsabilizar e confortar o lidar com a angústia, reenquadrando um trauma por meio de tarefas estruturadas*

Erickson: Você acha que seria fascinante para você, depois de acordar, descobrir qual mão escreveu o quê? Nós deixaremos atrás dessa almofada aqui, e será uma tarefa para você guardar na memó-

ria e não me deixar esquecer de lhe mostrar depois. Você pode ser responsável por isto. Se eu me esquecer, você me lembrará, não? Você está dormindo profundamente?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você está começando a achar que poderia atingir seu objetivo, já que conseguiu escrever *janeiro* de trás para frente e de cabeça para baixo? É, realmente, uma tarefa, não é? E você pode entender muito mais em seu sono do que quando está acordada, não é certo? E você sentir-se-á confortável em relação a isso, não? Não é gostoso ficar confortável em relação a isso? Confortável em relação a coisas que poderiam lhe perturbar quando você está desperta?

Erickson: Agora eu oriento-a a responsabilizar-se por suas próprias produções, com as quais ela ficará fascinada depois que despertar.

Rossi: Você está usando dois níveis de comunicação: (1) você está lhe falando sobre seu exercício de escrita manual, enquanto (2) lhe diz como é fascinante a recuperação da sua lembrança traumática — pela qual ela pode responsabilizar-se agora. E se algum esquecimento ocorrer, será da sua parte e não da parte dela. ("Se eu me esquecer, você me lembrará.")

Erickson: Sim. Em minhas advertências finais, "Você está começando a achar que poderia alcançar seu objetivo" e "não é gostoso estar confortável em relação a isso? Estar confortável em relação a coisas que poderiam perturbá-la", estou lhe dizendo que ela pode sentir-se confortável em relação à lembrança traumática.

Rossi: Você está *reenquadrando* o trauma de alguma coisa que pode estar enterrada e esquecida para alguma coisa que pode ser lembrada confortavelmente — justamente como uma nova forma de escrever foi confortavelmente aprendida.

1.15 *Confusão, convertendo o negativo em positivo; enfraquecendo limitações aprendidas e a microdinâmica do transe; processo versus conteúdo e a essência da abordagem ericksoniana*

Erickson: Você se recorda que foi escrito *sim* quando você estava acordada? Você sabe com o que está relacionado?

Sujeito: Não.

Erickson: Você gostaria de saber?

Sujeito: Não.

Erickson: Você disse *não*?

Sujeito: Sim.

Erickson: Certo. Devo contar-lhe o que tenho em mente?

Sujeito: Sim.

Erickson: Perceba esta série de respostas nas quais duas negativas são convertidas em um *sim*, quando digo: "Você disse *não*?"

Rossi: Você está, realmente, fazendo tais coisa com uma intenção planejada? Por quê? Não posso acreditar que você fez isso! Estudo com você há 7 anos e ainda agora acho difícil de acreditar que você não esteja se divertindo comigo através de todo o tipo de intelectualizações posteriores envolvidas num caso como este. Apesar da evidência, de mais de 30 anos, estar bem aqui, diante de nós. Por que acho tão difícil acreditar? (Muitos risos entre Erickson e Moore sobre a incredulidade de Rossi.) É tão difícil de acreditar porque a maioria dos terapeutas ainda está focalizada no conteúdo do que é dito, mais do que na utilização do processo das dinâmicas mentais, como você faz aqui. Parece possível acreditar que duas respostas negativas são convertidas em uma positiva, através de uma mudança de significado, como você faz aqui. Qual o objetivo disso? Você está enfraquecendo alguma resistência negativa, ou o quê?

Erickson: Ao final da próxima sessão, você verá como ela está reconhecendo que não compreende conscientemente, mas *entende inconscientemente*.

Rossi: Convertendo essas duas respostas negativas em uma resposta positiva, você está predispondo-a a aceitar isso? É algo muito típico de sua abordagem. O paciente passa a reconhecer que o inconsciente sabe mais; que o inconsciente é o lugar da resolução do sintoma e da mudança. (Erickson & Rossi, 1979). O consciente do paciente e as limitações aprendidas são assim enfraquecidas e a microdinâmica da busca interior e dos processos inconscientes vem facilitar a resposta hipnótica.

1.16 *Indução de transe pela associação não-consciente; compreensão inconsciente, fenômeno sutil de múltiplos níveis de transe e transferência*

Erickson: Quando você acordar, acreditará que nunca foi hipnotizada? Você já admitiu essa crença? Tentei formular minha pergunta de forma que você compreendesse inconscientemente. Você sentiu isso?

Sujeito: Sim.

Erickson: E está doendo aqui em cima?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você compreende conscientemente?

Sujeito: Não.

Erickson: Você compreende inconscientemente?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você imaginava que eu conhecesse isso?

Sujeito: Não.

Erickson: Agora, vou pedir ao Dr. Fink para trabalhar com você um pouco mais. Tudo bem para você se eu conversar com ele na sua presença?

Sujeito: Sim.

Erickson: E ele falar comigo?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você escutará?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você poderia não escutar?

Sujeito: Sim.

Erickson: Suponha que você ouça e, se não for interessante, não preste atenção. Você não tem que prestar atenção, tem? Mas você pode, se assim desejar. Tudo bem. (para o Dr. Fink) Agora, que idéias você tem em mente sobre a reorientação?

Fink: Eu imaginava a reorientação com o estabelecimento de atitudes mais apropriadas.

Erickson: (Para o sujeito) Você sabe sobre o que estamos falando?

Sujeito: Sim.

Erickson: Como você se sentiu sobre isso? Está tudo bem?

Sujeito: Sim.

Rossi: Quando você lhe pergunta "Quando você acordar, acreditará que já foi hipnotizada?", havia outra indução de transe que eu perdi?

Erickson: Bem, se ela está em transe, ela vai entrar em transe.

Rossi: Huh?

Moore: Quando os pacientes entram em transe com você, formal ou informalmente, em qualquer outra ocasião que eles trabalhem com você, novamente, eles entrarão em transe parcialmente. Quando dão esse tipo de respostas, isso indica que estão num transe de segundo ou terceiro nível — contudo, você quer descrever isto. Somente apresentando essas perguntas confusas, o transe é reintroduzido entre Milton e ela.

Rossi: Entendo. Você só tem que continuar batendo em minha cabeça. (Muitos risos) Uma vez que um terapeuta seja associado a um comportamento de transe do paciente, há, para sempre, depois, alguma associação entre o terapeuta e o estado alterado de transe anterior daquele paciente. O terapeuta pode, indiretamente, reintroduzir o transe, simplesmente, usando o mesmo tom de voz, os mesmos gestos, a mesma linha de questionamento, ou o que for. O paciente pode ou não estar ciente desses transe posteriores. Fre-

qüentemente, esses transes são tão sutis ou momentâneos que ambos, o terapeuta e o paciente, podem estar completamente inconscientes deles (a menos que estejam procurando por indícios de microtranses). Estas experiências sutis de transe de segundo ou terceiro níveis podem ser a base de todos os tipos de reações de transferência e contratransferência mal compreendidas entre o terapeuta e o paciente — precisamente, por causa da inconsciência envolvida.

1.17 Ponte de afeto; dissociação, enigmas e jogos mentais para iniciar um conjunto de regressão

Erickson: Eu gostaria que você lembrasse de como se sentiu quando estava escrevendo *janeiro*, da primeira vez, para mim. Quero que você se lembre, tão vividamente, que lhe pareça estar escrevendo agora. Lembre-se até de que você possa sentir suas mãos escrevendo. Continue a sentir, de modo que você saiba onde você está e saiba que há muitas coisas das quais você pode gostar. (Sujeito escreve) Foi uma experiência agradável, não foi?

Sujeito: Sim.

Erickson: E, fazendo isso com a mão direita e com a mão esquerda e de cabeça para baixo, não lhe pareceu apenas como escrever o dia de seu aniversário, pareceu?

Sujeito: Não.

Erickson: Pareceu-lhe uma tarefa que você estava fazendo. E há muitas coisas que ocorrem em sua experiência, as quais você pode repetir e realizar como uma tarefa, certo? Como uma tarefa que deve ser concluída, observada, compreendida e interpretada mais tarde. Não está certo? Agora, esta noite, eu fiz um jogo com o Dr. Fink, quando lhe falei aquela frase. Os enigmas são um bom jogo, não são? Há muitos enigmas na própria experiência de uma pessoa, não há? E eu gostaria de sugerir-lhe que você as visse como enigmas a serem desvendados com satis-

fação, por divertimento. E então descubra como é simples o jogo e como é satisfatório resolvê-lo. Agora, na outra noite, você esqueceu-se de muitas coisas. Você se esqueceu de março de 1945, de fevereiro de 1945, de janeiro de 1945 e até mesmo de dezembro de 1944, não esqueceu?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você poderia lembrar-se novamente, não poderia?

Sujeito: Sim.

Erickson: E você poderia fazê-lo muito, muito completamente, não poderia? E mesmo pensando nisso, você está um pouco em dúvida, não está? Faz você desejar saber quem eu sou, certo?

Sujeito: Sim.

Rossi: Você inicia esta seção pedindo-lhe para se lembrar de como se sentiu quando estava escrevendo *janeiro* pela primeira vez. Assim, você utiliza uma *ponte de afeto* (Walkins, 1949) para atingir uma memória recente, a fim de iniciar um conjunto para a regressão. E facilita essa regressão, apresentando ao sujeito um processo dissociativo de escrever com ambas as mãos e de cabeça para baixo "não lhe pareceu apenas como escrever o dia de seu aniversário, pareceu?" Você associa isso aos enigmas e adivinhas do começo da sessão para introduzir maior enfraquecimento da confusão na situação junto com "divertimento e satisfação" em resolver o jogo (ou seja, a compreensão da sua própria psicodinâmica). Ao dizer: "Na outra noite você esqueceu muitas coisas", você está querendo dizer que teve uma sessão anterior com ela?

Erickson: Sim. Sinto muito, eu não tenho o relato completo.

Rossi: Tudo bem. O importante é obter um registro acurado do que aconteceu, para que nossos leitores compreendam que houve um encontro anterior entre a Srta. S e você. Como o sujeito não era uma paciente regular, provavelmente, você não tinha idéia ao encontrá-la, pela primeira vez, que faria um trabalho hipnoterapêutico tão importante.

Somos gratos por haver uma secretária nesse segundo encontro.

Depois você continua com: "E mesmo pensando nisso, você está um pouco em dúvida, não está?", o que enfraquece ainda mais os conjuntos conscientes e limitantes da Srta. S e a impelem numa busca interna. Você termina enigmático: "E faz você desejar saber quem eu sou", e isso aprofunda a busca interna, dando uma direção e expectativa. De fato, os alicerces para a primeira regressão estão lançados e a apresentação do Homem de Fevereiro ocorre na seção seguinte.

Sessão II

PARTE 2

Criação da identidade do Homem de Fevereiro



1.18 Apresentando o Homem de Fevereiro. Estágio um: as dinâmicas da regressão

Erickson: Mas de uma forma ou de outra, você perceberá que está em segurança; que há alguém que você conhece e em quem pode confiar; que estará com você; alguém com quem você poderá conversar e dar a mão. E você aprendeu a dar a mão em cumprimento quando era bem pequena. Você via os adultos dando as mãos, não via? É muito difícil lembrar-se de quando foi a primeira vez que você viu isso e entendeu o que significava. É muito difícil lembrar-se de quando foi a primeira vez que você deu a mão a alguém em cumprimento. E se você esquecer as inúmeras coisas que aconteceram, desde a primeira vez que você deu a mão a alguém, você estará realmente chegando cada vez mais perto daquela lembrança, não estará? Agora, eu gostaria de que você tentasse supor uma coisa: Você acha que sabe em que mês está neste exato momento?

Sujeito: Fevereiro. (Realmente é março. A Srta. S regrediu à primeira infância, como será visto a seguir.)

Erickson: Ao falar sobre a primeira vez em que ela deu a mão, inicia-se uma busca inconsciente daquela lembrança, mesmo que isso não atinja o consciente. Esta busca interior, por si só, facilita o processo de regressão que estou construindo.

Rossi: Você afirma, então, como é difícil "lembrar-se da primeira vez em que você deu a mão a alguém em cumprimento". Provavelmente, ela respondeu a isso de forma afirmativa, internamente. Ela também tem que concordar que "é muito difícil lembrar-se... do dia seguinte na primeira vez em que você deu a mão, cumprimentando alguém". Assim, ela está num forte conjunto de *sins* (*yes set*) nessa hora.

Erickson: Estou preparando-a para a regressão através dessa busca interna por lembranças remotas.

Rossi: Ai você faz a sugestão crítica para a regressão: "E se você se esquecer das inúmeras coisas que aconteceram desde a primeira vez em que você deu a mão a alguém, você estará, realmente, chegando cada vez mais perto daquela lembrança, não estará?" Esta sugestão desponta naturalmente e continua o fenômeno de *yes set*. Além do mais, a lógica inerente faz com que não possa ser refutada, ou seja, a Srta. S, de fato, chegará cada vez mais perto daquela lembrança, porque todos os esquecimentos que ela teve desde a primeira vez em que cumprimentou alguém, tornaram-se lacunas em sua memória. O tempo, assim, volta atrás, até a uma idade remota, deixando-a num estado regredido (como veremos adiante).

As dinâmicas da regressão, mostradas nesta seção, não se traduzem apenas em colocar o sujeito em transe e dizer-lhe que estará numa idade anterior, mais jovem. A complexa sequência desenvolve-se, mais ou menos, da seguinte maneira:

(1) O primeiro e segundo estágios da microdinâmica do transe são ativados, quando você (Erickson) capta a atenção dela e enfraquece seus conjuntos mentais habituais. Você

percebe que isso está acontecendo, quando a Srta. S, evidencia uma resposta de extrema concentração, atendendo às suas sugestões tão completamente que cai em contradições e não percebe.

(2) Você cria uma *ponte de afeto* para as recordações mais antigas, através de tarefas de adivinhações que levam a um conjunto de aprendizagens anteriores.

(3) Você faz perguntas que (a) não podem ser respondidas pela mente consciente dela e (b) além disso, orientam-na em direção às lembranças e aprendizagens mais antigas da sua infância (como lembrar-se da primeira vez em que deu a mão a alguém).

(4) Então, vem a sugestão crítica com a qual você equilibra os processos opostos — ao que chamamos anteriormente de *justaposição de opostos* (Erickson & Rossi, 1979): você enfatiza todas as coisas que ela *esqueceu*, e isto, paradoxalmente, leva-a cada vez mais próximo de uma *recordação* remota. Neste estado de precário equilíbrio mental do sujeito, você *utiliza todos os esquecimentos* dela para, subitamente, disparar uma *lembrança antiga e a regressão*.

Se admitirmos que há um conjunto mental que controla o lembrar-se e o esquecer-se, poderemos dizer que você encontrou um jeito de ativá-lo. O mecanismo do processo de lembrar-se-esquecer-se é trazido a um estado emergente de prontidão de resposta e repentinamente descarregado na trilha da sua sugestão. *Os conjuntos mentais habituais do sujeito (ou as limitações aprendidas) são enfraquecidos até que certos mecanismos mentais possam ser ativados (um estado emergente de prontidão de resposta) e descarregados na trilha da sugestão.* É muito mais complexo do que a sugestão direta, usada no passado, tão duvidosa, a ponto de muitos psicólogos terem questionado a validade da regressão como fenômeno hipnótico. Mesmo que sua abordagem coloque grande responsabilidade na figura do operador, ela conduz a resultados mais confiáveis, desde que outros terapeutas aprendam a usá-la.

Eu gostaria de saber se há algum modelo neurológico que possa nos ajudar nesse trabalho. Você acredita que a abordagem holográfica de Karl Pribram (Pribram, 1971) possa fazê-lo?

Erickson: Sim, mas não a conheço o suficiente.

1.19 *Estágio dois na criação da identidade do Homem de Fevereiro: a busca do terapeuta, por orientação, na regressão da paciente*

Erickson: Qual é o ano? Fevereiro de 1929?

Sujeito: Eu não sei (falando com voz infantil aqui e nas respostas seguintes).

Erickson: Você não sabe.

Sujeito: Não.

Erickson: Você se importa?

Sujeito: Não.

Erickson: Você gostaria de saber qual é o ano? Você sabe escrever?

Sujeito: Não.

Erickson: Você não sabe escrever?

Sujeito: Não.

Erickson: Mas você sabe falar, não sabe?

Sujeito: Sim.

Erickson: Mas é fevereiro?

Sujeito: Sim.

Erickson: E você sabe como pode saber que é fevereiro?

Sujeito: Não.

Erickson: Eu sei. Eu sei como você sabe que é fevereiro. Devo dizer-lhe? Devo dizer-lhe agora ou devo esperar? Você gostaria de saber?

Sujeito: Sim.

Erickson: Estamos conversando, não? Você sabe que eu sou? Você conhece minha voz?

Sujeito: Não.

Erickson: Você me reconheceria se abrisse os olhos e olhasse para mim?

Sujeito: Acho que não.

Rossi: Com base no trabalho anterior, você acha que ela regrediu até fevereiro de 1929; mas ela não é capaz de confirmar isto porque está regredida a uma idade em que ainda não sabe escrever e nem mesmo pode dizer como sabe que é fevereiro. Então, enquanto você fornecia dicas para a regressão dela, você não tinha controle sobre qual o período de tempo ela escolheria para regredir, certo?

Erickson: Sim.

Rossi: A regressão é confirmada quando a paciente nega conhecer você ou sua voz. Você ampliou a primeira insinuação de uma mudança na sua identidade (Seção 1.17 — "Faz você desejar saber quem eu sou.") no primeiro estágio crítico para a destruição da sua real identidade. E este anonimato recém-estabelecido, frágil, dá-lhe, contudo, amplo espaço para começar a explorar e reforçar a regressão da Srta. S.

1.20 *Estágio três na criação da identidade do Homem de Fevereiro: estabelecendo um relacionamento agradável; dinâmicas vocais e exploração da regressão com objetos reais e jogos*

Erickson: Bem, tudo certo, não? Você pode perceber pelo tom de minha voz que, provavelmente, você irá gostar muito de mim. Agora, vou colocar suas mãos no seu colo, assim. E vou pôr duas coisas — uma entre o dedinho e este dedo, e uma entre este dedo e este outro. Agora, quero que você me diga quais coisas amarelas você vê em sua mão? Você terá que abrir os olhos, não?

Sujeito: Sim.

Erickson: Abra seus olhos e diga-me que coisas amarelas você vê.

Sujeito: (Abre os olhos) Parece dourado.

Erickson: Olhe para a sua mão esquerda. Você vê alguma coisa? O que é?

Sujeito: Anel.

Erickson: Há mais alguma coisa amarela?

- Sujeito:* Não.
- Erickson:* Há alguma cor-de-prata?
- Sujeito:* Não sei distinguir cor-de-prata de dourado.
- Erickson:* Isto é cor-de-prata?
- Sujeito:* Acho que é dourado.
- Erickson:* E isto?
- Sujeito:* É dourado.
- Erickson:* Que coisas são estas?
- Sujeito:* Lápis.
- Erickson:* Como você sabe?
- Sujeito:* Porque sim (voz mais obviamente infantil).
- Erickson:* Você sabe como pode saber que é fevereiro?
- Sujeito:* Não.
- Erickson:* Quer que eu lhe conte? O que aconteceu no mês passado?
- Sujeito:* Vovó veio em casa.
- Erickson:* O que aconteceu com você no mês passado?
- Sujeito:* Eu fiquei aqui.
- Erickson:* Mas que tal seu aniversário?
- Sujeito:* Eu fiz aniversário.
- Erickson:* Foi no mês passado, não foi? E qual o mês em que você aniversaria?
- Sujeito:* Janeiro.
- Erickson:* Você pode descobrir as coisas rapidamente, não é?
- Sujeito:* Algumas vezes.

Rossi: Aqui, você usa uma maneira de falar suave e agradável, como as pessoas fazem quando estão agradando uma criança. Naturalmente, reforça o estado regredido que ela assumiu. Você passa a explorar a regressão, fazendo um jogo simples de colocar dois objetos entre os dedos dela:

um é aparentemente um anel e o outro um lápis. As respostas infantis que ela dá às suas perguntas ratificam a ocorrência da regressão e estabelecem um conjunto simples de pergunta-resposta que lhe permite começar a interrograr, mais especificamente, sobre a idade, o aniversário e o que está acontecendo em sua (dela) vida. Agora, você está explorando o estado regredido, procurando por aquelas situações da infância que podem requerer intervenção terapêutica.

Erickson: Sim.

1.21 *A primeira visita do Homem de Fevereiro: sugestões pós-hipnóticas estabelecendo segurança e alegria, como base do "novo" relacionamento*

- Erickson:* Posso pegar isso? Você gostaria de saber quem sou?
- Sujeito:* Não sei.
- Erickson:* Você não sabe mesmo? Devo ajudá-la um pouco?
- Sujeito:* Parece que eu já vi você antes.
- Erickson:* Você vai me ver novamente, algum dia. Novamente e novamente. É uma promessa. Algum dia você vai me contar uma piada e vai gostar de fazê-lo. Você gosta de contar piadas?
- Sujeito:* Eu não conheço nenhuma piada.
- Erickson:* Você gosta de rir, não gosta?
- Sujeito:* Uh-huh.
- Erickson:* Prometo que algum dia, daqui a muito tempo, você me verá e dará boas risadas. Você acredita nisso?
- Sujeito:* Uh-huh.

Rossi: Aqui temos o ponto culminante do seu cuidadoso trabalho de criação (durante o transe), de uma nova identidade para si próprio. No estágio um (Seção 1.18), você

estabeleceu uma expectativa por "alguém que estará com você"; no estágio dois (Seção 1.19), criou um anonimato para si que apagou a identificação que o sujeito tinha de você (Dr. Erickson); no estágio três (Seção 1.20), você lhe assegura que tudo bem se ela não lhe reconhecer porque "você pode perceber, pelo tom de minha voz, que você, provavelmente, irá gostar muito de mim". Nesta seção, claramente, você estabelece um novo papel terapêutico através das perguntas: "Você gostaria de saber quem eu sou?" e "Devo ajudá-la um pouco?" e por meio das afirmações: "Você vai me ver novamente algum dia. Novamente e novamente. É uma promessa. Algum dia você vai me contar uma piada e vai gostar de fazê-lo."

Ainda que mantendo um certo anonimato (você não lhe falou seu nome ou especificou a relação), você lhe fornece um esquema claro da natureza do seu relacionamento com ela. De fato, você está lhe dando sugestões pós-hipnóticas que determinam seu aparecimento contínuo, a fim de que ela possa sentir-se confortada na infância regredida. A promessa de reaparecimento constante tem por si só valor terapêutico para o sujeito, porque sua infância foi solitária devido ao desaparecimento do pai, que faleceu. Sua menção casual sobre piadas também deixa implícito que seu aparecimento, no futuro, será alegre e divertido o que contrasta fortemente com o conjunto emocional da infância da Srta. S. Com cautela para não oprimir a mente infantil dela, você diz apenas o suficiente (e, numa linguagem que ela possa compreender) para marcar sua presença como certa e agradável. Dizendo que ela acredita no que você falou, a Srta. S. conclui essa seção, ratificando seu novo papel terapêutico no transe e deixando claro que as bases para o trabalho posterior estão estabelecidas.

1.22 *Lidando com o primeiro trauma infantil relatado: utilizando a implicação de que "as coisas irão mudar" por meio da analogia terapêutica e da relatividade da idade*

Erickson: O que você acha que vai ser quando crescer?

Sujeito: Nada. Só casar com um homem rico. Isto é o que mamãe diz.

Erickson: Você acha que seria divertido poder olhar o futuro e ver como será?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você acha que terá de trabalhar muito?

Sujeito: Sim.

Erickson: Por que você acha que terá de trabalhar muito?

Sujeito: Todo mundo não tem?

Erickson: Mesmo que você se case com um homem rico. Sim. Existe alguma coisa que você não compreenda ou da qual não goste?

Sujeito: Oh, há um monte de coisas!

Erickson: Conte-me uma — a que mais lhe aflige.

Sujeito: Para onde papai foi quando morreu?

Erickson: Você realmente não sabe?

Sujeito: Não tenho certeza.

Erickson: Você gostaria de ter certeza?

Sujeito: Sim.

Erickson: Uma garotinha como você precisa que lhe expliquem para que possa compreender, não está certo?

Sujeito: Uh-huh.

Erickson: Quando você crescer e for maior, a explicação terá mudado, não é? Porque você compreenderá coisas diferentes. Agora, seu pai morreu e quando morreu, foi para o céu. É esta a explicação, não é?

Sujeito: É o que dizem.

Erickson: E quando você era pequenina, você imaginou Deus como um homem velho, não foi? Você acha que sua mãe pensa sobre Deus desta forma?

Sujeito: Não.

Erickson: Ela é mais velha, não é? E compreende um monte de coisas. As crianças vão para a escola

e aprendem um mais um é dois; e acham isso difícil. E quando elas aprendem dois mais dois é igual a quatro é, realmente, muito difícil. Você acha que é difícil para a mamãe?

Sujeito: Não.

Erickson: É muito fácil, porque ela sabe muito mais. Você acha que uma criança está errada ao dizer que é difícil aprender a somar um mais um?

Sujeito: Sim.

Erickson: Não está errado. É difícil para uma criança. Você acha que a mamãe está errada quando diz que é fácil?

Sujeito: Não.

Erickson: É fácil para a mamãe e difícil para a criança. Agora, então, foi-lhe dada uma explicação de que o papai foi para o céu e quando você crescer, terá o mesmo tipo de compreensão, mas uma maior e melhor compreensão. Realmente, será a mesma coisa. Isto responde à sua pergunta?

Sujeito: Sim (hesitantemente).

Rossi: No início dessa seção com a pergunta "O que você acha que vai ser quando crescer?", você está reforçando novamente o estado regredido do sujeito. A partir daí, você passa a procurar pelos tipos de intervenções hipnoticoterapêuticas que serão necessárias, posto que o objetivo é ajudá-la a sentir-se bem em ter filhos. Você tem alguma coisa a dizer sobre o conceito infantil da linguagem e a consideração que se aplica à sua abordagem nesta seção?

Erickson: Para uma criança, um mais um é difícil; dois mais dois é ainda mais difícil para aprender. Mas não é difícil para a mamãe. Foi difícil para mamãe uma vez, quando ela era uma garotinha como você. E assim, *as coisas irão mudar para você, quando crescer.*

Rossi: As coisas serão mais fáceis. Aí, você está respondendo com cuidado à comovente pergunta: "Para onde

papai foi quando morreu?" utilizando uma analogia terapêutica que pode ser entendida pela estrutura de referência infantil da Srta. S. Ao mesmo tempo, você lhe deu uma sugestão indireta terapêutica, com a afirmação "esta explicação terá mudado" quando ela crescer.

1.23 *A hipnoterapia como facilitadora do padrão de aprendizagem única de cada indivíduo; o autodesmame de Burt; as perguntas incontestáveis da infância: segurança emocional com a metáfora de conhecimento inconsciente do corpo; a estratégia de utilização*

Erickson: Existe alguma outra pergunta que você gostaria de fazer ou alguma coisa mais que você queira contar que lhe aflige muito?

Sujeito: Há um monte de coisas.

Erickson: Conte-me outra.

Sujeito: Realmente, não me preocupa. Como os pássaros sabem quando voltar?

Erickson: Porque os pássaros compreendem as coisas por si mesmos. Agora, como um bebezinho aprende a engolir?

Sujeito: Não sei. Eles apenas engolem.

Erickson: E quando você tem sede, você não precisa que ninguém lhe diga que deve beber, precisa? É assim que se cresce. E quando algo vem na direção dos seus olhos, você os tampa, não tampa? Alguém ensinou você a fazer isso? Você apenas aprendeu isso. E como seus cabelos aprenderam a crescer no alto da sua cabeça? É o jeito que crescemos. Aí está a beleza da coisa. Às vezes você quer comer carne e batatas e, outras vezes, você não quer carne e batatas. Seu estômago explicou para você?

Sujeito: Eu não sei.

Erickson: E quando você brinca muito, o que é que seu corpo lhe diz? Para dormir, não é? Alguém ensinou a dormir?

Sujeito: Não.

Erickson: É desse jeito que somos. E é esta a maneira como os pássaros sabem quando ir e vir; e as folhas sabem quando devem cair das árvores e quando florescer. E é dessa forma que as flores sabem quando florir. Não é um mundo bonito?

Sujeito: Sim.

Erickson: Aqui estou respondendo à pergunta incontestável da infância.

Rossi: Por que você está fazendo isso agora?

Erickson: As crianças têm infinitas perguntas. Então, mostrei que o corpo pode responder-lhe quando crescer. Algumas vezes ele lhe diz que você não quer carne e batatas, mas que você *está* com fome. Assim, você troca sua inabilidade em responder às perguntas, pela sabedoria do corpo. Seu cabelo sabe como crescer.

Rossi: Ela pode experienciar uma grande segurança emocional, sabendo que a resposta aos seus problemas terapêuticos podem vir de dentro de si própria, mesmo que a sua mente consciente não saiba.

Erickson: Sim. Um exemplo disso ocorreu quando Burt (um dos filhos de Erickson) ainda mamava na mamadeira. Uma manhã ele acordou com fome. Eu preparei o leite mas, quando fui abrir a porta da geladeira, escutei um estalo. Burt estava sentado em uma cadeira próxima à mesa observando-me. As mamadeiras tinham caído no chão e estavam despedaçadas. Fui pegar um novo conjunto de mamadeiras e fiz a uma segunda receita. Desta vez, fiquei olhando para Burt quando fui abrir a porta da geladeira e vi-o, cuidadosamente, empurrando a caixa com as mamadeiras até a beirada da sua cadeira. Eu o interrompi (e as mamadeiras não caíram novamente). Burt desceu da cadeira, foi para a sala de jantar, sentou-se à mesa e disse: "Estou com fome." Ele havia desmamado a si próprio. Mamadeiras, nunca mais. E ele "desmamou-se" totalmente.

Rossi: Fez isso, despedaçando as mamadeiras.

Erickson: (Continua com outras histórias sobre como cada um dos seus filhos teve uma maneira única de fazer os adultos saberem que estavam desmamados. Muita risada no grupo, ao qual se juntara, agora, o Dr. Robert Pearson.)

Pearson: Agora sou um meninão.

Erickson: Cada criança tem um padrão individual de comportamento.

Rossi: Cada pessoa tem um padrão único de aprendizagem. Sua hipnoterapia procura evocar esses padrões, ao invés de impor conteúdos ou idéias alheios aos pacientes. Muitos terapeutas ainda usam essa abordagem tradicional de impor-lhes seus pontos de vista.

Moore: Se isso for verdade, causará uma revolução (no campo da hipnoterapia).

Rossi: Milton, você gostaria de comentar este ponto de vista, segundo o qual *sua abordagem hipnoterapêutica (e todas as formas de sugestão indireta utilizadas) tem como objetivo evocar os processos de aprendizagem únicos de cada paciente, mais do que impor as idéias do terapeuta? Esta é a essência da sua estratégia de utilização.*

Erickson: Sim. Como posso saber se minhas idéias terão algum efeito?

Rossi: É um belo modo de resumir sua abordagem: você evoca processos que, com certeza, farão algum efeito, porque pertencem ao paciente; você não impõe suas próprias idéias porque não tem como saber como afetariam outra pessoa. Você sabe que é muito difícil que essa idéia vingue entre os profissionais, pois é muito mais fácil dizer ao paciente: "Quero que você lide com isso e aquilo." (Um visitante não identificado junta-se ao grupo.)

Visitante: Realmente, você não está *redirigindo* o processo? Pelo menos, em algumas vezes, você quer que os pacientes usem seus processos de uma forma que nunca fizeram antes. Geralmente, acredito que em algum lugar ao longo da vida o paciente desenvolveu um mau hábito.

Rossi: Uma limitação aprendida.

Visitante: Você redirige o processo, Dr. Erickson?

Erickson: Uma vez que o hipnoterapeuta evoca os processos, o paciente pode, então, usá-los. Leva a uma correção espontânea.

Moore: Foi isso que eu fiz quando desempenhei o papel de Sr. Agosto para uma das minhas pacientes há vários anos atrás? Seu pai havia morrido quando ela tinha 8 anos; então apresentei-me (durante a regressão em hipnoterapia) como o Sr. Agosto. O Sr. Agosto falou sobre como ela poderia sonhar com os dois indo ao zoológico, ao parque de diversões, a uma porção de lugares; como ela poderia sonhar com o Sr. Agosto, comprando pequenas coisas para ela, fazendo coisas para ela e demonstrando-lhe a atenção que ela queria como uma criança cujo pai havia morrido. Mas eram todos seus próprios sonhos e idéias que o Sr. Agosto teria feito com ela e por ela.

Erickson: Suas próprias idéias! Quando o pai dela faleceu, ela deve ter tido algum pensamento desse tipo.

Moore: Mas ela teria tido, também, algum pensamento a mais, nos seus sonhos, que ela não quisera encarar conscientemente.

Erickson: Sim.

1.24 *Facilitando maneiras naturalísticas de se acabar com limitações, desculpas e maus hábitos: surpresa e desconhecimento como sinal do trabalho inconsciente; metáforas terapêuticas de crescimento psicológico*

Erickson: Você se lembrou de mais alguma coisa que a aflige muito? Alguma coisa da qual você tem medo?

Sujeito: Não quero ir embora.

Erickson: Onde você acha que vai?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Isto lhe deixa muito assustada? O que você pensa que acontecerá?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Eu lhe disse que voltaria novamente e novamente. E cumpro minhas promessas. Assim sendo, eu voltarei. Você sabe disso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Eu lhe disse que voltaria novamente e novamente. E eu sempre cumpro minhas promessas. Dessa forma, se você for embora, você voltará.

Sujeito: Tem certeza?

Erickson: Voltará para as coisas que quer e das quais gosta. Não faz muita diferença estarmos aqui ou lá, faz? Você acha que irá gostar de outra casa?

Sujeito: Não.

Erickson: Você gosta de todas as pessoas que você conhece?

Sujeito: Não.

Erickson: Você acha que irá gostar de alguma outra pessoa?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você pensa como muitas das pessoas que você conhece, agora?

Sujeito: Talvez.

Erickson: Você não acha que pode gostar de algumas delas melhor do que você gosta de outras, das quais você gosta muito, mas não terrivelmente muito?

Sujeito: Sim.

Erickson: Acho que é bem verdade. Você gosta desta casa. Você acredita que aprenderá a gostar de outra casa?

Sujeito: Eu posso. Eu não quero.

Erickson: Você não quer? Acho que é muito bonito ter uma casa da qual se goste, quando se é criança; uma casa que se goste quando se é maior; uma casa que se goste quando já se cresceu totalmente. Acho muito bonito ter uma casa da qual se goste quando se é velho. Não é bonito?

Sujeito: Eu acho.

Erickson: Penso que é isso que vai lhe acontecer. Eu espero que seja assim. Espero que sempre você tenha algo importante e bom para lhe aconte-

cer, que você tenha uma porção de coisas novas — coisas das quais você goste tanto quanto você gosta das coisas que tem agora. Então, você vai ter uma porção de coisas, que nem conhece agora, das quais vai gostar tanto quanto você gosta desta casa — de uma maneira diferente, mas vai gostar. Esta casa tem suas coisas muito especiais, das quais você gosta, e uma porção de outras casas vão ter coisas especiais das quais você gostará muito. Você entende isso, não entende?

Sujeito: Sim.

Erickson: "Eu não quero ir embora." O que isso significa?

Rossi: Que ela gosta de estar aqui?

Erickson: (Erickson conta uma história sobre uma de suas filhas que ficou triste no seu aniversário porque percebeu que estava deixando a infância.) "Eu não quero ir embora" é ouvido com frequência nessa situação e nosso sujeito não quer ir embora da pequena adolescência para a grande adolescência.

"Eu lhe disse que voltaria novamente e novamente" reassegura-lhe que mesmo que ela vá embora (isto é, mesmo que ela cresça) ela ainda terá a mim.

Então, sua resposta *sim* à minha pergunta "Você acha que irá gostar de alguma outra pessoa?" reforça seu crescimento: quando ela crescer, ela gostará das pessoas.

Rossi (Em 1987): Erickson finaliza esta seção com uma metáfora terapêutica sobre se ter uma casa apropriada (uma visão de mundo) para cada estágio da vida. Como uma compensação por ter que crescer; ela "vai ter uma porção de coisas que nem conhece agora, das quais vai gostar tanto quanto gosta desta casa — de uma maneira diferente, mas vai gostar". É um tipo de sugestão indireta aberta de que, na medida em que ela se torne mais velha, se enriquecerá com muitas coisas que ainda não conhece. Não *conhecer* está sendo usado como uma sugestão indireta para o inconsciente fazer seu trabalho criativo, independentemente das limitações adquiridas pela mente, consciente da Srta. S. Ela não será restringida pelas limitações da infância, mais tarde, ao longo de sua vida. Ela se tornará maior do que suas limitações aprendidas.

1.25 *Reenquadrando medos e dor por meio dos conceitos de relatividade da idade, evocando conceitos aprendidos de mudança no corpo, na mente e na emoção. "Desempenho" como rigidez comportamental; ética da facilitação mental versus manipulação; primeira insinuação sobre o medo de nadar*

Erickson: Você se preocupa com algo? Está com medo de alguma coisa?

Sujeito: Muitas coisas. Estou com medo daquele cachorro grande da esquina. Eu não gosto de ir nadar também.

Erickson: Quantos anos tem o cachorro?

Sujeito: Não sei. Ele é bem grande.

Erickson: O que você acha que irá pensar sobre o cachorro quando você crescer? E o que você fará com ele?

Sujeito: Vou rir dele.

Erickson: E irá se lembrar ainda que uma vez ficou assustada com ele. Mas você vai simplesmente rir dele então, não vai?

Sujeito: Sim.

Erickson: É ruim estar assustada com ele?

Sujeito: Não gosto de ficar assustada.

Erickson: Você não gosta de dar uma topada. Mas você acredita que é possível crescer sem dar nenhuma topada?

Sujeito: Seria bom.

Erickson: Você não fica alegre quando perde um dente e não dói?

Sujeito: Sim.

Erickson: Porque isso significa que você está crescendo. Mas você não acha que todo mundo deveria dar uma topada, também, só para saber como é?

Sujeito: Sim.

Erickson: Talvez algum dia você fale a uma garotinha sobre ela dar uma topada. Na verdade, você desejaria saber como uma topada faz a gente se sentir, não é?

Sujeito: Sim.

Erickson: Não creio que seja divertido você dar uma topada. Mas fico feliz de já ter dado e saber o quanto dói. E quando alguém fala sobre isso, sei do que está falando. Você não acha que é assim?

Sujeito: Sim.

Erickson: Atingindo sua idade atual ela aprendeu que não pode escapar das mudanças futuras no seu corpo. Uma criança também aprende que é muito baixa para alcançar o topo da mesa agora, mas que em breve será alta o suficiente para fazê-lo. A criança já aprendeu: "Houve um tempo em que eu não conseguia engatinhar — um tempo em que conseguia; uma época em que eu não sabia andar — uma época em que já sabia." E *você está relacionando tudo com aquele conceito aprendido de mudança.*

Rossi: Você está sempre evocando e reforçando o conceito aprendido de mudança que tem origem na nossa própria experiência natural de vida.

Erickson: E tornando uma coisa contínua. (Agora Erickson conta de novo exemplos de adolescentes que precisam de ajuda para aprender a aceitar a realidade das boas mudanças que estão ocorrendo continuamente em seus corpos, suas emoções e entendimento.)

Rossi: Aprender a apreciar nossa própria natureza mutante é a essência da saúde mental.

Erickson: Sim. A criança pode aprender a reconhecer a realidade das modificações corporais, mas é mais difícil aprender a realidade das alterações afetivas e cognitivas — são tão abstratas.

Rossi: A maioria dos adultos não compreendem suas próprias mudanças afetivas nem as cognitivas. Se estão com raiva, atuam a raiva; se estão deprimidos, então, passivamente, desempenham a depressão. Poderíamos dizer que o *desempenho* é uma forma de *rigidez comportamental*: não compreendemos que o estado que estamos experimentando, no momento, irá mudar; e não sabemos como facilitar e dirigir essa mudança. Qual a alternativa, senão, desempenhar o estado como se fosse uma função autônoma?

(Em 1987): Nesta seção, Erickson inicia também o processo de reenquadramento dos medos da paciente, em termos do conceito do relativismo da idade que ele havia apresentado anteriormente. (Seção 1.22): assim como aprender a somar um mais um é difícil para a criança, mas fácil para o adulto, assim também o "cachorro grande na esquina" é assustador para a criança, mas ridículo para o adulto. Similarmente, ele reenquadra a dor de perder um dente em termos do valor do seu significado maturacional ("that meant that you were growing up") e reenquadra a dor de uma topada, em termos do valor do seu significado experimental e interpessoal. (Talvez algum dia você fale a uma garotinha sobre ela dar uma topada. Na verdade, você desejará saber como uma topada faz a gente se sentir.)

Esse tipo de reenquadramento poderia parecer contraditório em relação à parte anterior (Seção 1.23) onde Erickson foi inflexível sobre evocar-se processos psicológicos num paciente sem adicionar nenhuma idéia ou conteúdo novos. Não solicitamos a Erickson para esclarecer essa possível contradição naquela oportunidade. Refletindo sobre esse aspecto em 1987, percebi a importante diferenciação que ele, provavelmente, teria feito para mostrar que de fato ele não estava impondo novos conceitos: ele estava evocando o próprio conhecimento latente da Srta. S ao verbalizar idéias que estavam presentes, mas não ativas (inconscientes). As respostas do sujeito, às "novas" idéias de Erickson, confirmaram isto. No primeiro reenquadramento, ela mesma fornece a idéia nova (Eu ri de dele.) em resposta à questão proposta por Erickson ("E o que você fará com ele?"). Em resposta aos dois reenquadramentos subseqüentes, nos quais Erickson utiliza as experiências típicas da infância, de perder dentes e dar topadas, como analogias, a paciente concorda prontamente. Os imediatos *sins* ditos por ela sugerem que Erickson apenas acendeu as luzes que estavam apagadas — ele não instalou as lâmpadas.

Tais considerações permitem-nos uma diferenciação conceitual importante entre as técnicas antiéticas de manipulação da mente, como a lavagem cerebral, por exemplo, e abordagens éticas para facilitação mental, tal como o reenquadramento. Nas primeiras, idéias que são estranhas e até mesmo nocivas ao indivíduo são forçadas sobre ele, por meio de alguma forma de pressão, privação ou estímulo nega-

tivo. Nas facilitações mentais éticas, contudo, *as idéias podem estar presentes, porém, inconscientes e são trazidas à consciência por meio de implicações terapêuticas que podem evocar o próprio potencial do paciente para a autocompreensão e escolha comportamental.*

1.26 *Sugestão pós-hipnótica para exploração terapêutica no futuro: reconhecimento da fobia de nadar; distorção de tempo facilitando múltiplas visitas do Homem de Fevereiro*

Erickson: E você não gosta de nadar?

Sujeito: Não.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Qual o problema em nadar?

Sujeito: As pessoas se afogam.

Erickson: Você conhece alguém que tenha se afogado?

Sujeito: Não, mas se afogam.

Erickson: Você já ficou com sua boca e seu nariz cheios de água?

Sujeito: Muitas vezes.

Erickson: Isso lhe assustou muito?

Sujeito: Oh, não muito.

Erickson: Algum dia, quando eu voltar, vou dar-lhe a mão — algum dia, novamente. Você gostaria de me ver outra vez?

Sujeito: Sim.

Erickson: Quando devo voltar? Depois do seu próximo aniversário? Seria bom?

Sujeito: Sim.

Erickson: Na próxima vez em que eu lhe encontrar, quero que você me fale um pouco mais sobre nadar e goste de fazê-lo. Você fará isso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Na próxima vez em que eu lhe encontrar será após o seu próximo aniversário.

Sujeito: Mas eu não estarei aqui.

Erickson: Não importa onde você esteja, eu a encontrarei. É uma promessa, está certo? Você acredita que posso cumprir a promessa? Talvez você deva fechar seus olhos e descansar um pouco. Na próxima vez em que lhe encontrar, vou lhe dar a mão novamente.

Rossi: Esta é a primeira abordagem da fobia por nadar, que se tornará a maior preocupação terapêutica nas próximas sessões. Nesse ponto, você sente que é um aspecto importante e por isso dá a Srta. S uma sugestão pós-hipnótica para um futuro encontro com o Homem de Fevereiro: "Na próxima vez em que eu lhe encontrar, quero que você fale um pouco mais sobre nadar e goste de fazê-lo." Há mais alguma coisa que você queira dizer sobre sua preparação aqui? Ainda é seu primeiro encontro com ela como o Homem de Fevereiro e você fará muitas outras "visitas" desse tipo, nessa única sessão hipnoterapêutica.

Erickson: A dica é dar-lhe a mão (cumprimentando-a).

Rossi: Dar a mão tornou-se uma dica para o sujeito receber outra visita do Homem de Fevereiro, numa idade posterior, durante o transe. ("Depois do seu próximo aniversário?") Cada vez que você lhe der a mão, você estará, na verdade, fazendo uma outra visita, como o Homem de Fevereiro — um outro encontro miniterapêutico — de sorte, que poderá condensar muitas dessas visitas em uma única sessão hipnoterapêutica. No tempo real, os encontros têm um intervalo de um ou dois momentos apenas, mas no tempo subjetivo do transe, podem ter decorrido semanas, meses ou anos, entre cada uma das visitas.

Erickson: Sim.

Fink (Em 1987, quando reviu todo material.): O primeiro ponto que eu gostaria de ressaltar é que não se tratava apenas de uma fobia por nadar. Realmente, tratava-se de uma fobia por *água em geral*. Às vezes, essa moça era incapaz de tomar uma ducha e só se banhava com esponjas, durante anos. Quando ela atravessou uma ponte, sobre a água, dentro de um carro, ficou paralisada pelo medo.

1.27 A segunda visita do Homem de Fevereiro: ratificação da primeira visita em transe como uma lembrança passada; ratificação do reenquadramento bem-sucedido; os próprios processos associativos do sujeito como criadores da identidade do Homem de Fevereiro

Erickson: (Dando a mão ao sujeito) Oi. Gostaria de saber se você se lembra de mim.

Sujeito: Sim.

Erickson: Lembra-se de mim? Quando nos encontramos antes?

Sujeito: Sim. Há muito tempo.

Erickson: Pode lembrar-se quando foi?

Sujeito: Sim.

Erickson: E quando foi?

Sujeito: Em fevereiro — após meu aniversário.

Erickson: Que época é agora?

Sujeito: Fevereiro.

Erickson: Sempre virei em fevereiro?

Sujeito: Talvez.

Erickson: Não me surpreenderia. Vivemos um breve encontro, muito bom, você se lembra, não?

Sujeito: Sim.

Erickson: O que você pensa sobre nosso encontro?

Sujeito: Foi bom.

Erickson: Acha que teremos outro igual, agora?

Sujeito: Sim.

Erickson: Como vai o cachorro?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Apesar de tudo, creio que seja um cachorro bom. Mas você não gosta dele, não é?

Sujeito: Algum dia voltarei lá e lhe darei um chute.

Rossi (Em 1987): Erickson forneceu a dica de dar a mão e iniciou a segunda visita do Homem de Fevereiro. Como uma forma de reestabelecer o *rapport*, ele pergunta à paciente se ela lembra-se dele. Ao recordar-se de tê-lo visto há muito tempo atrás, ela ratifica o fato de que a primeira visita é agora, uma lembrança no seu passado de transe. Percebe-se que Erickson estabeleceu essa lembrança polida e sutilmente, indiretamente. Ele não forneceu nenhum comando hipnótico direto, do tipo: "Esta é a segunda vez que nos encontramos, menininha. Estamos em fevereiro, um ano depois de eu tê-la visitado pela primeira vez e ter me apresentado como o Homem de Fevereiro. Agora você está tendo recordações terapêuticas fincadas em você, as quais funcionarão como lembranças reais quando tiver despertado."

Muito pelo contrário. Erickson nunca se auto-rotulou como o Homem de Fevereiro. Apenas fez uma sugestão pós-hipnótica e deu a dica para um encontro futuro com o sujeito. Os próprios processos associativos dela (da Srta. S) decidiram que a próxima visita ocorreria em fevereiro, novamente, um ano depois — porque, aparentemente, era disso que necessitava. *Foi o sujeito quem decidiu que os encontros seriam em fevereiro e foi o sujeito que deu a Erickson a identidade do Homem de Fevereiro.*

Havia algum valor terapêutico na primeira visita? Pode-se notar o quanto Erickson testa sutilmente isto, pelo simples questionamento sobre o temido cachorro, a cerca do qual haviam falado na primeira sessão. Ela diz "Algum dia, eu voltarei lá e lhe darei um chute" — o que significa que o reenquadramento feito por Erickson anteriormente (seção 1.25), (onde ele deu a entender que ela ultrapassaria o medo do cachorro) está começando a fazer efeito. A Srta. S sinaliza espontaneamente que está fortalecendo seu ego o suficiente para perceber que, de fato, será capaz de "algum dia dar-lhe um chute". Ratificando, então, o processo adequado e espontâneo, por meio do qual o sujeito utiliza as sugestões oriundas dos seu "passado", Erickson abre a seção seguinte com uma pergunta para iniciar uma maior exploração — exploração esta que será guiada, novamente, apenas pelos processos associativos da paciente, que determinarão sobre o que ambos irão conversar.

1.28 *Descobrendo a lembrança traumática reprimida de um quase-afogamento acidental; separando pensamento e sentimento e fazendo explorações iniciais do material traumático versus a catarse tradicional*

Erickson: Do que mais podemos falar?

Sujeito: Você gosta de Kapac?

Erickson: O que é Kapac?

Sujeito: Uma cidade. Você não conhece? Não é uma boa cidade.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Não gosto dela.

Erickson: Você cresceu bastante, não foi?

Sujeito: Um pouco.

Erickson: Hoje em dia você faz algo diferente do que fazia quando nos vimos pela última vez?

Sujeito: Sim.

Erickson: Quais coisa você faz atualmente?

Sujeito: Eu sei escrever. Eu sei pintar, e isso é quase escrever.

Erickson: Realmente é uma boa maneira de se aprender a escrever. Mais alguma coisa? Você pode me dizer onde estamos?

Sujeito: Kapac. Eu não gosto. É muito pequena.

Erickson: Você acha que ficará para sempre aqui?

Sujeito: Huh-uh!

Erickson: Acha que nos encontraremos novamente?

Sujeito: Oh, eu não sei!

Erickson: Tínhamos pensado em conversar sobre alguma coisa?

Sujeito: Nadar.

Erickson: O que sobre nadar?

Sujeito: Você perguntou-me porque eu não gostava de nadar e eu pensei uma coisa: uma vez, minha irmãzinha Helen caiu numa banheira e ficou toda azul. Eu a empurrei — estava tentando carregá-la.

Erickson: Como está Helen, agora?

Sujeito: Ela está muito bem.

Erickson: Você já imaginou o que fez a ela, realmente? O que havia de errado?

Sujeito: Nada.

Erickson: Você foi repreendida?

Sujeito: Não.

Erickson: Sentiu-se mal?

Sujeito: Eu chorei.

Erickson: Chorou bastante?

Sujeito: Sim.

Erickson: O que você vai fazer sobre isso?

Sujeito: Eu não teria pensado nisso se você não tivesse me perguntado.

Erickson: Agora você está contente em ter me contado, não está? Quantos anos você tinha quando fez isso?

Sujeito: Três ou quatro — não me lembro.

Erickson: Você gostava de Helen?

Sujeito: Eu achava que sim.

Erickson: O que fizeram por ela?

Sujeito: Mamãe pegou-a e bateu-lhe nas costas.

Erickson: Você bateu nela?

Sujeito: Não.

Erickson: Por que sua mãe bateu?

Sujeito: Acho que para fazê-la respirar.

Erickson: Helen tinha engolido água?

Sujeito: Sim. Ela tossiu. Tossiu muito.

Erickson: Você já engoliu algo que a fizesse engasgar e tossir?

Sujeito: Sim.

Erickson: É terrível, não é? É desagradável.

Sujeito: Água suja e velha também.

Rossi (Em 1987): Erickson inicia esta seção com a pergunta "Do que mais podemos falar?", e é recompensado por uma série de associações que conduzem à descoberta de uma lembrança traumática reprimida, de como o sujeito quase afogou sua irmã mais nova, acidentalmente, quando tinha três ou quatro anos de idade. Erickson descobriu essa lembrança, casualmente, quando fez a sutil pergunta-teste: "Tínhamos pensado em conversar sobre alguma coisa?" Foi um teste sutil para averiguar o quanto a sugestão pós-hipnótica, dada há duas seções atrás, havia sido acatada. Naquela seção (1.26) Erickson diz: "Na próxima vez em que nos encontrarmos quero que você me fale um pouco mais sobre nadar e goste de fazê-lo."

Nessa seção o sujeito responde àquela sugestão anterior com a recordação do quase-afogamento da irmã. Por que a Srta. S não demonstra grande emoção, lágrimas e angústia, como é freqüente em pacientes que relembram uma experiência traumática? Perceba-se a última parte da sugestão de Erickson: "e goste de fazê-lo". Isso significa que ela não teria que passar pelo afeto doloroso, normalmente associado às memórias traumáticas. Ela poderia, simplesmente, recordar-se do fato, de forma realista sem as distorções provocadas pela emoção.

É uma abordagem bastante diferente dos métodos psicoterapêuticos tradicionais que procuram impelir em direção à catarse emocional, antes que toda a situação tenha sido compreendida. Ao longo de sua carreira, Erickson ficou fascinado pelo que ele chamou de a separação ou dissociação do pensar, sentir e fazer, por meio da qual o paciente poderia, tranquilamente, ter *insights* dentro da situação traumática reprimida (pensar) sem os afetos perturbadores que a acompanham (sentir e fazer). Dessa forma, o paciente, mais tarde, poderia fazer uma catarse apropriada, a partir dessa compreensão e perspectiva mais alicerçadas — como veremos nas seções seguintes.

1.29 *A metáfora terapêutica do espinho da rosa; erros como parte natural do crescimento e da aprendizagem; perguntas, justaposição do positivo e do negativo e a justaposição de opostos para evocar os correlatos de reenquadramento da própria paciente*

Erickson: Você acredita que tossir significaria algo de ruim para Helen?

Sujeito: Não.

Erickson: Foi realmente bom ouvi-la tossir.

Sujeito: Ela chorou também.

Erickson: Você acha que isso foi ruim?

Sujeito: Sim.

Erickson: O que você diria se eu falasse que não foi ruim?

Sujeito: Ela ficou toda azul.

Erickson: Creio que há alguma coisa sobre isso que você não compreende? Você deu uma topada novamente?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você pensou muito sobre isso?

Sujeito: Não.

Erickson: Você acha que quando crescer cometerá alguns erros? E o que vai fazer com eles? Aprender?

Sujeito: De certo modo — e esquecê-los.

Erickson: Você já apanhou uma bela flor e encontrou espinhos nela?

Sujeito: Já fiz isso.

Erickson: Que espécie de flor era?

Sujeito: Rosas.

Erickson: É um jeito terrível de se aprender que as rosas espinham. Mas você não está contente por ter aprendido? Você podia ter se espinhado de uma forma muito pior. Você não tentou estragar a rosa, tentou? Apenas gostou dela e apanhou-a. Você acredita que de fato aprendeu alguma coisa boa com isso? E acredita que aprendeu alguma coisa boa sobre você e Helen quando a empurrou na água?

Rossi: Sua primeira estratégia terapêutica é reenquadrar o trauma com uma metáfora simples: o sujeito não deve carregar mais culpa pelo seu "erro" com sua irmã, do que faria pelo seu erro natural de apanhar uma rosa e se machucar com os espinhos. Ao invés de tentar persuadi-la, diretamente, de que ela não havia feito uma coisa "ruim", você utiliza uma metáfora que não só liberta da culpa ("Você não tentou estragar a rosa, tentou? Apenas, gostou dela e apanhou-a.") mas comunica, também, uma experiência positiva de aprendizagem ("Você acredita que de fato aprendeu alguma coisa boa com isso?").

A metáfora terapêutica do espinho da rosa inicia um conjunto de *sins* para aprendizagem positiva apesar da experiência dolorosa. É uma maneira naturalista e bem típica de aprendizagem — todos nós tivemos inúmeras experiências de ter aprendido algo importante e bom por meio de uma experiência dolorosa. A metáfora do espinho da rosa tende a evocar um conjunto para *deuteroaprendizagem* (Bateson, 1979) daquilo tudo que aprendemos, incidentalmente, no cotidiano.

Você, então, une a metáfora com o trauma da Srta. S, fazendo a pergunta: "E acredita que aprendeu alguma coisa boa sobre você e Helen, quando empurrou-a na água?" — *mas de tal forma que os próprios processos inconscientes dela são ativados para procurar seus próprios reenquadramentos correlatos*. Parte dessa ativação poderia ocorrer através da sua habilidosa justaposição da experiência de aprendizagem agradável e positiva (alguma coisa boa sobre você e Helen) com a clamorosa afirmação do evento traumático (quando empurrou-a na água). Esta justaposição age como uma nova ponte associativa para enfraquecer a interpretação, feita por ela, do acidente como um evento totalmente ruim. Como veremos na próxima seção, contudo, existiram dinâmicas adicionais atuando neste acidente, que levaram-no a transformar-se em um trauma psicológico.

Erickson: (Acena que sim, com a cabeça.)

Rossi: Você, com frequência, utiliza essas metáforas aparentemente simples que podem ser, de pronto, compreendidas no próprio nível de experiência da criança. Se as metáforas não são suficientes, você aí percebe que há algo mais na situação.

1.30 Reenquadrando o trauma por meio de analogias terapêuticas e silogismos informais

Sujeito: Eu não deveria tê-la carregado.

Erickson: Você aprendeu algo, não aprendeu? Imagine que você tivesse esperado para tentar carregá-la até que ela estivesse maior e mais pesada e então a derrubasse e a machucasse muito mais. Teria sido pior do que empurrá-la na banheira.

Sujeito: Ela ficou toda azul.

Erickson: O que você supõe que isso significava?

Sujeito: Que ela estava morrendo.

Erickson: Você já permaneceu na água por muito tempo?

Sujeito: Sim.

Erickson: Até bater os dentes? Como você estava, então?

Sujeito: Um pouco azul.

Erickson: Você pensou que estivesse morrendo?

Sujeito: Não.

Erickson: Você acha que ficar azul só aconteceria se Helen estivesse morrendo?

Sujeito: Mas ela tossiu e mamãe ficou muito assustada.

Erickson: Você já tossiu?

Sujeito: Sim.

Erickson: E estava morrendo?

Sujeito: Não.

Erickson: Então, ficar azul e tossir não significa morrer, não é? Você julga que isso é uma coisa boa para se saber? Acha que deveria lembrar-se disso?

Sujeito: Sim.

Rossi: Agora você utiliza analogias terapêuticas num esforço a mais para reenquadrar a compreensão que ela teve do acidente de quase afogamento. Mas ela não fica satisfeita. Na próxima seção, o sujeito revela porque o acidente foi elaborado como um trauma.

Fink (Em 1987): Na minha opinião, houve vários fatores nesta fobia que se assemelham a uma equação — e isto

pode ser uma parte da interpretação psicanalítica. Primeiro, havia uma intensa rivalidade entre o sujeito e sua irmã. E não foi um acidente tê-la empurrado para dentro da banheira grande que usavam. O sujeito empurrou-a, ela ficou azul, tossiu e quase afogou. Pode não ter sido exatamente assim, mas se é que me lembro bem, sua mãe fora muito severa com ela por causa disso. Então, ocorreu um outro acidente com o pai do sujeito, que se descobriu mais tarde ter tido tuberculose. Ele foi nadar (provavelmente no Lago Michigan, que é horivelmente frio), tossiu e ficou azul. Seis ou oito meses depois ele morreu e ela desenvolveu uma equação em que água é igual a tossir, ficar azul e morrer. Assim, a paciente desenvolveu uma fobia total por água: como eu disse, ela não podia nem mesmo tomar banho no chuveiro ou na banheira e apenas se lavava com esponjas.

1.31 *Reenquadramento da ameaça de perda do amor da mãe com linguagem popular e analogias terapêuticas; fazer hipnose reduz o conflito entre os hemisférios cerebrais?*

Erickson: Existe mais alguma coisa sobre a qual devemos conversar?

Sujeito: Sim. Você acha que a mamãe nos ama?

Erickson: Diga-me, o que você acha de verdade?

Sujeito: Eu não sei.

Erickson: Porque você pode me falar facilmente, não pode? E muito honestamente. Você sabe que, realmente, já me respondeu a pergunta — sua mãe ama vocês, de fato? Como sua mãe se sentiu quando estava batendo nas costas de Helen?

Sujeito: Ela estava muito assustada.

Erickson: Agora, se você visse o velho cachorro nojento, tremendo, sufocando e tossindo, o que você faria?

Sujeito: Simplesmente, eu fugiria.

Erickson: Você iria se sentir muito assustada e muito mal?

Sujeito: Não.

Erickson: Mas sua mãe ficou assustada e mal, não ficou?

Sujeito: Sim.

Erickson: Ela gostava de Helen, você sabe disso. Bem, você sabe como se sentiria em relação ao cachorro. Se você gostasse dele, você não iria querer que ele engasgasse. Você ficou feliz quando Helen ficou fria e azul?

Sujeito: Não.

Erickson: Ficou assustada?

Sujeito: Sim.

Erickson: Sua mãe já se assustou por você?

Sujeito: Acho que não.

Erickson: Você acha que não. Talvez você se lembre de algo.

Sujeito: Ela fez com que nos vestíssemos.

Erickson: Por que ela fez isso? Dessa forma vocês não tossiriam — não ficariam resfriadas. Por que ela não queria que vocês ficassem doentes?

Sujeito: Teríamos que faltar da escola.

Erickson: E por que ir à escola?

Sujeito: Nós tínhamos que aprender alguma coisa.

Erickson: Você se importa se o cachorro aprende alguma coisa? Você se importa com que ele aprenda ou se engane?

Sujeito: Não.

Erickson: Você não se importa porque não gosta dele. Por que sua mãe queria que vocês fossem à escola e aprendessem alguma coisa?

Sujeito: Ela gosta de nós.

Erickson: Você tem certeza disso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Há mais alguma coisa para conversarmos agora?

Sujeito: Acho que não.

Erickson: Eu vou voltar e vê-la outra vez. Você gostaria de me encontrar? Acha que fevereiro poderia ser uma boa época? Fevereiro próximo? Vejamos. Eu conversei com você no último fevereiro e agora gostaria de saber se você terá mais algumas coisas para me falar em fevereiro próximo.

Dessa vez você me contou o que pensava de alguma coisa que havia esquecido. Você irá se lembrar de algumas outras coisas para o próximo fevereiro? Você não pode falar até fevereiro próximo chegar. Está certo? Foi um encontro muito bom que tivemos. Fico contente em vê-la crescendo tanto.

Sujeito: Estou perdendo todas as minhas roupas.

Erickson: Imagino que você esteja cansada. Pense em descansar. Você pode dormir um pouco agora.

Erickson: Aqui vemos a diferença entre o comportamento adulto e o infantil.

Rossi: Você está diferenciando-os? Por quê?

Erickson: Porque a mãe dela fez a coisa certa e a sua compreensão infantil foi errada.

Rossi: Eu diria que você está reenquadrando a ameaça de perda do amor da mãe. Você diria que é isso que está fazendo?

Erickson: (Acena que sim.) Eu acredito que a ameaça de perda é uma concepção errônea da criança.

Rossi: Desta seção podemos inferir que a percepção anterior dela, de perda do amor da mãe, pode ser a real fonte do trauma psicológico que emergiu do incidente do quase-afofamento. Você foi muito cuidadoso em usar analogias terapêuticas dentro da estrutura infantil de referência do sujeito no intuito de reenquadrar esta experiência anterior de perda do amor da mãe. Ao final, enfatizando que ela está crescendo, concluí a sessão positivamente e a afirmação da Srta. S de que está perdendo suas roupas é uma indicação de que ela está seguindo suas sugestões e aceitando, esperançosamente, as analogias terapêuticas. Para você, está é a base da mudança terapêutica que levará eventualmente a uma resolução do trauma e à cura da fobia de nadar?

Erickson: Continua-se lustrando. Linguagem popular: coisas crescem em você.

Rossi: Entendo. Estas analogias que você apresenta em linguagem popular são a base da reestruturação dos quadros de referência da Srta. S e da cura da sua fobia?

Erickson: Sim.

Rossi: Você utiliza linguagem popular para consolidá-las.

Erickson: A linguagem popular pode ser compartilhada até mesmo com as crianças.

Pearson: É por isso que é mais difícil ensinar gramática às crianças e posteriormente o inglês formal.

Rossi: Acho que a linguagem popular é também um apelo ao hemisfério direito.

Erickson: (Erickson agora conta histórias sobre os conceitos dos seus filhos sobre o crescimento. Um dia, quando a família foi nadar, um dos filhos mais novos disse a um dos mais velhos: "Puxa, Burt, você está ficando velho." Burt respondeu: "A idade está fazendo crescer os pêlos púbicos.")

Pearson: Intriga-me que uma das principais características da hipnose seja a possibilidade de parar os argumentos entre os hemisférios direito e esquerdo — o que é uma analogia por si só. Na hipnose um hemisfério não pode dizer *não* ao outro. Isto reduz a ansiedade que emerge da luta entre ambos, pra cá e pra lá, dizendo um ao outro: "Você está louco pensando assim." A hipnose ajuda a comunicar que cada ponto de vista é válido.

Rossi: A hipnose permite a cada um dos hemisférios ter a sua própria esfera de ação sem interferir com o outro. Devido ao aspecto dissociativo da hipnose, que reduz a disputa ou conflito entre os hemisférios, os *insights* de cada um deles podem ser utilizados apropriadamente. Seria uma hipótese interessante para se testar experimentalmente.

1.32 *A terceira visita do Homem de Fevereiro: solidificando a realidade hipnótica e a estrutura terapêutica de referência por meio de perguntas, trocadilhos, piadas e amnésia: criando realidades hipnóticas.*

Erickson: (Depois de uma pequena pausa, Erickson usa a dica do aperto de mãos para a terceira visita do Homem de Fevereiro nesta sessão.) Oi!

Sujeito: Como vai?

Erickson: Vou bem. E você?

Sujeito: Tudo certo.

Erickson: O que devo perceber em você?

Sujeito: Cresci muito.

Erickson: E você fica triste por isso?

Sujeito: Não.

Erickson: Crescer é realmente excitante, não? Onde estamos?

Sujeito: Na casa de tio Quimby.

Erickson: Quem sou eu?

Sujeito: Não sei. Mas já o vi.

Erickson: Quando?

Sujeito: Em fevereiro.

Erickson: Você já tinha me visto antes disso?

Sujeito: Sim, meses antes.

Erickson: Como você vai me chamar? O Homem de Fevereiro?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Isto faz você se lembrar de algo? Lembrar-se de que há muito tempo eu lhe disse que a encontraria novamente?

Sujeito: Lembro.

Erickson: E como seria: você me veria de novo, me daria a mão...

Sujeito: Poderia falar com você.

Erickson: E mesmo rir comigo. Sou o Homem de Fevereiro.

Sujeito: Isto não é uma piada.

Erickson: Mas você riu. E foi uma boa risada. Você aprendeu uma boa piada?

Sujeito: Você sabe como Eddie chama o carro dele? Saltador de Poças; porque vai direto para o meio de todas as poças.

Erickson: Quando chove a cântaros, o carro pula bem no meio de um poodle? Você já viu um poodle?

Sujeito: Você quer dizer poça ou poodle?*

* Aqui, Erickson faz um trocadilho entre poça (*puddle*, em inglês) e poodle (espécie canina) por causa da semelhança fonética entre os termos. (N.T.)

Erickson: Sobre o que temos de falar dessa vez? Sobre o como você está crescendo ou alguma coisa além?

Sujeito: Alguma coisa a mais. Todo mundo cresce.

Erickson: Eu não.

Sujeito: Mas você já cresceu.

Erickson: Sobre o que devemos falar?

Sujeito: Do que você quer falar?

Erickson: Qualquer coisa que lhe dê felicidade e compreensão. O que você pensa sobre fumar? Você acha que você irá fumar?

Sujeito: Não. Tia Mary diz que é terrível.

Erickson: Eu acho que fumar é terrivelmente bom. Com quantos anos você está agora?

Sujeito: Oito.

Erickson: Sobre o que devemos falar?

Sujeito: Bem, sobre a escola, continua o de sempre. Sabe sobre o quê? Tio Quimby e tia Mary cuidam dos filhos de todo mundo. Se eles gostam tanto de crianças por que não têm uma deles mesmos? Eles cuidam das dos outros.

Erickson: Algumas pessoas nem sempre conseguem o que mais querem no mundo. As pessoas sábias são aquelas que tentam fazer coisas que lhes ajudam a ter a felicidade que obteriam daquilo que gostariam. Sua tia e seu tio gostam de crianças, não gostam? Mesmo que não tenham tido nenhuma. E quantas crianças terão boas lembranças deles?

Sujeito: Entendo.

Erickson: Não é bom — e algo que qualquer um desejaria — que as crianças cresçam com boas lembranças deles? Você tem certeza de que eles não têm filhos? Eles têm filhos de um jeito especial. Certo? E as recordações dessas crianças serão todas recordações felizes.

Erickson: Perceba o cuidado com que construo o encontro que estou tendo com ela como o Homem de Fevereiro. Agora ela me vê na casa do tio Quimby e o tempo passou, de forma que ela cresceu. Então, ocorre a piada infantil sobre o carro de Eddie, o Saltador de Poças e o meu trocadilho "poça-poodle" — um trocadilho num nível infantil.

Rossi: Por quê?

Erickson: Para estabelecer a realidade do Homem de Fevereiro conversando com uma garotinha.

Rossi: Certo. Você está permitindo que o conjunto mental (a realidade hipnótica da relação dela com o Homem de Fevereiro) seja construída. Há mais alguma razão para fazer o trocadilho nesse ponto?

Erickson: (Faz a analogia com o sermos distraídos pela chamada telefônica e então esquecermos o que estávamos fazendo antes de atendê-la.)

Rossi: Então, você está distraíndo-a para produzir uma amnésia? Por quê?

Erickson: Para limpar sua mente.

Rossi: Oh, assim você tem um campo limpo para introduzir mais alguma coisa com sua pergunta seguinte: "Sobre o que temos de falar dessa vez?"

Erickson: Sim.

Rossi: Nesta terceira visita, você inicia, como de costume, orientando-a para a realidade do seu transe. Então, faz a ligação com o conteúdo dos transes anteriores do sujeito por meio de perguntas que 1) afirmam que ela continua crescendo; 2) ratificam e solidificam sua identidade de Homem de Fevereiro e 3) solicitam a anedota que você lhe contou na Seção 1.1. Dessa forma, você produz continuidade entre as visitas do Homem de Fevereiro: *you constrói uma realidade hipnótica estável ou uma estrutura terapêutica de referência abrangente entre cada experiência de visita, em transe. Você está criando uma realidade hipnótica que se tornará...*

Erickson: ... uma atitude básica em relação à vida.

Rossi: Certo. Tornar-se-á uma parte do sistema de memória inconsciente da Srta. S. E num outro nível, realmente,

você reforça esta idéia da importância de se ter boas lembranças por meio da reinterpretação da situação do tio Quimby e da tia Mary, que não têm filhos. As recordações felizes que você está lhe dando como o Homem de Fevereiro serão um apoio para ela, assim como a lembrança do tio Quimby e da tia Mary o serão para as crianças das quais cuidaram. Essas recordações tornar-se-ão assim a base da sua futura auto-estima e confiança em educar seus próprios filhos.

Erickson: Uh-hum.

1.33 Uma regressão espontânea e a reexperimentação de uma aula de natação traumática: atuação e comportamento ideodinâmico como respostas do hemisfério direito?

Erickson: Há alguma coisa que a preocupa ou aflige?

Sujeito: Eu nunca vejo mamãe.

Erickson: Isso a aflige?

Sujeito: Não.

Erickson: Há alguma coisa sobre isso que você queira me falar?

Sujeito: Ela nunca aparece aqui. Ela está trabalhando.

Erickson: Para quem ela está trabalhando?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Por que ela está trabalhando?

Sujeito: Por dinheiro.

Erickson: Para quem?

Sujeito: Para nós, eu acho.

Erickson: Quer pensar um pouco sobre isso? Você pensa e me diz para quem ela quer o dinheiro.

Sujeito: Helen e mim e para ela também.

Erickson: Ela tem que tomar conta dela e assim poder tomar conta de vocês. Você não fica contente por ter uma mãe que gosta de trabalhar para cuidar de suas filhas?

Sujeito: Eu queria que ela não trabalhasse.

Erickson: Alguns adultos não gostam de trabalhar?

Sujeito: Acho que sim.

Erickson: Há mais alguma coisa que a aflige?

Sujeito: Não.

Erickson: O que aconteceu com aquele velho cachorro?

Sujeito: Talvez tenha simplesmente morrido.

Erickson: E que tal nadar?

Sujeito: Não tenho nadado. Há muito tempo. Ninguém nada com muita frequência e eu não gosto de nadar. Eu não gosto de água também.

Erickson: Você pode me dizer por quê? (Pausa) Você pode me dizer por quê?

Sujeito: Não me sinto bem.

Erickson: De que modo não se sente bem?

Sujeito: E eu sempre penso em me afogar.

Erickson: Você se lembra da primeira vez em que pensou em se afogar?

Sujeito: Quando Helen ficou toda azul.

Erickson: O que você vai fazer sobre isso?

Sujeito: Ficar fora d'água.

Erickson: Você gostaria de aprender a nadar?

Sujeito: Sim.

Erickson: Acha que algum dia você vai poder aprender a nadar?

Sujeito: Uh-huh.

Erickson: Mais alguma coisa?

Sujeito: Não. (Sujeito começa a tossir e a ficar sufocada.)

Erickson: Você está pensando? Você está pensando? (Sujeito tossi e se sufoca. Nesse ponto Erickson agarra a sua mão.) Por que você está tossindo?

Sujeito: (Engasgando) Boca cheia de água. O Sr. Smith — não vou nunca mais deixá-lo ensinar-me.

Erickson: Logo você terá 9 anos, não?

Sujeito: Não.

Erickson: Quantos anos você tem?

Sujeito: Acho que 4.

Erickson: Algum dia você terá 9 anos.

Sujeito: Não, não terei.

Erickson: Algum dia você terá 9 anos.

Sujeito: Pensei que você havia dito *domingo*.*

Erickson: Você me promete uma coisa? Algum dia, quando você estiver com 9 anos, você me falará sobre o Sr. Smith, sim?

Sujeito: Eu, provavelmente, esquecerei.

Erickson: Quando eu estiver falando com você, você se lembrará de tudo, não? Agora, simplesmente descanse por enquanto e eu a verei novamente quando estiver com 9 anos.

Erickson: Ela regrida aos 4 anos de idade, o que significa que algum trauma vem vindo.

Rossi: Com certeza, você ficou perplexo com esta súbita e (inicialmente) inexplicável volta dos fatos, no qual o sujeito reexperimentou, espontaneamente, uma aula de natação infeliz que ela teve com o Sr. Smith. Foi uma resposta ideodinâmica, aparentemente, por causa das suas perguntas: "Você gostaria de aprender a nadar?" e "Mais alguma coisa?" Ela não lhe dá uma resposta verbal e racional vinda do hemisfério esquerdo, mas, sim, reatua um quase-afogamento, engasgando e sufocando. Isto é, ela responde numa linguagem hemisférico-direita.

Pode ser interessante notar aqui que *muitas (se não todas) das formas de comportamento de atuação podem ser respostas hemisférico-direitas* em situações nas quais, socialmente, seria esperado se obter resposta hemisférico-esquerda (verbal). Tal conceito poderia ser ampliado numa hipótese de que muitas das formas de comportamento e associações ideodinâmicas são mediadas pelo hemisfério direito, ao con-

* Em inglês, "algum dia" se traduz para *someday* e "domingo", para *sunday*. (N.T.)

trário das associações lógicas e verbais que são mediadas pelo hemisfério esquerdo. O que você acha disso? Será uma compreensão nova das dinâmicas do comportamento de atuação?

Erickson: Costumavam chamar isso de *catarse*. O comportamento de atuação é uma outra forma de expressar significado.

Rossi: Em seguida você tenta orientar-se na situação, perguntando-lhe se logo ela terá 9 anos de idade. Ela responde que acha que tem 4 anos. Apenas há alguns minutos ela havia dito que tinha 8 (Seção 1.32). Isso quer dizer que espontaneamente ela fez regressão até a idade de 4 anos, a fim de atuar a resposta para sua pergunta sobre nadar. Você fica confuso e então, sabiamente, termina a visita, dizendo-lhe que ela terá 9 anos no próximo encontro e será capaz de falar sobre o Sr. Smith.

Erickson: Sim. Então, no final, acho que ela fez um trocadilho. Ela fez um trocadilho não-intencional, quando pensou que eu dissera "*domingo*", ao invés de "*algum dia*". Isso levou sua atuação do hemisfério direito para o esquerdo.

Rossi: É uma especulação (*posterior*) interessante, que uma expressão cognitiva tenha sido trazida para o hemisfério esquerdo. Certamente, você não pensava nesses termos de interação entre hemisférios direito e esquerdo em 1945 — pois Sperry introduziu o conceito apenas nos anos 50.

1.34 *Quarta visita do Homem de Fevereiro: confusão momentânea dos níveis de regressão; uma heurística para a cura de stress pós-traumático por meio de mudanças súbitas nos mapas de memória*

Erickson: Alô!

Sujeito: Oil

Erickson: Quantos anos você tem?

Sujeito: Nove.

Erickson: Onde nos vimos antes?

Sujeito: Não sei (mostra muita confusão).

Erickson: Você já me viu antes.

Sujeito: Não me lembro.

Erickson: Você se lembra de quando me viu?

Sujeito: Em fevereiro. Agora me lembro. Você é o Homem de Fevereiro.

Erickson: Acho que você tem que fazer algo para mim.

Sujeito: Tenho que fazer algo para você. Você está sempre fazendo coisas para mim.

Erickson: Mas agora é a sua vez de fazer para mim.

Sujeito: Eu sei. Eu ia lhe falar sobre o Sr. Smith.

Erickson: Vá em frente.

Sujeito: Não sei o que lhe dizer sobre ele. Ele morava na casa ao lado e tinha dois filhos: Alicia e Barney. Eles eram realmente umas gracinhas. Ele era alemão — cabelos loiros, bem alto.

Erickson: Eu pergunto: "Onde nos vimos antes?" Ela responde "Eu não sei", porque de repente ela havia voltado à seção anterior. Assim, ela tinha que ficar confusa.

Rossi: Mesmo afirmando estar com 9 anos, a Srta. S está confusa porque ainda se encontra sob a influência da regressão espontânea e forte à idade de 4 anos, quando ela ainda não conhecia o Homem de Fevereiro. Você dá uma pista sobre os 9 anos quando pergunta: "Você se lembra de quando me viu?" A pergunta é suficientemente reforçadora para eliciar sua imediata recordação do Homem de Fevereiro, bem como da aceitação da sua sugestão pós-hipnótica anterior (Seção 1.33) em falar sobre o Sr. Smith. Dessa forma, ela lhe responde da maneira negligente, o que caracteriza o esforço infantil para relatar alguma coisa que é desagradável.

Erickson: O Sr. Smith é a recordação de um homem que fez uma coisa ruim. Mas Alicia e Barney são amiguinhos dela. Não eram maus como o Sr. Smith.

Rossi: "Eles eram realmente umas gracinhas."

Erickson: Agora, ela está alterando sua lembrança.

Rossi: Então esta é uma parte importante do processo hipnoterapêutico. À recordação traumática original do Sr.

Smith ela inclui agora lembranças mais agradáveis dos seus amiguinhos. Ela está alterando ou diluindo a lembrança traumática original. Poderíamos dizer que o sujeito já está, subitamente, mudando o "mapa" da sua lembrança traumática. Toda vez que uma recordação traumática é revista na hipnose, há uma chance para se diluí-la com a introdução de conteúdos novos, agradáveis e não-traumáticos, até que o trauma, finalmente, se torne uma parte pequena e insignificante do todo.

Uma vez que o estado de transe facilita uma recordação ideodinâmica ou uma ativação da lembrança do trauma original, mais vividas, os conteúdos novos e agradáveis que são adicionados têm uma oportunidade para serem ligados ou associados mais adequadamente ao trauma. Assim, ocorre uma diluição efetiva. Contudo, quando o trauma é lembrado de forma menos vivida, característica de um estado comum de vigília, os conteúdos novos não se ligam tão bem a ele — e ocorre uma diluição menos significativa. Isto é uma heurística para conceituar como a hipnose facilita a cura de stress pós-traumático por meio de alterações terapêuticas nos mapas de memória.

1.35 Linguagem infantil validando a regressão: distração e treinamento inicial de um hipnoterapeuta

Erickson: Diga-me mais alguma coisa.

Sujeito: Ele costumava vir e jogar baralho algumas vezes. Mas eu não gostava dele. Era um tipo áspero, às vezes.

Erickson: Você se lembra de mais alguma coisa sobre ele?

Sujeito: Ele era terrivelmente grande.

Erickson: Que mais?

Sujeito: Ele estava sempre querendo ensinar-me a nadar e eu não queria. Então uma vez ele me colocou na água e eu o chutei.

Erickson: Como você se sentiu?

Sujeito: Em relação a nadar? Fiquei apavorada.

Erickson: Você achou que estava sendo uma menina má?

Sujeito: Não.

Erickson: O que sua mãe achou?

Sujeito: Mamãe queria que eu aprendesse a nadar. Mas, eu não. Simplesmente o chutei.

Erickson: Por que o chutou?

Sujeito: Eu não queria aprender a nadar.

Erickson: Por que você não quer aprender a nadar?

Sujeito: Eu não queria que ele aprendesse-me a nadar. Creio que estava assustada com o tipo dele.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Eu não sei.

Erickson: Ele fez algo para você que a desagradou?

Sujeito: Não. Ele simplesmente fazia cara feia para todo mundo.

Erickson: Ele colocou você na água?

Sujeito: Sim e eu não gostei.

Erickson: Você não me falou sobre isso ainda.

Sujeito: Ele estava me ensinado a nadar e quando eu disse que não, ele, simplesmente, pegou-me e colocou-me na água. Fiquei com água nos meus olhos, ouvidos e na minha boca; e chutei-o e comecei a chorar.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Eu não queria aprender a nadar.

Erickson: "Eu não queria que ele aprendesse-me a nadar."

Rossi: A linguagem infantil no "aprendesse-me" leva à validação do estágio regredido.

Erickson: Sim, a melhor parte desta seção é como ela muda do estar assustada para o chutar. Lembro-me de quando eu era um jovem vendedor de livros no interior. O fazendeiro havia treinado o cachorro para atacar qualquer um que entrasse no cercado. Quando entrei, o cachorro investiu contra mim. Era apenas um cachorro e eu não sabia mais nada. Peguei meu lenço e segurei-o assim. O cachorro

tolo agarrou com as mandíbulas e ficou parado e eu chuttei-o bem aqui (aponta para a garganta). O cachorro, realmente, tinha que achar que estava acabado. O fazendeiro ficou tão espantado que disse: "É a primeira vez que vejo meu cachorro levar a pior." Então, convidou-me para jantar.

Rossi: Foi desta forma que você deslocou a agressão do cachorro. Vou publicar esta história para mostrar como Milton aprendeu hipnoterapia, chutando garganta de cães.

Erickson: Bem, o cachorro foi tão estúpido! A gente sempre quer saber o que o outro vai fazer, mas não se deve deixá-lo saber o que vamos fazer. O fazendeiro e eu nos demos tão bem que ele convidou-me para passar a noite.

Rossi: É uma história para um futuro biógrafo: o treinamento inicial de um hipnoterapeuta, aprendendo técnicas de distração no cotidiano.

1.36 *Dissociando uma lembrança traumática; implicações e analogia terapêutica; separando pensamento e sentimento: um reenquadramento pós-hipnótico de emoções; um tempo de duplo vínculo*

Erickson: Pode me dizer mais sobre isso? Por quê? Ele apanhou-a e colocou-a na água, e você não queria ir para a água e começou a sufocar e a tossir. Do que isso lhe fez lembrar?

Sujeito: Acho que pensei em Helen; de quando a empurrei na água, e eu não quis ficar toda azul como ela ficou.

Erickson: Veja se consegue se lembrar exatamente quais foram seus sentimentos.

Sujeito: Fiquei com medo.

Erickson: Você ficou com muito medo. Simplesmente, dura de medo. E você tossiu. Você tossiu e Helen tossiu. Helen ficou com muito medo também.

Sujeito: Ela era muito pequena para ter medo.

Erickson: Mas ela também não gostou, gostou?

Sujeito: Ela chorou.

Erickson: E você tossiu e ela tossiu. Ela ficou infeliz e você também ficou infeliz. Aconteceram uma porção de coisas iguais. O que vai fazer a esse respeito? Vai se lembrar?

Sujeito: Eu não quero me lembrar.

Erickson: Você simplesmente não quer se lembrar. Você acha que seria uma boa coisa para se lembrar?

Sujeito: Não. Mamãe diz que a gente só deve se lembrar das coisas boas.

Erickson: Seu dente doeu quando caiu?

Sujeito: Não muito.

Erickson: Doeu?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Você fica contente ao se lembrar?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Foi bom ou tinha que ser?

Sujeito: As duas coisas.

Erickson: Acha que seria uma boa idéia lembrar sobre esse mergulho? E esquecer como se sentiu mal?

Sujeito: Assusta-me.

Erickson: Acha que se assustaria com o que pudesse se lembrar?

Sujeito: Não.

Erickson: Não, de fato, você não ficaria assustada com as coisas das quais pudesse lembrar-se. Talvez, um dia, você possa rir do medo que você tinha. Seria uma boa coisa, não?

Sujeito: Sim.

Erickson: Talvez um dia você o faça.

Sujeito: Não acredito.

Erickson: Acho que você irá. Devo vir vê-la no próximo ano ou devo pular um ano?

Sujeito: Pode pular um, se quiser. Estarei crescendo.

Erickson: De que altura você ficará?

Sujeito: Espero estar da mesma altura que mamãe.

Erickson: Penso que será muito bom vê-la, então.

Sujeito: Naturalmente, ela é bem alta.

Erickson: Não sabemos de que altura você estará. Você terá que crescer e descobrir. Como seria se eu voltasse para vê-la, quando você estivesse com 11 anos? Você poderia ter uma anedota para mim, então. O que você acha?

Sujeito: Não sei. Tentarei.

Erickson: Bem, você tem dois anos de prazo. E na próxima vez em que nos encontrarmos, sobre o que deveremos falar?

Sujeito: Estarei mais adiantada na escola. Talvez, não esteja mais morando aqui.

Erickson: Eu a encontrarei. O que você pensa?

Sujeito: Provavelmente, você conseguirá.

Erickson: Está certo. E toda vez que você me vê, quando venho lhe visitar, você descansa, não é? E você nunca me vê nos intervalos. Isto é o que fazem todos os homens de fevereiro. Talvez, algum dia, eu seja um Homem de Março. Você sabe o que é um besouro de junho? Talvez eu seja menor.

Sujeito: Uh-huh.

Erickson: Creio que você está ficando cansada.

Sujeito: (Cai em repouso.)

Erickson: "E você tossiu e ela tossiu. Ela ficou infeliz e você também ficou infeliz. Aconteceram uma porção de coisas iguais." Mas, "Mamãe diz que a gente só deve se lembrar das coisas boas".

Rossi: Nesta seção o sujeito é capaz de fornecer fatos sobre as associações traumáticas cruciais, entre o seu sufocar e tossir na aula de natação e aquele quase-afogamento da irmã mais nova, mas, ela não quer se lembrar de nenhum dos traumas. É uma dissociação peculiar, esta: a Srta. S tem o poder de compreender as conexões entre os dois inciden-

tes, ainda que não deseje lembrá-los, pois sua mãe diz que ela deveria recordar-se apenas das "coisas boas". Tal é o poder regressivo (e hipnótico) da sugestão da mãe sobre uma criança atormentada por medos e culpas, que o sujeito não sabe como lidar com isso. Você a encoraja a se lembrar ou reexperimentar, dentro da estrutura de referência da mãe.

Por causa disso, você introduz a analogia terapêutica sobre dente que dói quando cai e explora a possibilidade de separar pensamento e sentimento na esperança de libertar os aspectos cognitivos do jugo da repressão emocional. Ela se mostra claramente resistente, nesse ponto, e você sugere que talvez, um dia, ela seja capaz de rir do medo que tivera. Dessa forma, quando você diz: "Talvez, um dia, você possa rir do medo que você tinha. Seria uma boa coisa, não?", está, na verdade, dando-lhe uma sugestão pós-hipnótica casual para reenquadrar seus medos. Contudo, ela continua duvidando que possa fazê-lo.

Então, ao dizer: "Devo vir vê-la no próximo ano ou devo pular um", você apresenta-lhe uma dupla ligação de tempo. Qualquer alternativa que ela escolha, estará comprometendo-a a um outro encontro com você. A Srta. S deseja pular um ano porque "Estarei crescendo". Isto pode ser uma indicação súbita de que ela será capaz de lidar com suas lembranças traumáticas mais efetivamente, *porque* realmente estará crescendo.

Você termina essa visita, enfatizando temas de crescimento e humor: do ponto de vista de uma criança, um adulto parece ficar mais baixo na medida em que ela fica mais alta. Isto também implica sutilmente que ela será maior, mais madura e mais capaz de lidar com emoções difíceis. Você concorda com esta análise?

Erickson: Sim. Termino o encontro, com a possibilidade de tornar-me o Homem de Março e isto é associado com o besouro de junho, que é a base de uma anedota que ela poderá aprender mais tarde. Ela será mais alta e eu, mais baixo. Estou confirmando sua idéia de que será mais alta e mais velha. Estou planejando sua cognição. As idéias estão todas lá.

Rossi: Estão todas lá por implicação. Você usa a implicação mais do que afirmação direta para ultrapassar qualquer possível crítica.

Erickson: Certo.

1.37 *Quinta visita do Homem de Fevereiro: um reenquadramento bem-sucedido de emoções no crescimento psicológico; alterando os "mapas da memória", mais do que o trauma original*

Erickson: (Depois de uma pequena pausa, Erickson troca um outro aperto de mãos com o sujeito para iniciar a visita.) Alô.

Sujeito: Oi! Lembro-me de quem é você.

Erickson: Lembra-se?

Sujeito: Como você me conhece todas as vezes?

Erickson: Os homens de fevereiro sempre se lembram. E eu sou o Homem de Fevereiro.

Sujeito: Sim, eu sei.

Erickson: Você está ficando bem crescida.

Sujeito: Quase tão grande como para ser uma noiva.

Erickson: Anda pensando sobre noivas?

Sujeito: Oh, não. Mas, Lisa sim.

Erickson: Quantos anos ela tem?

Sujeito: Tem 14. A gente pode se casar quando tem 16.

Erickson: Lisa está pensando nisso?

Sujeito: Não, acho que não.

Erickson: Vejamos. Você se lembra do que estávamos falando, na última vez em que a vi?

Sujeito: Uh-huh.

Erickson: Do quê?

Sujeito: Do Sr. Smith.

Erickson: Você achava que poderia se esquecer.

Sujeito: Achei que poderia, mas sei que não o fiz.

Erickson: Agora que você pensa nisso, como se sente a respeito?

Sujeito: Sobre o Sr. Smith, eu não deveria ter ficado com medo.

Erickson: Por que não?

Sujeito: Provavelmente, ele não me machucaria. Apenas queria me ensinar a nadar.

Erickson: O que você acha de ter ficado com raiva e tê-lo chutado?

Sujeito: Eu não deveria tê-lo chutado, mas ele não deveria ter tentado me ensinar já que eu não queria aprender a nadar.

Erickson: Realmente, você está tendo idéias crescidas. Elas são melhores do que aqueles sentimentos de medo, não são? Não é legal crescer?

Sujeito: Posso usar pó, agora.

Erickson: Você passa bastante?

Sujeito: Não.

Erickson: Você deve ficar muito elegante.

Sujeito: Não vou passar bastante.

Erickson: E como se sente a respeito de nadar. Ainda com medo de água?

Sujeito: Não muito.

Erickson: Há mais alguma coisa da qual tem medo?

Sujeito: Não.

Erickson: Em relação ao esquecimento sobre o Sr. Smith, ela diz: "Achei que poderia, mas sei que não o fiz." E então fala: "Eu não deveria ter ficado com medo." Ela está *repercebendo* seus processos emocionais.

Rossi: Isto é um processo básico da hipnoterapia: *reperceber processos emocionais é a essência do reenquadramento dos mesmos.*

Erickson: Não se altera a experiência; altera-se a percepção dela e isto se transforma na percepção lembrada. #

Rossi: Não se pode alterar a percepção original; mas sim, alterar a experiência da recordação ou o "mapa" dela.

Erickson: Ela diz: "Provavelmente ele não me machucaria. Apenas queria me ensinar a nadar."

Rossi: Assim, há uma total reavaliação ou reenquadramento do incidente traumático.

Erickson: Ela continua: "Eu não deveria tê-lo chutado, mas ele não deveria ter tentado me ensinar, já que eu não queria aprender a nadar." É uma mudança completa da sua compreensão total. (Ela vai do ficar com medo e raiva, para uma visão ponderada da situação de ambos os lados.) Então, lhe digo: "Realmente você está tendo idéias crescidas. Elas são melhores do que aqueles sentimentos de medo, não são? Não é legal crescer?"

Rossi: Essa mudança reforça e solidifica seu crescimento e compreensão mais madura.

Erickson: E a Srta. S prova isso dizendo: "Posso usar pó, agora."

1.38 *Reforçando dicas mínimas de crescimento psicológico voltado para diversão e felicidade; a lacuna da criação desmascarando o velho pelo novo*

Erickson: Há quanto tempo visito você?

Sujeito: Há muito tempo.

Erickson: Lembra-se de uma das primeiras coisas que você me perguntou? O que foi que perguntou? Para onde papai foi? Agora que você cresceu o que acha daquela explicação?

Sujeito: Talvez você estivesse me enganando. Você estava me enganando?

Erickson: Você acha que estou lhe enganando?

Sujeito: Nem todo mundo vai para o céu.

Erickson: Quem você acha que vai?

Sujeito: Oh, não sei. Não muitos.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Acho que todo mundo gosta de ter muita diversão.

Erickson: E o que a diversão causa às pessoas?

Sujeito: Não as leva para o céu. De qualquer modo, é o que a vovó diz.

Erickson: Acho que a diversão torna as pessoas felizes.

Sujeito: Você acha que pode ser feliz e ir para o céu?

Erickson: Não acho que se deveria ser triste.

Sujeito: Temos uma velha senhora aqui e tudo o que ela faz é ler a Bíblia. Provavelmente, ela irá para o céu. Mas ela não tem nenhuma diversão.

Erickson: Creio que o céu é para as pessoas felizes.

Erickson: Estou tentando passar a idéia de que está certo ter diversão. Ela faz uma observação sutil "De qualquer modo, é o que vovó diz". E a avó é terrivelmente ultrapassada — todo mundo sabe disso (risos).

Rossi: Se a avó é ultrapassada, isso implica que ela não está "por dentro". Foi uma forma sutil do sujeito desmascarar o ponto de vista de sua avó, de que a diversão não leva as pessoas para o céu. Seu crescimento psicológico é evidente nesse desmascaramento adolescente da geração passada. Agora ela está orientada para diversão e felicidade, o que você apoia fortemente com a afirmação: "Creio que o céu é para as pessoas felizes." Você não está impondo esta idéia; simplesmente está reforçando o próprio desmascaramento feito por ela, da visão moralista ultrapassada de que não se pode ter diversão e o céu ao mesmo tempo.

A grande significância que você atribui à observação muito sutil dela é um exemplo excelente de como você aprendeu a captar as implicações do crescimento contidas nas dicas mínimas do desenvolvimento psicológico. É muito típico do país, professores e figuras de autoridade serem cegas às manifestações sutis que assinalam os saltos nos níveis de compreensão infantil ou adolescente. Por causa disso, a passagem entre as gerações se desenvolve com tanta tempestade: há uma ruptura trágica de relacionamento na qual a geração mais velha mantém que não entende para onde vai a mais nova; e a geração mais nova rende-se em desespero, diante da estupidez dos mais velhos, sua má vontade e aparente falta de confiança. A geração mais velha não sabe como captar as implicações do crescimento da geração mais nova; ocultas que estão, com frequência, na incerteza e no sentimento de inferioridade da juventude.

No nível intrapessoal, podemos inferir que a maioria dos jovens, da mesma forma, não reconhecem as implicações do crescimento psicológico que estão ocorrendo dentro de si. Não sabem como apoiar seus próprios níveis fenomenológicos de consciência e compreensão que se desenvolvem, no seu interior, espontaneamente. Nosso sistema educacional ainda ensina primariamente por *rod and rote*, mais do que aprender a reconhecer e a nutrir os processos criativos dentro de si mesmo; o sistema educacional típico ensina conteúdos que a criança é solicitada a engolir inteiros (*rote*) e então regurgitar nos testes (*rod*) que são chamados de critérios de aprendizagem. Os alunos, assim, permanecem cegos aos seus próprios processos internos de aprendizagem e descoberta — um processo essencial a qualquer criatividade. É esta cegueira interna que leva às (assim chamadas) doenças mentais e desajustamentos psicológicos, nos quais o indivíduo não sabe como reconhecer, reforçar e integrar o crescimento psicológico novo, que está sendo espontaneamente gerado no seu interior. A partir dessa perspectiva, a essência da psicoterapia é facilitar esta compreensão dos processos de crescimento de forma que a pessoa possa resolver seus próprios problemas.

1.39 *Utilizando um background moral para reenquadrar sentimentos; uma hipótese sobre as analogias terapêuticas (hemisfério direito) e reenquadramento (hemisfério esquerdo): a visão integrativa de Erickson*

Sujeito: Papai era muito feliz. Mas ele tinha uma espécie de doença, então talvez não fosse tão feliz. E talvez tenha ido para o céu. Não sei. Acho que não importa.

Erickson: Parece-me que o céu é para as pessoas que gostam da vida, que são felizes e que fazem o melhor que podem.

Sujeito: Ele trabalhava duro, o tempo todo. Acho que era muito feliz também. Ele tossia muito. Isso não podia deixá-lo feliz. (Sujeito balança a cabeça.)

Erickson: Creio que uma porção de coisas aconteceram a Jesus.

Sujeito: Mas Ele não se divertiu muito.

Erickson: Você acha que Ele não se divertiu com algumas das coisas que lhe aconteceram? Parece-me que Ele teve momentos felizes.

Sujeito: Ele nunca ria.

Erickson: Por que você diz isso?

Sujeito: Nunca ninguém contou sobre Ele rindo. Falam sobre Ele chorando. Falam sobre Ele rezando. Mas Ele nunca estava rindo. Mas Ele foi para o céu.

Erickson: Ele nunca fez algum trabalho bom?

Sujeito: Bastante.

Erickson: O que você faz quando realiza uma boa parte de trabalho?

Sujeito: Dou uma pancadinha em minhas costas.

Erickson: Você fica feliz com isso e se alegra?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Você tem que rir alto ou você pode rir por dentro quando se alegra consigo própria?

Sujeito: Certamente.

Erickson: O que você supõe que Jesus fazia quando realizava um bom trabalho? Ele ria por dentro, também. Há mais alguma coisa que lhe aflige ou lhe preocupa?

Sujeito: Não.

Erickson: Essencialmente, estou moralizando. Estou fornecendo uma estrutura moral para sua compreensão de que trabalhar e fazer o melhor que se pode é o background essencial para a felicidade. Tudo se adapta ao seu background católico. Fiz uma comparação: Jesus sofreu, então foi para o céu. A vida não é uma tigela de cerejas, mas sendo-se capaz de rir e sentir-se bem por dentro, quando se faz bom trabalho, tem-se a compensação.

Rossi: Você está utilizando o background moral dela para racionalizar um processo de sentir-se bem consigo mesma.

Também está sugerindo que o pai dela, provavelmente, sentia-se bem interiormente apesar de estar muito doente; tal como Jesus sentia-se, apesar de ter sofrido bastante. Desse modo, você realmente a ajuda a reavaliar e reenquadrar algumas das suas idéias anteriores sobre a morte do pai; bem como algumas das suas idéias religiosas francamente convencionais.

Erickson: Sim.

Rossi: Você fornece estímulos e dicas, geralmente, em forma de perguntas e situações que permitem às dinâmicas inconscientes do sujeito se manifestarem. Aí, você acompanha os processos associativos que indicarão o trabalho terapêutico a ser feito. A essência do trabalho terapêutico, nessas visitas do Homem de Fevereiro, parece ser um simples responder às perguntas da infância regredida do sujeito sobre o mundo. Estas perguntas, usualmente, são respondidas por *analogias ou metáforas terapêuticas* ou por meio do *reenquadramento* das suas orientações e estruturas de referência super-rígidas e limitadas. As analogias terapêuticas, freqüentemente, parecem ser linguagem hemisférico-direta, enquanto que o reenquadramento parece estar orientados para seus padrões de entendimento hemisférico-esquerdo.

Erickson: (Entrega uma nota a Rossi que aparentemente foi escrita após uma das discussões sobre a interação direito-esquerda das dinâmicas hemisféricas em hipnose.)

Rossi: Aqui você diz: "Experienciar, lembrar e perceber são coisas completamente distintas e o funcionamento esquerdo-direito são combinações diferentes dessas três coisas."

Erickson: Eu não acho que existam funções puras do lado direito ou do lado esquerdo. Contudo, alguma coisa precisa estar no lado direito antes de ser completamente percebida. (Agora Erickson dá muitos exemplos de processos de aprendizagem em humanos e animais que lhe sugerem que não podemos separar as funções psicológicas em hemisférios direito e esquerdo, como acima hipotetizado por Rossi.)

Rossi: Algumas pessoas especulam que os conteúdos hemisféricos direito são mais inconscientes, de tal modo que o *insight* poderia requerer uma mudança do hemisfério direito

para o hemisfério esquerdo mais consciente. Se isso fosse verdade, sua terapia seria mais hemisférico-direita. Ou você diria que ela sempre envolve uma integração entre ambos os hemisférios?

Erickson: Sempre envolve uma integração.

1.40 *Uma dupla utilização de atitudes morais; lidando com problemas de hábito numa regressão; cautela e "ficar bem, ainda que sozinho" na hipnose exploratória; escolha ilusória*

Erickson: Há alguma coisa que eu deveria perceber em você, agora?

Sujeito: Fiquei com cabelos compridos. Mas rão minhas unhas. Simplesmente, rão-as.

Erickson: Por que você as rói?

Sujeito: Têm gosto bom, eu acho.

Erickson: Mas realmente elas têm gosto bom?

Sujeito: Não, mas é divertido mastigá-las.

Erickson: Em que você pensa quando está roendo suas unhas?

Sujeito: Às vezes fico furiosa e então as mastigo completamente.

Erickson: É tão bom mastigá-las como é chutar pessoas?

Sujeito: Não se pode sair por aí chutando as pessoas. Vovó não gosta.

Erickson: Ela gosta que você roa suas unhas?

Sujeito: Não, mas apenas lhe conto.

Erickson: Algum dia você irá mudar de opinião sobre isso?

Sujeito: Oh, sim. Não quero roer unhas quando crescer.

Erickson: Eu mudei em algo?

Sujeito: Não.

Erickson: Pensei que ia ficar mais baixo.

Sujeito: Talvez você esteja. Todavia você não mede as pessoas dessa forma. Você tem que colocá-las

em pé, na parede. Não consigo me lembrar qual é a minha altura. Contudo, estou crescendo. Vovô diz que ela pode dizer ao ver como meus vestidos estão ficando curtos.

Erickson: É uma boa forma de medir alguém. Sobre o que deveremos falar na próxima vez em que eu vier?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Acha que poderá me contar sobre alguma coisa infeliz ou desagradável?

Sujeito: Acho que não estarei infeliz.

Erickson: Mas se alguma coisa infeliz ou desagradável ocorresse, você acha que poderia me contar em qualquer tempo, em qualquer lugar?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Não importa o que fosse?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Não importa quantos anos você tenha?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Quando devo vê-la novamente?

Sujeito: Melhor voltar em fevereiro.

Erickson: Em fevereiro próximo, no seguinte ou outro ainda? Espero que você me diga.

Sujeito: Seria melhor esperar por enquanto.

Erickson: Por quanto tempo? Quantos anos você quer ter quando eu voltar a vê-la?

Sujeito: Acho que seria — você quer esperar até que eu esteja na escola secundária?

Erickson: Eu a verei quando você quiser — em qualquer lugar que você queira. Eu poderia, até mesmo, tornar-me o Homem de Outubro.

Sujeito: Gosto de você como o Homem de Fevereiro.

Erickson: Você está ficando um pouco cansada de falar, não está? Pode descansar agora.

Erickson: É uma ligação total. "Mas se alguma coisa desagradável ou infeliz ocorresse, você acha que poderia me contar — em qualquer tempo, em qualquer lugar?" ela responde "Certamente"; ela está amarrada em contar-me, não importa o que seja.

Rossi: Assim você está conseguindo que ela diga "certamente" a uma afirmação geral que a tudo pode incluir. Está assegurando que o sujeito lhe conte qualquer coisa desagradável. Para a Srta. S, isso funciona como uma amarra porque é uma pessoa moral que mantém sua palavra. Você está usando as atitudes morais da paciente para efetivar esta ligação. Essas atitudes morais são tendências internas de respostas que funcionam como um metanível para ligá-la duplamente no falar-lhe qualquer coisa desagradável.

Percebo também, nessa seção, que você "deixa bem, ainda que só", em relação ao problema de hábito de roer as unhas. Acredito que você fez isso, porque o sujeito é capaz de dizer, na regressão, que ela não roerá suas unhas quando for mais velha (e, de fato, ela não rói). Nessa espécie de reconstrução da personalidade, utilizando-se regressão, lida-se tanto quanto possível com os objetivos (aspectos) mais diretamente relacionados ao problema da fase adulta — nesse caso, o medo de água. Você não lida com o roer as unhas já que você sabe que se cuidará por si mesmo. Há mais alguma coisa que você queira dizer sobre esta seção?

Erickson: Não. Estou surpreso com quanto cauteloso eu fui.

Rossi: Sim. Isto aconteceu em 1945 (quando Erickson estava num período criativo de transição entre a pesquisa hipnótica no laboratório para este novo processo de exploração hipnótica no trabalho clínico. De fato, a cautela era uma atitude importante nesse tipo de trabalho exploratório).

Erickson: Eu pergunto: "Quando devo vê-la novamente?" Eu havia obtido sua total confiança como o Homem de Fevereiro e ela quer manter assim e diz: "Melhor voltar em fevereiro." Então-lhe forneço uma escolha ilusória: "Em fevereiro próximo, no seguinte ou o outro ainda? Espero que você me diga." Quando lhe ofereço o Homem de Outubro, estou fazendo-a reconhecer, através da sua resposta ("Eu gosto de você, como o Homem de Fevereiro.") que ela prefere o Homem de Fevereiro.

Rossi: Ela prefere a segurança, ao escolher.

Erickson: Sim. Estou lhe dando liberdade, mas, realmente, ela não está se libertando.

1.41 *Sexta visita do Homem de Fevereiro; novos padrões de compreensão psicológica não adolescência; dicas mínimas, reenquadramento, prescrição de sintoma e ligações no tempo; metaníveis em crianças*

Sujeito: Por que você não fala comigo?

Erickson: Oh, sim, eu vou falar. Só estou querendo saber em que mês estamos?

Sujeito: Outubro.

Erickson: Estou atrasado?

Sujeito: Acho que está.

Erickson: Que ano é?

Sujeito: Você não sabe?

Erickson: Eu só perguntei qual é o mês.

Sujeito: Você na sabe o ano? 1939. (Atualmente é 1945.)

Erickson: (Administra a dica do aperto de mãos.) Quantos anos você tem?

Sujeito: Treze.

Erickson: Onde está, na escola?

Sujeito: Sou uma caloura. Você sabe, é muito ruim. Sou a segunda mais jovem da classe. Isso é mau! Todas as outras são mais velhas.

Erickson: Oh, eu não sei. Praticamente, elas todas são solteironas, enquanto você ainda é jovem.

Sujeito: Oh, as pessoas não ficam mais solteironas.

Erickson: O que elas são?

Sujeito: Bacharelandas, eu acho.

Erickson: Ser a garota mais jovem da classe faz com que todas as outras fiquem com o prestígio de serem mais

velhas. Pode-se dizer que a idade é uma coisa importante. Uma garota de 15 anos acha um homem de 25, velho. Então, quando digo: "Praticamente, elas todas são solteironas, enquanto você ainda é jovem", estou colocando-a em dúvida, o que, eventualmente, leva-a a dizer, "não-solteironas", mas "bacharelandas".

Rossi: Outra distinção sutil de linguagem, que funciona como uma dica mínima sobre o desenvolvimento da maturidade dela. Sua geração tem novas atitudes psicológicas, as quais ela lhe conta. Isso tem implicações interessantes sobre o porquê a linguagem muda, gradualmente, ao longo, das gerações. A consciência recém-emergida e os padrões de compreensão únicos em cada geração estão codificados nessas alterações linguísticas. As novas formas de descrever situações, *status* e relacionamentos, mais do que meros eufemismos, são novos padrões de compreensão e insight psicológicos. Inibir esses novos padrões de linguagem é inibir a nova consciência que está emergindo. Dessa forma, os "puristas" da linguagem são realmente retrógrados quando ridicularizam o novo, a despeito deste ter uma função muito importante, insistindo sobre os significados e distinções de palavras, ainda úteis, que a geração passada criou.

Erickson: (Erickson conta histórias e anedotas sobre as dicas mínimas de linguagem e comportamento que marcam alguns eventos em sua família.)

Rossi: E muito da sua hipnoterapia é simplesmente uma continuação desses conceitos mutantes que, naturalmente, emergem no dia-a-dia.

Erickson: Uh-hum. (Erickson continua com uma ilustração mais completa sobre o caso de Jimmie, um menino que chupava o dedo. Seus pais queriam que Erickson o tratasse com hipnose.) Sentei-me com Jimmie e disse: "Agora Jimmie, seu pai e sua mãe querem que eu faça você parar de chupar o dedo." Jimmie acenou com a cabeça: ele sabia. Eu lhe disse: "Toda criança de 6 anos deveria poder chupar o dedo sem que ninguém interferisse. Naturalmente, quando elas fizessem 7 anos, todas parariam de chupar o dedo. Seu aniversário está chegando e *assim seria melhor que você chupasse bastante o dedo.*" Isso aconteceu pouco antes do sétimo aniversário dele — seis semanas antes. Foi uma utilização de *conceitos mutantes*.

Rossi: Você está ilustrando também o uso de *reenquadramento*, *prescrição paradoxal de sintoma* e uma espécie de *elo temporal* nesse exemplo.

Erickson: (Agora, Erickson nos presenteia com exemplos humorados das precoces observações de seus netos, que revelam seus metaníveis de compreensão — as formas pelas quais comentam sua própria experiência mental. Por exemplo, uma das netas disse: “Mas, mamãe, com 6 anos de idade, ainda não tenho experiência o suficiente para saber isso.”)

Rossi (Em 1987): Novamente, essas preocupações com a vida cotidiana da família lembra-nos que tais interesses eram a fonte da visão criativa de Erickson. Seu trabalho terapêutico era uma aplicação dos processos naturais de crescimento psicológico que ele testemunhava na sua família e ao seu redor. Ele aprendeu mais com essas experiências do que com livros e teorias. Se quisermos aprender a sobrepujar algo do processo de seu trabalho criativo — e não simplesmente copiar os conteúdos do seu método terapêutico — a lição é clara: *Tenha prazer com o crescimento da sua consciência de sobre como as pessoas à sua volta se desenvolvem no dia-a-dia; divirta-se com a surpresa e o humor inerentes ao ajudar seus pacientes a aprenderem a reconhecer e a utilizar essas lições de vida; e alimente o desejo de ter o direito de procriar de cada geração seguinte para criar seus próprios padrões únicos de consciência e compreensão.*

1.42 *Deslocando e libertando o ressentimento e o negativo; comunicação em dois níveis para o cognitivo e o concreto literal; implicação como o veículo para sugestão indireta; polarizando respostas sim e não*

Erickson: Bem, vejamos. Por que eu deveria vir em outubro?

Sujeito: Não sei. Talvez você goste de outubro.

Erickson: Agora, como explicarei minha vinda em outubro? Ou estou para me tornar o Homem de Outubro? Diremos que o meu trem se atrasou?

Sujeito: É uma boa desculpa. Mas, esta é velha.

Erickson: Quais outras velhas desculpas você conhece?

Sujeito: Há muitas desculpas para tudo.

Erickson: Que velhas desculpas você usa e não gosta? (Pausa) Você não vai me responder?

Sujeito: Quando as crianças vão nadar, sempre digo que estou resfriada. E eu não estou resfriada — é apenas uma desculpa.

Erickson: Está cansada desta desculpa? Quer uma melhor?

Sujeito: Certamente. Esta está ficando batida.

Erickson: E quanto tempo levará para esgotá-la?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Você acha que um dia vai querer ir nadar?

Sujeito: Quero, agora.

Erickson: Você acha que irá?

Sujeito: Espero que sim.

Erickson: Você acha que irá?

Sujeito: Você é como os professores. Quer respostas *sim* ou *não*. Sim.

Erickson: Está muito frio para nadar agora, não?

Sujeito: Não se poderia esperar até o próximo verão?

Erickson: Possivelmente poderia ser no próximo verão. Mas não sabemos, sabemos? Há mais alguma coisa que lhe preocupa? Há mais alguma coisa lhe preocupando?

Sujeito: Talvez você ache que sou horrível.

Erickson: Não. Tenho certeza que não.

Rossi: O que é todo esse diálogo sobre *desculpas*?

Erickson: “Está cansada desta desculpa? Quer uma melhor?” (O sujeito responde) “Certamente. Esta está ficando batida.” Você deixa as desculpas ficarem gastas. Você deixa os hábitos esgotarem-se.

Rossi: Em outras palavras: as pessoas, naturalmente, ultrapassam suas limitações, e você, simplesmente, está facilitando este método naturalístico de crescimento psicológico?

Erickson: Uh-hum.

Rossi: Ela diz não saber quanto tempo levará para esgotar sua desculpa para não nadar. Este tipo de resposta é muito comum, pelo modo como, naturalmente, abandonamos antigas limitações e maus hábitos: são substituídos por novas habilidades que foram sintetizadas num nível inconsciente, de tal forma que, geralmente, ficamos surpresos de ver-nos fazendo melhor. Este *não saber*, com frequência, é um sinal de trabalho inconsciente.

Erickson: Perceba o ressentimento: "Você é como os professores. Quer respostas *sim* ou *não*." Mas ela sabe a resposta: *Sim*.

Rossi: O que você vai fazer com isso?

Erickson: (Erickson lê o diálogo em voz alta, construindo o *sim* final do sujeito, quando ela diz: "Você quer respostas *sim* e *não*. *Sim*.")

Rossi: É por isso que você pergunta duas vezes: "Você acha que irá?" Para conseguir este "*Sim*"?

Erickson: *Sim*.

Rossi: Você insiste quase fanaticamente a ponto de o sujeito, realmente, dizer *sim* quando você formula uma pergunta importante. Você solicita um compromisso claro, é isto?

Erickson: Ela falou o *sim* de maneira relutante: é o que os professores sempre fazem quando levam-nos a dizer *sim* ou *não*. Então eu digo: "Está muito frio para nadar agora, *não*?" Dessa forma, estou sucedendo sua atitude negativa e itensificando-a. O que ela não percebe é que, falando assim, estou tornando implícito que *quando estiver calor ela poderá nadar*.

Rossi: Obviamente ela compreende essa implicação quando responde com "Não se poderia esperar até o próximo verão?" Você deslocou o negativismo dela e ainda polarizou-a numa tendência oposta de responder *sim* (Ela poderia nadar mais tarde.).

Erickson: É isso.

Rossi: Você libertou e deslocou o negativismo dela e assim tornou-lhe possível dar um passo numa direção terapêutica.

Erickson: Ela pergunta: "Não se poderia esperar até o próximo verão?" e eu fico feliz que "Possivelmente poderia ser no próximo verão. Mas não sabemos, sabemos?"

Rossi: Novamente, você está utilizando implicação ao adicionar: "Mas não sabemos, sabemos?" A implicação é que o inconsciente dela sabe. A implicação é o veículo para esta importante sugestão indireta.

Erickson: Quando ela termina, dizendo: "Talvez você ache que sou horrível", penso que ela pode estar deslocando para si mesma o sentimento horrível que se tem ao responder *sim* ou *não* para os professores.

Rossi: Por isso, você tem que reassegurá-la respondendo diretamente: "Não, tenho certeza que não." Mais uma vez, você diz o *não* e desloca-o dela, esperançosamente.

(Em 1987): Outra vez podemos testemunhar como Erickson comunicava em dois níveis, simultaneamente: num nível puramente cognitivo ele estava dando ao sujeito segurança ao dizer: "Não, tenho certeza que não." Ao mesmo tempo, num nível mais primitivo-literal, ele estava "sucendendo" o *não* de um modo que o sistema dela não poderia abrangê-lo. Endereçar a este nível inconsciente-concreto, mais primitivo-literal, parece ser um aspecto peculiar e único de algumas formas das comunicações terapêuticas em dois níveis feitas por Erickson.

1.43 *Escrita em transe versus escrita automática; o melhor conjunto; analogias terapêuticas para lidar com interesses sexuais emergentes; enfraquecendo e reenquadrando a transferência num nível concreto-literal; especulações sobre os muitos significados de bom; limitações aprendidas e negação; comunicação em dois níveis*

Erickson: É terrivelmente conveniente, não é, ter esta almofada aqui? Imagine que você escreva aqui, tudo que você acredita, me faria achá-la horrível — bem aqui. Segure-o naturalmente para que você possa ler. E veja se para você está tudo bem, que eu saiba. Acho que seria muito importante para você aprender isto também antes de dizer-me qualquer coisa. Acha que é

uma boa idéia? Imagine apenas que escreva. Segure de forma que eu não possa ler. Suponha que você pense fortemente para ver se deseja que eu leia.

Sujeito: (O sujeito escreve o material visto na Fig. 1 e franze as sombrancelhas.) Acho que você pode ler.

Erickson: Eu posso ler. Mas você pode querer que eu leia?

Sujeito: Acho que você pode.

Erickson: Eu posso ler. Mas você gostaria que eu lesse?

Sujeito: Penso que sim.

Erickson: Pense um pouco até ter certeza, realmente. Porque acredito que você quer que eu leia e ao mesmo tempo, você deseja que eu não o fizesse. Está certo? Então, vamos fazer melhor: você pode, tanto não me deixar ler tudo, ou pode decidir que devo ler e que, de fato, você espera que eu leia.

Sujeito: Acho que seria melhor você ler.

Erickson: Você acha que seria melhor que eu lesse. Tudo bem. Agora, o motivo para estar dizendo isso é que, realmente, você espera que eu compreenda e ajude-a a compreender melhor.

Sujeito: Sim.

Erickson: Tudo bem. Devo pegar agora?

Sujeito: Sim.

Erickson: Ainda não olhei. Está preocupada?

Sujeito: Não.

Erickson: Há alguma coisa ruim sobre isso?

Sujeito: Não.

Erickson: Você tem algumas preocupações especiais sobre alguma parte?

Sujeito: Uma palavra proibida.

Erickson: Você gostaria de escrever esta palavra proibida?

Sujeito: (Sujeito escreve *sexo* abaixo do parágrafo, na Fig. 1.)

I wonder about so many things that no one wants to talk about things like dates, boys, sex, religion, why some things are right and then wrong, and why people don't want to talk about things they all want to talk about

Figura 1: A primeira escrita em transe do sujeito durante a sexta visita do Homem de Fevereiro, na qual ela escreve a palavra proibida: sexo. "Eu gostaria de saber sobre tantas coisas das quais ninguém quer falar a respeito. Coisas como: namoro, rapazes, sexo, religião. Por que algumas coisas são certas e outras erradas e por que as pessoas não querem falar a respeito de coisas que todas elas querem falar."

Erickson: Mas isto não é uma coisa proibida, é? É uma coisa terrivelmente importante, não é? É alguma coisa sobre a qual você vai aprender. Você não espera que seja assim? E eu espero que você aprenda do modo mais fácil. O que você imagina que quero dizer com o modo mais fácil?

Sujeito: Pelo qual as pessoas nos contam?

Erickson: Pelo modo mais fácil quero dizer pelo modo no qual menos erros são feitos. Porque é como um bebezinho aprendendo a andar. Quando ele aprende pela primeira vez, ele pega seu pé direito e move-o um passo à frente. E depois, então, de ele ter a experiência de mover seu pé direito, ele move-o novamente e dá um outro passo à frente. Ele não aprende a andar tudo

na primeira vez; mas pondo um pé e depois o outro e assim ele aprende a andar, dessa forma, e então cai. Mas o bebê tem de aprender a fazer isso, um pé, depois o outro. Eles cometem erros ao aprender a andar, e aprendem como com menos tombos possíveis e sem tentar se machucar muito. Agora, você vai aprender sobre todas essas coisas. Mas há algo que quero dizer-lhe nesse momento para se lembrar. Não posso dizer-lhe muito sobre essas coisas bem agora. Mas, virá um tempo em que você estará mais velha e eu poderei dar-lhe as respostas para todas essas perguntas; porém, isso significa que você terá que esperar por elas. Não posso lhe explicar agora porque você terá de esperar. Mas você terá que esperar. E mesmo tendo que esperar, há uma coisa que você pode fazer e que irá ajudá-la muito. Lembre-se de todas as perguntas que você tem agora, de forma que algum dia no futuro, quando eu a encontrar novamente e lhe responder essas perguntas, você se recordará de todas. Você se recordará de todas elas e me perguntará sem nenhuma exceção, nenhuma incerteza, preocupação ou constrangimento. Você me conhece há muito tempo agora e vai perceber isso em todo esse tempo. Eu lhe ajudei. Não está certo?

Sujeito: Sim.

Erickson: E um pouco de ajuda aqui, um pouco de ajuda ali conta não é?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você se importa se eu guardar esse papel no meu bolso agora?

Sujeito: Não.

Erickson: E guardá-lo até um dia, talvez daqui alguns anos e eu possa mostrá-lo a você?

Sujeito: Sim.

Erickson: Há alguma coisa lá?

Sujeito: Acho que sim.

Erickson: Como você pensa que me achará daqui há três ou quatro anos?

Sujeito: Seria bom.

Erickson: Acho que seria bom encontrá-la então. Por que você pensa que eu viria em outubro?

Sujeito: Escola? Talvez você queira saber o que penso dela.

Erickson: O que você pensa?

Sujeito: Está tudo bem.

Erickson: O que você acha que vai ser quando crescer?

Sujeito: Oh, alguma coisa terrivelmente complicada. Odeio ensino escolar. Todas aquelas mulheres tolas andando em volta. Gostaria de ser uma secretária; somente não quero ficar sentada numa máquina de escrever o dia inteiro.

Erickson: Mas você está começando a pensar sobre isso, não está?

Sujeito: Vou entender todas as matérias difíceis.

Erickson: Vai entender de nadar?

Sujeito: Nós não temos natação.

Erickson: Quando devo vê-la novamente?

Sujeito: Não vou marcar um encontro com você por dois anos. Quando você quer voltar?

Erickson: Quando você julgar que eu possa ser útil.

Sujeito: Serei uma secundarista daqui há dois anos. Talvez você devesse vir então.

Erickson: Tudo bem. Não é bom nos encontrarmos uma vez antes disso? Poderia ser muito tempo para esperar, não seria?

Sujeito: Sempre é.

Erickson: Sempre é.

Rossi: Nesse pedaço de interação em nível múltiplo, você ajuda o sujeito a expressar seus interesses adolescentes emergentes sobre namoros, rapazes, sexo e religião por meio

da escrita de transe. Chamarei de *escrita de transe* porque ela está escrevendo em transe e isto expressa seus interesses na sua condição regredida. Mas não parece ter o caráter tipicamente dissociado da *escrita automática*.

Erickson: Sim. Na escrita automática os sujeitos não sabem o que está escrito. Na escrita em transe eles sabem o que está escrito num nível cognitivo, mas ainda não são capazes de lidar com isso emocionalmente.

Rossi: A palavra *sexo* que foi escrita logo depois do parágrafo principal, contudo, tem mais da característica de dissociação da escrita automática. E você aceita essa escrita em transe com o mesmo respeito que você dispensa a escrita automática. Cuidadosamente, você lhe pede permissão para ler e respeita os desejos dela, nesse sentido. Não há "roubo" do inconsciente aqui; você sempre permite ao material emergir até um ponto e de uma maneira aceitável ao modo de ser do paciente. Nesse estado regredido de adolescência emergente, você permite ao sujeito, escrever a palavra *sexo*, a despeito de fazê-la falar sobre isso de um jeito audacioso e ostensivo. Ela ainda não se sente pronta para lidar com o tópico natação e você não tenta persuadi-la.

Erickson: Aqui, eu pergunto a Srta. S o quão certa ela está de que deseja que eu leia sua escrita em transe. "Eu posso ler. Mas você gostaria que eu lesse?" A escolha é dela.

Rossi: Por que você lhe dá todas as escolhas, daquele modo elaborado, no parágrafo que começa com: "Pense um pouco" e termina com: "...de fato, você espera que eu leia." É um conjunto de *sim*?

Erickson: Não um conjunto de *sim* — um conjunto de *melhor*: "Então vamos fazer melhor..." Simplesmente dar permissão para que eu leia é muito diferente de *esperar* que eu leia.

Rossi: Então você está movendo-a da relutância em dar-lhe permissão para ler, para a expectativa de que você leia. Você está fazendo uma coisa positiva na parte dela. Assim, finalmente ela diz: "Acho que seria melhor você ler."

Erickson: Uma coisa positiva na parte dela!

Rossi: Uma pessoa que faz algo com relutância, na verdade não está fazendo.

Erickson: Não estão fazendo... Na escrita em transe é permitido a ela expressar sua mente inconsciente e seus sentimentos adolescentes ao mesmo tempo.

Rossi: Sim, está certo.

Erickson: E minha excitação em ler, literalmente, compele a atenção dela ao aspecto emocional e assim altera a escrita. (Ver Fig. 1 onde a palavra *sexo* é escrita com um estilo diferente do resto.)

Rossi: Entendo. Você o torna mais emocionalmente localizado quando o trata com tanto respeito.

Erickson: Sexo é uma palavra ruim.

Rossi: Sim. Este era o problema dela.

Erickson: É um problema de aprendizagem. Eu reúno *sexo* e andar — uma analogia terapêutica.

Rossi: Você usa aprender a andar passo a passo como uma analogia para aprender sobre *sexo* passo a passo.

Erickson: Um-hum. Ela sabe sobre o andar, e o *sexo* pode ser aprendido como o andar — fazendo-se o menos possível de erros. Estou lançando a base para suas atitudes futuras de vida. (Erickson conta uma anedota de como Joãozinho pediu a uma garotinha para abaixar sua calcinha num lugar escondido do jardim e então exclamou: "É nisso que os católicos diferem dos protestantes.")

Rossi: É divertido. Você está trabalhando sobre muitos níveis, aqui.

Erickson: E você está trabalhando sobre os níveis que ocorrem naturalmente. E você cresce (Erickson conta agora, uma história picante, sobre uma de suas filhas, que sentindo que havia crescido muito para um namorado imaginário, regredidamente, dispôs dele...)... Então quando mudo minha identidade para Outubro, estou enfrentando uma situação diferente. Outubro é mais velho do que Fevereiro. Aumentou minha idade. Estou me tornando mais *confidente* dela.

Rossi: Sua atitude em relação à escrita em transe da Srta. S não é apenas uma abordagem ética; é também uma sugestão indireta para torná-la mais profundamente envolvida com a mesma, de uma forma emocional para facilitar o processo terapêutico.

Erickson: E eu aumento minha idade de Fevereiro para Outubro para enfatizar isso. Estou ficando mais velho o que implica que *ela* está ficando mais velha. Estou confirmando seu crescimento. Pergunto: "O que você acha que vai ser quando crescer?" Ela responde com: "Odeio o ensino escolar." Nossas atitudes em relação à escola mudam em cada estágio. Depois da escola elementar, alguns ficam com muito medo de seguir e então abandonam; no fim da escola secundária, alguns ficam com muito medo do colegial e então abandonam; no fim do colegial, alguns ficam com tanto medo da faculdade e então outro grupo abandona.

Rossi: Esses que abandonam são vítimas de limitações aprendidas.

Erickson: Quando pergunto "Como você pensa que vai me achar daqui há três ou quatro anos?", tenho um bom *rapport* com ela. Ela responde com "Será bom". Eu devolvo: "Acho que será bom encontrá-la, então." Estou enfraquecendo uma pequena paixão juvenil.

Rossi: Entendo. Não tenho idéia se você estava trabalhando a transferência, nesse ponto.

Erickson: "Por que você pensa que eu viria em outubro?" — para quebrar minha identidade do Homem de Fevereiro.

Rossi: Para diminuir a transferência?

Erickson: Um-hum.

Rossi: Estas coisas são feitas num modo concreto-literal.

Erickson: E assim, muito facilmente.

Rossi: (Em 1987) Embora eu concordasse com Erickson nessa época, agora não estou certo sobre as dinâmicas reais que ele acreditava estar usando para enfraquecer a transferência do sujeito, neste ponto. Posso especular, como a seguir.

A palavra *bom* tem muitos níveis de significado, dependendo do modo como é dita, para quem é dita e os diferentes níveis do contexto na qual é dita. Aparentemente, Erickson sentiu que a resposta do sujeito — "Será bom" foi dita tanto com uma conotação de paixão juvenil, como uma nota de ambigüidade na entonação da palavra e sua expressão facial e seus gestos corporais que sugeriram a possibilidade de uma transferência sexual. Podemos supor que havia mui-

tas partes competindo no desenvolvimento da personalidade dela, que estavam lutando para se expressar nessa situação ambígua: em parte, ela é uma garotinha grata pela segurança e apoio paternos de um Homem de Fevereiro e ao mesmo tempo ela é uma adolescente em desenvolvimento com impulsos sexuais que estão buscando uma expressão incerta. Muito provavelmente sua mente consciente não estaria ciente dessas diferentes partes dentro dela e expressa na forma em que ela usou a palavra *bom*. Erickson, contudo, sabia dessas ambigüidades e protegeu-a com a resposta: "Acho que seria *bom* encontrá-la, então." As conotações vocais e gestuais que acompanharam sua resposta então resolveram, reforçaram ou reenquadraram seu *bom ambíguo* num *bom não-sexual*, definitivamente. Para reforçar a conotação não-sexual ele enfraquece completamente a transferência ameaçando mudar sua identidade de Homem de Fevereiro para Homem de Outubro. A respeito disso, o sujeito dá uma outra resposta em dois níveis ao dizer: "Não vou marcar um encontro com você." *Encontro* naturalmente tem conotações românticas a qual seu nível mais consciente de resposta nega dizendo: "Não vou marcar um encontro com você."

Se estas especulações são plausíveis de algum modo, então, ilustram a tremenda sutileza e habilidade com as quais Erickson recebia comunicações em muitos níveis e as respondia correspondentemente.

1.44 Sétima visita do Homem de Fevereiro: escrita em transe e especulações sobre múltiplos níveis de significado na parapraxis; um sintoma fóbico de um estilo de vida; reforçando uma nova perspectiva

Erickson: (Administra a dica do aperto de mãos.)

Sujeito: Oil

Erickson: Como vai?

Sujeito: Bem. E você?

Erickson: Tudo bem.

Sujeito: Você disse que voltaria.

Erickson: Eu disse e voltei. Em que mês estamos?

Sujeito: Outubro.

Erickson: Novamente, o trem. Como você imagina que seja a velocidade desse trem?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Tenho um nome especial para ele. Espero que esteja bem carregado. O que anda acontecendo?

Sujeito: Oh — festas, aulas — tudo.

Erickson: Como vão as matérias mais difíceis?

Sujeito: Não nos deram nada difícil.

Erickson: Você gosta de estudar? Quando você olha para trás, para os seus dias difíceis de caloura, o que pensa agora?

Sujeito: Não estudo agora.

Erickson: Quais são suas notas?

Sujeito: Estou sempre na lista de honra.

Erickson: Vamos ver... Pelo jeito você se lembra da minha última visita.

Sujeito: Sim.

Erickson: (Tirando o papel do bolso.) Você sabe o que é isso?

Sujeito: Certamente. Eu sei o que é.

Erickson: Suponha que você escreva o que está no papel e segurando-o de forma que eu não possa ver. E vejamos se você mudou desde aqueles dias de caloura. (Erickson chama a atenção para a catalepsia no pé esquerdo da Srta. S.) Tudo pronto?

Sujeito: Tudo pronto (Sujeito escreve o parágrafo no alto da Fig. 2.)

Erickson: É isto que você se lembra da página que escreveu antes?

Sujeito: Não, mas eu me lembro.

Erickson: Está faltando alguma coisa?

Sujeito: Sim.

Erickson: O que?

Sujeito: Garotos, namoro e sexo.

I wonder about quite a few things yet. World affairs, the future, marriage & how to get the most out of life without too much pain & at the same time giving for a reason.

I wonder about so many things boys, dates, sex, religion, why some things are right & others wrong & why people don't want to talk about the things they want to talk about.

Figura 2: Escrita em transe realizada na sétima visita do Homem de Fevereiro. No primeiro parágrafo (no alto), pode-se ler: "Eu gostaria de saber sobre algumas coisas ainda. Acontecimentos do mundo, o futuro, casamento e como aproveitar a vida sem muito sofrimento e, ao mesmo tempo, vivendo (mergulhando, dando) por um objetivo." Note-se o erro na quarta palavra, ao final, onde o sujeito combinou as palavras: vivendo, mergulhando e dando.*

No segundo parágrafo, pode-se ler: "Eu gostaria de saber tantas coisas, rapazes, namoro, sexo, religião, por que algumas coisas são certas e outras erradas e por que as pessoas não querem falar a respeito de coisas que elas querem falar."

Erickson: (Apontando para o parágrafo no alto da Fig. 2.) É uma coisa fascinante, não é? Como você leria

* Em inglês: living, diving, giving. (N.T.)

isto agora, do jeito que está? Como alguém que não soubesse que há um erro deveria ler? Como você acha que as pessoas leriam?

Sujeito: "Vivendo, dando, mergulhando."*

Erickson: O que você acha desse erro? Pode ser lido como mergulhando.

Sujeito: Não consigo ver ninguém mergulhando por esta razão.

Erickson: Você imagina que, alguma vez, irá mergulhar por uma razão?

Sujeito: Provavelmente, só para provar para mim mesma que não tenho medo.

Erickson: De qualquer modo, você se lembra do que está escrito nesse papel (segurando a Fig. 1, mas de forma que ela não possa ler). Escreva, o máximo que você puder se lembrar, de tudo quanto está nesse papel. (O sujeito escreve o segundo parágrafo da Fig. 2.) Posso pegar?

Sujeito: Sim.

Erickson: Como se sente sobre este parágrafo agora? Está interessada nesses sentimentos, como você estava quando era uma caloura?

Sujeito: Eram infantis.

Erickson: Você se sente muito mais crescida. Acha que realmente eu poderia explicar muitas destas coisas, para satisfazê-la e beneficiá-la?

Sujeito: Provavelmente, sim.

Erickson: Algum dia mais tarde eu lhe explicarei.

Sujeito: Então eu saberei todas as respostas.

Erickson: Saberá?

Sujeito: Crelo que sim.

Rossi: A escrita em transe, da antepenúltima palavra do parágrafo do alto da Fig. 2, ilustra uma parapraxis inte-

* Em inglês: *living, giving, diving*. (N.T.)

ressante na qual as palavras *vivendo, dando e mergulhando* estão combinadas. Nesse ponto, poderíamos ler assim: *Mergulhando* (lidando satisfatoriamente com sua fobia de nadar/água está relacionado com *viver* uma vida plena, o que envolve um equilíbrio entre receber e *dar*. Você concorda?

Erickson: Mergulhar na vida é uma indireta.

Rossi: Então a fobia por água tem alguma coisa com a forma dela participar da vida?

Erickson: Um-hum.

Rossi: A fobia por água é uma espécie de metáfora para seu afastamento da vida. Sendo assim, ao lidar com um sintoma, pode se obter ramificações para toda a forma de ser uma pessoa.

Erickson: Dá-se um salto: mergulha-se no negócio da vida, mergulha-se no casamento. Acho que isto poderia ser entendido como uma pergunta. Pode-se apenas especular: mergulhar pode ser igual a saltar e isto equivale à linguagem popular de lançar-se ao trabalho e lançar-se ao casamento. Mas é apenas uma especulação.

Ela está dando, também, uma nova perspectiva ao dizer: "Eram infantis."

Rossi: E você reforça, dizendo: "Você se sente muito mais crescida."

1.45 Analogias terapêuticas e reenquadramento; exercícios com níveis múltiplos de significado de palavras; palavras como símbolos, metáforas e "tijolos na Torre de Babel terapêutica"

Erickson: Quantas vezes você pode por seu pé na água?

Sujeito: Não muitas.

Erickson: Você não poderia dar um passo à frente sem mover seu pé primeiro, poderia? Mas não devemos esquecer a palavra *mergulhando*.

Sujeito: O que eu estava fazendo, mergulhando?

Erickson: Que tal nadar?

Sujeito: Que tal?

Erickson: Como você se sente sobre nadar?

Sujeito: Tudo bem.

Erickson: Você gosta?

Sujeito: Não posso nadar. Não sou tão corajosa.

Erickson: Acha que um dia será?

Sujeito: Talvez algum dia.

Rossi: Parece que as analogias terapêuticas e o reenquadramento são as duas estratégias básicas que você utiliza nesse caso.

Erickson: Sim.

Rossi: Em 1945, você julgava que essas duas estratégias eram as técnicas terapêuticas definitivas ou apenas fazia o que estava fazendo sem rotular?

Erickson: Eu rotulava. A primeira sentença desta seção diz: "Entrando nas águas do matrimônio."

Rossi: Como você fez isso?

Erickson: "Quantas vezes você pode por seu pé na água?" Água, aqui, é uma palavra simbólica. Você desce da montanha da vida para o oceano do matrimônio.

Rossi: Mas como você pega o matrimônio, aqui? Ela não tinha falado sobre casar.

Erickson: Não, mas ela está falando sobre mergulho. Quando você examina as palavras — por exemplo, a palavra *curso** tem uma centena de significados — acho que uns 140 ou mais.

Rossi: Então quando uma pessoa ouve a palavra *run* ela pode ir em qualquer uma das 140 direções associativas.

Erickson: Certo!

Rossi: E você utiliza isso para atingir todas as espécies de áreas associativas — áreas problemáticas.

Erickson: Veja, o primeiro livro que realmente li foi o dicionário não resumido. Isto fez-me tremendamente consciente do sentido das palavras.

* Em inglês: *run*. (N.T.)

Rossi: Dos múltiplos significados das palavras.

Erickson: Uma vez, com um psicólogo russo, ultrapassamos mais de 100 palavras que significam *intoxicado*.

Rossi: Você fez isso como um exercício para si mesmo, o qual, provavelmente, aumentou sua própria flexibilidade no uso das palavras e no fazer contato com diferentes áreas associativas em seus pacientes. Você recomenda esse exercício para todos os terapeutas que desejam aumentar sua facilidade verbal?

Erickson: (Erickson descreve "A word book preparation" que é o tema de duas teses de doutorado das quais ele é consultor.)

Rossi: Então a tese de doutorado dela é sobre os múltiplos significados das palavras?

Erickson: (Erickson discute como seu filho Robert, um professor primário e um "dicionário ambulante", está ajudando na tese de doutorado, ao ilustrar como ele ensina às crianças sobre os múltiplos significados das palavras.) Acredito que aqui ela está ligando múltiplos significados no "molhar os pés".

Rossi: Qual o indício disto?

Erickson: Quando ela diz: "Tudo bem", "Eu não posso nadar" e "O que eu estaria fazendo, mergulhando?"

Rossi: Você quer dizer que *mergulhando* tem mais de um significado?

Erickson: Na resposta dela.

Rossi: O que você quer dizer com "na resposta dela"?

Erickson: Quando ela diz: "O que eu estaria fazendo, mergulhando?"

Rossi: Como você explica isso?

Erickson: Simplesmente, o que se faz quando se mergulha é se lançar, saltar para a água. Mas ela pergunta o que estaria fazendo ao mergulhar. Ela deve ter um outro significado em mente.

Rossi: Ok, mas isto é uma *inferência sua*, a partir do modo de como ela formula a pergunta.

(Em 1987): Minha descrente resposta final à explicação de Erickson nessa seção reflete minha inabilidade em

compreender totalmente — muito menos do que aceitar — o que ele estava propondo. Suas inferências sobre a utilização dos significados simbólicos e metafóricos das palavras soam-me como sendo alargamentos fantásticos da sua imaginação. Na seção anterior, ele sensivelmente rotulava minha interpretação da parapraxis *vivendo-dando-mergulhando*, como especulativa. E nesta seção ele parecia, para mim, estar ultrapassando os limites com suas inferências sobre os múltiplos significados da pergunta do sujeito: "O que eu estaria fazendo mergulhando?" Para mim a pergunta do sujeito era meramente uma reflexão honesta sobre a sua antiga fobia por nadar/água; se ela tinha mesmo medo de cair na água, de fato, o que poderia estar fazendo, *mergulhando*!

Tal é a Torre de Babel onde nos encontramos. Os múltiplos significados das palavras levam cada um a deduzir diferentes níveis de confiança sobre as inferências, implicações, estruturas de referência e sistemas de crença que ele ou ela cria, por causa da sua experiência própria de vida no uso dessas palavras.

Assim, a inferência razoável de alguém pode ser absurda para outro. Este é o problema básico nos esforços para se criar sistemas de crenças consensuais, tanto quanto, como para se criar abordagens psicoterapêuticas consensuais.

1.46 *Reenquadramento, implicação e analogias terapêuticas unindo-se e enfraquecendo o trauma psicológico com amor; resolução indireta do trauma psicológico; enfraquecendo os medos por meio de associações com habilidades fortes; não-saber e aprendizagem inconsciente*

Erickson: Diga-me como você gostaria de aprender a nadar?

Sujeito: Bem, acho que o melhor jeito seria ter um instrutor. Mas Linda aprendeu, simplesmente, sendo empurrada como uma jangada. É um bom jeito.

Erickson: Lembro-me de que todo ano um garoto que conheci, chamado Jason, costumava descer para a represa e sentar-se no ancoradouro. Ele podia ficar ali o dia todo, dizendo: "Tão certo como Deus fez as maçazinhas verdes, vou

aprender a nadar neste verão. Tão certo como Deus fez as maçazinhas verdes! Sim, vou aprender a nadar neste verão!" Ele ainda não aprendeu a nadar. O que você acha que se poderia fazer por ele?

Sujeito: Imagino que você poderia empurrá-lo. Mas isso o assustaria. Alguém deveria tê-lo ajudado.

Erickson: Como deveriam tê-lo ajudado?

Sujeito: Poderiam ter-lhe dito que a água era agradável e que ele não deveria ter medo dela e que era muito divertido nadar.

Erickson: Dizer-lhe apenas para não ter medo, não o ajudaria, ajudaria?

Sujeito: Não.

Erickson: Vou contar-lhe uma outra história sobre uma mulher. Essa mulher tinha muito, muito medo de água e ela queria muito, muito aprender a nadar. E ela ficava tão assustada, toda vez que chegava perto d'água que não podia ir além de onde a água alcançasse seus tornozelos. Então, um dia sua irmã caiu na água. A irmã sabia nadar, mas teve uma câimbra, e a outra muita assustada, da praia, viu-a se afogando. E ela ficou tão preocupada com a irmã, que se esqueceu do medo que tinha d'água e se lançou, nadando como um cachorro, metida até a cintura na água e pegou sua irmã e a trouxe de volta. E assim, depois disso, ela aprendeu a nadar. O que acontecera com ela?

Sujeito: Acho que ela se esqueceu do medo. Ela tinha algo importante para fazer.

Erickson: Ela tinha dois medos. Um era um susto muito, muito ruim e o outro era um medo desadaptado. Mas o susto muito ruim tirou o medo da sua mente, não foi? É uma forma muito desagradável de se aprender a nadar, não é? Mas, ao mesmo tempo, uma forma muito boa. Terrivelmente desagradável, mas terrivelmente boa. Você não teria bastante respeito por esta mulher — muita admiração? Mais uma coisa que eu

gostaria que você entendesse: esse medo desadaptado dela, que a impedia de caminhar na água, era realmente uma forma de medir sua força. Não está certo?

Sujeito: Sim.

Erickson: E mostrou a ela que, independentemente do quão terrível fosse seu medo, maior seria sua força para enfrentá-lo e superá-lo na situação certa. E, naturalmente, esse medo desadaptado poderia ser utilizado de uma outra maneira, de uma maneira útil. Lembrando-se de quanto medo ela tinha e percebendo que, realmente, havia entrado na água com sucesso (quando não sabia nadar) fê-la compreender que ela poderia pegar o medo e transformá-lo em confiança. E foi o que ela fez. Eu gostaria de saber o que você vai fazer com o seu medo de água. Uma pessoa pode, sob forte estimulação e emergência, fazer coisas inesperadas. Algumas vezes, alguém pode fazer estas coisas em situações inesperadas quando cabem apenas sentimentos agradáveis. Uma pessoa pode fazer alguma coisa por amor, por um sentimento de apreciação de si mesmo. Simplesmente como os bebês aprendem a andar na primeira vez — porque de repente eles descobrem: “Bem, para que se preocupar? Tenho que tropeçar e cair muitas vezes.” E eles vão em frente e andam. Você não sabe agora como vai aprender a nadar. Mas, um dia, ser capaz de nadar não seria uma sensação encantadora?

Sujeito: Sim.

Erickson: Agora, gostaria de saber se o que eu disse lhe ajudou de algum modo.

Sujeito: Acho que sim.

Erickson: Teremos que esperar para ver; porque vou estar por perto novamente. Quando devo vê-la outra vez — você sabe? Estarei por perto de novo. Você tem mais alguma coisa para dizer antes que eu parta? Aqui é o Homem de Fevereiro terminando por enquanto.

Erickson: (Erickson aponta para a palavra *instrutor* na primeira frase do sujeito, nessa seção.)

Rossi: Ela quer um instrutor para aprender a nadar. Como você vê isso agora? Que implicações tem para você?

Erickson: Bem, ela quer ter outra pessoa em seu nadar.

Rossi: Então a palavra tem uma conotação sexual, você diz? E ainda: alguém que pudesse ensiná-la?

Erickson: (Acena positivamente e examina sua transcrição, muito cuidadosamente, com total concentração.) A palavra *amor* aqui...

Rossi: Você falou a palavra, qual...?

Erickson: Amor. E enfraqueci meu medo em relação a Helen (referindo-se ao quase-afogamento da irmã Helen).

Rossi: Como fez isso?

Erickson: Presto muita atenção à situação após eu ter dito: “Eu gostaria de saber o que você fará com seu medo de água.”

Rossi: É como uma analogia terapêutica?

Erickson: Uh-hum.

Rossi: E você introduziu a associação por amor, no caso de ela querer trazer novamente.

Erickson: “Agora, gostaria de saber se o que eu disse lhe ajudou de algum modo” — *Estou unindo Helen e amor*. Agora isso é uma coisa passada — você tem de olhar para a frente.

Rossi: Certo, há conexões internas na mente dela que irão erigir uma resposta de força.

(Em 1987): Erickson está enfatizando como é fácil observar sua estratégia nesta seção, na qual ele reinterpreta o trauma psicológico do sujeito, do quase-afogamento da sua irmã mais nova, e então une-o a uma resolução mais adaptativa do incidente. Ele estabelece isso de maneira indireta, associando uma situação traumática similar com as qualidades da confiança (“Ela poderia pegar o medo e transformá-lo em segurança.”) e do amor (“Uma pessoa poderia fazer alguma coisa por amor”).

Erickson: Quando ela diz: “Acho que sim”, eu digo: “Teremos de esperar para ver...”

Rossi: Isso implica que aquelas associações de confiança e amor continuarão a se desenvolver?

Erickson: Sim. "Porque vou estar por perto novamente."

Rossi: Resumindo esta seção: Você dá ao sujeito uma série de analogias terapêuticas, retratando algumas das possíveis formas de se aprender a nadar. Você inicia um reenquadramento interessante, quando aponta: "Este medo desadaptado que a impedia de andar na água era, realmente, uma forma de medir sua força."

Erickson: E reinterpretando o trágico incidente com Helen.

Rossi: Mais tarde, você usa o *não-saber* combinado com uma sugestão positiva, quando diz: "Você não sabe como vai aprender a nadar. Mas, algum dia, ser capaz de nadar não seria uma sensação encantadora?" Você está dando prioridade à aprendizagem inconsciente, da qual a mente consciente também pode desfrutar. Certo?

Erickson: Sim e penso que você poderia mencionar isso em relação ao amor.

Rossi: Certo, e você introduz essa referência ao amor para apanhar outras associações com *mergulhando, sexualidade e amor*.

Erickson: Sim.

Rossi: Fantástico. Você está sondando — é o seu jeito de explorar e facilitar indiretamente as resoluções terapêuticas dos traumas psicológicos.

Erickson: Sim e agora o medo dela de "andar na água era realmente uma forma de medir sua força". Ela sabia que poderia andar e a força da habilidade está associada com seu medo de água.

Rossi: Assim, você enfraquece o seu medo de água, diluindo-o com a sua força e habilidade de andar.

1.47 Reorientação sutil para despertar aparente com amnésia para o trabalho em transe; insight psicótico e os múltiplos significados das palavras; associações sexuais e gíria

Sujeito: (Aparentemente desperta) Por que alguém não diz alguma coisa? Onde estive? Silêncio mortal!

Erickson: Mortal, não.

Sujeito: Bem, silêncio, de qualquer modo. Definitivamente estou vencendo a primeira — vencendo facilmente.

Erickson: Você não quer um cigarro?

Sujeito: Obrigada. Tudo bem. E vocês companheiros, o que andei fazendo? O que andei fazendo em todo esse tempo? Todos parecem tão satisfeitos e felizes — cada um de vocês!

Fink: Você não parece, particularmente, infeliz.

Sujeito: Não estou particularmente infeliz. Por que o sorriso?

Erickson: Você acha que poderia ser hipnotizada?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Acha que gostaria?

Sujeito: Não agora.

Rossi: Ela é subitamente reorientada para um estado aparentemente desperto com sua última advertência (na seção anterior): "Aqui é o Homem de Fevereiro, terminando por enquanto." Você não lhe disse para despertar, assim ela poderia estar, ainda, num estado sonâmbulo; porém ela inclui cada um dos presentes na sala, ao dizer: "Por que alguém não diz alguma coisa? ... Silêncio mortal!"

Erickson: Eu respondo: "Mortal, não."

Rossi: É obvio que ela tem uma amnésia do trabalho em transe, pois ela diz: "Tudo bem. E vocês, companheiros, o que andei fazendo?"

Erickson: Como você reage a isso?

Rossi: Bem, ela tem uma amnésia do trabalho em transe. O que mais poderia ser feito?

Erickson: Ela esteve em algum lugar "não mortal". Realmente, ela está gozando a vida.

Rossi: Novamente, uma implicação sexual por meio de uma comunicação em dois níveis?

Erickson: Ela diz: "Vencendo facilmente a primeira."

Rossi: Definitivamente uma associação sexual? Sem que ela perceba?

Erickson: Uh-hum. "Vencendo facilmente a primeira"... Onde se falava assim, naquela época (em 1945). Ia-se ao barbeiro e se dizia: "Vencendo facilmente a primeira."

Rossi: Isso implica uma preparação para um namoro?

Erickson: Quando se namora, se vence facilmente a primeira. Era a gíria daquela época.

Rossi: Refazendo sua maquilagem, uma mulher poderia dizer que está "vencendo a primeira". Na seção anterior, você apresentou a palavra *amor* e, nesta, ela está respondendo a algumas das implicações daquela palavra — talvez, inconscientemente. Você diria isso?

Erickson: Sim.

Rossi: Então, aqui, estamos obtendo novamente múltiplos níveis de comunicação.

Erickson: E ela está oferecendo isso também. "Vencendo a primeira" era usado pelas mulheres quando refaziam sua maquilagem. O termo *retocar* veio depois.

Rossi: Então, na verdade, temos que estar a par com a gíria do nosso tempo, não?

Erickson: E a minha pergunta foi: "Você não quer um cigarro?"

Rossi: O que você estava fazendo?

Erickson: Um completo favor fálico-oral.

Rossi: Você tinha essas associações em mente quando disse isso?

Erickson: Sim.

Rossi: Não foi uma conversa casual?

Erickson: (Balança a cabeça negativamente.)

Rossi: Nada é conversa casual.

Erickson: Cigarros são tão úteis e eu fumava. Em 1938, usei cigarros para pesquisa.

Rossi: Gostaria de lhe fazer uma pergunta sobre uma das minhas pacientes que teve um episódio psicótico brando por cerca de uma semana. Ela pensava ser a maior pecadora do mundo. Durante esse tempo, esteve um pouco paranóica

e disse-me que eu estava fazendo uma porção de coisas para ela; que havia muitas implicações no que eu falava; que eu não estava sendo inteiramente franco com ela, e que eu estava sendo dissimulado, sugerindo coisas. Num nível consciente eu não estava fazendo nenhuma implicação. Você acha que durante esse período de sensibilidade psicótica, ela captou mais níveis múltiplos de significado do que eu percebia estar usando? É a isso que chamamos "insight psicótico"?

Erickson: Sim.

Rossi: Então os pacientes psicóticos não são totalmente loucos — são hipersensíveis aos múltiplos níveis de significado das palavras. Devíamos respeitar isso e aprender.

Erickson: Sim. Para citar um exemplo real: Um paciente muito perturbado disse: "Fui muito dissimulado — dei um cigarro para minha irmã." Sua história era que ele havia tido relações sexuais com sua irmã.

Rossi: Na ideação psicótica dele, ele transformou o intercurso em: "Fui muito dissimulado — dei um cigarro para minha irmã." Certamente, isso comprova a teoria freudiana sobre objetos fálicos e suas associações sexuais.

Erickson: Sim, mas era uma "teoria poética" muito antes de Freud. Você junta bastante dessas observações (sem sentido) fragmentadas dos pacientes psicóticos e analisa-as por meio do folclore, da linguagem popular e, com frequência, obtém um belo quadro do que realmente significam.

Então o sujeito diz: "Tudo bem. E vocês companheiros, o que andei fazendo?"

Rossi: Uma conotação sexual? E ela acrescenta: "Todos parecem tão satisfeitos e felizes — cada um de vocês!"

Erickson: Quando ela diz: "Não agora" ela quer dizer *sim*.

Rossi: Isso implica que haverá um *sim*, mais tarde. Todas as respostas dela, nesta parte, sugerem, fortemente, que ela tem uma amnésia completa da sua experiência em transe, nessa sessão.

1.48 Gíria sexual e o obsceno: uma teoria dinâmica da função e evolução psicossocial desses aspectos

Erickson: Srta. Dey parece quase adormecida.

Srta. Dey: Trabalhei muito hoje.

Sujeito: (Pegando uma almofada) Há alguma coisa aqui embaixo que tenho que ver. Você sabe que há. Você me disse para não deixá-lo esquecer.

Erickson: O que você imagina que seja?

Sujeito: Não sei. Escrevi algo. Devo dizer que minha letra está horrível. (Vira o papel.) Uau! Você vê o que quero dizer com minha letra está horrível. Parece 75 formas diferentes de janeiro.

Erickson: Isto não significa alguma coisa, significa?

Sujeito: Escrevi de uma forma muito borrada.

Erickson: Seria divertido descobrir como você escreveu. Só um pouco. Então, você gostaria de descobrir? Talvez você queira pegar a almofada e o lápis e ver se consegue descobrir como fez aquelas letras.

Sujeito: Parece o material que faço quando estou pronta para ir dormir pela manhã. Devo ter escrito com a minha mão esquerda.

Erickson: Qual palavra?

Sujeito: Não sei. Estão todas confusas.

Erickson: Você pode escrever com a mão esquerda?

Sujeito: Tentei algumas vezes, mas tudo ficava confuso. Esta aqui deve ter sido escrita com minha mão esquerda.

Erickson: É tudo que você pode me dizer?

Sujeito: Estou certa de que fiz as curvas nos erres. É tudo que sei dizer.

Erickson: Ela diz: "Devo ter escrito com a minha mão esquerda." E eu pergunto: "Qual palavra?"

Rossi: O que você quer dizer com essa pergunta?

Erickson: Há a mão esquerda no estado desperto e a mão esquerda no estado de transe.

Rossi: Ela escreveria coisas diferentes nesses estados.

Erickson: (Erickson aponta uma outra utilização da gíria sexual na palavra *curvas* quando o sujeito diz: "Estou certa de que fiz as curvas nos erres.") Sei que se costumava falar assim nos anos 40.

Rossi: Você quer dizer que as pessoas realmente, punham mais curvas nos seus erres por causa da conotação sexual?

Erickson: Uh-hum.

Rossi: É muito difícil de se acreditar!

Erickson: A gíria muda muito.

Rossi: A palavra *curva* está fora de moda hoje em dia — é considerada até como grosseria.

Erickson: Oh, sim! (Erickson agora menciona algumas outras gírias antigas para intercuro sexual.)

Rossi: Tão logo uma gíria para sexo se torna muito popular, tão logo torna-se grosseira. Então as pessoas têm de inventar uma nova gíria que tenha menos associações com sexo para que, assim, seja mais excitante.

Rossi (Em 1987): Isto sugere a base de uma nova e interessante teoria sobre a função da gíria. *Os termos de gíria* são invenções lingüísticas todas novas que dão expressão vívida para os impulsos, de uma forma que os liberta do peso inibidor das associações passadas desagradáveis. *Termos obscenos*, por outro lado, são um ataque agressivo à estrutura associativa do ouvinte: termos obscenos quebram e perturbam as atitudes e visão de mundo do ouvinte, pois é aquele que fala, quem está impondo as suas. Realmente, a gíria começa como um esforço criativo, delicado para expressar impulsos novos ou suprimidos socialmente. Uma vez que a gíria torna-se popularizada, contudo, fica repleta de associações negativas com as quais a sociedade ataca o referido impulso e assim torna-se um termo grosseiro ou obsceno. Enquanto obscenidade o termo é, então, socialmente utilizado por um período de tempo, com uma função totalmente diferente: serve de arma para atacar e destruir as defesas psicológicas do ouvinte na medida em que a obscenidade vai se tornando velha e muito popular, a maioria das pessoas constroem defesas adequadas contra ela. A obscenidade então perde seu potencial disruptivo e tende a tornar-se menos usada e eventualmente pode morrer lingüisticamente, por tornar-se arcaica.

Isso poderia ser considerado como uma nova teoria dinâmica *psicossocial* da evolução e da função da gíria e da obscenidade. É *psicológica* porque lida com a estrutura associativa intrapessoal do indivíduo; é *social* na medida em que se refere às dinâmicas por meio das quais impulsos transformados emocionalmente são transmitidos de uma pessoa ou grupo para outro. A evolução da gíria e do obsceno, como apresentada aqui, poderia ter implicações para uma teoria mais geral da evolução das novas formas lingüísticas, sua função, transformações e morte eventual. A linguagem não é um instrumento estático de comunicação, como alguns acreditam. Mais do que isso, *a invenção lingüística é uma manifestação da evolução da consciência e de sua luta para constantemente libertar-se das limitações e coações dos hábitos antigos.*

1.49 *Associações sexuais completas indicativas de comportamento futuro; indução hipnótica encoberta através da fixação do objeto e gíria associada*

Erickson: Gostaria de lhe sugerir que apontasse o que foi escrito com sua mão esquerda e que você sabe que foi escrito com ela.

Sujeito: Acho que esta, mas eu não juraria. É esta?

Erickson: Gostaria que você apontasse e me dissesse, e que estivesse absolutamente correto. E tão logo você tivesse feito isso, você, de repente, perceberia — sem ter como provar — alguma coisa mais.

Sujeito: (Segurando um cigarro na mão esquerda.) Isso parece um X?

Erickson: O X assinala o desconhecido.

Sujeito: Entendi.

Erickson: Entendeu o quê?

Sujeito: O desconhecido.

Erickson: Você gosta deste lápis?

Sujeito: (Depois de trocar os lápis.) É claramente um lápis muito bom. Vou assinalar com ele.

Erickson: (Segurando um cigarro na mão esquerda.) "Isso parece um X?"

Rossi: Tanto o cigarro como o X têm associações sexuais?

Erickson: X para beijo.

Rossi: Então todas essas associações sexuais não foram faladas conscientemente durante a terapia. Você fez algum acompanhamento posterior disso?

Erickson: Sei que ela teve um romance depois disso.

"X assinala o desconhecido."

"Entendi."

"Entendeu o quê?"

"O desconhecido."

Agora pergunto: "Você gosta deste lápis?" e depois de trocar os lápis, ela responde: "É claramente um lápis muito bom."

Rossi: Então você pergunta sobre gostar do lápis para focalizar a conotação sexual?

Erickson: Usei isso para indução... Um uso encoberto...

Rossi (Em 1987): Nesta e em outras conversas com Rossi, Erickson descreveu como ele usaria gíria associada com certas fixações de posição de um cigarro ou lápis para induzir hipnose e ao mesmo tempo evocar caminhos associativos particulares dentro do sujeito.

1.50 *Escrevendo para frente e para trás: métodos de pesquisa de associação de palavras para o hemisfério direito e para o hemisfério esquerdo; evocando conjuntos de aprendizagem como a essência da abordagem indireta de Erickson*

Erickson: Por que você não pega o outro?

Sujeito: Eu pareceria idiota com dois lápis. Poderiam chamar os homens de jalecos brancos. (Segura ambos os lápis.) Acho que escrevi com ambos ao mesmo tempo.

Erickson: Como você sabe?

- Sujeito:* Eu não sei. É impossível. Não dá para fazer isso.
- Fink:* É espantoso.
- Sujeito:* Eu ia dizer isso. Estou estupefata.
- Erickson:* Quais são as duas que você escreveu ao mesmo tempo?
- Sujeito:* Você está tentando me confundir. (Aponta duas palavras.)
- Erickson:* Você está certa e errada.
- Sujeito:* Você faz malditas afirmações.
- Erickson:* Você está certa. Se eu estivesse tentando descobrir algo como isso, com um lápis em cada mão, o que você acha que eu faria?
- Sujeito:* Você tentaria escrever? Você está brincando? Você já me viu tentar escrever com ambas as mãos ao mesmo tempo?
- Fink:* Sim — mas, sim.
- Erickson:* Agora, suponha, apenas para se divertir, que você ponha sua mão aqui, e esta mão aqui. Agora, copie como você escreveu.
- Sujeito:* Naturalmente você está gozando. Você não iria querer que eu fizesse isso uma segunda vez.
- Erickson:* Sim, eu iria. Acho que você gostará de observar-se. Vá em frente. A outra mão também.
- Sujeito:* Você está brincando? A outra nem mesmo se mexe. Isso não se parece com nada que eu tenha visto antes. Estou me esquecendo de como se soletra.
- Erickson:* Você certamente faz uma confusão com isso.
- Sujeito:* Tenho que explicar isso na medida em que prosigo. Não parece que foi assim, mas foi.
- Erickson:* Agora pare e tente ver o que você fez antes de terminar.
- Sujeito:* Então eu escrevi de trás para frente.
- Erickson:* Sim, esta é uma. Esta é uma que você escreveu de trás para frente, e esta você escreveu para frente — ambas ao mesmo tempo. O que você acha?

- Sujeito:* Isto é de outro mundo!
- Erickson:* Veja essa palavra na base do papel. Quando giro o papel, ela fica no topo, não fica? Você vê, você pode lê-la agora, não pode? Mas desse jeito o Y está com a base para cima; o N está com a base para cima. Veja, você só fez escrever com a base para cima — de trás para frente.
- Sujeito:* Estou realizada.
- Erickson:* Sim, certamente você está. Você pode escrever com as bases para cima e de trás para a frente e por alguma razão você sabe que esta letra é sua também.
- Sujeito:* Oh, sim! Ninguém mais poderia fazer tal confusão.
- Erickson:* E esta confusão, vista atentamente, é janeiro.
- Sujeito:* Oh, céus!
- Erickson:* Um pouco de luz e fica perfeitamente legível, não?
- Sujeito:* Estou perplexa.

Erickson: Ela realmente escreveu com os dois lápis ao mesmo tempo

Rossi: A razão pela qual você está fazendo isso, de escrever de trás para a frente e de cabeça para baixo, é para dar a ela algo que ela nunca fez antes — para despertar um novo conjunto de aprendizagem, certo? Ela realmente escreveu de trás para frente e para frente ao mesmo tempo? Ela fez isso?

Erickson: Tente você mesmo.

Rossi: Impossível. Não posso fazê-lo. (Rossi faz um esforço para escrever letra simples — um A, X e R — para frente e de trás para frente.) Fascinante. Mas, nós, de fato, não temos uma gravação de como ela fez isso, temos?

Erickson: Não.

Rossi: É uma pena. (Rossi continua tentando escrever outras letras para frente e de trás para frente ao mesmo tempo e ri zombeteiro dos seus próprios esforços desajeitados.)

Erickson: Você me parece terrivelmente ingênuo. (Erickson aqui estaria se referindo ao fato de que agora ele deliberadamente está evocando um novo conjunto de aprendizagem em Rossi sem que o mesmo tenha consciência disso?)

Rossi: Pareço-lhe terrivelmente ingênuo? Outras pessoas já me disseram isso. Consigo *pintar* de trás para frente com maior facilidade do que *escrever*.

Erickson: Como você aprendeu a escrever? Pintando primeiro?

Rossi: Acho que sim. Então o real propósito desta escrita de trás para frente é dar ao sujeito um novo conjunto de aprendizagem. Você está tentando ativar caminhos na mente da Srta. S que ainda não foram usados, com o objetivo de ajudá-la a aprender algo novo.

Erickson: Caminhos que estão lá.

Rossi: Você está utilizando padrões que já existem para novas aprendizagens. Está evocando novos conjuntos de aprendizagem apresentando-lhe tarefas que requerem que ela iniba sua forma costumeira de escrever e explore novas e incomuns maneiras de fazê-lo. Isto também é uma metáfora para que ela abandone velhas formas de lidar com problemas pessoais e explore as novas, as não usuais. Correto?

Erickson: Uh-hum.

Rossi: Assim, pode ser uma parte de qualquer sessão terapêutica, na qual o terapeuta deseja facilitar uma mudança interna. O mesmo se estabelece quando você usa adivinhas para evocar pensamentos e esforços que nunca foram usados anteriormente. Isso ajuda os pacientes a pensarem sobre seu problema de um jeito novo. Você concorda?

Erickson: (Acena que sim.) Você conclui o Teste Kent-Rosanoff de associação de palavras? (Erickson descreve como se poderia conseguir que pacientes escrevessem associações verbais com ambas as mãos, ao mesmo tempo, e então obter associações verbais distintas para cada uma, de forma parecida com aquela extraída da pesquisa de Sperry (1968) sobre associações nos hemisférios esquerdo e direito. Erickson conta como muitos psicólogos foram rígidos no seu método estandarizado de utilizar o Teste Kent-Rosanoff e o quanto ficaram chocados quando Erickson introduziu sua "escrita

com duas mãos" com associações verbais distintas.) Tive uma série de problemas em Worcester (onde ele começou como médico-assistente e terminou como Chefe da Psiquiatria, entre 1930 e 1934) porque nunca fiz as coisas da forma como os outros faziam: a forma certa ou comum.

Rossi: É uma pena que muitos psicólogos ficassem chocados. A pesquisa sobre sua abordagem de associação direito-esquerda, de palavras, poderia ter antecipado, em uma geração, alguns aspectos da pesquisa de Sperry sobre hemisférios cerebrais.

Erickson: Sim. Nesta seção, ensino ao sujeito as coisas que ela pode fazer, sem, contudo, saber que podia. E é realmente uma surpresa para ela, que diz: "Isto é de outro mundo!" e "Estou perplexa." E isso vai ajudá-la a assimilar mais e mais do trabalho de transe.

Rossi: Ela fez todo trabalho de transe anterior enfraquecendo seu medo de água e facilitando o trabalho psicológico (do qual ela tem amnésia). Mas antes da sessão terminar, você quer assegurar-se de que ela possui um set mental para assimilar toda essa nova aprendizagem de transe.

Erickson: Sim, a aprendizagem total.

Rossi: Você não lhe dá uma série de sugestões pós-hipnóticas diretas, meramente dizendo-lhe para assimilar, aprender e crescer; de fato, você evoca um novo conjunto de aprendizagem, facilitando o desempenho de suas habilidades desconhecidas. Dessa forma, você lhe prova que ela pode aprender e fazer coisas das quais ela não sabia, antes, ser capaz.

Podemos dizer que esta é uma das suas inovações em hipnoterapia: evocar certos conjuntos mentais ou processos de aprendizagem e de reexperiência, sem contar ao paciente o que se está fazendo. Na verdade, *evocar estes conjuntos mentais para fazer o trabalho interno apropriado, no tempo certo*, é a essência da sua abordagem indireta. Você, realmente, está usando o princípio da *generalização da aprendizagem*: a maioria das pessoas teme situações novas, mas você ajuda os pacientes a generalizarem seu sucesso nas aprendizagens passadas para as situações novas.

Erickson: (Erickson dá um exemplo sobre uma situação de aprendizagem de sua infância na fazenda: os fazen-

deiros treinavam um cavalo novo, prendendo ao seu lado direito e ao seu lado esquerdo, cavalos já bem treinados; assim, na medida em que esses últimos acertavam o passo, os cavalos novos ficavam, automaticamente, treinados.)

Rossi: Ok, basta de cavalos! Podemos prosseguir com humanos? Mas foi onde você realmente aprendeu suas estratégias terapêuticas — na fazenda, no passado. Nem pensar, você em laboratório!

1.51 *Ottava visita do Homem de Fevereiro; distração para enfraquecer a resistência e facilitar a reindução do transe; uma regressão de dois anos espontânea; treinamento de transe sonâmbulo*

Erickson: Você acha que pode ser hipnotizada?

Sujeito: Não, provavelmente, não agora. Estou muito desperta.

Erickson: Você quer continuar isso (apontando a escrita do transe)?

Sujeito: Não, particularmente, não. Simplesmente, eu não faria tão rápido. É surpreendente.

Erickson: Qual é sua técnica para tomar o pulso? (Erickson se inclina para a mão dela, como que para tomar-lhe o pulso.)

Sujeito: Você o pega. É só isso.

Erickson: (Trocando um aperto de mãos com a paciente) Alô!

Sujeito: Oi!

Erickson: Qual é a data agora?

Sujeito: Fevereiro.

Erickson: Qual o ano?

Sujeito: 1943.

Erickson: E quem sou eu?

Sujeito: O Homem de Fevereiro.

Erickson: Uma coisa simplesmente infantil, não? Em qualquer época, em qualquer lugar, posso apertar-lhe

a mão, desse jeito, mas somente eu posso fazê-lo. Somente eu posso fazê-lo e com um propósito. Algum dia vou apertar-lhe a mão e será dia 30 de março de 1945. Você gostaria de encontrar-me nessa época?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Tudo bem. E quero muito que nesse dia você esteja como está agora, de forma geral. Posso me despedir agora?

Erickson: "Qual é sua técnica para tomar o pulso?"

Rossi: Por que você faz esta pergunta nesse ponto: logo após ela haver negado que poderia ser hipnotizada por estar muito desperta?

Erickson: "Você quer continuar com isso?" significou *continuar a escrita em transe*. Ela diz "É surpreendente." Bem, deixemo-la ser surpreendida. Eu toco o seu pulso.

Rossi: Entendo. A pergunta sobre tomar o pulso permite-lhe chegar mais perto, como se fosse tomar o pulso dela. Mas realmente você a surpreende dando um aperto de mão e reinduzindo um outro transe com uma outra visita do Homem de Fevereiro, antes que a resistência dela possa bloquear isso.

(Em 1987): Esta breve reindução de transe, usando a distração de tomar o pulso, enquanto, na verdade, dava um aperto de mão, foi provavelmente a resposta de Erickson à afirmação da Srta. S sobre estar desperta por tê-la percebido como uma possível resistência. O inconsciente dela precisava de uma demonstração de que, de fato, havia sido condicionado a entrar em hipnose mediante a administração da dica de trocar um aperto de mão. Assim, aqui, Erickson reforça a indução de transe e usa esse breve transe final para fortalecer a dica do aperto de mão por meio de uma sugestão pós-hipnótica direta: "Em qualquer tempo, em qualquer lugar eu posso apertar-lhe a mão desse jeito, mas somente eu posso fazê-lo. Somente eu posso fazê-lo e com um propósito legítimo."

Podemos notar, ainda, a implicação ética quando Erickson usa a palavra *legítimo*. É uma sugestão indireta casual

mas uma reafirmação muito importante ao inconsciente do sujeito de que sua integridade será sempre respeitada.

Nota-se também que Erickson termina esta sessão de forma súbita e não-tradicional. Em nenhum momento ele diz à paciente que ela vai acordar do transe. Ele termina com a pseudo-sugestão pós-hipnótica: "Algum dia eu vou apertar-lhe a mão e será dia 30 de março de 1945" e depois que ela concorda, ele acrescenta: "E então quero muito que nesse dia, você esteja como está agora, de forma geral. Posso me despedir agora?"

Aparentemente, essa sugestão pós-hipnótica está sendo usada para terminar esta sessão hipnoterapêutica — mesmo que, na verdade, não tenha sido pedido a Srta. S para acordar do transe. Pelo contrário, ela ainda estará em transe quando Erickson der o próximo aperto de mão; ela, simplesmente, será reorientada no tempo, para a data atual de 30/3/45. E nessa data, ela permanecerá "como está agora, de forma geral". Isto é, ela será reorientada à data correta, mas continuará em transe — um transe sonâmbulo. Agir normalmente no cotidiano, parecerá estar desperta e bem orientada, mas permanecerá numa estreita relação de transe com Erickson, por meio da qual os processos hipnoterapêuticos que ele iniciou continuarão independentemente em muitos níveis dentro do sujeito. Esta é uma estratégia típica de Erickson ao treinar os pacientes em experienciar transe sonâmbulos.

Então, ele finaliza a visita do Homem de Fevereiro com uma pergunta que é, na verdade, uma sugestão direta: "Posso me despedir agora?"

1.52 *Ratificando a continuidade de uma relação de transe enquanto, aparentemente, desperta; dois níveis de comunicação simultâneos; uma amnésia estruturada e a ratificação do transe por meio da distorção*

Erickson: (Administra a dica do aperto de mão.) Como vai?

Sujeito: Olá!

Erickson: Lembra-se de mim?

Sujeito: Sim.

Erickson: E qual é meu nome?

Sujeito: Você tem, pelo menos, uma dúzia de nomes.

Erickson: Quais?

Sujeito: Bobagem! O Homem de Fevereiro.

Erickson: Veja, não sou muito alto — e fevereiro é um mês curto.

Sujeito: Oh, céus!

Erickson: Pelo jeito, gostei muito de conhecer você. Você fez uma quantidade imensa de trabalho essa noite inteiramente voltado ao seu bem-estar e aos seus interesses. E foi por isso que o tempo passou tão rápido. E agora, suponho, é hora de deixá-la voltar ao hospital.

Rossi (Em 1987): Mediante a administração da dica do aperto de mão para reorientar o sujeito para a data atual, porém mantendo-a em transe em relação a ele, Erickson testa o estado dela, perguntando "Lembra-se de mim?" e "E qual é meu nome?" A Srta. S responde de forma ambígua: "Você tem, pelo menos, uma dúzia de nomes." E quando pressionada um pouco mais, diz: "Bobagem! O Homem de Fevereiro." Tal observação indica que agora ela é capaz de responder no mínimo em dois níveis. No seu nível normal ou comum de consciência: "Bobagem", uma vez que ela tem uma amnésia hipnótica dos seus encontros com o Homem de Fevereiro. E quando menciona: "O Homem de Fevereiro", evidencia que um nível de resposta de transe está, simultaneamente, disponível para ela na sua relação com Erickson. Então ele responde com uma comunicação em dois níveis na forma de um *non sequitur* que satisfaz a ambos os aspectos da resposta dela. "Eu não sou muito alto e fevereiro é um mês curto" é aparentemente um trocadilho pobre que permite ao sujeito responder a partir do seu estado de consciência, lamentando-se "Oh, céus!". Contudo, para a consciência simultânea de transe, dela, em relação a Erickson, esse trocadilho contém a confirmação indireta dele de que: sim, eu tenho uma relação especial com fevereiro — isto é, sou o Homem de Fevereiro para você em nosso relacionamento de transe.

O trocadilho pobre e a resposta que ele evoca no sujeito serve ainda como uma reintrodução e continuação dos jogos, adivinhas e trocadilhos e situações emocionalmente confusas que caracterizaram o começo dessa sessão. Da mesma forma, o trocadilho estrutura uma amnésia que facilita ainda mais a amnésia hipnótica do sujeito para todos os encontros com o Homem de Fevereiro, e ajuda-a a restabelecer sua personalidade normal numa relação consciente com Erickson.

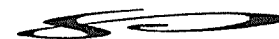
Uma vez que o sujeito é capaz, agora, de responder simultaneamente em dois níveis, Erickson utiliza suas observações finais para dar, à sua personalidade normal, o reassentimento de que "fez uma quantidade imensa de trabalho essa noite inteiramente voltado ao seu bem-estar e aos seus interesses. E foi por isso que o tempo passou tão rápido" (uma ratificação do transe por meio da distorção de tempo).

Ele lhe dá a identidade usual de enfermeira apontando: "E agora, suponho, é hora de deixá-la voltar ao hospital." Para todos os propósitos, agora ela funcionará tão bem como o faz normalmente no seu dia-a-dia. Além disso, porém, sua relação hipnoterapêutica com o Homem de Fevereiro continua num outro nível. Podemos imaginar que o conjunto de trabalho terapêutico interno, por causa dos seus encontros com o Homem de Fevereiro, continua a ocorrer num nível mais inconsciente, enquanto ele retoma sua vida cotidiana.

Assim conclui-se a primeira sessão hipnoterapêutica da Srta. S com Erickson. A sessão durou cerca de duas horas e envolveu oito encontros distintos com o Homem de Fevereiro. A segunda sessão hipnoterapêutica do sujeito (Sessão II), que ampliaria e aprofundaria o trabalho iniciado aqui, ocorreu, aproximadamente, dois meses depois.

Sessão II

Múltiplos níveis de comunicação e existência



2.0 Dois níveis de estado e resposta: confusão e conflito como níveis múltiplos de estado e indicadores do novo

Fink: Devemos dizer ao Dr. Erickson sua primeira queixa? Ela não está aprendendo nada.

Erickson: E sem flores esta noite.

Sujeito: Sem flores.

Erickson: Há alguma coisa aqui da qual você não gosta?

Sujeito: Não, acho que não.

Erickson: Então você não aprendeu nada? O que você quer dizer com isso?

Sujeito: Pensei que iria aprender algo sobre psiquiatria ou psicologia, mas, contudo, nada aprendi.

Erickson: Quer apostar?

Sujeito: Não.

Fink: Eu perguntei-lhe isso. Não acho que ela queira apostar, nem consigo mesma.

Erickson: Por que não? Você acha que talvez tenha aprendido algo?

Sujeito: Lá vamos nós outra vez. Eu quero achar que não e digo sim. Mas não se pode achar duas coisas ao mesmo tempo. Ou pode-se?

Erickson: Então você aprendeu alguma coisa?

Sujeito: Sim, suponho que isto foi uma das coisas que aprendi. Certo? Que é possível, para as pessoas, pensar em duas coisas, ao mesmo tempo, diretamente opostas.

Erickson: Ela aprendeu algo num nível inconsciente, mas ainda não sabe conscientemente.

Rossi: Sim. Esta sessão está ocorrendo dois meses após a primeira e a Srta. S aparentemente tem uma amnésia do seu trabalho com ela, como o Homem de Fevereiro. A queixa de que não aprendera nada origina-se num nível consciente que "quer achar que não", mas alguma coisa dentro dela quer "dizer sim". Assim, ela está experienciando, certamente, dois níveis ou duas tendências opostas de resposta ao mesmo tempo.

Quando esse tipo de coisa acontece espontaneamente às pessoas no seu dia-a-dia, elas tendem a experienciar isso como uma perturbação ou conflito. Mas poderia ser melhor compreendido como uma oportunidade de afinar seus próprios níveis diferentes de ser, do que simplesmente como uma experiência pessoal superficial de conflito. A confusão e o conflito são, na verdade, manifestações de novos estados de ser que se desenvolveram, espontaneamente, no interior ou num nível inconsciente e estão interferindo, no momento, (conflitando) com as atitudes antigamente estabelecidas e com os estados e identidades do ego consciente.

2.1 Não-saber indicando uma espécie de amnésia para o trabalho de transe anterior com o Homem de Fevereiro

Erickson: Eu gostaria de saber se você sabe por que veio aqui esta noite.

Sujeito: O Dr. Fink me pediu.

Erickson: Você tinha alguma razão?

Sujeito: Sim. Queria vê-lo, para que eu pudesse ver como a coisa andou.

Erickson: Que coisa?

Sujeito: O hipnotismo.

Erickson: Você já foi hipnotizada?

Sujeito: Sim.

Erickson: Por quem?

Sujeito: Pelo Dr. Fink e oh, sim, pela Srta. Jones.

Erickson: Por mais ninguém?

Sujeito: Não.

Erickson: Como você se sente sobre a hipnose?

Sujeito: Acho que é uma coisa muito boa.

Erickson: Gostaria de ser hipnotizada?

Sujeito: Definitivamente.

Erickson: Tem algum objetivo especial?

Sujeito: Nada a não ser conhecer um pouco mais.

Erickson: E você realmente quer dizer isso — conhecer um pouco mais?

Sujeito: Sim.

Erickson: Eu poderia hipnotizá-la?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Há alguma outra resposta em sua mente?

Sujeito: É sim. Mas não sei por quê.

Rossi: As anotações sobre ela durante a seção indicam claramente uma amnésia consciente na hipnoterapia prévia com você. Isto acontece porque ela é um sujeito excepcionalmente bom para hipnotizar ou é porque ela precisa muito da terapia?

Erickson: Não, uma vez que você aceita sua terapia, você permite que ela o transforme.

Rossi: Ela tem um tipo de amnésia do trabalho hipnótico anterior com você, quando ela responde sua pergunta com: "É sim, mas não sei por quê."

Erickson: Está certo.

2.2 *Indução de transe por meio da levitação de mão e diretiva implícita; utilização do "observador oculto"; experienciando o transe automonitorado; sinalização comportamental e profundidade do transe*

Erickson: Como eu deveria prosseguir?

Sujeito: Vejamos. Há várias estratégias, não há? Na primeira vez em que o Dr. Fink me hipnotizou, eu levantei as mãos.

Erickson: (Erguendo a mão do sujeito.) Você pode dormir agora?

Sujeito: Acho que sim.

Erickson: Você gostaria de fazê-lo?

Sujeito: Sim.

Erickson: Tudo bem! Vá em frente. Você pode dormir. Pode fechar seus olhos e ir embora, profundamente, profundamente adormecida. Você pode dormir, sentindo-se confortável. Você pode dormir, sentindo-se confortável e pode aproveitar que dorme, assim muito confortavelmente. Relaxe e sinta-se confortável totalmente. Relaxe até estar confortável e adormecida profundamente, profundamente adormecida. Facilmente, profundamente adormecida. E durma cada vez mais profundamente. E para deixar-me saber que está dormindo profundamente, sua mão esquerda irá erguer-se lentamente. Quando você estiver profundamente adormecida, mas não até estar facilmente e profundamente adormecida. E para deixar-me compreender que você dormirá profundamente, que você dormirá contínua e profundamente, como estou sugerindo, sua mão direita se erguerá. E agora sua mão esquerda se levantou para que eu saiba que você está profunda-

mente adormecida. E sua mão direita está se erguendo para que eu saiba que você dormirá continuamente. Está ótimo. E você está confortável com isso? Tudo bem. Agora você pode sentir seus braços relaxando. Relaxe e sinta-se confortável. E eu posso falar comigo mesmo ou com qualquer pessoa, sem que isso signifique alguma coisa para você, não posso? (Sujeito acena positivamente com a cabeça. Erickson delineia as ações do sujeito para o Dr. Fink.) Mão esquerda ergue-se primeiro e depois a mão direita. A sugestão dada foi de que poderia ser mais embaixo. A mão esquerda ergue-se primeiro, mais embaixo primeiro, e então a mão direita abaixou-se. (Para o sujeito novamente) Eu estava falando com alguém?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você prestou atenção?

Sujeito: Sim.

Erickson: O que eu disse lhe agradou? As pessoas gostam de fazer bem uma coisa. Há alguma coisa para você aprender, não há? Você já sabe o que é? Você vai querer aprender mesmo se for difícil? Faz muito tempo que eu a vi, não faz? (Sujeito acena, concordando.) Passaram-se meses, semanas, meses. Certo? Você pode me dizer quanto tempo? Foi há muito tempo, não foi? Pode me dizer qual o dia?

Sujeito: Domingo.

Erickson: Qual o mês?

Sujeito: Junho.

Erickson: E qual o ano?

Sujeito: 1945. (A Srta. S está correta e bem orientada quanto ao tempo atual.)

Erickson: ... O Sr. A e o Sr. B estão numa sala fechada discutindo uma questão controversa. Quantas pessoas há na sala? Betty (a esposa de Erickson) prontamente respon-

deu: "Seis: o Sr. A tal como é, o Sr. A que ele pensa ser, o Sr. A como o Sr. B acha que ele é, e o mesmo em relação ao Sr. B." Eu lancei os alicerces para isso, com a sequência: "Eu estava falando com alguém?", "Sim", "Você prestou atenção?", "Sim." Indiretamente, eu estou dizendo a ela para desconsiderar.

Rossi: Você está dizendo à mente consciente dela para desconsiderar, enquanto a outra parte atenda?

Erickson: Sim — o que Hilgard chama de "observador oculto" (Hilgard & Hilgard, 1975). Aqui o observador oculto é utilizado deliberadamente.

Rossi: Para resumir: Você usa sua estratégia típica de indução de transe guiando a mão esquerda da Srta. S para cima; você lhe dá sugestões para dormir e sentir-se confortável e usa a diretiva implícita: "E para deixar-me saber que você está dormindo profundamente, sua mão esquerda irá erguer-se lentamente", para que ela possa sinalizar que está em transe. Depois, você utiliza uma outra diretiva implícita para o sujeito assinalar quando estiver "dormindo contínua e profundamente": erguer a mão direita. Ela dá esses sinais e responde com um aceno de cabeça à sua afirmação/pergunta: "Faz muito tempo que eu a vi, não faz?" Ela parece estar numa condição apropriada de transe e então você fornece as dicas de regressão: "Passaram-se meses, semanas, meses. Certo? Você pode me dizer quanto tempo?" Você esperava que ela pudesse regredir espontaneamente à sua última visita como o Homem de Fevereiro, para que assim fosse possível estabelecer esse encontro atual, como ocorrendo alguns meses depois. Mas isso não acontece. Ela responde à sua pergunta, indicando que ainda está na data presente — a regressão não ocorreu ainda. Será que isso acontece porque foram apenas alguns meses desde a última visita e ela precisa de um pouco mais de tempo para com o trabalho de transe antes de poder manejar a regressão?

Erickson: Não, ela está se monitorando.

Rossi: O que você quer me dizer?

Erickson: Ela está tornando-se consciente de que está dormindo e estou deixando-a saber que irá dormir contínua, constante e confortavelmente.

Rossi: Então, esta automonitoração, na indução hipnótica, é um estágio que precede a regressão?

Erickson: Sim. Ela tem que se monitorar para saber onde está. Então, ela pode monitorar-se...

Rossi: ... para a regressão *per se*. Você pode dizer mais alguma coisa sobre essa monitoração, Milton? É o ego observando o processo de entrar em transe? É o ego auxiliando a manejar o processo de indução hipnótica?

Erickson: Para subir uma colina, metade do caminho para cima é o suficiente? É preciso dois terços do percurso, três quartos? Oitenta por cento? Ela estava querendo saber o quão longe eu desejava que ela fosse. E isso é monitorar-se para ter certeza de que se responde completamente.

Rossi: Então a automonitoração acontece o tempo todo durante o transe. Você concorda?

Erickson: Não, apenas na atribuição de uma tarefa.

Rossi: Quando você atribui uma nova sugestão, o ego vem ajudar o processo?

Erickson: Ela tem que medir a profundidade do transe. E quando está suficientemente profundo, então ela pode fazer certas coisas.

2.3 Estratégias para a regressão, utilizando "semelhança", diversão, esquecimento, incerteza, desconhecimento e confusão; contar de 1 a 20: uma das induções favoritas de Erickson; transe sem a consciência do mesmo

Erickson: É, a data é essa. Mas o tempo pode mudar, não? E quero que você esqueça-se de algo. Não vou lhe dizer do quê. Mas você vai se esquecer de alguma coisa gradualmente. Lentamente. Fácil e confortavelmente. Parece quase como se fosse segunda-feira, ou talvez pudesse ser sábado, ou até mesmo sexta-feira. Quero que pareça assim e gostaria que você se divertisse um pouco, na medida em que vai ficando confusa sobre a data e goste disso. (Sujeito sorri.) É agradável, não é? (Sujeito ri.) E como você não sabe que dia é, será difícil dizer qual é a semana. Tem que ser esta semana, mas que semana é essa? É a última semana de maio ou a primeira semana

de junho? Ou talvez nenhuma das duas. Quero que se divirta com isso. (Sujeito ri novamente.) junho, maio, maio, junho e você sabe que a idéia de abril virá à sua mente, e não pode ser junho, não pode ser maio, não pode ser abril. E agora, na medida em que você experimenta esse sentimento, quero que perceba que esqueceu mais alguma coisa. Você esqueceu que é maio, se você acha que é abril ou março, ou mesmo se você pensa que é fevereiro — março, abril, maio e junho foram esquecidos e agora quero que você descubra que não tem certeza de que estamos em 1944 ou se em 1945. (Sujeito franze as sombrancelhas.) E continue dormindo confortavelmente. E você será capaz de dizer-me que mês em 1944. Assim que estiver pronta, vá em frente.

Sujeito: Eu não sei.

Erickson: É surpreendente, não é? Quase lhe aterroriza. E mesmo assim você pode ficar confortável porque vai se lembrar. Pode me dizer qual é o ano?

Sujeito: Sim. 1942.

Rossi: Nessa seção ela regrediu três anos. Como isso aconteceu? Parece que você utiliza esquecimento, confusão e desconhecimento.

Erickson: "Parece quase como se fosse segunda-feira, ou talvez pudesse ser sábado, ou até mesmo sexta-feira." Sexta-feira vem antes de sábado. Sábado, antes de segunda-feira. Estou indo de trás para frente no tempo.

Rossi: É o seu modo de facilitar a regressão. No dia-a-dia, a experiência de "parecer" (imaginação), diversão, incerteza e confusão são processos ou respostas que normalmente não pressupõe controle. Pensamos nesses processos como respostas naturais a situações externas, das quais não temos controle. Mas aqui, no transe, você faz seu sujeito utilizar essas respostas naturais, de um modo controlado, para facilitar a regressão.

Erickson: E o importante é o fato de que segunda não vem antes do sábado. Quando você acrescenta um outro dia, como sexta-feira, então sábado vem antes da segunda.

Rossi: Simplesmente ao falar essas coisas, facilita-se a regressão?

Erickson: Um-hum.

Rossi: As palavras provocam uma mudança no significado?

Erickson: A forma como você usa a palavra. Segunda pode ser uma segunda *antes* de um sábado; mas quando se acrescenta sexta-feira, isto faz com que seja uma segunda que vem *depois* do sábado.

Rossi: (Relê a indução de transe, mostrando dúvida.)

Erickson: Quando se conta até 10, tem-se 7, 8, 9, 10. Tente isso: 1, 7, 2, 5, 8, 8, 4, 6, 9, 10.

Rossi: Fale de novo.

Erickson: 1, 7, 2, 5, 8, 8, 4, 6, 9, 10.

Rossi: Não entendo.

Erickson: Conte de 1 a 10. Comecei com o 1 e terminei pelo 10.

Rossi: Mas numa ordem alterada.

Erickson: Entre 1 e 10.

Rossi: O que você está tentando ilustrar com isso?

Erickson: Demonstrei como se pode ir do 1 ao 10, sem deixar que os outros saibam. Eles reconhecerão todos (serão distraídos por) os outros números entre 1 e 10.

Rossi: E qual o objetivo?

Erickson: Contar até 10 sem deixar a outra pessoa saber conscientemente.

Rossi: Como na situação na qual você condicionou um paciente a entrar em transe quando você contava de 1 a 10? Se você disfarçasse a contagem de 1 a 10, o paciente entraria em transe sem ter consciência disso.

Erickson: O paciente ainda continua tentando descobrir alguma outra relação entre os números.

Rossi: O paciente entra em transe inconscientemente, enquanto a mente consciente é distraída pela tentativa de

descobrir a relação entre os números de 1 a 10. Assim, esta é uma indução de transe sem que o paciente esteja consciente disso.

Erickson: É uma das minhas induções favoritas: "Posso contar até 20 e você entrará em transe." Então, algum tempo depois eu digo: "Fulano tem 8 garotos e uma dúzia sai mais barato do que eles."*

Rossi: Você gosta desse tipo de indução de transe porque a mente consciente não pode interferir. A mente consciente nem sabe que o transe está sendo experienciado.

Erickson: Certo. Quando se está tentando solucionar um problema e se tem anos de experiência em evitar esse problema — quebra-se as defesas do paciente com essa indução encoberta.

Rossi: Dessa forma os pacientes podem entrar num transe hipnoterapêutico sem seus padrões de evitação habituais. E podem ficar surpresos por descobrir que lidaram com o problema e nem mesmo sabiam que estavam em transe. Muita pesquisa boa poderia ser feita sobre esta estratégia de transe sem consciência do mesmo.

Erickson: (Erickson fornece ilustrações de pacientes entrando em transe sem a consciência disso, simplesmente porque foram condicionados a alterações vocais do terapeuta na indução do transe. Desde que o terapeuta usasse o tom de voz particular, os pacientes entravam em transe, sem ter consciência disso.)

2.4 Nona visita do Homem de Fevereiro; escrita em transe para facilitar o conforto e aprofundar a regressão

Erickson: 1942. E quem sou eu? (Sujeito muito agitado.) Lembra-se de mim?

Sujeito: Sim. Você é o Homem de Fevereiro.

* Erickson poderia contar de 1 a 20 de maneira encoberta. Oito mais 12 é igual a 20. O inconsciente do paciente coloca essa adivinha junto (e assim está dada a dica para entrar em transe) antes que a resposta ($8+12=20$) alcance o consciente. Dessa forma o paciente está em transe antes que as implicações da resposta se tornem conscientes. (N.T.)

Erickson: O que está lhe deixando assim agitada? Pode me dizer? Você, realmente pode dizer-me, não pode? Quer me contar agora?

Sujeito: Não é nada muito importante.

Erickson: Gostaria de ajudá-la. Não estava confortável, estava? Realmente não estava confortável. E não quero que você tenha nada em mente que não seja confortável. Penso que você deveria dividir comigo. Quer me contar? Pode pensar sobre isso mais um pouco. Aqui está um lápis. Você pode não querer falar, mas pode escrever. Você pode não gostar de falar, mas pode gostar de escrever. Pode fazer isso? Tudo bem. Escreva rapidamente. Agora ouça com atenção o que tenho para dizer. Sou o Homem de Fevereiro. O que isso significa não está muito claro. Mas uma coisa é certa: você pode contar-me muitas coisas de forma a alcançar uma compreensão maior de muitas delas. Está claro? Coisas que você poderia ter me contado sobre quando era uma garotinha, e ter me contado ontem, ano passado ou no outro ano. Entende? Agora, precisamos discutir o problema? (Sujeito balança a cabeça.) Ouça-me cuidadosamente. É 1942, não é? Logo, não seria 1941. Muitas coisas estão fugindo da sua mente e você está esquecendo e esquecendo e esquecendo e esquecendo, e você é apenas uma garotinha, apenas uma garotinha feliz. Agora pode-me contar. Alô!

Sujeito: Oi.

Erickson: Quantos anos você tem?

Sujeito: Seis.

Erickson: Há quanto tempo você fez 6 anos?

Sujeito: Há cerca de um mês.

Erickson: Você sabe quem sou?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Quem sou eu?

Sujeito: O Homem de Fevereiro.

Erickson: Quantas vezes você já me encontrou?

Sujeito: Muitas vezes.

Erickson: Você irá me ver mais algumas vezes?

Sujeito: Com certeza. Você disse que eu iria.

Rossi: Você amplia a regressão espontânea de três anos que ela fez, dando-lhe, primeiramente, uma oportunidade de escrever qualquer coisa que ela não possa expressar verbalmente. Obviamente você está pegando dicas faciais dela que indicam algum desconforto; e então você lhe dá uma oportunidade de expressar e esclarecer uma dificuldade que possa estar tendo na progressão para uma regressão mais profunda. Você, a partir disso, fornece mais sugestões diretas reatando-a com o Homem de Fevereiro e aí ela faz uma regressão até os 6 anos de idade. Você concorda que foi isso o que aconteceu?

Erickson: (Acena que sim.)

2.5 *Regressão múltipla; treinamento de transe sonâmbulo; reasseguramento em diferentes níveis de idade; negação e a negativa como forma de consciência e habilidades novas*

Erickson: Tudo bem. E como devo chamá-la?

Sujeito: Eu tenho muitos nomes.

Erickson: Como você gostaria que eu a chamasse?

Sujeito: Gostaria que você me chamasse de Jane.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Porque ninguém me chama assim.

Erickson: Certo, Jane. É assim que vou chamá-la. Então você tem 6 anos. Gostaria de ver uma coisa de cristal que eu tenho? Tenho um relógio muito, muito esperto. Diga para ele se abrir.

Sujeito: Abra! (Erickson faz seu relógio abrir e o sujeito ri.) É uma graça! Faça novamente. Você empurra um botão em cima.

Erickson: Está certo. Garotinha esperta, hein?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Então você não acha esse relógio muito esperto. É apenas um bom relógio, é isto? Qual a cor dele?

Sujeito: É dourado ou prateado. Acho que é dourado. Larry disse dourado ou prateado.

Erickson: Quem é Larry?

Sujeito: Meu irmão.

Erickson: O que você acha que vai lhe acontecer quando você crescer?

Sujeito: Oh, não sei. Não saberei tão cedo.

Erickson: Quem mais está aqui? Há mais alguém aqui?

Sujeito: Não.

Erickson: Só eu e você?

Sujeito: Sim.

Erickson: Algum dia quando você for maior e mais velha, talvez um dia quando você for maior e mais velha e sentir-se mal ou infeliz com alguma coisa — talvez você possa me contar. Certo?

Sujeito: É claro.

Erickson: Se algo a deixasse triste, o que você faria?

Sujeito: Provavelmente, ficaria louca.

Erickson: Imagine que você ficou muito triste. Então o que faria?

Sujeito: Guardaria.

Erickson: Você realmente guardaria para você mesma e nãoalaria sobre isso. Você me contaria?

Sujeito: Com certeza.

Erickson: Tudo?

Sujeito: Talvez.

Erickson: Imagine que eu pudesse ajudá-la.

Sujeito: Não quero saber. Talvez você esteja brincando comigo.

Erickson: Eu não brinco. Eu não brinco com esse tipo de coisas. Você me contaria?

Sujeito: Sim.

Erickson: Tem certeza?

Sujeito: Sim.

Erickson: Bem, eu vou deixá-la, Jane. Voltarei a vê-la. É uma promessa. Não sei quando, mas quando voltar, eu vou pegá-la pela mão desse jeito e contar seus dedos: 1, 2, 3, 4. Agora, ninguém mais lhe dará a mão dessa forma, mas eu sim. E eu voltarei e a verei algum dia, porque agora vou deixá-la descansar. Quando eu voltar e lhe der a mão e contar seus dedos, você saberá que cheguei. Agora, vou pedir-lhe para fazer algo muito interessante. Vou pedir-lhe para, simplesmente, ir dormir por um minuto. E durma. E durma. E durma. E durma. E durma profundamente. E você saberá que é 1945. (Pausa) Então, Srta. S, qual é a data de hoje?

Sujeito: (Dá a data correta.)

Erickson: Você está acordada?

Sujeito: Não. Deveria estar?

Erickson: Qual, você supõe, ser o objetivo de você ter vindo aqui?

Sujeito: Você quer me ajudar, eu acho. Mas eu não preciso de ajuda.

Erickson: No que eu iria querer ajudá-la?

Sujeito: Não tenho idéia.

Rossi: Você restabelece uma condição de regressão em transe com ela nessa sessão e fala novamente sobre os temas (crescimento, tristeza) que a reatam com as oito sessões anteriores. Você finaliza a parte de regressão dessa minivisita, reorientando-a para a data atual, depois de ter reforçado a dica do aperto de mão com a contagem de dedos, como um sinal a mais. Mas, enquanto a reorienta até a data atual, você não a desperta do transe. Quando você pergunta: "Você

está acordada?" e ela responde: "Não. Deveria estar?", o observador casual poderia acreditar que ela estivesse acordada e bem orientada no tempo atual. Mas, uma vez que você não lhe disse para despertar do transe, então, ela está num transe sonâmbulo: age como se estivesse acordada, porém de fato está numa relação de transe com você. Este é um dos seus métodos favoritos de treinamento de transe sonâmbulo e também serve como uma forma de estabelecer a realidade do transe como um estado descontínuo com a realidade desperta. Você concorda?

Erickson: Uh-hum. Em diferentes níveis de regressão, estou lhe dando segurança; não deixando qualquer dúvida sobre a minha disposição em ajudá-la.

Rossi: E, mesmo assim, ela diz: "Você quer me ajudar, eu acho. Mas eu não preciso de ajuda."

Erickson: Ela está começando a reconhecer que talvez precise de ajuda.

Rossi: Quando precisamos realmente de alguma coisa, o primeiro reconhecimento da mente consciente é, com frequência, se defender por meio da negação. Dizemos: "Não preciso disso."

Erickson: Um-hum.

Rossi: Frequentemente, quando estou escrevendo, e uma nove idéias começa a ocorrer-me, digo a mim mesmo: "Não, não é isso." O novo, quase sempre, vem mascarado pela negação.

Erickson: A pequena Becky (uma das netas de Erickson) tem 2 anos de idade e na festa do seu último aniversário ela estava totalmente nos seus "2 anos". Tudo que dizia era "é meu, meu, meu, meu". Em seguida, foi: "Deixe-me, deixe-me, deixe-me, deixe-me." Assim, ela definiu o que era dela e depois sua habilidade em se cuidar.

Rossi: Então, quando novas habilidades começam a se manifestar nas crianças é importante para elas estabelecer esse fato, reclamando tais habilidades para si próprias e negando sua necessidade de ajuda. Isto me lembra que uma das primeiras discriminações importantes para um bebê é dizer não, virando, ou melhor, afastando sua cabeça do seio quando está satisfeito. (A origem do balançar a cabeça é dizer não?)

Erickson: Eu obtive "talvez" do sujeito. (O sujeito disse "talvez" duas vezes no meio desta seção, antes de dizer "sim", por duas vezes, à oferta de ajuda de Erickson.)

Rossi: Dessa forma, freqüentemente usamos esses mecanismos de defesa primitivos, de negação, contra os outros, bem como contra o novo em nós mesmos.

Erickson: Desde muito cedo.

2.6 *Facilitando o compromisso para o trabalho terapêutico e expectativa de cura; perguntas evocando e utilizando canais inconscientes favoráveis*

Erickson: Vejamos. Agora é junho. Logo vem julho. Depois agosto. Você já foi nadar?

Sujeito: Não. Não sou muito amiga de água.

Erickson: Por que não?

Sujeito: Eu não sei. É o tipo da coisa que faz meu coração disparar. Simplesmente, sinto-me aterrorizada e não sei por quê. Mas simplesmente fico aterrorizada.

Erickson: Como aterrorizada?

Sujeito: Malditamente assustada. Sinto-me como uma louca correndo em outra direção.

Erickson: E o que faz a respeito?

Sujeito: Depende. Se não posso cair fora, então, cuidadosamente, ponho meu pé na água; dou uma desculpa e corro para o carro.

Erickson: Há quanto tempo você tem medo de nadar?

Sujeito: Deus! Eu não sei.

Erickson: Você gostaria de nadar?

Sujeito: Acho que sim. Odeio sentir medo de alguma coisa. Aflige-me.

Erickson: Como começou?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Há quanto tempo você tem medo de água?

Sujeito: Não me lembro. Mamãe diz que, quando éramos pequenas, nós íamos e entrávamos na água até as orelhas, antes que ela pudesse pegar-nos de volta.

Erickson: Quando você deixou de entrar na água?

Sujeito: Não sei. Tudo que sei é que agora é, realmente, um esforço fazê-lo. Eu não sinto nenhum prazer nisso.

Erickson: O que você fez após ter nadado na última vez?

Sujeito: Enxuguei-me e fui para casa.

Erickson: Como se sentiu?

Sujeito: Malditamente assustada.

Erickson: Quanto tempo durou esse sentimento?

Sujeito: Não muito. Fomos da Casa das Enfermeiras para o Henry Hall e durante todo o caminho eu podia sentir meu coração batendo. Mas, depois que saí da água e tomei o caminho de casa, me senti muito refrescada. A água estava ótima.

Erickson: Você gostaria de se livrar desse sentimento de medo?

Sujeito: Certamente. Acho que todo mundo deveria saber nadar. Eu aprendi várias vezes e corro como louca para longe da água.

Erickson: Você quer dizer que, realmente, corre como louca?

Sujeito: Sim. Salto para fora d'água e vou para bem longe dela.

Erickson: Tudo bem. Agora, você gostaria mesmo de aprender?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Acha que pode?

Sujeito: Não sei. Tentei tudo. Disse para mim mesma que não deveria ter medo, mas não adiantou.

Erickson: Não, não adiantou, não é?

Sujeito: Não.

Erickson: Falar consigo mesma não ajudará, não é? Toda sua conversa consigo própria não ajudará, não é?

Sujeito: Algumas vezes ajuda, mas não nesse caso.

Erickson: O que você imagina, poderia ajudá-la?

Sujeito: Creio que terei que gastar três ou quatro mil dólares e ser psicoanalizada.

Erickson: Mas falar consigo mesma não irá ajudar.

Sujeito: Aparentemente não. A menos que eu não tenha sido tão dura comigo mesma.

Erickson: Quer fazer uma aposta com você?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você aposta que há um modo de se livrar disso?

Sujeito: Não há dúvidas.

Erickson: Tem certeza disso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Positivo?

Sujeito: Absolutamente.

Erickson: Quanto tempo você acha que levará para se livrar?

Sujeito: Não sei.

Erickson: E você gostaria de livrar-se completamente, não é?

Sujeito: Oh, absolutamente.

Erickson: Você tem alguma ajuda em mente? Alguma ajuda que você gostaria de receber?

Sujeito: De acordo com o Sr. Menninger, há algo que causou isso, num primeiro plano.

Erickson: Sim.

Sujeito: E se eu pudesse apenas pensar o que foi, ajudaria.

Erickson: Você gostaria de pensar?

Sujeito: Sim, mas não posso. Eu quero dizer que simplesmente não posso.

Erickson: Por você mesma. Mas talvez você possa, mas não por si mesma.

Sujeito: Talvez. Mas quem mais pode me ajudar a lembrar de algo? Talvez eu esteja sofrendo repressões. Você diria isso, Dr. Fink? Ele é uma esfinge.

Erickson: Rima com Fink. Mesmo que você possa lembrar, ou não. Mesmo que você possa ou não, ou possa ou não, ou possa. O que você faria se alguém lhe ajudasse a se lembrar?

Sujeito: Talvez eu pudesse analisar a situação e perceber que havia algo que não deveria fazer-me sentir medo.

Erickson: Mas talvez houvesse algo na situação que lhe fizesse ter medo.

Sujeito: Então, acho que ficaria assustada. Se houvesse algo que me assustasse eu deveria lembrar-me, porque a gente se lembra da maioria das coisas que nos assustaram.

Erickson: Você deveria se lembrar e compreender. Não está certo? Você quer dar outro passo? Talvez você devesse se lembrar, mas não queira fazê-lo.

Sujeito: Mas eu tenho tentado.

Erickson: Você pode tentar, mas gostaria de conseguir?

Sujeito: Sim.

Erickson: Tem certeza?

Sujeito: Sim.

Erickson: Quer acabar seu cigarro primeiro?

Sujeito: Sim. Não devo acender outro por enquanto. (Termina o cigarro.)

Rossi: Esta seção indica que a fobia por nadar continua com força total. Ela tem consciência de que está "sofrendo repressões", e então você inicia uma linha de inquérito que fortalecerá a expectativa dela de que mais trabalho terapêutico irá ajudá-la a se lembrar e então resolver o problema. Por fim você a faz comprometer-se em realmente conseguir

ao invés de apenas *tentar* ("Você pode tentar, mas gostaria de conseguir?"). Percebi que freqüentemente você faz com que seus pacientes, primeiro, se comprometam a desejar a *cura* ou *mudança*, antes de lhes dar sugestões terapêuticas. Este compromisso é uma parte necessária do processo hipnoterapêutico?

Erickson: Uma estrutura mental definitiva (apontando a resposta do sujeito: "Absolutamente.").

Rossi: Você quer uma estrutura mental mais definitiva e então ela responde: "Oh, absolutamente!" Por que você quer isso aqui?

Erickson: Ela irá livrar-se do seu medo.

Rossi: Então, novamente você está tentando evocar e utilizar certos mecanismos mentais. Você está facilitando um *processo de certeza* ao invés de um *processo de incerteza*. Para se livrar do sintoma ela tem que estar certa e tem que se comprometer fortemente.

Erickson: Sim. Você pode ter um simples brinquedo e escondê-lo atrás de você. A criança pode não gostar do brinquedo e então você pede para ela adivinhar em que mão está.

Rossi: Isso inicia uma expectativa e um divertido jogo de adivinhar e assim a criança irá querer o brinquedo. Há uma analogia aqui: livrar-se do medo de nadar é uma adivinha que o sujeito pode desejar saber.

Erickson: Ela é pega por esperar a cura.

Rossi: Ela é pega, curiosa e comprometida por esperar a cura. Dessa forma, é um *set* de expectativa pela cura que você está desenvolvendo antes do trabalho de transe e das sugestões terapêuticas. Este *set* de expectativa é o "solo" fértil preparado, no qual você lançará as sugestões — "sementes" terapêuticas. Você está fortalecendo a atividade inconsciente dela ao redor das associações traumáticas e está ativando canais inconscientes para o trabalho terapêutico.

Erickson: Canais inconscientes *favoráveis*.

2.7 Uma indução de transe interrompida solidificando o transe com induções repetidas e o efeito *zeigarnik*

Erickson: Deixe-me apertar-lhe a mão.

Sujeito: Tudo bem.

Erickson: Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. (O Dr. Fink passa um papel a Erickson.)

Sujeito: Deixe-me vê-lo. Quero ver o que ele tinha no pedaço de papel na sua mão.

Erickson: Na mão de quem?

Sujeito: Na do Dr. Fink. Bem, quero ver.

Erickson: Acorde. Bem desperta. Você gostaria de ver isto? (Mostra o papel.)

Sujeito: Você não faz nenhum sentido como todos aqui.

Rossi: No momento em que você dá a ela a dica do aperto de mão, para visita do Homem de Fevereiro, em regressão hipnótica, o Dr. Fink, involuntariamente, chama a atenção dela, entregando-lhe um pedaço de papel. Rapidamente, você inverte suas sugestões de indução para "Acorde, bem desperta" e permite ao sujeito ver o papel, contendo algumas anotações que, evidentemente, ela não consegue entender. ("Você não faz nenhum sentido como todos aqui.") Você maneja essa interrupção dizendo-lhe para acordar, a fim de que o processo de condicionamento da dica do aperto de mão não seja parcialmente extinto pelo fracasso do transe em segui-lo imediatamente.

Erickson: Sim. Eu não queria perder esse condicionamento. Mas, desde que havia sido interrompida uma tarefa, haveria uma tensão no sujeito para completá-la.

Rossi: Sim. É o chamado *efeito zeigarnik* (que se refere à tendência para retornar a completar uma tarefa depois que ela tenha sido interrompida).

Erickson: E quanto mais induções você faça, mais você solidificará o transe.

2.8 Evocar e utilizar mecanismos e processos mentais como a essência da abordagem de Erickson; estabelecendo segurança ao evocar e irradiar conforto

Erickson: Durma agora. E na medida em que você dorme profundamente, quero que sua mão descanse em

seu colo. Deixe-se ir, profundamente adormecida. E na medida em que você dorme profundamente, quero que sua mão venha descansar no seu colo. Durma profundamente, e você desejará continuar dormindo, não? Continuará, não? Continuará dormindo, não? E você dormirá continua e profundamente. Agora, gostaria de pedir-lhe que me contasse alguma coisa. Você pode fazer isso? Quero que durma e me conte. Você pode fazê-lo? Tenha seu próprio tempo e prepare-se para me contar.

Sujeito: Não há nada para contar, exceto que fico assustada. Tenho visões horríveis sobre ficar azul e me afogar. Não de mim mesma, mas de outras pessoas ficando azuis e se afogando.

Erickson: Visões horríveis de pessoas ficando azuis e se afogando.

Sujeito: Sim.

Erickson: E seu coração bate rápido.

Sujeito: Geralmente sim — com uma desculpa plausível, é claro.

Erickson: E você não gosta desta desculpa?

Sujeito: Não.

Erickson: Você acha que talvez possamos descobrir por quê?

Sujeito: Talvez.

Erickson: Você gostaria que fizéssemos isso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Acha que vai ser fácil? Acha que será confortável? (*Sujeito acena que sim.*) Acha que será confortável?

Sujeito: Talvez não.

Erickson: Está pronta para fazê-lo?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Está, realmente.

Sujeito: Certamente.

Erickson: Você tem um sentimento de culpa ou pesar em relação a mim nesta noite?

Sujeito: Sim.

Erickson: Por quê? Você não precisa ter nenhum sentimento de culpa ou pesar sobre isso. Quero ser muito cuidadoso para fazer apenas e exatamente a coisa certa, na hora certa. E eu fiz algo, realmente, desconfortável, não? E assim você não precisa se lamentar por sentir, vagamente, que alguma coisa não estava muito certa, porque eu lhe ajudarei. Você sabe sobre o que estou falando? Provavelmente, não, mas eu sei. Quero que se sinta confortável a respeito.

Rossi: Nesta seção, você novamente constrói a expectativa dela por um bom trabalho hipnoterapêutico. Você reintroduz o transe com sugestões para ir dormir, depois das quais você pergunta sobre seu medo de nadar. Ela admite que pode não ser fácil ou confortável superá-lo. Você, aparentemente, percebe que ela não está tão relaxada, como de costume, por causa da indução interrompida. Então, você lhe assegura que ela não precisa sentir pesar ou culpa e você "será muito cuidadoso em fazer apenas e exatamente a coisa certa, na hora certa". Isso se refere a sua sequência da primeira indução de transe, com as sugestões para ir dormir e depois, a administração da dica do aperto de mão para a regressão, como na sessão seguinte?

Erickson: Em parte, apenas. "Quero que sua mão descanse em seu colo." Eu queria que a mão dela estivesse confortável.

Rossi: Por quê?

Erickson: Ela podia estar lastimável, porém uma parte estaria confortável e tranqüila.

Rossi: Você pode iniciar e irradiar conforto por todo o sistema dela, deixando uma parte confortável. Aqui, novamente sua abordagem é evocar e utilizar mecanismos e processos mentais para facilitar a terapia. Em todo o seu trabalho, Milton, eu percebo cada vez mais, uma coisa que a maioria dos profissionais não entende: você está sempre lidando com processos e mecanismos mentais.

Erickson: Dentro da pessoa.

Rossi: Dentro da pessoa de uma forma muito peculiar, que chega a parecer concreta. Mesmo depois de haver estudado, intensivamente, com você, por oito anos e ter escrito *Hypnotic realities* e *Hypnotherapy*, ainda sou um novato, como você disse antes. É difícil compreender esta forma de trabalhar. *Você não apenas analisa e compreende; mais que isso, você, realmente, evoca e utiliza os processos mentais do interior da pessoa.* A maioria dos profissionais não compreende esta abordagem, mesmo após ter lido a maior parte do seu trabalho. Você está, de fato, evocando e utilizando mecanismos e processos mentais, mais do que apenas falando, analisando e compreendendo! Essa é a essência da sua abordagem, não é? Poderíamos dizer que você é um mecânico mental — você está sempre lidando com mecanismos mentais. Concorde?

Erickson: Sim.

Rossi: Então esta é a essência do trabalho terapêutico: utilizar, facilitar, transformar ou evocar processos mentais diferentes, certo?

Erickson: (Acena que sim.)

Rossi: Diga-nos mais alguma coisa sobre esta abordagem. É realmente uma visão diferente de terapia. A maior parte dos terapeutas, geralmente, analisa e explica o que eles entendem *sobre o paciente para o paciente.*

Erickson: Acho que lhe perguntei isso antes: Como você muda desta sala para aquela sala?

Rossi: Certo — todas as maneiras diferentes. Posso sair pela janela, ir para a China e voltar pela porta. Há um número infinito de maneiras. Por que está me perguntando isso, de novo?

Erickson: Porque os profissionais são assim rígidos no seu (deles) pensar.

Rossi: Sim e a maior parte da psicoterapia é só conversa. A maioria dos terapeutas acha que o seu trabalho é analisar e entender o que está acontecendo na vida do paciente, de forma que possam dizer-lhe: “É isto que está acontecendo na sua vida.” Mas, isso não é terapia.

Erickson: Não. Terapia é permitir ao paciente usar seus próprios processos.

Rossi: *Terapia é permitir ao paciente usar seus próprios mecanismos e processos mentais.* Não é para o terapeuta

ser o homem-resposta ou o sábio que compreende o paciente e devolve essa compreensão ao paciente. Ridículo. Com frequência, isso são os preconceitos e projeções do terapeuta. O terapeuta não deve dar sua filosofia para o paciente.

Erickson: Todo indivíduo tem um background diferente.

Rossi: Certo. Cada pessoa tem seu próprio mundo, no qual vive. Não se pode pedir ao paciente para descartar seu mundo fenomenológico e adotar o nosso. Apenas, pode-se ajudá-lo a trabalhar dentro do seu mundo. É uma mudança muito paradigmática — um jeito, fundamentalmente, diferente de fazer terapia. É muito diferente da vida cotidiana. Muitas pessoas interessadas em psicologia dizem: “Oh, eu gosto de conversar com as pessoas. Eu entendo as pessoas. Acho que serei psicoterapeuta porque as pessoas gostam de conversar comigo e eu as entendo.” Mas, apenas entender as pessoas — compreender seus padrões de vida — não é suficiente. Devemos aprender a evocar processos que ajudarão a mudar seus próprios padrões de vida. Essa é a essência da psicoterapia. Você concorda?

Erickson: (Acena que sim.)

Rossi: A essência da terapia é trabalhar com esses processos mentais.

2.9 *Décima visita do Homem de Fevereiro: o dormir, facilitando uma regressão profunda até a idade de 6 anos; a razão terapêutica para a regressão*

Erickson: Agora, vou apertar-lhe a mão. Um, dois, três, quatro. Tudo certo, agora. Quantos anos você tem?

Sujeito: Eu não sei.

Erickson: Você não sabe? Quantos anos você acha que tem?

Sujeito: Não sei.

Erickson: Você sabe quem eu sou?

Sujeito: Sim.

Erickson: Quem eu sou?

Sujeito: O Homem de Fevereiro.

Erickson: Você tem 6 anos?

Sujeito: Acho que não.

Erickson: Simplesmente feche os seus olhos e durma por um momento. Quero que você tenha 6 anos de idade. E quero que converse comigo.

Sujeito: Oi!

Erickson: Quantos anos você tem?

Sujeito: Seis.

Erickson: Em que mês estamos?

Sujeito: Fevereiro.

Erickson: É fevereiro.

Sujeito: Você sempre vem me ver em fevereiro.

Erickson: Está certo.

Rossi: Estou completamente interessado em todas as pequenas coisas que você faz para alcançar uma indução hipnótica e regressão profundas. Ela está regredida à sua realidade hipnótica, tendo você como o Homem de Fevereiro; mas você deseja que ela regrida até os 6 anos de idade e assim pede-lhe para fechar os olhos, dormir por um momento e ter 6 anos.

Erickson: Quando peço a ela para ter 6 anos de idade, ela pode discordar da minha pergunta. Porém, quando digo: "Feche os olhos e durma por um momento. Quero que você tenha 6 anos de idade" — ela está *fazendo* alguma coisa.

Rossi: O inconsciente dela está fazendo; ela não está fazendo "o dormir" com intencionalidade consciente.

Erickson: Certo.

Rossi: É a modalidade hipnótica: quando o inconsciente é capaz de operar de modo autônomo, sob a máscara do sono. Realmente, ela não está dormindo. *Dormir* é apenas, uma palavra-dica, uma metáfora para a mente inconsciente dela assumir e fazer alguma coisa.

Erickson: Uma criança de 6 anos pode acreditar em qualquer coisa.

Rossi: Entendo. Essa é uma razão interessante para se fazer hipnoterapia num estado regredido. Um estado mental receptivo infantil pode acreditar e fazer as sugestões terapêuticas trabalharem muito mais prontamente do que num estado mental adulto.

Erickson: Mas você não está falando sobre crença com uma criança. É real.

2.10 *Uma abordagem naturalística para superar gradualmente a fobia de nadar: crescimento da ambivalência para a certeza; justapondo a especulação com a realidade*

Erickson: Diga-me, Srta. S, você foi nadar no verão passado?

Sujeito: Sim.

Erickson: Gostou?

Sujeito: De certa forma.

Erickson: Não entendo "de certa forma".

Sujeito: Acho que gostei.

Erickson: "Não entendo 'de certa forma'." "Acho que gostei." Ela está fazendo uma concessão à sua própria realidade passada, quando diz "de certa forma". Eu pressiono até que ela diz: "Acho que gostei."

Rossi: Você lhe permite experimentar os aspectos positivos da experiência, para que então ela possa dizer: "Eu gostei..." dessa forma.

Erickson: Uh-hum. É um processo natural de crescimento.

Rossi: Um processo passo a passo de gradualmente estabelecer por completo alguma coisa nova que ela possa aproveitar — livrando-a da fobia de água. É sua abordagem naturalística — imitar um processo de crescimento natural.

2.11 *Dessensibilizando a experiência traumática por meio da repetição; utilizando o tempo, o futuro e a "promessa" de facilitar a recordação; varrendo a cascavel para fora*

Erickson: O que faz você dizer que acha que gostou?

- Sujeito: De alguma forma me assusta, às vezes.
- Erickson: Por quê?
- Sujeito: As pessoas se afogam.
- Erickson: Você já conheceu alguém que tenha se afogado?
- Sujeito: Não.
- Erickson: Nunca?
- Sujeito: Não.
- Erickson: Você já conheceu alguém que você pensou estar afogado?
- Sujeito: Uma vez eu pensei que Helen tinha se afogado.
- Erickson: Quem é Helen?
- Sujeito: Minha irmã.
- Erickson: Quando isso aconteceu?
- Sujeito: Não foi aqui.
- Erickson: Onde aconteceu?
- Sujeito: Em cima, na outra rua.
- Erickson: Como aconteceu?
- Sujeito: Eu lhe contei.
- Erickson: Conte-me outra vez.
- Sujeito: Tentei pegar Helen e a derrubei na água.
- Erickson: Então, o que aconteceu?
- Sujeito: Mamãe veio e tirou-a.
- Erickson: Como ela estava?
- Sujeito: Ela ficou toda azul.
- Erickson: Como você se sentiu?
- Sujeito: Senti-me horrível. Pensei que ela estava morta.
- Erickson: Você pensou que ela estava morta.
- Sujeito: Sim.
- Erickson: Jane, voltarei a vê-la, muitas vezes. E algum dia, quando você for mais velha e maior, quero que me conte isso. Quero que se lembre de tudo e me conte. Você fará isso para mim? Algum

dia, quando você for mais velha e maior, quero que se lembre, detalhadamente. Algum dia, quando for mais velha e maior, virei falar com você. Irei chamá-la de Jane, e direi: "Jane, fale-me sobre aquilo. Tudo." Você fará isso? Quero que me conte. Não agora, mas algum dia quando você for mais velha e maior, quando tiver crescido. E quero que fale o mais rápido possível. O mais rápido que consiga. Como: "Peter-Piper pegou-uma-porção-de-pimentas-em conserva!"* Você já tinha aprendido a dizer isso? Quero, que algum dia, quando for mais velha e maior, você me conte essa história; cada pedacinho dela. Cada coisa que você tenha esquecido hoje, você se lembrará. Você se lembrará das coisas que foram esquecidas hoje. Promete?

Sujeito: Sim.

Erickson: O que deverei fazer, ao chamá-la de Jane, para você me contar essa história?

Sujeito: Você pode lembrar-me, perguntando-me.

Erickson: E quando você for mais velha e maior, me contará tudo sobre Helen, e contará rápido. E você fará isso, seguramente. É uma promessa? Você irá me contar mesmo as coisas das quais se esqueceu hoje.

Sujeito: Posso não me lembrar.

Erickson: Mas você se lembrará; mesmo que tenha que me contar duas, três, quatro ou cinco vezes. Certo? (Sujeito acena positivamente.) E pode ser uma coisa muito boa, me contar não apenas o que aconteceu, mas também seus sentimentos. Você não se sentiu bem quando aconteceu, sentiu? Quero que me conte esses sentimentos. Você fará isso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Devo deixá-la dormir um pouco, por enquanto?

Sujeito: Sim.

* No original: "Peter-Piper-picked-a-peck-of-pickled-peppers." (N.T.)

Erickson: E recobrar todas as lembranças?

Sujeito: Sim.

Erickson: E então, algum dia, quando você for mais velha e maior, eu voltarei, Jane, e lhe direi: "Jane, conte-me sobre Helen." E você me contará, tendo 10, 12, 16, 19 ou mesmo 25 anos de idade.

Sujeito: Talvez, até lá, eu me esqueça.

Erickson: Acho que quando uma garotinha faz uma promessa, ela deveria mantê-la. Não deveria?

Sujeito: Sim.

Erickson: Toda essa narrativa é bem menos dolorosa.

Rossi: Ela progrediu terapeuticamente até o ponto de poder rever o quase-afogamento da irmã com maior objetividade. Por que você decidiu dar-lhe uma sugestão pós-hipnótica para falar sobre sua fobia em nadar, mais tarde? Por que você não lhe perguntou nesse momento, quando ela estava num bom *rapport* com você e numa excelente regressão?

Erickson: Geralmente, se você pedir algo no momento, a pessoa fica ansiosa. Assim sendo, joga-se para o futuro, quando ela poderá estar preparada — mas, tem que se ter uma promessa. Quando se promete fazer alguma coisa, no futuro, o futuro ganha peso.

Rossi: Na medida em que o tempo passa, maior tornar-se o peso e assim a expectativa e a motivação crescem cada vez mais.

Erickson: Está utilizando-se o tempo e o futuro.

Rossi: E' fantástico!

Erickson: "A familiaridade gera desprezo." Quanto mais vezes os pacientes contam algo traumático, menos traumático se torna.

Rossi: Você está dessensibilizando-a por meio do contar repetidamente a história traumática.

Erickson: Dessensibilizando, até que se torne um "chápeu velho". (Erickson conta uma história de quando sua

mãe, aos 30 anos de idade, deparou-se com a filha de 1 ano, sentada no chão da cabana, olhando uma cascavel enrolada, bem a sua frente.) E minha mãe disse: "Então, agarrei a vassoura e varri a Sra. Cascavel para fora da cabana, tão rapidamente, que ela nunca soube o que acontecera." Quarenta anos depois, cinquenta anos depois, sessenta anos depois, ela ainda dizia que havia varrido a "Sra. Cascavel" para fora da cabana. Ela sempre falava dessa forma respeitosa: "Sra." E sua voz ficava mais rígida quando falava sobre ter agarrado a vassoura. Foi uma experiência traumática, e ela nunca ficou, inteiramente, dessensibilizada.

Rossi: Então, a característica ativa de uma história real de vida (ou história oral) revela que a pessoa não está dessensibilizada para os elementos emocionais originais dessa história. Ao contar a história, a emoção original apanha o narrador e é esta emoção que o ouvinte recebe e à qual responde.

2.12 *Comunicação em dois níveis; escolha ilusória para lidar naturalisticamente com o desconforto; uma dupla ligação de tempo evocando um conjunto mental para falar rápido, sem interrupção*

Erickson: Tudo bem. Simplesmente, vá dormir porque vou sair. E apenas durma. Durma até junho de 1945; até que seja 3 de junho de 1945 (a data atual, então). (Sujeito desperta.) Os mesmos velhos rostos.

Sujeito: Nunca muda.

Erickson: Quer um cigarro?

Sr. Beatty: Aqui estamos nós.

Sujeito: Tem certeza de que você tem outro maço?

Erickson: Sim.

Sr. Beatty: Eu acendo.

Sujeito: Pior se você não fumar.

Erickson: Perceba o jeito que ela disse isso.

Sr. Beatty: Você não abriu a janela o suficiente para que eu fumasse meu cachimbo, abriu? Minha

esposa sempre faz-me fumar ou dormir no meu próprio quarto.

Erickson: Espero que aproveite seu cigarro.

Sr. Beatty: Você se importa com meu cachimbo?

Sujeito: Não; meu avô soltava fumaça em cima de mim, desde que eu era pequena.

Sr. Beatty: Bem, eu mencionei fumar meu cachimbo no meu quarto e mudei de assunto, dizendo que dormia em meu quarto. Agora, durmo num quarto separado, porque ronco muito. Há um significado psicológico ou psicanalítico?

Erickson: Um problema de cada vez.

Sujeito: Você está resolvendo um outro para ele? Você tem muitos problemas?

Sr. Beatty: Sim, tenho muitos problemas.

Erickson: Você ficará satisfeita em saber que usei muito do meu conhecimento com você, enquanto eu estava na Fundação Menninger.

Sujeito: Aleluia! Servi para alguma coisa.

Erickson: Eu estava dando aulas lá e fiz anotações sobre você.

Sujeito: Bem, sou boa para alguma coisa. Não é maravilhoso? Eu estava dizendo à minha amiga, esta noite, depois que cheguei aqui, que não seria divertido se você esperasse que eu fosse hipnotizada e eu apenas sentasse e risse? Ela disse: "Não seria divertido."

Sr. Beatty: Você trabalha na Menninger?

Sujeito: Não. Sou uma estudante de enfermagem na Providence. Espero, um dia, terminar e cair fora de lá.

Erickson: Você pode me contar algo sobre seu nadar? Você pode, Srta. S?

Sujeito: Não sei o que eu poderia contar-lhe.

Erickson: Está ligado com alguma coisa que você sabe?

Sujeito: Não.

Erickson: Sua mão está aqui (indica) e você diz não saber quando esse medo começou. Você tinha medo de nadar quando tinha 6 anos?

Sujeito: Não me lembro. Tudo que sei é que tenho medo de água. Eu costumava ir, de qualquer modo; mas eu não gosto. Naturalmente posso ir se tiver que ir. Pode-se fazer muitas coisas quando se tem que fazer. Mas eu não gosto.

Erickson: Quão rápido você consegue falar?

Sujeito: Depende do quão furiosa eu esteja.

Erickson: Quão rápido você pode recitar: "Peter-Piper-pegou-uma-porção-de-pimentas-em-conserva."?

Sujeito: "Peter-Piper-pegou-uma-porção-de-pimentas-em-conserva." Mas eu não gosto dessa.

Erickson: Talvez você goste mais dessa: "Quanta madeira uma marmota poderia atirar se uma marmota atirasse madeira?"*

Sujeito: Eu gosto dessa. Quando éramos pequenos, minha avó costumava repeti-la para nós. Nunca entendi por quê.

Erickson: Diga-me, você está preparada?

Sujeito: Para o que eu deveria estar preparada?

Erickson: Está?

Sujeito: Certamente.

Erickson: O que você quer dizer com "certamente"? É apenas uma resposta educada ou você quer dizer isso mesmo?

Sujeito: Bem, eu não sei para o que estou preparada, se é isso o que você quer dizer. Só mencione o quê, e eu estarei preparada. Tudo certo?

Erickson: Sim, tudo certo. Mas esperamos você acabar esse cigarro.

Sujeito: Estarei pronta quando terminar meu cigarro?

Erickson: Certo!

* Em inglês: *How-much-wood-could-a woodchuck-chuck-if-a woodchuck-would-chuck-wood?* (N.T.).

Erickson: Novamente estou falando em diferentes níveis: "Diga-me, você está ficando pronta?" E ela finalmente diz: "Eu estarei pronta."

Rossi: Ela está numa estrutura mental de aceitação muito boa.

Erickson: Ela está num bom *rapport* comigo e com o Dr. Fink e está pronta para mais alguma coisa — e não apenas para nos agradar.

Rossi: Esta "mais alguma coisa" é importante, pessoalmente para ela.

Erickson: Uh-hum. Ela estará pronta quando terminar o cigarro. Ela estará pronta em relação ao seu próprio conforto em fumar. Sua mão está confortável, sua boca está confortável, ela está pronta.

Rossi: Ela está pronta para fazer algum trabalho terapêutico importante. Esta sequência é bastante característica da sua estratégia de comunicação em dois níveis (Erickson e Rossi, 1976/1980). Você está endereçando a mente consciente e desperta dela (realmente, ela está ainda num transe sonâmbulo em relação a você), ainda que muitas das suas observações sobre "Quão rápido você consegue recitar..." e "ficando pronta" tenham sentido apenas para um nível inconsciente mais novo.

Erickson: Sim.

Rossi: Quando você lhe pede para recitar "Peter-Piper pegou uma porção de pimentas em conserva", isso é realmente uma dica que você espera que evoque as sugestões anteriores para falar mais sobre o problema de nadar?

Erickson: Não, mas eu lhe dei esse "Peter-Piper..." como uma dica para ela seguir o processo real de remover o desconforto do que eu disse para aquilo que ela gostaria.

Rossi: Como isso remove o desconforto?

Erickson: "Peter-Piper" foi idéia minha. Eu lhe dei a oportunidade de ir para algo que ela gostasse mais, como: "Quanta madeira...?"

Rossi: Dessa forma, você está lhe dando escolha?

Erickson: Uh-hum. Com "Peter-Piper" ela estaria respondendo à minha direção. Quando lhe ofereço um outro caminho, estou lhe dando uma escolha.

Rossi: Você quer dizer que ela pode ter escolha porque você quer que suas próprias dinâmicas internas sejam ativadas. Por isso é importante dar escolha às pessoas: faz com que seu mundo interno seja ativado mesmo que seja uma escolha ilusória; eles ainda farão o que se quer que façam.

Erickson: A fala rápida nesses jogos é para prepará-la para não ter dificuldades ou interrupções, quando ela me contar sobre os materiais traumáticos.

Rossi: Assim, seus jogos de palavra rápidos são um outro exemplo de como você evoca certos conjuntos mentais para facilitar a terapia — nesse caso, um conjunto de falar rápido sem interrupção quando ela tiver que falar sobre algo difícil. Novamente, você está evocando um processo para facilitar a responsividade terapêutica.

Erickson: É uma dupla ligação.

Rossi: O que é a dupla ligação?

Erickson: Ela está se ligando ao dizer: "Eu estarei pronta quando terminar meu cigarro." Eu a liguei nisso quando eu disse: "Mas esperamos você acabar esse cigarro."

Rossi: É o que chamamos uma *ligação de tempo* (Erickson e Rossi, 1975/1980).

2.13 Utilizando dois conjuntos mentais para evocar uma lembrança traumática completa; uma ligação de tempo e conjunto de falar rápido

Erickson: Há mais alguma coisa que você possa falar sobre sua fobia de água?

Sujeito: (Franzindo as sobrancelhas para o Dr. Fink) Oh, o Dr. Fink ia resolver o problema. Lembra-se, você surgiu no *hall* quando eu estava em O.B.? (Novamente para Erickson) Ele entrou e falou sobre todos aqueles medos que as pessoas têm e eu lhe contei que tinha medo de água. Ele ia ajustá-lo — apenas isso.

Erickson: Mais alguma coisa que você queira dizer?

Sujeito: Talvez eu tenha herdado. Meu pai nunca queria nadar. Mas ele não tinha medo de água —

ele tinha bronquite, asma e um milhão de outras coisas e não podia nadar. Pior se ele não pudesse nadar. De fato, mamãe costumava ficar brava conosco quando insistíamos para papai nos levar para a água quando éramos pequenos. Costumávamos atormentá-lo para nos levar e ela ficava aborrecida com a gente. Costumávamos querer que ele saísse conosco.

Erickson: Como você aprendeu?

Sujeito: A nadar? Não aprendi. Apenas quase aprendi algumas vezes. Tínhamos um vizinho, o Sr. Smith. Era um nojento. Uma vez, fomos nadar — não posso lembrar-me o quanto fiquei assustada. Não sei onde fomos, mas havia um daqueles diques grandes. Então ele me disse: “Quer aprender a nadar?” E eu respondi: “Não.” Então, ele falou: “Venha comigo e vamos olhar a água.” Pegou a minha mão e fomos até o dique e a primeira coisa que vi foi que eu estava na água e ele também. Mamãe repreendeu-me posteriormente, mas ele me deixou tão furiosa que eu o chutei e arranhei-o e quase o matei. Tentei mordê-lo e tudo mais. Então ele tirou-me da água. Creio que ele achou que não tinha jeito.

Erickson: Por que você o chutou e o mordeu?

Sujeito: Não sei. Eu estava simplesmente furiosa com ele. Eu não esperava que ele me empurrasse na água daquela forma. Ele queria me ensinar a nadar, mas aquela não era a maneira de fazê-lo. Então, fiquei furiosa com ele.

Erickson: Seu cigarro está ficando pequeno.

Sujeito: Sim. Mas você se surpreenderia com quão pequenos podem ficar e ainda assim serem fumados.

Erickson: Eu não me surpreenderia.

Sujeito: De fato, eu tenho fama de deixar as pontas mais curtas, no solário. Parece-me um pecado mortal não fazê-lo. Nós temos uma hora para o almoço, e leva cerca de 10 minutos para se comer a comida que eles põe na sua frente.

Então, após pentear os cabelos, temos cerca de 5 minutos para fumar. Assim, as garotas fumam um tanto do cigarro e eu, apenas, sento-me lá e fico enjoada cada vez mais, enquanto as observo.

Erickson: Você não está fumando. Está somente batendo as cinzas. Você não acharia melhor dar uma tragada?

Sujeito: Oh, eu não sei. Quanto mais tragadas você dá, menor fica o cigarro. É uma espécie de desperdício deixá-lo ir-se desse jeito. Há pelo menos, três baforadas nisso.

Erickson: Você as daria?

Sujeito: Espero que sim. Não foi no Saara que adotaram um cigarro por seis colegas? Para pensar, eu costumava levar taquigrafia. Se eu voltar para casa sem nenhum dedo, você explica à minha mãe.

Erickson: Talvez você volte sem mais alguma coisa.

Sujeito: Você quer dizer que algumas de minhas lembranças serão deixadas aqui? O que você faria com elas?

Erickson: Eu as endireitaria.

Sujeito: Sem que eu estivesse aqui?

Erickson: Talvez. (Sujeito, finalmente, apaga o cigarro.) Jane, quero que você me conte sobre Helen. Rápido, rapidamente, conte-me sobre Helen, Jane.

Sujeito: Helen. Deixe-me ver.

Erickson: Rapidamente, com todos os sentimentos que você teve.

Sujeito: Mas — talvez esteja ligado com água. Uma vez, quando éramos pequenas, não me lembro onde morávamos, mas mamãe estava esfregando o chão, e ela usava uma dessas grandes — não bacias — tinas, creio que poderíamos chamar assim.

Parecia-me que ela estava sempre esfregando o chão. Helen era um bebezinho, mas era quase

tão grande como eu. Mamãe entrou em outro quarto e deixou a tina no chão onde Helen estava brincando. Eu disse a mamãe que Helen estava na água e ela falou: "Tudo bem." Então eu lhe falei que Helen ficaria toda molhada e ela disse: "Oh, deixe-a, por favor." Então, eu tentei levantá-la, coloquei meus braços ao redor de sua cintura e tentei erguê-la. Mas ela era muito pesada para mim, e ela deu uma espécie de cambalhota para trás e caiu na água. Eu chamei mamãe dizendo que Helen estava na água, mas ela não prestou atenção. Chamei-a novamente e então comecei a gritar. Mamãe veio ver o que estava acontecendo e tirou Helen da água.

Erickson: Vá em frente.

Sujeito: Havia água saindo da boca e do nariz dela. Mamãe bateu em suas costas. Acho que ela bateu em suas costas e eu chorei.

Erickson: Agora, realmente, conte-me a história sobre Helen.

Sujeito: Ela não respirou por um longo período. Sentime horrível.

Erickson: O que você pensou ter feito e que era horrível?

Sujeito: Eu a levantei e queria ajudá-la, mas ela quase se afogou.

Erickson: Você ficou um pouco furiosa com Helen?

Sujeito: Eu fiquei furiosa com ela por ser tão pesada. Ela pôs as mãos em volta da tina. Ela não deveria.

Erickson: Todos os sentimentos. Todos os sentimentos.

Sujeito: Ela não deveria. Eu deveria tê-la soltado, mas não soltei. Acho que perdi o equilíbrio.

Erickson: Quero que se lembre de tudo. Conte-me o resto, Jané, sobre Helen.

Sujeito: Ela estava com um vestido rosa. Eu não queria que nada lhe acontecesse naquele dia. Ela parecia tão linda naquela manhã. As pessoas

costumavam vir em casa e dizer que ela era tão linda; e que bebês bonitos assim podem morrer e por isso deve-se ter cuidado com eles.

Erickson: Você tinha ciúmes de Helen?

Sujeito: Não.

Erickson: Diga a verdade.

Sujeito: Um pouco, talvez.

Erickson: Você tinha ciúmes?

Sujeito: Sim.

Erickson: Continue. Continue.

Sujeito: Tolice.

Erickson: O que tudo isso tem que ver com nadar? Agora comece a pensar e comece a entender. O que tem que ver com seu medo de nadar?

Sujeito: A água estava suja. Havia sabão nela. Havia sabão em volta da tina. E Helen tinha bolhas, saindo de sua boca.

Erickson: O que isso tem que ver com seu medo de nadar?

Sujeito: Devo sentir medo de empurrar alguém e afogá-lo. Talvez seja isso. Talvez eu sinta medo de me jogar. Tenho medo de que alguém se afogue.

Erickson: Esta é a primeira descrição completa que ela faz da situação traumática.

Rossi: Esta descrição completa, vem, finalmente, quando duas de suas estratégias indiretas para utilizar conjuntos mentais são ativadas: (1) a dupla ligação (ou a ligação de tempo) entra em ação, automaticamente, quando ela termina o cigarro e você agarra esse momento crucial para (2) dar a dica do conjunto de "falar rapidamente sem interrupção" que você introduziu com o jogo de "Peter-Piper" na seção passada. A ligação de tempo e o falar rápido são dois conjuntos mentais que juntos, finalmente, colhem e canalizam suas associações traumáticas dispersadas numa história completa e coerente. Acredito que esta possa ser a *mais clara e literal demonstração registrada do seu uso simultâ-*

neo de dois conjuntos mentais, para reaver uma lembrança traumática perdida, sobre a qual uma fobia está baseada.

Erickson: Sim e permite a Srta. S trazer memórias visuais que completam mais. Ela expõe tudo, pela primeira vez, de uma forma que ela pode separar o trauma da água e do nadar.

Rossi: Então o que, realmente, aconteceu foi que Jane foi um herói mal compreendido e a mãe, de fato, foi a culpada pelo quase-afogamento de Helen. Jane tentou avisar a mãe que Helen estava na água, mas a mãe não veio. Jane tentou tirar Helen da água, mas, acidentalmente, Helen saltou para trás, caindo na água. Até que Jane começou a gritar e a mãe retardadamente veio ajudar.

2.14 *Reindução de transe com catalepsia de braço; uma recordação mais completa de perda precoce de amor como a fonte de rivalidade; conforto e diretiva implícita como mecanismos de biofeedback*

Erickson: (Erickson, gentilmente, guia ambos os braços do sujeito para cima, no ar.) Agora durma. Durma. Durma. Durma profundamente. Tão logo você esteja dormindo profundamente, deixe seu braço esquerdo descansar sobre o seu colo. E você vai continuar dormindo, não vai? (O braço esquerdo do sujeito desce para o seu colo.) Você sabe o que andou fazendo? Lembra-se do que me contou?

Sujeito: Sim.

Erickson: Sabe por que eu quis que me contasse aquilo?

Sujeito: Não.

Erickson: Você estava com muito medo de contar, não? E você omitiu algo, não foi? Agora, quero que me conte, outra vez, enquanto dorme. E dessa vez, conte-me tudo. E diga toda a verdade. E você irá fazer um bom trabalho, realmente. De forma tão confortável que poderá compreender esse seu medo de nadar. Você não quer mais ter medo, quer? E na medida em que você me contar esse episódio, desejo que cada outra coisa que esteja ligada com seu medo de nadar,

apareça. Você quer? Agora, enquanto dorme, gostaria de pensar um pouco sobre isso? Tudo bem. E quando você estiver pronta, pode abaixar seu braço direito. Acha que terá coragem para fazer isso ou preciso ajudá-la? (Sujeito acena positivamente.) Certo, vou ajudá-la. E dessa vez, você não irá omitir nada e passará por isso e rirá disso. Você não tirará as coisas da sua mente e as dirá completamente. Não está certo? E é certo, também. Bem, há algo especial que você gostaria que eu fizesse a fim de ajudá-la? Alguma coisa especial? Ou você, simplesmente, irá confiar e ter fé em que eu farei tudo que posso e isso será o suficiente?

Sujeito: Sim. (Pausa) Uma vez, quando Helen era bem pequena, ela estava sentada num cadeirão brincando com prendedores de roupas. Mamãe estava arrumando coisas no quintal e Helen queria ficar mais perto da porta para poder vê-la. Eu quis colocá-la próxima da porta. Então pedi ao papai para vir e colocá-la. Ele disse não. Então pedi à mamãe se ela poderia vir e colocá-la junto à porta e ela não veio. Então, eu tentei. Tentei empurrá-la. Eu estava empurrando o cadeirão e ele inclinou-se sobre mim. Machuquei o meu braço e Helen caiu. Ela chorou muito. Papai veio ver o que havia acontecido e perguntou-me o que eu tinha feito. Eu lhe contei que estava tentando pôr o cadeirão perto da porta. Ele disse: "Você não deveria fazer coisas quando foi dito não." Ele estava furioso. E me espancou. Ele nunca havia me espancado antes. Ele nunca havia me espancado antes disso.

Erickson: E isso doeu, não foi?

Sujeito: (Chorando) Ele nunca me espancou depois daquilo. Acho que fiquei com ódio dele, por um tempo.

Erickson: Você o odiou por um tempo, não?

Sujeito: Claro. Estava errado; mas eu queria matá-lo. Ele foi tão cego que não viu que não poderia ter feito aquilo: eu só estava tentando ajudar.

Erickson: Continue.

Sujeito: Mamãe estava chorando. Ela mandou que eu fosse para o meu quarto e ficasse lá. Fiquei com ódio de todos eles.* Queria matar todos. Sentime má. Eu nunca quis matar ninguém antes, mas naquele momento, queria matá-los.

Erickson: Vá em frente.

Sujeito: (Pausa) Papai costumava brincar comigo. Costumávamos nos divertir muito. Mas depois que Helen chegou ele nunca mais brincou comigo. E depois ficou doente também. Acho que eu era muito pequena para entender que ele estava doente. Mamãe vivia nos dizendo que ele estava doente e que não deveríamos incomodá-lo. Costumávamos ir ao andar de cima e colocar nossas cabeças sobre ele e dar cambalhotas no seu colo. Depois que Helen nasceu, ele não nos deixava mais fazer isso. Mas ele ia e brincava com Helen. Então quando lhe demos um desprezo, ele ficou todo embaraçado.

Erickson: Você ficava furiosa com ele quando ele brincava com Helen.

Sujeito: Eu ficava muito furiosa.

Erickson: Continue. Conte tudo.

Sujeito: Ela era a mais nova e vovó dizia que a mais nova é sempre criança. Helen era pequena e tinha que receber mais atenção. Eu sei disso. Quando éramos maiores costumávamos correr para longe dela. Escondíamos-nos no andar de cima e ela nos procurava e não conseguia nos encontrar. Ela chorava e nós deixávamos ela ficar chorando. Sentávamos e ficávamos rindo, ouvindo ela chorar. Então eu cresci e vi como isso era tolice. Não era culpa de Helen. Era tudo culpa da mamãe.

Erickson: Fale-me sobre isso.

* Jane é a terceira filha do casal. Tem uma irmã (Lisa) e um irmão (Larry) mais velhos e Helen é a caçula. (N.T.)

Sujeito: Oh, não é isso. Não era para culpar a mamãe. Vovó costumava dizer que se a mamãe nos amaldiçoasse, ela deveria vir ver-nos; mas ela nunca fez isso. Ela não me repreendeu quando derubei Helen na água. Apenas me olhou, como se eu fosse horrível, muito perversa. Mas eu não era. Então, eu passei a andar abaixada até a porta e olhar para ela — para Helen, eu quero dizer. Eu a olhava e lamentava pelo que havia sentido, mas não podia ajudar. Passei a ter raiva de todo mundo. Costumava explodir e chorar, mas não queria que ninguém me visse chorando. E ainda hoje, não quero que ninguém me veja chorar.

Erickson: Vá em frente. Todos os sentimentos. Continue.

Sujeito: Um dia, quando Helen era maior, estávamos no verão. Mamãe, papai e os vizinhos — eles tinham uma filha chamada Doroty, que era uma gracinha para nós, crianças — fomos todos ao lago. Helen já andava e mamãe pediu-me para olhá-la. Mas eu fiquei assustada. Fiquei assustada por ter que olhá-la.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Pensei no que aconteceria se ela ficasse toda azul novamente. Mamãe estava nadando e não havia ninguém perto a não ser Larry. Mas Larry estava jogando bola e se Helen se afogasse eu não poderia fazer nada. Ela poderia morrer. E seria tudo minha culpa. Então, eu não a deixei ir para a água. Mas ela chorou e mamãe me repreendeu e disse que eu era tola e deveria tê-la levado para água. Eu fiquei bem ao lado dela, com meus braços ao redor do seu corpo, assim ela não poderia se machucar.

Erickson: Vá em frente.

Sujeito: Então Larry veio e cuidou dela. Ele a levou para água e deixou-a subir em suas costas. Ela gostou. Eu fui brincar com Lisa e ela disse: "Qual é o problema? Você não gosta de olhar Helen?" Eu falei: "Não, eu a odeio." Depois, me senti

mal por ter dito aquilo, porque eu não odiava Helen — eu gostava dela.

Erickson: Há mais alguma coisa sobre Helen, na tina, que você não me contou?

Sujeito: Mamãe não veio quando a chamei. Ela simplesmente não veio. Eu a chamei e disse que Helen estava toda molhada. Eu falei que ela ficaria doente. Quando comecei a chorar bem alto, ela disse: “Não chore por causa disso.” Daí ela veio ver qual era o problema e quando viu Helen dentro da tina, ela apenas me olhou.

Erickson: Continue.

Sujeito: Helen tossiu o dia inteiro. Fiquei muito assustada em pensar que eu havia feito alguma coisa que não devia. Eu só não queria que ela se machucasse.

Erickson: E ainda você ficou furiosa com ela por ter colocado-a nessa encrenca.

Sujeito: Eu não sei por que ela se agarrou a tina. Acho que eu poderia tê-la erguido se ela deixasse. Mas ela não deixou.

Rossi: No início dessa seção, você reintroduz um transe hipnoterapêutico profundo, erguendo a mão e o braço dela e sugerindo: “Durma. Durma profundamente.” É uma das suas induções típicas de catalepsia. Depois, você segue com uma diretiva implícita, ao dizer: “E tão logo você esteja dormindo profundamente, deixe seu braço esquerdo descansar sobre seu colo.” Quando esse braço desce ao colo dela, para você, é sinal do inconsciente do sujeito de que está pronto para que você prossiga com mais trabalho hipnótico.

Daí, você utiliza a diretiva implícita, novamente, sobre o outro braço e diz: “E quando você estiver pronta, abaixe seu braço direito.” É um sinal para ela contar-lhe toda história confortavelmente. Repetir a recordação do trauma em conforto é importante para a continuidade do processo de dessensibilização, bem como para manter seu esforço em eliciar todos os detalhes significativos. A diretiva implícita é uma estratégia indireta muito útil que funciona como um sinal

de *biofeedback*, permitindo a vocês dois saber quando o sistema mente-corpo dela está pronto para continuar num nível ótimo de conforto.

Erickson: Para as teorias formais o entrelaçamento de todas essas memórias é importante.

Rossi: Sim. Freud falou sobre os “sintomas múltiplos”, por meio do que um sintoma psicológico, como a fobia de nadar, pode ser visto como o resultado de uma concatenação de muitas fontes psicológicas de *stress* entrelaçadas. Aprendemos na sessão que, quando a irmã de Jane era bem pequena, Jane quiz ajudá-la a ver a mãe. A inclinação da cadeira de Helen foi verdadeiramente um acidente. O pai e a mãe de Jane não entenderam isso e passaram a suspeitar que ela queria ferir Helen. Por causa desse mal-entendido, eles puniram Jane e retiraram o amor. E pela primeira vez em sua vida Jane sentiu ódio e desejou matar seu pai e depois todos eles: “Fiquei com ódio de todos eles. Queria matar todos.”

Porém, mesmo antes desse acidente, as coisas já haviam mudado muito com o nascimento de Helen. Foi uma época em que o pai parou de brincar com Jane. Foi também quando o pai ficou doente. Em relação à sua mãe, Jane diz: “Não era culpa de Helen — era tudo culpa da mamãe” que a atenção houvesse sido retirada de Jane com a chegada de Helen. Quando o acidente do quase-afogamento de Helen ocorreu, foi realmente culpa da mãe por não ter vindo, quando Jane a chamou, avisando-a. Contudo, nessa época, tanto o pai como a mãe de Jane tinham uma estrutura de suspeita referente à observação da relação de Jane para com Helen. Assim, apesar de Jane estar tentando ajudar Helen, no episódio do quase-afogamento, o resultado foi sua mãe culpá-la e olhar para ela como se fosse “horível, muito perversa”.

Num verão, quando Helen era um pouco maior, Jane, outra vez, viu-se numa posição em que se sentiu responsável pela segurança de Helen junto a uma porção de água (o lago). Naturalmente, Jane não deixou Helen entrar na água, com medo de que ela ficasse toda “azul novamente” e “morresse”. Mas, de novo, Jane foi mal compreendida e punida pelas suas ações bem-intencionadas. Podemos deduzir que aí Jane generalizou seu medo de água para si mesma e isso resultou no que chamamos de sua “fobia de nadar”.

Se formos mais longe, podemos concluir que foi a retirada do amor e atenção pelos pais que levaram a uma série de mal-entendidos que culminaram com Janie ficando "muito furiosa com todos" por ser acusada erroneamente de tentar machucar sua irmãzinha. Nesse caso pelo menos parece que a assim chamada rivalidade entre irmãos foi uma consequência direta da retirada inconsciente dos pais da atenção da irmã mais velha, quando a mais nova nasceu.

(Algumas dessas fontes psicológicas de *stress* entrelaçadas, que levaram a formação da fobia de nadar de Jane, aparecem no Quadro 1.)

2.15 *Os multideterminantes da fobia de nadar: origens, reforçamento e generalização de medos, não-saber e os processos inconscientes*

Erickson: Há mais alguma coisa que você gostaria de me contar? Fale todo o resto.

Sujeito: Mamãe disse-me que, se eu fosse nadar com o Sr. Smith, ele me ensinaria e eu poderia me tornar uma ótima nadadora. Quando ela me falou, eu não quis. Eu não queria fazer nada que ela me dissesse para fazer; ou qualquer um me dissesse. Quando o Sr. Smith pediu-me para ir olhar a água, era fundo e escuro. Eu queria saber onde Helen estava e procurei por mamãe, mas não vi ninguém. Então, quando ele me perguntou se eu queria aprender a nadar, eu disse não. Ele perguntou se eu gostaria de colocar meu pé na água e daí me empurrou e tentou me ensinar a nadar. Fiquei assustada e chutei-o. Fiquei com tanta raiva que queria matá-lo, mas não podia: eu era muito pequena. Ele nunca tinha mergulhado ninguém. Ele disse que não era bom. Mas ele me empurrou quando eu não estava olhando e isso é que foi ruim. Eu não tenho medo de ser mergulhada. É divertido ver as bolhas subindo.

Erickson: Como você viu as bolhas saindo de Helen?

Sujeito: Aquilo não foi divertido. Eu pensei que ela estava morta.

Erickson: O que mais está ligado com o seu medo de nadar?

Sujeito: Eu costumava ir ao Rio Rouge onde havia uma espécie de cabo de aço — de um lado a outro. Os garotos grandes atravessavam, agarrando-se ao cabo. Eu era muito pequena para fazer isso, mas eu seguia Larry por toda a parte. Ele não se importava. Uma vez, ele foi até lá e eu o acompanhei. Ele disse que iria atravessar pelo cabo e que me levaria se eu me agarrasse no seu cinto. Na metade do caminho, fiquei muito assustada, mas ele conseguiu chegar do outro lado. Nós brincamos e colhemos flores, mas tivemos de jogá-las porque não conseguiríamos carregá-las na volta. Estava com medo de voltar sozinha. Estava com medo de pôr meu pé na água. Larry teve que me carregar. Ele não se importou. Achou divertido. Mas eu lhe disse para não contar a ninguém. Senti vontade de chorar, mas não chorei. Eu não queria que ninguém soubesse que eu tinha ficado tão assustada.

Erickson: E o que mais? O que mais?

Sujeito: Há alguns anos — cerca de três anos atrás — antes que Carl entrasse para o Exército, eu saí com ele e outro casal. Fomos a um lago perto de Pontiac. Eu estava com medo, mas até que era divertido. Carl ficava me empurrando para a água. Ele nem ligava que eu estivesse com medo. Finalmente, Paul conseguiu um barco para que pudéssemos passear no lago. Parecia que ia vir uma tempestade, mas eles disseram que não choveria até a noite. Eram, mais ou menos, 3 horas da tarde. Fomos passear e começou a chover: trovejava e relampejava. Eu sempre gostei daquilo, mas as ondas eram muito altas. Não estávamos fazendo progressos contra as ondas. Fiquei apavorada. Estava tremendo como louca. Carl me perguntou se eu estava com frio; mas eu não estava com frio: simplesmente, estava com medo da

morte. Finalmente, voltamos para a praia e eu lhes disse que queria ir para casa. Eles queriam ir a um *show* naquela noite, mas não me importei. Acho que arruinei a noite deles. Mas eu lhes disse que absolutamente eu não iria.

Erickson: Você omitiu alguns de seus sentimentos?

Sujeito: Sim. Não sei quais.

Erickson: Escute-me, Jane. Você ainda está dormindo, não está? Bem, há algo que desejo que você entenda claramente. Você veio aqui, esta noite, por sérias razões; por razões muito sérias, razões que são significativas para você. Não há um bom motivo para ter medo de nadar, há? Esse medo de nadar tem lhe atormentado muito mais do que você admite, não? Tanto que só ao ver flores num vaso com água, você fica desconfortável.

Sujeito: Algumas vezes, muito desconfortável. E eu sempre compro flores para as pessoas também. Não sei por quê.

Erickson: Porque as flores estão ligadas a funerais. Não é por isso?

Sujeito: Eu não gosto de funerais.

Erickson: AGORA ESTAMOS CHEGANDO PERTO DA HISTÓRIA TODA: SUA MÃE, SEU PAI E OUTROS A CONDENAM!

Rossi: Somente agora, nesse estágio de transe mais profundo e confortável, você obtém um quadro claro e compreensível dos muitos fatores que se combinaram para formar e reforçar o medo de água e de nadar da Srta. S. A generalização desse medo, para muitas outras coisas, acidentalmente associadas, tais como água num vaso de flores e funerais, é também evidente.

Erickson: A ligação das flores com seus problemas pode ter ocorrido quando Larry jogou as flores que ele tinha apanhado, porque eles não poderiam carregá-las sobre a água perigosa.

Rossi: Ela não sabe porque sempre compra flores para as pessoas, porque ela permanece inconsciente das asso-

ciações múltiplas de sua mente, entre flores, água (trauma) e morte. Quando ela responde a sua pergunta "Você omitiu alguns de seus sentimentos?" com "Sim, mas não sei quais", o seu *não-saber* é novamente uma indicação de processos inconscientes autônomos, lutando por se expressar no comportamento.

A perigosa atividade de atravessar o rio, num cabo, com Larry, reforçou seu medo de água; que foi então generalizado para as flores, que eles tiveram de descartar a fim de voltar. Essa ligação entre morte e água foi reforçada, ainda mais, anos depois, quando ela ficou "simplesmente, com medo da morte" quando estava num barco durante a tempestade com Carl e outro casal. Estes estágios na formação, no reforçamento e na generalização do seu medo de água são apresentados no Quadro 1.

2.16 *Despertando do transe e trabalhando com a resistência num nível consciente; especulações hemisféricas direita e esquerda; ambivalência como uma alteração de resposta em dois níveis, entre o sintoma e a cura*

Erickson: Você veio até aqui com um objetivo muito sério: compreender sua fobia de água, seus medos e ansiedades. Você quer, realmente, superar esses medos e ansiedades? Acha que já deu um passo nesse sentido? Agora, vou pedir-lhe para dar um outro passo. Quer fazer isso? Vou acordá-la um pouco e quero que você se lembre de tudo que disse enquanto dormia: o como você odiou sua mãe, odiou Helen e seu pai e todas aquelas coisas. E quero que você tente, de fato, discuti-las comigo, inteligente e compreensivelmente. Você fará isso? Quero que se recorde de cada uma daquelas coisas e fale sobre elas. Você fará isso?

Sujeito: Tudo bem.

Erickson: Acorde, agora. Acorde. Como se sente? Está cansada?

Sujeito: Exausta. Sinto-me como se tivesse perdido uma guerra sozinha.

Erickson: Com certeza, você é muito esperta. Então, perdeu uma guerra sozinha. Qual guerra?

Quadro 1

OS MULTIDETERMINANTES DO STRESS PSICOLÓGICO LEVANDO À FOBIA DE NADAR DE JANE; SETE ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO (ESTÁGIOS 1-5) E REFORÇAMENTO (ESTÁGIOS 6 E 7) DO MEDO DE ÁGUA E DE MORRER

TRAUMAS ORIGINAIS	REAÇÕES INTERPESSOAIS	CONSEQÜÊNCIAS PSICOLÓGICAS
1. Nascimento de Helen, a irmã mais nova do sujeito	Retirada da atenção (dos pais) de Jane; pai fica doente e retira a atenção de Jane.	"Eu costumava ficar com muita raiva."
2. O acidente do cachorrão	Os pais acreditam que Jane é mal-intencionada em relação a Helen e a punem.	Jane quer matar os pais e sente ódio de Helen.
3. Quase-afogamento de Helen perto de Jane	Os pais vêem confirmada a culpa de Jane e acreditam que ela é "perversa".	Jane fica "com raiva de todos" e não quer que ninguém a veja chorar.
4. Responsabilidade de Jane por Helen perto do lago	"Ela poderia morrer. E seria tudo minha culpa."	O medo é generalizado para todas as situações envolvendo Helen e água; água torna-se associada à morte.
5. O Sr. Smith tenta forçar Jane a nadar	Jane "fica assustada", chuta o Sr. Smith e "quis matá-lo".	Bolhas, água e nadar são novamente associados à morte. ("Pen-sei que Helen estivesse morta.")
6. Travessia perigosa do rio juntamente com Larry	"Eu fiquei assustada de pôr meu pé na água... Fiquei com vontade de chorar, mas não chorei."	O medo de água é reforçado e generalizado para as flores que foram descartadas.
7. Tempestade durante o passeio de barco no lago	"Eu estava tremendo como louca... Eu estava com medo de morrer."	As associações da morte com a água são mais reforçadas e se generalizam para funerais.

Sujeito: Só Deus sabe. Mas eu perdi. Tenho certeza. Ou talvez eu tenha vencido, não sei. De qualquer forma, foi cansativo.

Erickson: Por que você veio aqui esta noite?

Sujeito: Acho que queria vê-lo outra vez.

Erickson: E daí?

Sujeito: Não sei. Quero dizer — você me disse que iria me ver novamente.

Erickson: Você acha que irá nadar nesse verão?

Sujeito: Não sei. Eu poderia ir.

Erickson: Há duas respostas em sua mente?

Sujeito: Sim e não, como de costume.

Erickson: Você já havia tido essa experiência de pensar *sim* e *não* em relação ao nadar?

Sujeito: Não. Geralmente respondo com um *não* enfático. Então, ocasionalmente, isso expulsa o que eu tenho que expulsar, porque não posso sempre cair fora da situação gratuitamente. Daí, fumo meus cigarros.

Erickson: Quando se vai ao psicanalista, semana após semana, e não acontece nada, é chamado de *resistência*. Estou enganando a *resistência*, fazendo-a recordar-se desses incidentes traumáticos, acordada.

Rossi: Você lhe dá uma sugestão pós-hipnótica muito direta para "lembrar-se de tudo que disse quando dormia" e "realmente tentar discuti-las comigo, inteligente e compreensivelmente".

Depois, muito diretamente, lembra o sujeito: "Agora, acorde." Sem transe sonâmbulo: ela está acordada para poder discutir inteligentemente todo o material traumático recordado, num estado completamente desperto. Se eu pudesse continuar minhas especulações sobre respostas hemisféricas direita e esquerda na sua abordagem, eu diria que agora você a está fazendo lidar com suas memórias traumáticas com seu ego consciente (um processo hemisférico-esquerdo, lógico e analítico), recebendo e integrando o que, formalmente, foi alojado

nos seus processos mais inconscientes ou nos do hemisfério direito. Em tais processos, o trauma dela somente poderia "atuar" por meio do medo de nadar e suas generalizações para medo de flores, morte, funerais etc.

Erickson: Ela sabe que travou uma guerra, mas tem uma amnésia do trabalho realizado em transe.

Rossi: Sim; após despertar, ela responde "Eu não sei" à sua pergunta de por que veio nessa noite. À sua pergunta crucial sobre ir nadar no verão, ela responde novamente com "não sei". Depois, à pergunta: "Há duas respostas em sua mente?", ela responde com ambivalência: "Sim e não, como de costume." Acredito que essa ambivalência é a primeira evidência real de que você está abrindo um caminho na atitude derrotista dela em relação a nadar.

Erickson: Sim.

Rossi: Essa ambivalência é uma indicação clássica de uma outra atitude ou potencialidade desenvolvendo-se dentro dela.

Erickson: (Acena que sim, vigorosamente.)

Rossi: A resposta: "Sim e não, como de costume" significa que há dois níveis de resposta, simultaneamente, tentando se expressar. A atitude habitual dela, de não junto com a nova possibilidade terapêutica de sim. Nesse momento, ela está no meio do caminho, entre o sintoma e a cura.

Quando ela faz o gracejo sarcástico após acordar: "Sinto-me como se tivesse perdido uma guerra sozinha", você responde ainda mais criticamente: "Com certeza, você é muito esperta. Qual guerra?" Para que tudo isso?

Erickson: (Erickson indica uma passagem na seção 2.23, onde Jane automaticamente escreve as letras *t-e*, que, colocadas com guerra, formam água.* Contudo, mesmo nesse ponto, Erickson teve a perspicácia de perceber que o gracejo feito por ela, sobre perder uma guerra, era, na verdade, uma referência crítica (uma resposta em dois níveis) a perder o seu sintoma em relação à água.)

* Em inglês: *war* = guerra, *water* = água. (N.T.)

2.17 Uma integração completa das lembranças traumáticas na consciência; comunicação direta e aberta referente a todos os processos hipnoterapêuticos; a representação da morte

Erickson: Você veio até aqui, esta noite, com um objetivo certo. Você esteve em transe durante esta noite?

Sujeito: Sim.

Erickson: Sente-se cansada, por isso?

Sujeito: Sim. Nunca me esquecerei da noite em que o Dr. Fink me hipnotizou e depois eu culpei o drinque que ele me dera pela minha dor de cabeça. Então, esta noite, quando você me perguntou se eu tinha dor aqui embaixo ou aqui em cima (Seção 6), eu disse não, mas pensei: "É mentira." Foi meu inconsciente, eu acho. A enfermeira Dey disse, posteriormente, que eu estava falando-lhe que eu não podia estar a serviço e ela disse que devia ter sido algo no drinque. Eu disse: "Espere, espere só eu vê-lo." Depois me esqueci disso.

Erickson: Bem, há mais alguma coisa que eu quero que você faça esta noite. Você esteve em transe e também esteve desperta. E, enquanto estava acordada, contou-nos sobre sua ansiedade em nadar e fez também um trabalho bem melhor quando discutiu isso durante o transe. Agora, quero que você realmente se lembre completamente de cada uma das idéias, pensamentos e sentimentos que vieram à sua mente e que tão bem você descreveu. E quero que as reveja e discuta-as abertamente, honesta e completamente. E faça-o bem acordada.

Sujeito: Por onde devo começar?

Erickson: Por onde você começaria?

Sujeito: Ele não vai determinar nenhuma área. Bem, vejamos. Primeiro, percebo que eu tinha um ciúme doentio de Helen. Era asneira, mas provavelmente natural.

Erickson: Mais do que asneira.

Sujeito: Sim, se você quiser.

Erickson: Se você quiser.

Sujeito: Se eu quiser. Até antes que ela nascesse eu era a caçula. Sem dúvida, eu fui mimada. Devo ter sido — o caçula sempre é um pouco mimado. Talvez, Larry me odiasse. Tenho que lhe perguntar isso. Eu costumava ficar furiosa com Helen. Ela era tão pequena. E não se deve ficar furiosa com bebês. Mas eu ficava com raiva dela, com raiva suficiente para estrangulá-la. Não literalmente. Eu tinha raiva o suficiente para matá-la, mas não acho que o faria. O episódio do cadeirão — acho que nunca esquecerei aquilo. Fiquei totalmente aborrecida com a vida e com as pessoas. Talvez seja por isso que eu fico ainda aborrecida com as pessoas na maior parte do tempo. É uma tolice. As pessoas recusam-se a ver o óbvio e vêem tudo o que não é. E todos ficam confusos. Papai nunca nos disse nada atravessado até aquele dia. Podíamos deixá-lo de cabelos em pé e ele não dizia nada. Mas, quando derrubei Helen do cadeirão, ele ficou furioso. E posso entender. Não se pode andar por aí jogando bebês no chão. Mas ele não deveria ter se descontrolado. Fiquei tão indignada em pensar que ele não pôde entender que eu queria ajudar Helen a ver mamãe. Então, quando papai me bateu, eu pensei: "Ninguém me ama. Sou uma rejeitada." Eu passei a odiar todos, incluindo Helen. Acho que não tinha nenhum sentimento em relação a Lisa e Larry. Fiquei imunes a eles, ou eles ficaram imunes a mim. Mas, quando eu bati na cabeça de Helen aquela vez..., lembro-me de que os vizinhos costumavam dizer: "Ela é uma criança tão bonita. Parece uma pintura. É como um bebê deve ser." Lembro-me de que uma das senhoras disse: "Você deve ter cuidado, porque bebês tão bonitos podem não viver." E eu pensei: "Ela nunca viverá, se eu levantar isso." Acho que por isso pensaram que eu queria matá-la. Talvez eu quisesse. Sim, acho que eu

queria. Eu era muito jovem para matar. Então, logo depois veio o episódio da banheira e a olhada causticante que mamãe me deu. Mesmo depois de Helen estar bem, continuei pensando que ela morreria. Ela tossiu o dia e a noite inteiros. Acho que mamãe não conseguiu dormir. Mas eu fui uma rejeitada depois disso — por um curto período de tempo, é claro. Mas, então, sempre pareceu que eu tinha uma inclinação a fazer as coisas que haviam sido proibidas.

Depois, o episódio com o Dr. Smith — era um mau-caráter. Naturalmente, agora que me lembro, talvez ele fosse bom — mas eu não pensava assim na época. Ele tinha gêmeos e eram bem pequenos. Nós éramos pequenos, mas eles eram mais novos. Tinham 6 anos e costumávamos brincar com eles. Lembro-me de mamãe nos dizendo que o Sr. Smith era alemão. Antes dos bebês nascerem ele queria que sua esposa voltasse para a Alemanha, para que os filhos nascessem alemães e não americanos. Isso, fez-me pensar, imediatamente, que ele era o pior dos homens. Mas era natural, eu acho, porque ele tinha nascido na Alemanha. Ele ficou muito bravo com a esposa, porque ela não voltou para lá. Ele sempre foi muito agradável para nós, crianças. Ele costumava sair e brincar conosco, mas eu procurava ficar longe do seu alcance.

Rossi: Agora ela está completamente desperta e, pela primeira vez em todo este encontro terapêutico, você é aparentemente aberto e direto, dizendo-lhe: "Você esteve em transe e também esteve acordada." Você quer que agora ela "... realmente se lembre de cada uma das idéias... e discuta-as abertamente, honesta e completamente. E faça isso bem desperta". Esta estratégia, em um nível aberto, honesto e direto é muito característico seu, ao final de trabalhos hipnoterapêuticos difíceis, quando você diz aos seus pacientes: "Conte tudo." É muito importante enfatizar diretamente que ela "faça bem desperta", porque você não quer que ela caia no padrão con-

dicionado de transe sonâmbulo, na medida em que revê, para você, os eventos em transe. Era também o objetivo da sua sugestão pós-hipnótica na seção passada, quando você lhe disse: "Vou acordá-la um pouco e quero que se lembre de tudo que disse enquanto dormia..."

De outro lado, eu realmente gosto da forma como você direta e concisamente não permite que Jane se rebaixe chamando seus sentimentos de asneira.

Assim, aqui, pela primeira vez, ela dá expressão consciente para uma compreensão clara e bem equilibrada de si própria e de suas primeiras relações familiares. Você sente que era essa espécie de autocompreensão pela qual lutou para ajudá-la a alcançar?

Erickson: É apenas parte do caminho.

Rossi: O que mais precisa ser feito?

Erickson: A dramatização do que é a morte.

Rossi: Por que isso é importante nesse ponto?

Erickson: Quando a avó é mencionada em relação a isso, não foi permitido a Jane compreender o que era a morte de fato.

Rossi: Ela está integrando a importante compreensão do que é a morte. É o quadro total que você está formando.

Erickson: E está relacionado com a sua dramatização do que significa guerra.

2.18 Uma avaliação consciente e inconsciente do trabalho terapêutico; sinalização ideomotora para indução de transe

Erickson: Está satisfeita com seu desempenho?

Sujeito: Não.

Erickson: Deixe que sua mão escreva a resposta. Está satisfeita com seu desempenho?

Sujeito: (Escreve, automaticamente, não.) Vamos, Harry. Mas não posso pensar em mais nada.

Erickson: Jane pode ir nadar? Deixe sua mão responder. Quero que responda rapidamente.

Sujeito: (Escreve *sim*.) Não faz sentido. É isso que acontece quando me pergunto os nomes daqueles três homens. Dr. Fink você deseja começar tomar nota, outra vez?

Fink: Com este lápis, é melhor para você escrever?

Sujeito: Não. Eu pensei que você ia escrever algo novamente — algum daquele tolo material: Ann Arbor-Grand River.

Fink: Você sabe alguma coisa sobre Ann Arbor, não sabe?

Sujeito: Estive lá.

Fink: Você já esteve lá?

Sujeito: Não por muito tempo.

Erickson: Deixe sua mão descer, se é que posso interrompê-la, Jane.

Sujeito: (Abaixa lentamente a mão esquerda.) Fico feliz em não ter que escrever isso.

Erickson: "Fico feliz em não ter que escrever isso."

Sujeito: O que significa? Vai, ensina-me.

Erickson: (Para o Sr. Beatty) Agora você entende por que eu disse que não era um processo simples?

Sujeito: O que isso significa?

Erickson: Você não tem que se preocupar.

Sujeito: Eu nunca tenho que me preocupar com nada. O silêncio é dourado. O que isso significa?

Erickson: Nós descobriremos.

Sujeito: Isso me lembra de quando Helen costumava escrever cartas antes de saber escrever — todos esses rabiscos (referindo-se ao papel passado entre Dr. Fink e Erickson). Pego e não consigo olhar. Amanhã irei odiar vocês.

Erickson: Vejo que sua mão esquerda está descendo muito bem. Você não diria isso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Tudo bem. (Para o Dr. Fink) A resposta é *sim*, mas a letra *s* foi feita por um movimento dis-

farçado do lápis. Segue a palavra *segunda-feira** e depois um rabisco a respeito do qual ela fez o comentário sobre escrever. Previamente, ela mencionou que costumava fazer taquigrafia.

Sujeito: Continue. Está muito interessante.

Erickson: O que vai acontecer amanhã?

Sujeito: Amanhã?

Erickson: Sim.

Sujeito: Vou trabalhar com o Dr. Young. Você conhece o Dr. Young. Na verdade, dois deles.

Erickson: O que mais vai acontecer amanhã?

Sujeito: Vou devolver um livro à biblioteca. Obrigado por me lembrar.

Rossi: Agora, você está cuidadoso para avaliar a satisfação dela com o trabalho terapêutico nos níveis consciente e inconsciente. Num nível consciente ela diz *não*, ela não está satisfeita; no nível inconsciente ela usa a escrita automática para, também, dizer *não*. Mesmo assim, ela é capaz de escrever, automaticamente, *sim* à sua pergunta sobre poder nadar. Houve algum ganho terapêutico, mas há mais trabalho a ser feito.

Você, então, pede ao inconsciente dela para sinalizar se está tudo bem em interromper sua mente consciente, ao dizer: "Deixe sua mão descer, se é que posso interrompê-la, Jane." A mão esquerda abaixa lentamente, da maneira característica do sinal ideomotor inconsciente. Isto, naturalmente, é também uma forma de começar a reintroduzir o transe, sem que ela esteja muito cônica disso.

2.19 Indução de transe, rabisco e escrita automática para maior dessensibilização e segurança

Erickson: Vá dormir. Durma. Fácil e profundamente adormecida. Você está dormindo, agora? Durma profunda, profundamente. E você está, não

* Em inglês: *monday*. (N.T.)

está? Tudo bem. Agora quero que você, livre e facilmente, reescreva, com esta mão, o que você estava escrevendo antes. Escreva livre e facilmente. (Sujeito escreve.) Posso ler?

Sujeito: Sim.

Erickson: "Ontem foi segunda-feira. O passeio para Cusic foi muito enfadonho. Pense novamente, Jane. Deve haver uma maneira." Você está tentando apresentar alguma coisa mais? Ou você está naquele problema da água? Ou você está tentando introduzir mais alguma coisa? Seria muito bom permanecer dormindo, mas discutir isso comigo, para que eu possa entender, seria melhor? Continue dormindo e fale livremente.

Sujeito: Eu freqüentava a escola em Rômulo e costumávamos ir passear em Cusic, duas, três ou quatro vezes por semana. Às vezes, íamos passear e nadar lá.

Erickson: Vá em frente.

Sujeito: Eu ficava muito assustada. Creio que era uma tolice, porque não havia nada para ter medo. As crianças riam de mim e eu ria também, porque era divertido. Eles podiam me levar com eles e alguém poderia segurar-me de cada lado e andar comigo na água até que ela estivesse no meu pescoço. Mas naquela vez eu não acho que estivesse realmente assustada, mas de algum modo eu tinha que voltar à margem. Eu corri como louca para o dique. Eu sempre ficava pensando se eu poderia ir sozinha e nadar. Eu descobri maneiras de fazê-lo. Uma vez, eu fui sozinha. Cusic era muito bonito e naquela noite estava muito escuro. A água parecia feia, mas pensei: "É agora ou nunca." E eu fui e fui indo até que a água estivesse em meus ombros, e não sei por quê, mas pensei em pessoas afofando-se e achei que "talvez fosse melhor voltar". Mas não voltei. Fui em frente, porque pensei que poderia fazê-lo e então aprenderia a nadar. Depois, a última coisa de que me lembro é de estar de volta à margem.

Erickson: Continue. (Pausa) Você sabe o que sua mão está escrevendo?

Sujeito: M-e-r-c-y.

Erickson: Certo. Fale-me sobre isso.

Sujeito: Isso não significa nada.

Erickson: Você sabe qual será o resto agora?

Sujeito: Vai ser razão.

Erickson: Pode explicar agora?

Sujeito: Não.

Erickson: Está com medo de saber o que significa?

Sujeito: Estou.

Erickson: Esse *mercy* significa alguma coisa?

Sujeito: Acho que não.

Erickson: Vamos ver o que diz sua mão, Jane. Esse *mercy* significa alguma coisa? (Sujeito escreve.) Você sabe o que sua mão escreveu? (Sujeito acena positivamente.) Pode me dizer o que significa? Está com medo de saber? Está com medo de saber por causa das outras pessoas presentes?

Sujeito: Não.

Erickson: Está com medo de me deixar saber? (Sujeito respira profundamente e muito perturbada.) Está com medo de me deixar saber? Está com medo de saber? (Sujeito concorda.) Você gostaria que eu fizesse alguma coisa para você ter coragem de saber? (Sujeito acena que sim.) Tudo bem. Imagine que você tem uma vaga idéia do que é — não uma idéia, mas apenas uma vaga noção. Você fez isso? (Sujeito acena positivamente.) Você pode sentir a idéia um pouquinho mais? (Sujeito concorda.) Você pode senti-la ainda um pouco mais. Só um pouco mais (Sujeito acena que sim.) Até você ter a idéia toda, completamente. E não é tão assustador como você pensava, é?

Sujeito: Não.

Erickson: É perturbador, sim. Mas está tudo bem, não está? E você pode saber o que é, não pode?

Bem, você quer que eu saiba o que é? (Sujeito acena positivamente.) Tudo? (Sujeito acena que sim.) Gostaria de contar-me agora? Você gostaria de contar-me agora? (Sujeito acena concordando.) Tudo bem, Jane, conte-me. Você pode fazê-lo com segurança. Você pode me contar, não pode? Tudo bem. Vá em frente. Vá em frente.

Sujeito: Ontem, Ann (Dey) veio ver-me e disse que seus familiares tinham uma casa de campo no México para três semanas. Nossas férias são em períodos diferentes. Sempre comentamos como isso era injusto. Mas ela disse que seu pai e sua mãe queriam que eu fosse passar um fim de semana. Nós saímos todos os fins de semana e ela disse: "Você pode ir e nós iremos nadar." Quando ela disse isso, foi como se tivesse jogado água fria em meu rosto. Fiquei pensando — Eu tinha que ir. Eu não posso dizer-lhe simplesmente que eu não quero. Eu não tenho nenhuma razão para não ir.

Erickson: Sim. O que *mercy* tem haver com isso?

Sujeito: Não sei. Ann sabe nadar e com ela me sinto melhor.

Erickson: Por que isso era uma idéia tão alarmante?

Sujeito: Realmente, não era alarmante. Eu pensei que era.

Erickson: O que você está fazendo é apenas rabisco ou você está tentando me dizer mais alguma coisa?

Sujeito: É só rabisco.

Erickson: Você acha que é rabisco? Você acha ainda que é rabisco?

Sujeito: Deve ser.

Erickson: Veja o que sua mão escreve. É rabisco? Não é rabisco, é? Agora você acha que terá coragem de entender o que era, de fato, esse rabisco? Acha que terá? Acha que você terá coragem para saber? Tudo bem, será muito interessante procurar e descobrir suas lembranças. Ou você

gostaria que sua mão a surpreendesse e escrevesse uma palavra mais significativa que lhe desse a chave para o que era o rabisco? Simplesmente, traga sua mão para cima, aqui, e deixe-a escrever a palavra que define o rabisco. Acho que deveria ser interessante ver o que sua mão escreve. Porque você não sabe, sabe? E sua mão sabe. (Sujeito escreve.) Você pode me dizer qual é a palavra?

Sujeito: Tentando.

Erickson: Vamos pôr uma outra palavra que seja significativa e vejamos se dessa vez sua mão escreve mais rapidamente e mais facilmente. Qual é a palavra? (Sujeito escreve "fracasso".) Agora, escreva alguma coisa mais rápido e que seja informativa. Agora, o que aquele rabisco significa? (Sujeito escreve: "garota com touca de banho".) Então, você, na verdade, está me fazendo uma pergunta, não é? Você imagina verbalizar essa pergunta?

Sujeito: Eu sei que se não tentar nadar, não ficarei assustada. Se eu tentar, será novamente um esforço em vão.

Rossi: Ao receber seu sinal inconsciente ideomotor, de que tudo bem, interromper sua mente consciente, você passa a reinduzir um transe profundo, no início dessa seção, com sugestões diretas para ir dormir "fácil e profundamente... livre e facilmente".

Erickson: Ela tem uma porção de coisas girando em sua mente. Há uma perturbação sobre algo. Tenho que estar certo disso para confortá-la, para que ela possa dar esses dados "livre e facilmente". Ela pode superar todos os tipos de perturbação porque estou lhe dando apoio.

Rossi: A despeito do *insight* aparentemente satisfatório e do lidar consciente com sua fobia de nadar, no estado desperto, algumas seções atrás, encontramos, mais uma vez, uma espécie de resistência emocional em até mesmo tentar. Por quê? Ela estava racionalizando quando estava

acordada, e agora, no transe, seus medos a esmagam novamente? Ou isto é apenas parte do processo típico de dessensibilização gradual por meio da repetição da lembrança e do parcial reviver do trauma?

Erickson: Talvez, você (Dra. Marion Moore, M. D.) possa responder isso com sua experiência de combater com soldados jovens.

Moore: Eu me mostrava mais forte do que eles. Você se leva a um ponto, onde faz melhor do que normalmente faria, a fim de mostrar aos soldados jovens o que eles devem fazer para não ser um covarde ou coisa parecida.

Erickson: Na primeira vez que você entrou em combate, você teve medo?

Moore: Não. Alguns homens tiveram, mas eu não.

Rossi: Vocês, cavalheiros do Sul, raramente sentem medo (Dra. Moore é do Tennessee).

Erickson: Assim, você tinha que dizer alguma coisa que desse segurança aos soldados jovens.

Rossi: Nessa seção, então, você (Erickson) está dando segurança e "trabalhando" mais. Suas perguntas, rabiscos e escrita automática — tudo para ajudar a reinvocar material não-resolvido a respeito do medo de "fracasso" da Srta. S e da "garota com touca de banho".

Erickson: Sim. Isto é dar segurança.

2.20 Aspectos interpessoais da cura de fobias; extinção completa do comportamento por meio do compartilhar os medos com outras pessoas

Erickson: Você não quer esforçar-se em vão novamente, quer?

Sujeito: Não.

Erickson: Tudo bem. Vou lhe dizer algumas coisas, Jane. Pedi-lhe, quando você estava acordada, para discutir todas as coisas que havia dito para mim, quando você estava em transe. E você realmente não gostou disso, não é? Ainda que você desejasse ser polida e cortês e observar todas as regras de etiqueta. Certo?

Sujeito: Sim.

Erickson: E você não entende bem porque eu deixo estranhos participarem, quando estou fazendo terapia, não é? É muito perturbador para você. Não lhe parece muito justo ou honesto. Talvez agora você vá poder entender um pouco. Esse medo, essa ansiedade em nadar é observado em relação a outras pessoas. Este cavalheiro, que está aqui hoje, é um completo desconhecido para você. Ele não significa nada para você, nem você para ele; exceto que ambos estão interessados nas mesmas coisas. Você não sabe qual é o meu objetivo em trazê-lo aqui, mas há um objetivo. Não posso lhe explicar, assim como você não pôde explicar muitas coisas para si mesma. Você precisa superar alguns desses medos e ansiedades (que se manifestam em relação a outras pessoas e se ocultam de outras) trazendo-os para fora, de forma que perceba-se que uma pessoa consegue viver mesmo com outros sabendo. Entende? Por isso usamos essas pessoas, aqui. Esta noite, você nos disse coisas que não ousava nem mesmo lembrar para si mesma, certo? E você fez com que lhe apreciássemos mais, porque pudemos ver, claramente, que há uma pessoa muito humana atrás de todo aquele comportamento gracioso. E a gente quer mais do que apenas comportamento gracioso numa pessoa. A gente quer saber que existe um ser humano atrás do charme e que há algo real — não apenas espirituosidade e frases prontas, ou respostas divertidas e riso fácil — algo para mostrar. Gostamos mais das pessoas quando sabemos que são reais em muitas pequenas coisas. E você vai acreditar realmente no que digo, porque sabe que é verdade e sabe que todos que estão me ouvindo sabem que é verdade.

Erickson: Na psicoterapia formal deve-se manter as coisas em segredo. Um casal estava fazendo psicanálise, separa-

damente, há mais de um ano e cada um tentava manter em segredo para o outro. Eu lhes disse que poderiam economizar muito dinheiro, apenas sendo francos um com o outro a respeito do que era do conhecimento de todo mundo.

Rossi: Você, de fato, acredita naquilo que está dizendo, ou seja, na importância do sujeito compartilhar seus medos com outras pessoas — até mesmo com estranhos. Uma vez que seus medos foram aprendidos em relação a outras pessoas, a Srta. S pode superá-los melhor, compartilhando-os com os outros.

Erickson: (Erickson fornece mais ilustrações do seu trabalho sigiloso com Margaret Mead e Gregory Bateson para a Repartição de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, entrevistando prisioneiros japoneses e alemães. Esta informação ainda é classificada como *top secret* e não pode ser comentada publicamente.)

2.21 *Catarse emocional e reenquadramento como essência da abordagem de Erickson: não-reestruturação da personalidade, mas sim "uma visão mais completa"; o fracasso como parte do viver bem-sucedido*

Erickson: Agora, sobre esse seu medo de nadar. Você está cometendo um grave erro em manipulá-lo. Você vai ter que corrigir esse erro. Porque você está tentando sucessivamente ir nadar e quer ir, mesmo tendo medos tão fortes, não é? Agora, você vai lidar com ele de um jeito totalmente diferente. Você não vai deixá-lo compeli-la a tentar e tentar várias vezes. A primeira coisa que você tem a fazer é, por si mesma, lembrar-se de tudo que me falou, e lembrar-se de tudo com uma completa compreensão. E lembre-se de que quando era uma criança pequena você era muito mais sincera e honesta em seus sentimentos do que depois, durante o resto de sua infância — porque você não deixava que as pessoas a vissem chorando e isso não era honesto, pois você chorava de fato. E chorar não era um sinal de fraqueza, como você pensava. E agora,

ao pensar nisso, você percebe que tanto os fortes como os fracos choram às vezes. Você vai perceber que os fortes devem ter seus momentos felizes e seus momentos de tristeza, certo? E você colocou uma máscara, fingindo que nunca chorou e que não se sente mal; não se sente infeliz. E não quer encarar o fato de que tinha muito ciúmes de Helen e de que odiou seu pai e sua mãe. Mas você não entende bem isso, Jane. Você não entende, e, na verdade, é muito simples. O que você não entende é: você gosta de algumas das coisas que seu pai e sua mãe fizeram; e odiou algumas outras coisas que eles fizeram — o que é muito diferente de odiá-los. Você odiou algumas coisas que seus pais fizeram e gostou de outras. E há uma grande diferença entre o que as pessoas são e o que elas fazem. E há muita diferença entre o que as pessoas querem fazer e o que acabam fazendo. E você vai respeitar e admirar a honestidade da intenção. E vai respeitar completa e compreensivelmente as pessoas que fracassam em algumas coisas, aqui e ali e em qualquer parte. Está começando a entender isso?

Você precisa mesmo se sentar e não tentar provar para si mesma que consegue nadar. Você não precisa desse tipo de coisa. Você tem que se sentar e sozinha, real, honesta, completa e compreensivelmente, repassar suas memórias — repassar seus julgamentos. E fique satisfeita por, quando criança, ter tido tanto caráter e não se condene, porque aquela criancinha, incapaz de entender as implicações e significados, fez coisas e quis fazer coisas que não tinham sentido real para você. O que a morte significava para você na época? Significava sumir por um tempo — ir para um lugar diferente. Mas não era como você a entende agora que é adulta. Sentir ciúmes de Helen quando você era pequena tinha um significado. Agora que você é adulta tem totalmente outro significado. Você não iria querer que uma criancinha avaliasse seu próprio valor e sua própria personalidade e suas

próprias necessidades, para defendê-las de forma compreensível? Em todos esses anos, você ficou se condenando, não foi?

Sujeito: Sim

Erickson: Por quê? Talvez assim você alcançasse uma melhor e maior compreensão de si mesma. Talvez por mero acidente. Mas, o que quer que tenha acontecido a você, é algo que pode usar para si própria. Quero que reveja o ciúmes por Helen como sendo o núcleo de um senso de personalidade — de uma compreensão pessoal de si mesma. O senso de uma criança sobre seu próprio valor. E quando você a derrubou do cadeirão e ela caiu sobre você, machucando seu braço, quando você foi motivada por boas razões, foi decepcionante, foi irritante, foi de dar muita raiva que a tentativa de uma boa ação para Helen acabasse em dor no braço e em ser espancada pelo pai que você amava e que lhe traiu, batendo-lhe por algo que ele não entendeu. Realmente, quando você revê isso, parece um pagamento miserável para sua boa ação. Você fracassou, seu pai fracassou. Mas há fracassos na vida. Eles constituem parte do viver com êxito.

Rossi: Aqui você faz um reenquadramento dos padrões infantis de compreensão dela sobre fracasso e ciúmes. Você reenquadra o ciúme por Helen num núcleo de desenvolvimento pessoal mais positivo e maduro. Hoje em dia, com o desenvolvimento da psicologia humanista, essa idéia é bastante comum; mas em 1945 era inovadora. Você concordaria, que aqui estamos vendo como a catarse emocional e o reenquadramento das concepções errôneas infantis são a essência da sua abordagem hipnoterapêutica? Isto é: catarse e ajudar a pessoa a reenquadrar e reestruturar a personalidade?

Erickson: Não reestruturar. Você dá à pessoa uma visão mais completa.

Rossi: Assim, a hipnoterapia não é mágica. Simplemente facilita um ponto de vista mais completo e compreensível que liberta a pessoa das limitações e do literalismo infantis.

Erickson: Sim, como quando eu digo: "E agora, ao pensar nisso, você percebe que tanto os fortes, como os fracos, choram, às vezes. Você vai perceber que os fortes devem ter seus momentos felizes e seus momentos de tristeza." É uma alteração do nível infantil supersimplificado da Srta. S para uma compreensão mais adulta. "Mas, há fracassos na vida. Eles constituem parte do viver com êxito."

Rossi: Quando você diz "Há muita diferença entre o que as pessoas são e o que elas fazem" e "você vai respeitar completamente e compreensivelmente as pessoas que fracassam em algumas coisas, aqui e ali e em qualquer parte", você está utilizando o trauma infantil como um trampolim para alcançar uma compreensão mais adulta. Dessa forma, o trauma, na memória dela, torna-se reenquadrado num novo núcleo de personalidade, de uma forma mais positiva do que aquela antiga e dolorida.

Erickson: Sim, como quando eu falo: "Sentir ciúmes de Helen quando você era pequena tinha um significado. Agora, que você é adulta, tem totalmente outro significado."

2.22 Prescrevendo o sintoma: evocando um conjunto de sim para reforçar as sugestões pós-hipnóticas

Erickson: Quando você diz não saber o que fazer sobre aquela viagem para o México — bem, pode-se dar um jeito. Posso resolver para você de maneira limpa. Acha que posso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Posso resolver de várias maneiras. Mas, não vou especificar nenhuma ainda. Vamos ter um outro encontro, porque você tem muito trabalho a fazer. Para quando seria a viagem?

Sujeito: Em julho.

Erickson: Até lá você estará em Detroit?

Sujeito: Sim.

Erickson: Acha que temos tempo suficiente para resolver isso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Dr. Fink escreveu-me um bilhete e deseja que você responda. Você quer que, na próxima sessão que tivermos, a Srta. Dey venha com você, ou acha que podemos continuar sem ela?

Sujeito: Sim, podemos continuar sem ela.

Erickson: Bem, resumindo. Você descobriu muitas lembranças e medos esquecidos. Eu lhe indiquei algumas formas para ver essas coisas e acho que você está começando a concordar comigo. Certo? E da próxima vez poderemos trabalhar com seu medo de água. Já parece menor para você?

Sujeito: Sim.

Erickson: Agora, algumas instruções: até a próxima sessão, não deve haver, da sua parte, esforço para ir nadar. Tem que ser uma promessa, entende? Nem viagens para Webster Hall. Você pode aceitar o convite da Srta. Dey para ir ao México sem considerar a questão de nadar. Você não tem que pensar senão no que irá comer quando for ao México. E não se preocupe. Nem precisa se preocupar com o assunto *natação*. Apenas com o assunto: comida. Não precisa pensar em que cama você vai dormir — e o mesmo vale para o nadar. Há alguma coisa que você queira me dizer?

Sujeito: Não.

Rossi: Ao final dessa sessão, ela ainda possui medos não-resolvidos, por isso, enquanto ela está em transe, você usa o sentimento dela, de *não-saber*, para *aparentemente* retirar a responsabilidade de lidar com o medo de nadar na viagem projetada para o México ("Posso resolver para você de maneira limpa."). Contudo, antes de fazer isso, você apresenta uma sugestão pós-hipnótica importante, de um jeito casual e indireto: "E da próxima vez, poderemos trabalhar no seu problema de medo de água." Com igual casualidade, você faz com que ela admita que o problema parece "menor".

Em seguida, você alivia seus medos, *prescrevendo diretamente o sintoma*: "Até a próxima sessão, não deve haver, da sua parte, esforço para ir nadar. Tem que ser uma promessa;

entende?" Parece ser uma sugestão pós-hipnótica perfeitamente direta e honesta. Mas, o mais importante para você é o que é indiretamente estabelecido pela implicação. Certamente será fácil para ela seguir esta sugestão pós-hipnótica, uma vez que é, de fato, o seu sintoma e ele tem toda a força da sua fobia de nadar ao longo da vida dela para sustentá-lo. A facilidade de seguir essa sugestão pós-hipnótica abre um conjunto de *sim* ou de aceitação que tende a reforçar positivamente as outras sugestões terapêuticas muito importantes que você lhe deu há alguns momentos (trabalhar mais na fobia e a fobia parecer menor). O alívio importante que a mente consciente dela consegue por meio da sua prescrição de sintoma absorve agora toda a sua atenção, de modo que essas duas sugestões terapêuticas, mais importantes e casualmente administradas, tendem a cair no seu inconsciente. Aí, elas podem lançar o alicerce para a cura futura sem qualquer interferência das distorções e medo de sua mente consciente.

Por outro lado, a prescrição de sintoma também tem o efeito implícito de lhe dar controle sobre ele: se ela pode ativar o sintoma mediante sua sugestão, presumivelmente, ela poderá aprender, mais tarde, a desativá-lo mediante a sua sugestão.

2.23 Não-saber e a prescrição de sintoma no trabalho terapêutico; um gracejo como uma forma de crítica; comunicação em dois níveis

Erickson: Esse rabisco aqui em baixo é algo que você quer discutir? Deixe que sua mão escreva a resposta. (Sujeito escreve *não*.) Tem certeza? Depois que você acordar, quero que prefira um cigarro Lucky Strike. Você fará isso?

Sujeito: Sim.

Erickson: Também, depois que você acordar quero que faça uma completa apreciação do quanto você foi capaz no seu trabalho desta noite. É terrivelmente difícil para mim, dizer-lhe o quanto você foi capaz esta noite. Você não tem o background e a compreensão para perceber que fez

uma quantidade imensa de trabalho hoje. Como enfermeira você pode avaliar que, quando um cirurgião faz uma colostomia, ele está fazendo uma parte muito importante do trabalho, mas você também tem sua própria avaliação profissional sobre o fato de que por trás daquela operação bem-sucedida estão muitos anos de experiência e treinamento, que por trás daquela cirurgia há uma base de talento, treino e habilidade. Não está certo?

Sujeito: Sim.

Erickson: E então, quando digo que você trabalhou com uma competência espantosa, eu realmente quero dizer isso. Mesmo que você não saiba o que fez nem como fez. Você não percebe o que queria dizer ou o que disse, quando você declarou que perdeu uma guerra sozinha. Isso não é simplesmente um gracejo. Parecia ser, mas acho que, no fundo da sua mente, você percebe que não era. Você tinha perdido a guerra. Você sabe o que era? Há duas outras letras na palavra guerra? Responda com sua mão. (Sujeito, escreve *sim*.) Sabe quais são elas? (Sujeito escreve *sim* e depois *t - e*.) Quando você perdeu a guerra, o que significou? Foi uma coisa triste, agonizante, não? Você perdeu uma coisa triste e algo do qual é bom se desembaraçar, não é? Agora você está começando a entender por que não estou interessado na sua viagem? Entende? Isso não é agradável? (Sujeito ri.) Uma outra coisa: Quero que você saiba que lhe sou grato pela sua generosidade e delicadeza em permitir-me fazer as coisas do meu jeito. Gostei muito. Foi muito delicado de sua parte permitir-me fazer as coisas do meu modo; e em agradecimento eu tentarei fazer muitas coisas do seu jeito. É justo, não é?

Sujeito: Sim.

Rossi: Você expressa sua apreciação característica pelo trabalho do paciente e acrescenta seu ponto de vista sobre

não saber "o que você fez nem como fez". Assim, você está dando primazia e potencialidade ao inconsciente dela, mesmo tendo-a ajudado a se ater compreendendo conscientemente o máximo possível.

Erickson: Como ela perdeu o medo de água? Ela acrescenta *t - e em guerra*, para perder *água*.*

Rossi: Não compreendo.

Erickson: Eu lhe disse que ela ia perder alguma coisa. Ela perdeu duas letras de *água* para fazer *guerra*.

Rossi: Suas explicações realmente forçam a credulidade da gente: ela apenas perdeu algumas letras! Eu gostaria de saber se havia uma ligação simbólica entre as palavras *guerra* e *água*, mas não consigo descobrir. (Rossi resume o caso inteiro, até aqui, usando o Quadro 1 como referência.) No final dessa sessão (Seção 2.15) a maioria dos terapeutas do *insight* poderiam ter terminado o caso, assumindo que uma vez que a compreensão de Jane e o seu lidar com o problema estavam completos, seus sintomas desapareceriam. Mas ao invés de encorajá-la a ir nadar, você faz o contrário e realmente prescreve o sintoma (Seção 2.22). Depois de todo aquele *insight* por que você sentiu que ela não estava pronta para nadar?

Erickson: Estaria, somente, presumindo-se sobre a sua situação na infância. Realmente, não se sabe, apesar de toda teorização. Ao prescrever o sintoma, coloco a *minha* inibição no seu nadar.

Rossi: Então, agora é a sua inibição e não dela. Isto é o importante ao se prescrever o sintoma: pode-se mudar sua inibição mais tarde.

Erickson: Sim, eu posso mudar a minha.

Rossi: Ela estava achando muito difícil mudar a sua (dela). Dessa forma, quando se prescreve o sintoma, ocorre um importante desvio: *desloca-se a inibição em nadar da mente dela para a sua*.

Erickson: Sim. (Erickson conta um caso no qual ajudou um casal a consumir seu matrimônio na quinta-feira, insistindo para que o fizessem na sexta-feira. A esposa ficou ofendida com a "presunção de Erickson em determinar o

* Em inglês: *war* = guerra, *water* = água. (N.T.)

dia" e, então, o fez um dia antes "porque ela queria que a escolha do dia fosse sua"!)

Rossi: Desse modo, nesse caso, você prescreveu o sintoma, dizendo-lhes para não consumir o casamento até uma certa data. Você assim provocou a esposa a defender sua escolha, consumando-o um dia antes do que você permitira.

2.24 Despertando do transe; seguindo uma sugestão pós-hipnótica menor; dando ao sujeito a oportunidade de liberar e deslocar a hostilidade sobre o terapeuta

Erickson: E se você quiser ficar com raiva de mim, tudo bem. O psiquiatra é alguém de quem se pode sentir raiva, sem que tome isso como pessoal. Agora, vá dormir e acorde. Feche os olhos e durma profundamente. Você queria dizer alguma coisa? Feche os olhos e durma profundamente. Tudo bem. Agora, com calma, acorde e sinta-se refrescada e agradável, mesmo estando um pouco cansada. Realmente, goste de estar acordada.

Sujeito: Oi, todo mundo. (Apanha um cigarro.) Posso pegar um dos seus? (São Lucky Strikes.) Você não gosta dos Phillip Morris?

Erickson: Disse-o bem. Eu não gosto.

Sujeito: Se a irmã Louise me visse agora! Eu não contei a você sobre isso, mas o padre que nos deu uma palestra sobre psicanálise, diria que estou brincando com o demônio. Você também!

Erickson: Bem, acho que eu seria capaz de arremessá-lo longe — o demônio, eu quero dizer.

Fink: Há alguma coisa na segunda prateleira daquela estante, sobre a qual você gostaria de perguntar?

Sujeito: O Sr. Estabrooks? Isso me recorda. Você conhece o Sr. Estabrooks, um amigo seu. Ele diz coisas maldosas sobre você. Não realmente maldosas. Mas ele diz que você não acredita que, quando hipnotizada, uma pessoa poderia

matar alguém. Ele diz que é uma questão de atitude do operador: se você realmente acreditar que ela pode matar, ela vai matar. Ele diz algumas coisas bem maldosas sobre você (referindo-se a Erickson).

Sr. Beatty: Pode ser um bom esporte para ele.

Erickson: Entende, eu separei o livro dele de uma forma indelicada.

Sr. Beatty: Gostaria de saber se ele vendeu muitas cópias do seu livro (Estabrooks, 1943).

Sujeito: Na biblioteca está esgotado.

Fink: Recentemente?

Sujeito: Ann e eu estivemos lendo alguma coisa. Pe. Patrick, assim que acabou de dar a aula sobre psicanálise, levou embora os livros de Freud. Por isso fomos à biblioteca e pegamos um dos seus livros. Tivemos que escondê-lo, porque todo mundo começou a vasculhar nossos aposentos, para ver que livro estávamos lendo.

Erickson: Evidentemente o padre fez um bom trabalho ao interessá-las por Freud. Sente-se um pouco cansada?

Sujeito: Um pouco. Simplesmente, saí de três sessões com Dr. Roberts nas quais nada deu certo — como de costume.

Erickson: Não quer me fazer nenhuma pergunta?

Sujeito: Não, não há nada em que eu esteja pensando. Provavelmente, lembrarei quando estiver em casa.

Erickson: Gostaria de pensar nisso, enquanto está aqui?

Sujeito: Não, não.

Rossi: Nessa parte final da sessão, ela segue a sugestão pós-hipnótica de querer um Lucky Strike como você havia sugerido na seção anterior. Por que você fez isso? Você estava apenas demonstrando uma sugestão pós-hipnótica, ou isso era um sinal para ajudá-lo a avaliar a habilidade dela em seguir sugestões pós-hipnóticas?

Erickson: (Balança a cabeça, indiscriminadamente.)

Rossi: Você termina essa sessão, dando-lhe a oportunidade de demonstrar hostilidade em relação a você. Você acredita que isso é importante e inevitável, porque de alguma forma concreta os pacientes ressentem-se de perder seus sintomas. Por isso, dando-lhes uma oportunidade para reconhecer, expressar e deslocar sua hostilidade, de maneira direta, menor a probabilidade de eles fazerem isso, agarrando-se aos sintomas. Aparentemente, o sujeito não tomou sua sugestão de demonstrar hostilidade de maneira óbvia. Porém, expressa-a veladamente, relatando-lhe como o Dr. Estabrooks "diz coisas maldosas a seu respeito". Daí, um momento mais tarde, ela faz outra observação sarcástica, dizendo que o livro de Estabrooks "está esgotado" (querendo dizer que é muito procurado), apesar de você tê-lo "separado de qualquer jeito" quando o leu.

Sessão III

Evocando e utilizando processos psicodinâmicos



3.0 *Avaliando e reiterando o trabalho hipnótico anterior, um tipo de dor de cabeça como um efeito posterior à hipnoterapia*

Erickson: Bem, Jane o que vai ser esta noite?

Sujeito: Desde que estive aqui, estou tentando relembrar taquigrafia. Creio que sairei daqui esta noite sem medo de nadar ou de água. Certo?

Erickson: Com uma melhor compreensão. Lembra-se como deve ser feito?

Sujeito: Não. Lembro-me de algumas coisas. Você se lembra, Dr. Fink? Eu lhe contei sobre essa "maldita guerra" e sobre juntar o t - e, e depois havia uma palavra comprida que ainda não sei qual era.

Erickson: Nada mais?

Sujeito: Oh, sim. Sinceramente eu odiei minha mãe, meu pai e minha irmãzinha. Vejamos. Eu pode-

ria dizer também que não devia ser da água que eu tinha medo. Era mais ou menos como um disfarce. Eu fiquei com muita raiva da minha mãe e do meu pai e por causa disso odiei a água. Deduções minhas... Havia mais alguma coisa... Você disse alguma coisa sobre emoções suprimidas. Parecia pensar que eu julgo chorar e fazer tolices como em sinal de fraqueza. Mas eu não acho que penso assim.

Erickson: O que você pensa?

Sujeito: Não, eu não acho que penso assim. De qualquer modo, não creio nisso. Quando vejo outras pessoas chorando e fazendo coisas desse tipo, nunca penso que são fracas.

Erickson: Mas pensa que é fraqueza da sua parte.

Sujeito: Depende do porquê que estou chorando.

Erickson: Mais alguma coisa?

Sujeito: Sim. Sei que há algo de que eu me esqueci.

Erickson: Como se sentiu depois daquela sessão?

Sujeito: Tive uma dor de cabeça de rachar. Por outro lado, foi muito esclarecedor. Quero dizer que nunca imaginei que pudesse querer estrangular minha mãe, meu pai e Helen também.

Erickson: Como se sente, descobrindo tais coisas?

Sujeito: É muito interessante. E provavelmente será útil também se eu souber usar essas coisas, agora que as conheço. É como ter um carro e não saber dirigir.

Erickson: É algo que se pode aprender.

Sujeito: Sim.

Rossi: Essa sessão ocorre no final de junho, cerca de três semanas depois da sessão anterior, na qual ela experimentou muito *insight* psicodinâmico. Ao final daquela sessão você sugeriu que ela não deveria tentar nadar ainda. Você começa essa sessão com sua típica avaliação do trabalho anterior. Quando você lhe pergunta, como ela se sentiu após

o trabalho, ela relata "uma dor de cabeça de rachar". Você tem alguma idéia do porquê que ela teve essa dor de cabeça? Pelas observações anteriores que ela fez, você sabe que a Srta. S também teve dores de cabeça após as sessões hipnóticas com o Dr. Fink.

Erickson: Sim, na última sessão, ela descobriu todas as suas lembranças, mas aqui tem uma amnésia novamente. Ela perdeu toda a perspectiva. Lembra-se apenas de uma parte.

Rossi: Isso ocorre por que ela ainda está em conflito?

Erickson: Não, ela odeia Helen. Por quê? Porque Helen era pesada e caiu na tina, dessa forma o acidente não foi culpa de Jane. Sua mãe não compreendeu, seu pai não compreendeu — foi tudo isso que ela mencionou (veja a revisão no Quadro 1, seção 2.15) — Como você, é um quadro grande com muitos elementos.

Rossi: E é de crucial importância compreender todos os elementos individuais da situação.

Erickson: E ela estava tendo uma dor de cabeça ao tentar fazer isso em sua mente.

Rossi: Então seu trabalho duro e o difícil esforço mental é que estão causando a dor de cabeça.

3.1 *Indução de transe com a motivação de perguntas que a mente consciente não pode responder; resistência aparente à indução de transe como resistência e riso como equilíbrio emocional e abandono da transferência*

Erickson: Tem pensado muito em nadar?

Sujeito: Quase fui na semana passada.

Erickson: Por que não foi?

Sujeito: Decidi que seria melhor não ir.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Acho que você me disse para não ir. Então, decidi que seria melhor não ir.

Erickson: Como se sentiu em relação a isso?

- Sujeito:* Não me senti mal, particularmente. Eu realmente não queria ir. Eu ia quando era uma coisa da qual eu não podia cair fora.
- Erickson:* Quantos problemas você teve por ter que cair fora?
- Sujeito:* Nenhum problema. Eu simplesmente lhe dizia honestamente que eu não podia.
- Erickson:* Como se sentia a respeito?
- Sujeito:* Não me sentia mal, particularmente. Não sei por quê. Ela me perguntava e eu dizia não, apesar de que eu não deveria dizer simplesmente não vou.
- Erickson:* Você desculpou-se depois?
- Sujeito:* Não.
- Erickson:* O que você teria feito em maio passado?
- Sujeito:* Bem, provavelmente eu teria ido. Ela é uma pessoa muito insistente e se magoa facilmente.
- Erickson:* O que mais você teria sentido em maio passado?
- Sujeito:* Deixe-me ver. Provavelmente eu teria dado mil e uma desculpas; mas eu não diria simplesmente. "Eu não quero ir." Então, eu ficaria com muita raiva de mim mesma se eu não pudesse cair fora. Eu iria e odiaria cada minuto.
- Erickson:* E você não fez isso desta vez?
- Sujeito:* Não.
- Erickson:* Você acha que voltará a agir como antes?
- Sujeito:* Provavelmente não.
- Erickson:* Dessa vez, o convite foi alarmante, como havia sido em maio?
- Sujeito:* Não, acho que não fiquei alarmada. Apenas, não quis ir.
- Erickson:* Em maio passado, teria sido um convite alarmante?
- Sujeito:* Bem, é claro que, quando me convidassem, eu poderia sempre pensar numa boa desculpa.
- Erickson:* Desta vez, você pôde dizer apenas sim ou não?

- Sujeito:* Uh-huh.
- Erickson:* Você acha que foi justo eu lhe pedir que fizesse aquela promessa?
- Sujeito:* Certamente. Quero dizer que você não me pediria se não fosse justo.
- Erickson:* As vezes sentimos que as coisas são injustas.
- Sujeito:* Se eu quisesse ir nadar, sim. Mas eu fiquei contente em ter uma desculpa para não ir.
- Erickson:* Quando você irá viajar?
- Sujeito:* 15 de julho, não é, Ann?
- Erickson:* E você está fazendo alguma coisa especial para se preparar?
- Sujeito:* Vou gastar muito dinheiro daqui até 7 de julho?
- Erickson:* Para quê?
- Sujeito:* Eu sei o que você quer que eu diga. Quer que eu diga que vou comprar um maiô. Imagino que o farei.
- Erickson:* Por quê?
- Sujeito:* Porque não se pode nadar sem um maiô.
- Erickson:* Por que um novo?
- Sujeito:* Estou comemorando. Afinal de contas deve-se comemorar, às vezes.
- Erickson:* Quer mencionar mais alguma coisa?
- Sujeito:* Oh, sim. Descobri um erro no que lhe contei antes. Eu lhe disse que, quando derrubei Helen do cadeirão, eu estava empurrando-a para perto da porta. Eu perguntei para mamãe e ela disse que acha que não foi isso. Ela disse que achava que eu estava tentando levá-la (Helen) até a sala de jantar, onde papai estava. Pelo menos o que parecia, pela posição onde se encontrava a cadeira, Helen e eu, era que deve ter sido isso.
- Erickson:* Realmente, é claro, o essencial é como você se lembrou. Isso altera a história?
- Sujeito:* Não, eu somente queria saber como cometi esse erro. Teoricamente, não deve ser assim, não é?

Erickson: Suponha que você se lembre de algo a respeito daquele livro vermelho na estante. E daí, vá até a estante e descubra que não é um livro vermelho; que, na verdade, é azul. É como o erro que você cometeu. É sua atitude em relação ao livro. Mais alguma coisa?

Sujeito: Vejamos. Não, acho que não.

Erickson: Agora, você sabe quais são seus reais sentimentos?

Sujeito: Em relação a quê?

Erickson: A nadar.

Sujeito: Bem, acho que posso tentar, agora. Quero dizer que, absolutamente, não há uma razão lógica para eu ter medo. Naturalmente, não havia antes também. Não sei se teria medo agora. Acho que não.

Erickson: Você gostaria de descobrir, realmente, quais são seus sentimentos?

Sujeito: Certamente.

Erickson: Como faria isso?

Sujeito: Indo nadar para ver o que acontece.

Erickson: Há alguma outra maneira?

Sujeito: Não creio.

Erickson: Gostaria de descobrir se há alguma outra maneira?

Sujeito: Qual é a outra maneira?

Erickson: Gostaria de descobrir?

Sujeito: Ele não responde nenhuma pergunta. Certamente eu gostaria.

Erickson: Imagine que você durma agora.

Sujeito: Não vou dormir. Vou ver se o Sr. Estabrooks está certo ou não.

Erickson: Vai?

Sujeito: Uh-huh.

Erickson: Gostaria de saber se eu estou certo?

Sujeito: Certamente. Por que não? (Erickson checa os livros.) Ele está examinando toda a sua biblioteca.

Erickson: Você entende. Eu publiquei a mesma coisa que Estabrooks.

Sujeito: Isso é muito mau.

Erickson: Eu concordo com Estabrooks. Há algumas coisas corretas no seu livro. Aqui está uma passagem com a qual concordo com ele.

Sujeito: Apenas uma?

Erickson: Sim. O quanto você quer descobrir se Estabrooks está certo?

Sujeito: Se você diz assim, acho que acreditarei em você. Que tal hipnose enquanto alguém está adormecido? Ele diz que se chegar a uma pessoa que está dormindo e começar a falar com ela, não se consegue nem consentimento, nem desaprovação.

Erickson: Não consigo me lembrar das páginas onde Estabrooks diz que hipnose e sono são coisas totalmente diferentes. Ele também diz que uma pessoa pode se transformar em outra. Daí, diz que são idênticas. Ele não é coerente.

Sujeito: Então, onde está a verdade?

Erickson: A verdade é que se você quiser hipnotizar uma pessoa adormecida, terá que acordá-la.

Sujeito: Terei que escrever aqui: "O Dr. Erickson diz..."

Erickson: Imagine que você durma.

Sujeito: Acha que posso?

Rossi: Esta é uma das suas estratégias favoritas para facilitar a indução de transe: *perguntar uma série de questões motivadoras que a mente consciente não pode responder*. A única maneira de o paciente obter uma resposta é voltando-se para si mesmo e refletindo por alguns momentos. Esse voltar-se para si mesmo pode facilmente ser aprofundado num transe, se rotulado de "sono" e por meio da impli-

cação de que o paciente vai ser hipnotizado e assim a mente inconsciente poderá revelar a resposta. Muitas das suas perguntas, as quais a mente consciente ideal não pode responder, estão na verdade mobilizando seus conjuntos mentais que irão facilitar a experiência de progressão no tempo (e idade) que logo ocorrerá. Sua pergunta: "Gostaria de descobrir se há alguma outra maneira?" é um exemplo.

O sujeito, certamente, manifesta resistência à indução de transe ao não responder às perguntas sobre as suas emoções e à sugestão: "Imagine que você durma agora." Você está fazendo uma implicação de que ele precisa entrar em transe para descobrir as emoções. Contudo, você, aparentemente, percebe que pode ser melhor continuar com as perguntas dela sobre o Sr. Estabrooks, as quais sabemos, é a maneira indireta da Srta. S expressar hostilidade em relação a você. Por que ela está tão resistente?

Erickson: Na vida cotidiana se você deseja que alguém faça alguma coisa para você, a melhor maneira de conseguir é fazendo muitas coisas para ele primeiro. Por isso, deixo-a discutir comigo.

Rossi: Então você está lhe dando o controle?

Erickson: Nessa hora.

Rossi: Posteriormente, ela dará o controle para você.

Erickson: Uh-hum.

Rossi: E desde que ela teve muito de você, então também terá que lhe servir?

Erickson: Certo.

Rossi: É um aspecto regular do seu trabalho, pelo qual você ajuda as pessoas a deslocarem suas hostilidades e ressentimentos para o que quer que recebam de você. A maioria dos terapeutas não fazem isso. Pode ser que muito da resistência seja, na verdade, uma forma de equilibrar a conta emocional entre o terapeuta e o paciente.

Erickson: Você não percebeu o imenso sorriso? (Referindo-se a um outro caso recente, acompanhado pela Dra. Moore e eu, no qual o sorriso do paciente revelou o abandono de muita hostilidade reprimida e da resistência.)

3.2 Indução de transe utilizando a motivação e o comportamento do paciente com uma sugestão contingente: reenquadrando a resistência para cooperação

Erickson: Imagine que você durma.

Sujeito: Tudo bem, eu vou. Posso continuar fumando meu cigarro?

Erickson: Depois que você dormir, sim. Agora durma. Durma. Durma profundamente. E assim que você estiver adormecida quero que comece a fumar. Assim que você estiver profundamente adormecida, quero que dê uma tragada no seu cigarro. E durma profundamente. Profundamente. Continue dormindo profundamente. Durma confortavelmente. Facilmente. Vá fundo, durma profundamente. Profundamente adormecida. Profundamente adormecida. Dê uma tragada no cigarro assim que estiver dormindo. (Sujeito dá uma tragada.) Durma tão profundamente como nunca dormiu antes. E aproveite o cigarro. E você vai, não vai? E você vai continuar dormindo profundamente. Alegre e profundamente adormecida. Você está dormindo, não está? E continuará dormindo, não é? Não continuará? E aproveite seu cigarro. Continue fumando. (Para os observadores) Percebam a transformação de um objeto de resistência num objeto de cooperação. (Novamente para o sujeito) E agora você está dormindo profundamente? (Sujeito acena positivamente.) Está se lembrando e compreendendo tudo que lhe aconteceu antes? Sente-se confortável em relação a isso? Deprimida?

Sujeito: Não.

Erickson: Você está contente por compreender tudo?

Sujeito: Sim.

Erickson: Sente-se confiante sobre o que ocorrerá esta noite?

Sujeito: Sim.

Erickson: Acha que existe uma outra maneira de saber como se sente a respeito de nadar, sem ter que ir nadar?

Sujeito: Provavelmente, existe.

Erickson: Consegue pensar qual seria? Eu quero que você continue dormindo profundamente durante todo o tempo. Você gosta de fumar? Gostaria de fumar bastante? Dê outra tragada e aproveite. Durma profundamente o tempo todo. Confortável e profundamente adormecida. Quer outra tragada? Dê outra (Sujeito apaga o cigarro.) Vou escrever uma pergunta para você. Deixe que sua mão escreva a resposta. Sim ou não. Responda sim ou não.

Rossi: Você utiliza o próprio desejo dela de fumar como um meio para facilitar a indução hipnótica, usando uma sugestão de contingência: "Assim que estiver adormecida, quero que comece a fumar." É um exemplo claro da sua estratégia de utilização. Você encoraja qualquer comportamento para o qual o sujeito está motivado, e sua sugestão hipnótica pega carona com ele. Dessa forma, mesmo os comportamentos que aparecem como resistência podem ser reenquadrados no processo de terapia.

Erickson: Sim e isso estabelece a situação de fazer com que a mão dela escreva a resposta *sim* ou *não*.

Rossi: Percebo agora que, quando você fez esse trabalho em 1945, parecia estar se repetindo num estilo hipnótico tradicional e autoritário.

Erickson: É porque era um caso experimental e estávamos enfocando a psicodinâmica.

3.3 Pseudo-orientação no futuro; diretiva implícita com um sinal comportamental para o sonambulismo

Erickson: Durma profundamente. Continue dormindo profundamente. E agora quero que se recorde de algumas daquelas coisas que aconteceram. Quero que se lembre de que o tempo passou rapidamente. E isso aconteceu mesmo, não foi?

E agora quero que compreenda, ouça cuidadosamente e compreenda que o tempo vai passar novamente. E agora é junho de 1945. E agora vou mudar o tempo outra vez. Quero que esqueça junho de 1945. Esqueça junho de 1945, ainda que continue me ouvindo e me compreendendo. E o tempo vai mudar e você não vai saber que dia ou que mês é; e não vai se importar. Simplesmente, vai continuar a sentir-se confortável, dormindo profundamente. Você não vai se importar com que dia é. Tudo que quer é dormir. E agora o tempo está mudando e quero que você perceba que mudou rapidamente. Apesar de não saber que dia é e de não se importar. Logo vai ser agosto de 1945. agosto de 1945. E na verdade vai ser agosto de 1945. E, antes que seja agosto de 1945, muitas coisas deverão lhe acontecer. Muitas coisas diferentes. E lentamente quero que essas coisas lhe aconteçam. Quero que passem pela sua mente — cada dia em julho e cada dia da primeira semana de agosto. Quero que esses dias estejam claros em sua mente, até que lentamente, comece a se recordar da última semana de junho de 1945. E agora durma e deixe o tempo ir até agosto de 1945. Continue dormindo na medida em que o tempo passa, na medida em que as coisas lhe acontecem, muitas coisas. E, em agosto de 1945 você vai me ver. Você vai, não vai? Quando for agosto de 1945, quero que durma com os olhos abertos e fale comigo, e me conte todas as coisas que aconteceram na última semana de junho, nas semanas de julho e na primeira semana de agosto. E você vai me contar sobre nadar, o que você fez e como fez. (Sujeito abre os olhos.) Alô. (Sujeito sorri.) As mesmas pessoas outra vez.

Rossi: Quando você fala "Quando for agosto de 1945, quero que durma com os olhos abertos... e como fez", é uma ilustração clara de como você utiliza a diretiva implícita, para que

ela lhe dê um sinal comportamental quando estiver num estado sonâmbulo (em transe profundo, de olhos abertos e agindo como se estivesse acordada) e pronta para se orientar no futuro. Você sabe que ela terá uma oportunidade de nadar, quando sair de férias em julho. Todavia, você a pseudo-orienta para o futuro, em agosto, quando ela terá uma sessão com você depois das férias. Aqui ela lhe contará "como fez" — provavelmente, como ela foi nadar. Você não lhe diz diretamente que ela irá nadar durante as férias. Sugestão direta poderia despertar muita resistência, mesmo estando em transe. Ao invés disso, sua sugestão ultrapassa toda a resistência que ela possa ter contra o esforço ou a sugestão para nadar. A pseudo-orientação para o futuro permite-lhe tanto deduzir que ela acabou nadando como que agora precisa apenas lhe contar como o fez.

Erickson: Sim.

3.4 Integridade da personalidade no transe sonâmbulo

Sujeito: Os cinco malvados. (Referindo-se aos cinco elementos presentes na sessão.) Algum voluntário para ser o crânio sobre a mesa?

Erickson: Que crânio?

Sujeito: O crânio que deveria haver ali.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Você não acha que deveria haver um ali?

Erickson: Eu tenho dois crânios. De fato, carrego um comigo.

Sujeito: "O sorriso da caveira"

Fink: Isso tem alguma relação com o esqueleto no gabinete?

Sujeito: O que você quer dizer com o esqueleto no gabinete?

Erickson: Não quero que você me conte nada sobre como chegou aqui nesta noite. Mas você tem uma história para me contar, não tem? Quando foi a última vez em que me viu?

Sujeito: Em junho.

Erickson: Sim, ainda estou usando meu melhor paletó. (Sujeito examina as roupas das pessoas na sala.) Não se importe com isso. Eu arrumei tudo.

Sujeito: Não vou me preocupar.

Rossi: Você, com frequência, tem insistido em que os pacientes mantenham sua personalidade durante o transe e o humor irônico do sujeito, nessa seção, ilustra bem isso. O Dr. Fink tenta responder com um trocadilho sobre um esqueleto no gabinete, na esperança de conseguir algum material psicodinâmico. Mas a Srta. S não tem nenhum. Ela age como se estivesse acordada, mas, realmente, está num transe sonâmbulo.

Erickson: Sim, ela pensa que está acordada.

3.5 Confusão da orientação no tempo; implicação e perguntas para sustentar e expandir o futuro; sem mentiras, mas com suposições

Erickson: Você não precisa. É hora de você falar. Que tal a última semana de junho?

Sujeito: Sabe como é. A gente quase morre para sair de férias. A gente vê os outros indo e sente ódio deles. Depois que vão, o lugar fica deserto.

Erickson: Você esteve em _____ esta semana?

Sujeito: Esta semana? Rotineiramente, vou aos sábados ou segundas-feiras.

Erickson: Que dia da semana é hoje?

Sujeito: Não consigo ver o calendário.

Erickson: Eu não confiaria no calendário.

Sujeito: Está escrito em grego?

Erickson: Que dia da semana é?

Sujeito: Vejamos.

Erickson: Você realmente não sabe, não é?

Sujeito: Não. Que bobagem! Raramente esqueço qual é o dia da semana.

Erickson: Você tem coisas mais importantes em que pensar.

Sujeito: Mas eu deveria me lembrar do dia da semana. Agora, vamos ter que examinar esse processo para descobrir que dia é?

Erickson: O que aconteceu com você? Eu a vi em junho, não foi?

Rossi: É interessante observar como ela racionaliza não ser capaz de ver um calendário que, aparentemente, está à sua vista. Ela usa confusão para evitar saber a data. Tudo isso para ser consistente com suas sugestões de orientação para o futuro. Você reforça essa pseudo-orientação, continuando a pressioná-la por informação sobre o que aconteceu desde que se viram em junho. Você continua a agir como se fosse agosto de 1945 e a pressiona: "O que aconteceu com você? Eu a vi em junho, não foi?" Realmente, você não *mente*; apenas torna *implícito* que estão no futuro. Dessa forma, mesmo que ela não estivesse pseudo-orientada no futuro, quando abrisse os olhos você continuaria a pressionar essa suposição a fim de dar ao inconsciente dela mais tempo para aprender a se reorientar e se desempenhar no futuro.

3.6 Confusão e amnésia na pseudo-orientação para o futuro; o "irrelevante" sempre lado a lado com o relevante

Sujeito: Sim. Você tem uma memória notável para todas as pessoas que vêm e vão e que você vê. É incrível!

Erickson: Continue.

Sujeito: Deixe-me ver. Você me disse que eu lhe contaria tudo que fiz. Vou lhe dizer uma coisa: eu não me lembro.

Erickson: Foi um bom verão?

Sujeito: A maioria dos verões são muito bons.

Erickson: Mas, este verão foi bom?

Sujeito: Sim.

Erickson: Para que você me viu em junho?

Sujeito: A respeito de nadar.

Erickson: Sim. Onde você foi?

Sujeito: Fui para casa de Ann na segunda semana das férias dela.

Erickson: De quanto tempo são suas férias?

Sujeito: Tenho duas semanas; mas nós não temos férias ao mesmo tempo.

Erickson: A sua segunda semana de férias foi ao mesmo tempo em que a dela?

Sujeito: Não. Eu tentei tirar uma semana antes, mas eles não me deram antes do domingo ou sábado. Ou deram? Não sei. Você me confundiu.

Erickson: Bem, quero saber uma coisa. Conte-me sobre o nadar.

Sujeito: Bem, deixe-me ver. Fomos com o Paul no sábado. E eu comprei um maiô novo.

Erickson: Comprou? De que cor?

Sujeito: Foi na loja de Demery. Acho que foi na loja de Demery. Não, não foi. Foi numa outra lojinha perto de Demery. Não consigo me lembrar do nome. Foi um amarelo de duas peças.

Erickson: Fez com que exclassem: "Lá vai mais uma, com pedaços (de pano) faltando!"?

Sujeito: Sim.

Erickson: Continue.

Sujeito: Não me lembro. Eu tinha que voltar no domingo à noite. Devemos ter ido nadar. Bem no lago.

Erickson: Sim, continue.

Sujeito: Estou sofrendo de amnésia. Quando nós fomos nadar?

Erickson: Você deveria saber.

Sujeito: Mas não sei.

Erickson: Você aproveitou?

Sujeito: Certamente. Foi maravilhoso. Mas não me lembro de quando foi. Na próxima vez, farei um diário.

Erickson: Foi realmente maravilhoso?

Sujeito: Oh, sim. A água estava fria.

Erickson: O que você pensava enquanto estava nadando?

Sujeito: Apenas, como era agradável e sobre como molhar mais Ann.

Erickson: Você se lembrou de como antes tinha medo de nadar?

Sujeito: Sim.

Erickson: Como isso lhe afetou?

Sujeito: Foi divertido. Quero dizer que realmente foi divertido.

Erickson: Você realmente aproveitou?

Sujeito: Uh-huh.

Erickson: Quantas vezes você foi nadar?

Sujeito: Não sei. Estou burra esta noite. Não consigo me lembrar de nada. Eu tenho uma boa memória.

Erickson: Por que você fica olhando para a janela?

Sujeito: Parece tão frio lá fora e eu sei que não está. Lembra-me a casa da minha irmã Lisa, com todas essas árvores e tudo mais. Eles têm um rio atravessando o terreno, como nos tempos do Velho Oeste, quando o herói atravessava o rio montado num cavalo. É absolutamente lindo.

Erickson: Você já tinha pensado naquele rio, como lindo, antes?

Sujeito: Oh, sim. É muito bonito. Mas nunca quis molhar-me nele antes. Provavelmente, eu ficaria doente. Deve haver alguma coisa que contamine a gente na água do rio. Eu presumo que seja contaminada, mesmo não havendo sinais disso.

Erickson: Quantas vezes você foi nadar lá?

Sujeito: Apenas uma vez.

Erickson: Quando foi isso?

Sujeito: Na última semana de julho. Eu tinha uma hora marcada com o dentista. Realmente, você deveria dormir mais, Dr. Fink.

Rossi: Eu deveria eliminar uma dessas partes irrelevantes quando publicarmos isso? Por exemplo, essa última observação dela para o Dr. Fink?

Erickson: Não, são relevantes. Eu estou cuidando do imediatismo (da experiência imaginária dela) sobre o que poderia ter sido desagradável. Ela foge disso, dizendo ao Dr. Fink que ele "deveria dormir mais".

Rossi: É assim que ela foge da desagradável hora marcada com o dentista?

Erickson: Sim.

Rossi: Ela está oscilando entre a confusão e a amnésia nessa seção. Isso talvez ocorra, porque o inconsciente dela não sabe ainda como responder às suas sugestões de orientação para o futuro.

3.7 Perguntas persistentes para facilitar as pseudolembanças de sucesso ao lidar com a fobia de nadar; utilizando a colocação de opostos para motivar o trabalho hipnótico

Erickson: Conte-me sobre essa vez.

Sujeito: Minhas férias começaram no dia 28. Saí na sexta-feira e voltei no dia 30. O Dr. MacNally me chamou.

Erickson: Começou no dia 28 de quê?

Sujeito: Julho.

Erickson: 28 de julho?

Sujeito: Sim.

Erickson: E quando você foi nadar na casa da Srta. Dey?

- Sujeito:* Ela teve férias antes que eu, você sabe.
- Erickson:* Foi num fim de semana?
- Sujeito:* Eu tinha que conseguir alguém para trabalhar por mim. Eles não me dariam uma semana. Eu teria que conseguir alguém para trabalhar no meu lugar todos os dias. Ann, por exemplo. Ela poderia voltar e trabalhar no meu lugar.
- Erickson:* Você teve problemas em respirar na água?
- Sujeito:* Você já ficou com a boca, as orelhas e o nariz cheios d'água?
- Erickson:* Sim.
- Sujeito:* A gente tem um pouco de problema para respirar.
- Erickson:* Você teve que se forçar para ir nadar?
- Sujeito:* Não.
- Erickson:* Você não pode contar-me mais do que isso sobre o mês inteiro de julho? Como aconteceu de você ir à casa de Lisa?
- Sujeito:* Como aconteceu de eu ir? É uma coisa esperada. E eu me diverti muito. Gosto de ir até lá.
- Erickson:* O que levou você a nadar no rio?
- Sujeito:* Eu apenas saí para passear. Estava passeando ao lado do rio. E era tão bonito!
- Erickson:* E você estava usando seu maiô?
- Sujeito:* Não.
- Erickson:* Onde você se trocou?
- Sujeito:* Voltei para casa. Lisa não gostou muito da idéia. Água de rio é contaminada! Ela parece tão bonita quando fica esquentada.
- Erickson:* Ela sabe como você tinha medo de nadar?
- Sujeito:* Não. Eu nunca lhe contei nada, a não ser as coisas que nos faziam rir.
- Erickson:* Diga-me, você se lembra melhor de junho do que de julho?
- Sujeito:* Oh, sim. Tivemos aulas e conseguimos privilégios de verão. Aconteceu todo tipo de coisa em

- junho. Agora, se você me perguntar sobre julho...
- Erickson:* Diga-me, quanto se preocupou, em junho, a respeito de nadar?
- Sujeito:* Acho que não me preocupei.
- Erickson:* Como você encarava o nadar em junho?
- Sujeito:* Eu, realmente, estava ansiosa. Eu ia, de fato, olhar para mim mesma objetivamente e ver se tinha medo ou não.
- Erickson:* Quando você foi nadar em julho, você pensou no tempo em que havia passado comigo?
- Sujeito:* Oh, sim. Agradei-lhe uma centena de milhão de vezes.
- Erickson:* Você agradeceu?
- Sujeito:* Uh-huh.
- Erickson:* Diga-me, você fuma Luckies sempre?
- Sujeito:* Não.
- Erickson:* Não fuma?
- Sujeito:* Gostaria de saber como consegui-los.
- Erickson:* Você gosta de Luckies?
- Sujeito:* Um cigarro é um cigarro. A menos que seja Philip Morris.
- Erickson:* E o que é?
- Sujeito:* Deve ser um nome de cigarros. E para Chelseas e Raleighs também.
- Erickson:* Você ainda não gosta de Chelseas?
- Sujeito:* Você já fumou um?
- Erickson:* Sim, já.
- Sujeito:* Olhe para o Dr. Fink.
- Fink:* Ficarei contente quando esta semana terminar.
- Sujeito:* Claro. Quando se é residente não se precisa ficar correndo o tempo todo, você fica? Fica?
- Erickson:* Isso é tudo que você vai me falar sobre o seu verão?

Sujeito: Fui a casa de minha avó por uma semana. Não nadei lá. Ela sempre pensa nos detalhes tolos, tais como: você pode pegar pneumonia e um milhão de outras coisas. E fica preocupada quando a gente sai de casa: "Eu gostaria de saber se elas foram, na verdade, onde disseram que iam." É muito fácil, na casa dela, não ir nadar.

Erickson: Como se sente a respeito?

Sujeito: Sobre não ir? Eu gostaria de ter ido, estava tão quente. Mas se não ir deixa a vovó feliz, então não vamos.

Erickson: Lembra-se do encontro comigo na última semana de junho?

Sujeito: Sim.

Erickson: Como sentia-se então a respeito de nadar? Como você achava que deveria se sentir, indo nadar? Lembra-se de como se sentiu em junho?

Sujeito: Eu queria saber o quanto eu ainda tinha medo e fingia que não tinha ou se eu já não tinha medo.

Erickson: O que acha dessas idéias agora?

Sujeito: Agora eu sei.

Erickson: Não há mais nada que você queira me contar sobre nadar?

Rossi: Inicialmente ela mostra muita resistência ao ser pseudo-orientada para o futuro, quando ela terá que ter uma experiência bem-sucedida ao ir nadar. Ela evidencia confusão, inconsistência, amnésia e refúgio na fantasia (estar frio como na casa da irmã). Sua estratégia é persistir, continuando com suas perguntas de orientação, as quais apenas podem ser respondidas se ela forjar uma pseudolembrança de uma experiência bem-sucedida. Certo?

Erickson: Sim.

Rossi: Todas as suas perguntas e observações são dicas que implicam que ela já teve a experiência e precisa, ape-

nas, contá-la. Você diria que essa espécie de dica contínua é o ingrediente-chave para a sua bem-sucedida utilização da pseudo-orientação no tempo?

Erickson: Se você mentir com frequência suficiente, as pessoas acabam acreditando.

Rossi: Talvez seja por este motivo que eu não tenha sucesso com isso. Eu não convenci os pacientes com as perguntas de orientação que continuamente deixam implícito que eles estão no futuro, até que eles captassem e aproveitassem o jogo para então falar.

Erickson: (Erickson dá exemplos de como as dicas são necessárias em qualquer procedimento de reorientação.)

Rossi: Por que você lhe perguntou sobre fumar *Luckies* no meio da seção? Você estava checando a persistência da sua sugestão pós-hipnótica para ela preferir um *Lucky Strike* depois que acordasse (Seção 2.23)?

Erickson: Aparentemente alguma coisa deve ter sido omitida (na transcrição). Eu estava perguntando sobre a escolha dela.

3.8 *Facilitando potenciais humanos por meio de ensaio interno e integração cognitivo-comportamental: a justaposição de opostos*

Sujeito: Estava terrivelmente quente na sala de operação. Tostando. Todos os médicos puseram colares de gelo, e eu desejei ser um médico para também por um. Quando Ann não estava lá, no final de junho — não que eu não sentisse saudade de você — mas estava melhor sozinha.

Srta. Dey: Obrigada.

Sujeito: Ninguém falava até a 1 hora da madrugada e ninguém vinha me acordar à 1 hora e ficava falando até as 2 horas.

Erickson: A água estava fria quando você foi nadar?

Sujeito: Sim, muito. Ela ia e voltava e a gente prendia a respiração até ela tocar-nos novamente.

Erickson: Há mais alguma coisa que você possa me dizer?

Sujeito: Eu sei que deve ter sido um verão ocupado, porque os verões sempre são assim. Mas não sei o que fiz o tempo todo.

Erickson: Você cumpriu uma quantia razoável?

Sujeito: Sim.

Erickson: Para sua total satisfação?

Sujeito: Não. Eu nunca realizo tanto quanto quero. Os dias não são suficientemente longos, as semanas não são compridas o suficiente e não há noites o bastante, em uma noite.

Erickson: Quando você vai nadar novamente?

Sujeito: Posso ir a qualquer hora. Os lugares estão lotados. Webster Hall é apenas um pouco longe do hospital.

Erickson: Você diz isso com facilidade, não é?

Sujeito: É.

Erickson: Mas você diz com muita facilidade. Agora, em maio último, você não diria desse jeito, não é?

Sujeito: Não.

Erickson: Quando você vai nadar outra vez?

Sujeito: Sempre posso ir. Mamãe gosta de ir até a praia Crystal. Não entendo porque ela prefere aquele lugar.

Rossi: Ela inicia esta seção com um aparente *non sequitur* queixando-se do calor da sala de operação para a Srta. Dey. Possivelmente, ela está resistindo ao seu inquérito sobre os detalhes das pseudolembanças de nadar. Você, ingenuamente, utiliza a observação que ela faz sobre o desconforto do calor na sala de operação, para retorná-la à tarefa proposta, perguntando: "A água estava fria quando você foi nadar?" É um exemplo do seu gancho para *justaposição de opostos*: você utiliza o desconforto do calor para motivá-la a explorar o conforto do frio como uma associação positiva para nadar. Você está utilizando tantas perguntas motivadoras, emocionais e auto-orientadas quanto pode para aprofundar a construção por ela, de uma experiência de ir nadar, o mais

vívida e bem-sucedida possível na sua imaginação. Porém, mais do que simplesmente a imaginação está envolvida: você está encorajando o ensaio interno de uma integração dos muitos componentes cognitivos-sensoriais-emocionais-comportamentais positivos do nadar, a fim de facilitar os potenciais reais dela.

3.9 *Maturidade como um critério para validar o trabalho hipnoterapêutico; reforçamento social indireto do crescimento psicológico e da maturidade*

Erickson: Você descobriu mais alguma coisa sobre o nadar, não descobriu?

Sujeito: Alguma coisa mais?

Erickson: Sim. Por que você tinha medo de nadar?

Sujeito: Provavelmente era uma consequência de todas aquelas coisas malucas que eu fiz quando era pequena. Provavelmente eu tinha que sentir medo de algo e não podia ser medo de pessoas.

Erickson: Sente-se mais velha agora do que sentia-se em maio?

Sujeito: Não particularmente.

Erickson: Sente-se mais confortável?

Sujeito: Sim.

Erickson: Em todos os relacionamentos?

Sujeito: Sim.

Rossi: Acredito que você usa uma noção subjetiva de maior maturidade do paciente como um critério para a validade do trabalho hipnoterapêutico. O fato de ela não se sentir mais velha nesse momento indica que há necessidade de mais trabalho exploratório ou psicodinâmico?

Erickson: Não. (Para a Dra. Sandra Sylvester que se juntou a nós.) Você sente-se mais velha porque ceou no Natal? (Estamos em março.)

Dra. Sylvester: Não, mas sinto-me mais velha desde que aprendi a enquadrar uma gravura. (Muitos risos porque "en-

quadradar uma gravura" foi a chave para seu próprio recente trabalho hipnoterapêutico de maturidade com Erickson.)

Erickson: Eu dei a Srta. S a pergunta: "Você sente-se mais velha agora do que se sentia em maio?" para tirá-la de sua experiência. "Enquadrar uma gravura" foi o resumo de uma experiência para Sandy, que a capacitou a sentir mais maturidade.

Rossi: Quando você se torna capaz de objetivamente resumir uma experiência passada, você sente-se mais velho e mais maduro.

Erickson: Sim.

Rossi: (Ela sorri e parece feliz e Erickson lança um olhar para mim. Percebo que Erickson, agora, está pegando a oportunidade de reforçar indiretamente as experiências recentes de maturidade da Dra. Sylvester, fazendo-a confirmá-las publicamente. Isto é, com o pretexto de fazer-lhe uma pergunta para ajudar a clarificar o material do caso, Erickson está, na verdade, pedindo-lhe, indiretamente, para falar sobre suas próprias experiências hipnoterapêuticas de crescimento na presença de outro profissional (eu). É uma forma de confirmação e reforçamento públicos da sua maturidade e crescimento na dimensão interpessoal (veja Seção 2.20).)

3.10 Permitindo que os pacientes vençam batalhas que irão beneficiá-los

Erickson: Lembra-se de junho último, quando você queria ver se era o Dr. Estabrooks ou eu quem estava certo?

Sujeito: Eu queria ver sua reação.

Erickson: E qual foi?

Sujeito: Absolutamente, calma. Simplesmente como deveria ser esperado. Frustrante.

Erickson: Eu lhe frustrei?

Sujeito: Eu esperava alguma coisa mais.

Erickson: O quê?

Sujeito: Eu esperava que você ficasse aborrecido, mas, contudo, não houve reação.

Rossi: Aqui, indiretamente, você está integrando a hostilidade dela em relação a você. Agora, você está indiretamente usando Estabrooks como um veículo para deslocar e demonstrar hostilidade, a qual você sente que ainda existe na sessão atual e pode quebrar seu trabalho?

Erickson: Não. Estou provando a ela que Estabrooks deveria concordar comigo. O sucesso é meu. Ela tentou construir uma barreira entre ele e mim e estou mostrando que não há.

Rossi: Assim, você não lhe permite aborrecê-lo. Por que você não a deixou vencer essa batalha e mostrou algum aborrecimento como ela queria?

Erickson: Você somente deixa uma batalha ser vencida pelo paciente quando isso tiver algum valor para ele. Aqui, não havia nenhuma vantagem para ela em vencer.

3.11 Estabelecendo uma sugestão pós-hipnótica; construindo uma rede associativa "que tal Luckies?"

Erickson: Lembra-se de como acendeu seu cigarro e "fez cera"?

Sujeito: Estava com medo e "fiz cera" para passar o tempo?

Erickson: Lembra-se do que eu disse sobre aquele cigarro?

Sujeito: Oh, sim. Você disse "Apenas continue a fumar agora — não faz diferença" ou coisa parecida.

Erickson: Que efeito teve?

Sujeito: Nenhum. Achei bom.

Erickson: Lembra-se de que você entrou em transe, fumando (Seção 3.2)?

Sujeito: Oh, sim. Você me perguntou se eu gostaria de fumar ou se eu queria apagá-lo e eu disse que não porque se eu quisesse apagá-lo eu o teria feito.

Erickson: Bem, você imagina que eu tinha que lhe dar um maço de cigarros para recompensá-la por nadar?

Sujeito: Não, não preciso de nenhuma recompensa. Eu tenho a minha.

Erickson: Quanto dura um maço de cigarros?

Sujeito: Quanto?

Erickson: Sim.

Sujeito: Aberto ou fechado?

Erickson: Fechado.

Sujeito: Vejamos. Naturalmente, eu nunca os guardei tanto tempo para saber se estragam logo ou não. Camel é uma marca que dá a volta ao mundo, por isso deve durar mais.

Erickson: Que tal Luckies?

Sujeito: Duvido que durem muito. Têm celofane ao redor.

Erickson: Esse pacote não tem.

Sujeito: Que estranho! Pensei que todos tivessem celofane.

Erickson: Não durante os meses de verão.

Sujeito: Por que não?

Erickson: Eles não colocam celofane desde junho passado.

Sujeito: Então, não imagino que durem muito.

Rossi: Para aqueles que não conhecem, esta seção parece ser apenas uma breve conversa sobre cigarros. Realmente, você está construindo uma rede associativa com Luckies, tempo, entrar em transe fumando, junho passado e os cigarros manterem-se frescos — que acompanhará uma importante sugestão pós-hipnótica sobre nadar, que você lhe dará brevemente. Certo?

Erickson: Sim.

3.12 “Um transe num transe?” estruturando a amnésia e compondo confusão para enfraquecer mais os conjuntos mentais e as limitações aprendidas

Erickson: Diga-me, você acha que poderia entrar em transe esta noite?

Sujeito: Provavelmente. Mas não sei por que eu deveria.

Erickson: Você quer entrar em transe? Consegue, realmente, dizer-me o dia do mês?

Sujeito: Eu estava pensando que fosse 20 de agosto, mas não é.

Erickson: Está certo.

Sujeito: Ninguém sabe que dia é?

Erickson: Sim, eu sei. Mas você não.

Sujeito: Por que você não me diz?

Erickson: Deixei isso para ser um motivo para você entrar em transe.

Sujeito: Você quer dizer que não acredita que eu possa descobrir, a menos que entre em transe? Acho que posso descobrir. Tenho certeza que posso. Quando acordo pela manhã, eu não corro para o Dr. Erickson e lhe peço para me colocar em transe para que eu saiba que dia é. Eu pergunto a alguém. Geralmente, Ann me diz. Mas agora, ela não me dirá.

Srta. Dey: Não pergunte ao Dr. Fink. Ele está dormindo.

Erickson: Que tal entrar em transe?

Sujeito: Por que eu deveria?

Erickson: Eu gostaria que você entrasse.

Sujeito: Deve-se ter um objetivo para entrar em transe. Eu não tenho nenhum.

Rossi: Quando esta seção começa ela ainda está num transe sonâmbulo, falando com os olhos abertos, como se estivesse acordada. (Veja seção 3.3, na qual esse processo foi iniciado.) Agora, aparentemente você estrutura uma amné-

sia, reorientando-a para o início da sessão com a observação direta sobre se ela acha que vai entrar em transe nessa noite.

Erickson: Sim.

Rossi: Ela mostra uma resistência à idéia, mesmo já estando em transe. Então, de maneira surpreendente, você lhe dá um motivo para entrar em transe, fazendo-a perceber que ela não sabe qual é a data em que está. Mas, que sentido faz motivá-la a entrar em transe quando ela já está em transe sonâmbulo? O que você está tentando fazer? Está tentando estabelecer um transe dentro de um transe? Ou é simplesmente uma forma de aprofundar o transe?

Erickson: Estou aumentando a desorientação dela.

Rossi: Existe mesmo esse estado de "transe dentro de um transe" ou é só um jeito de falar?

Erickson: Só um jeito de falar.

Rossi: Ela já está em transe, mas você finge que ela não está e que você quer que ela entre em um. Realmente, você está alvoroçando os conjuntos mentais da Srta. S. É uma forma de aumentar a confusão e enfraquecer seus conjuntos mentais e limitações aprendidas.

Erickson: (Acena positivamente.)

3.13 *Evocando e utilizando processos psicodinâmicos; níveis múltiplos de recordação e esquecimento na justaposição de opostos; não-saber, confusão, querer saber e surpresa*

Erickson: Mas eu tenho um objetivo.

Sujeito: Além de descobrir o dia ou a data?

Erickson: Lembra-se, em junho último, como você queria ver se eu a colocava em transe?

Sujeito: Sim.

Erickson: Você ainda não conseguiu responder isso?

Sujeito: De uma forma vaga, sim. Eu lhe fiz uma pergunta e você, de fato, não respondeu. Acho que você riu. Qual era a pergunta? A atitude do

operador? Pensei nisso depois, quando fui para casa e falei a Ann.

Erickson: É um dos termos de Estabrooks.

Sujeito: Relacionado a você, acredito.

Erickson: É um termo que ele inventou para explicar por que eu conseguia certas coisas com os sujeitos e ele não.

Sujeito: Isso não foi bonito.

Erickson: Acho que isso nos deixa na mesma situação que Estabrooks. É um termo bonito, mas não se pode fazer um bom uso dele. Vá dormir. Vá dormir. Profundamente adormecida. Profundamente adormecida. Profundamente adormecida. Profundamente adormecida. Durma bem profundamente. Ainda mais profundamente. Durma profundamente. E continue dormindo profundamente e continuamente. E na medida em que você dorme profunda e continuamente, quero que lentamente, gradualmente, você compreenda a situação atual. Quero que se conscientize de que está profundamente adormecida. Quero que se conscientize de que eu mudei o tempo para você. Quero que se conscientize daquelas coisas que você me contou e acredite nelas. Quero que veja aquelas coisas séria e sinceramente. E quero que compreenda que elas são uma demonstração dos pensamentos reais que existem em sua mente. Quero que saiba que é junho e não agosto. Quero que perceba que lhe pareceu ter tido férias e recorde-se completamente de tudo que me disse, para que você possa, de fato, saber, como, em junho, você realmente foi para o fundo de si mesma, antecipando sua saída de férias. Entende o que quero dizer? E você não teve que ir nadar para descobrir qual seria sua atitude, teve? Você sabe, no fundo de si. Não é um fato? Não apenas nadar no lago; mas na antecipação, também nadar no rio. Não foi isso o que você fez? E você se descobriu olhando

para além do nadar em Webster Hall. Você descobriu qual era sua real atitude em relação a nadar.

Este era o conhecimento que você tinha quando entrou nesta sala, mas não sabia. Não está certo? Quero que guarde esse conhecimento no seu inconsciente. Você entende? Quero que guarde esse conhecimento no seu inconsciente e não o revele até, mais tarde, no verão. Entende? Assim como você reprimiu e esqueceu coisas dolorosas, no passado, quero que reprima esse conhecimento até que chegue a hora certa dele irromper no seu entendimento, para que assim você possa realmente ter a experiência de se descobrir entrando na água, e entrando na água e, de verdade, aproveitando isso. Você compreende? E quero que seja uma tremenda surpresa agradável para você. De modo que mesmo quando for passear no lago, querendo saber como vai sentir-se, e então andando na água, você ainda estará querendo saber e daí, indo cada vez mais fundo na água e ainda querendo saber. E depois, repentinamente descobrir que você, realmente, gosta disso — ter essa surpresa. Você acha que minha sugestão é boa? Vai cooperar comigo? Completamente? De maneira que não irá saber nada a respeito até que aconteça? Está certo? E isso significa que você tem que ter uma amnésia para o que aconteceu aqui nesta noite. E você não vai se importar com isso. Uma amnésia completa para o que aconteceu aqui nesta noite. Naturalmente, você pode pensar sobre Estabrooks e um pouco sobre qualquer informação não-relacionada.

Erickson: Estou deixando-a completamente ligada.

Rossi: Está enfraquecendo os conjuntos mentais dela. Isso é confundir. Primeiro, você diz que ela vai compreender e se lembrar e depois você diz que ela não vai. Ao estabe-

lecer sua importante sugestão pós-hipnótica a respeito de nadar, você cuidadosamente justapõe a *recordação* e o *esquecimento* de forma que parece satisfazer dois níveis de necessidade: num nível há a personalidade dela necessitando *saber* o que vai acontecer; num outro nível há uma necessidade de *amnésia do consciente*, para que assim seu inconsciente possa estar livre para facilitar a experiência real de nadar do seu próprio jeito. É um exemplo claro de como você usa a justaposição de processos mentais opostos para facilitar a experiência hipnótica.

Erickson: (Acena positivamente.)

Rossi: Você enfraquece conjuntos mentais com sua ênfase sobre o *não-saber* como isto é feito. Ela pode querer saber e assim construir sua *expectativa*. Certo?

Erickson: Sim.

Rossi: Como é de se esperar, quando o inconsciente dá um salto de desenvolvimento tão dramático, você observa que mais tarde ela poderá "repentinamente descobrir que realmente gosta disso — de ter uma surpresa". Todas essas sugestões formam um associativo que construirá um certo nível de expectativa e tensão, que apenas poderá ser liberado por meio da experiência real de nadar. Você permitiu a ela descobrir uma experiência ("... qual era sua real atitude em relação a nadar.") por meio da pseudo-orientação para o futuro. E agora está estruturando uma sugestão pós-hipnótica que lhe permitirá ultrapassar as resistências conscientes que podem estar presentes ainda.

Erickson: Por causa do medo de nadar, ela sabia que teria medo de aprender. Então, eu estabeleço nela o querer saber. E a gente quer saber sobre coisas agradáveis.

Rossi: Querer saber está associado com coisas agradáveis. Você mudou o medo em querer saber, como um passo em direção a um desenvolvimento positivo. É uma estratégia radicalmente diferente da simples sugestão pós-hipnótica direta para mudar o comportamento. Continuamente, você está alinhando psicodinâmica interna do sujeito, de forma que o comportamento desejado é o resultado natural de tensões que você mobilizou. *Você está evocando e utilizando processos psicodinâmicos, mais do que, simplesmente, analisando-os ou comentando-os.* Você diria que esta é uma descrição fidedigna da sua estratégia?

Erickson: Sim.

Rossi: Você utiliza e atualiza os próprios processos psicodinâmicos do paciente, ao invés de apenas analisá-los. Você ilustrou como evocar e utilizar mecanismos mentais isolados e psicopatologia em dois trabalhos anteriores em 1939 (Erickson, 1939a, 1939b e 1980). Mas foi apenas em 1948, quando você escreveu sobre "Psicoterapia hipnótica" (Erickson, 1948/1980) que você descreveu e ilustrou como utilizar os próprios processos psicodinâmicos do sujeito em hipnoterapia. Foi uma estratégia criada por você?

Erickson: Foi, até onde eu saiba.

3.14 *Sugestões pós-hipnóticas para nadar com uma recompensa para reforçar os ganhos terapêuticos: fumar "só depois"*

Erickson: E agora há mais uma coisa que eu quero que você faça; e que seja uma surpresa para você. (Erickson escreve num maço de cigarros.) Abra os olhos e veja isso. Está escrito "só depois". Vou lhe dar esse maço de cigarros e quero que você proteja-o inconscientemente. E fique curiosa sobre eles (os cigarros), mas não os fume. Então, depois que você for nadar e enquanto estiver apreciando isso, quero que se recorde desse maço de cigarros como podendo fumar só depois de sair d'água. Você compreende?

Rossi: Aparentemente, está faltando uma parte da sua sugestão inteira nesse ponto da transcrição. Você está iniciando por apresentar a sugestão pós-hipnótica que você começou a estabelecer na Seção 3.11.

Erickson: Eu havia colocado o nadar numa balsa em um lago. Ela ia sentar na balsa, olhar para a água e descobrir um bolso secreto à prova d'água no seu maiô.

Rossi: Onde ela estaria levando o maço de cigarros no qual você escreveu "só depois".

Erickson: E fósforos! Ela vai aproveitar totalmente o fumar. Ela só vai aproveitar depois de nadar.

Rossi: Assim, o aproveitamento do fumar é contingente sobre o nadar. É tanto uma recompensa como uma dica ver as palavras "só depois".

Erickson: Esta dica vai consolidar os seus ganhos terapêuticos com relação a nadar.

Rossi: Como você sabia que ela teria oportunidade de mergulhar de uma balsa durante as férias?

Erickson: Sua amiga Ann havia me contado antes, quando me falou sobre a intenção delas de ter férias juntas.

3.15 *Uma rede pós-hipnótico-associativa, utilizando o querer saber, amnésia e não-saber (segredos) para delinear e evocar respostas terapêuticas; diretivas não-verbais hemisféricas-direita para ocultar sugestões do consciente*

Erickson: E você tem certeza que fará isso e que durante o resto desse mês e durante julho, até depois de você ir nadar, você continuará a guardar esse maço de cigarros e, muito vagamente, irá querer saber por que o faz. E você vai cuidar bem desse maço? Tem certeza? Vou colocá-lo em sua bolsa. E não vá deixar que algo danifique-o, não é? E se acontecer alguma coisa, se você perder esse maço de cigarros, você vai ter uma resposta que lhe manterá pensando e lembrando. Agora, está perfeitamente claro isso em sua mente? Quer abaixar este outro braço? (Erickson abaixa o braço do sujeito.) Há alguma coisa que gostaria de me dizer? Enquanto você está dormindo profundamente, pode reconhecer como estava imaginando o verão. Mas você não será capaz de saber até que acorde e não saberá mesmo depois de acordar. Em outras palavras, manterá em segredo para si mesma, não é? E esta é uma hora em que você pode, realmente, ter um segredo para si própria, não é? Apenas pense nessas coisas até que estejam muito, muito claras em sua mente. E deli-

neie em sua mente como você irá guardar e proteger esse maço de cigarros, e como levá-los consigo. E se de alguma forma você perdê-lo, o que deve fazer?

Sujeito: Não vou perdê-lo.

Erickson: Não. Mas posso lhe dizer alguma coisa, para o caso de ele ser destruído involuntariamente. Você poderia pegar um outro maço de cigarros e querer saber porque escreveu nele, "só depois". Você poderia apenas querer saber. Mas não importa o que aconteça, você poderia ainda ter um maço de cigarros. Não é certo? E uma vez que você ainda está profundamente adormecida, você perdeu uma grande parte do medo de água, não perdeu? É uma coisa muito confortável, não é? Pode me dizer que dia é hoje?

Sujeito: Junho.

Erickson: Sim, junho. Pode me dizer o dia?

Sujeito: Dia 27.

Erickson: E amanhã será dia 28, não é? Você está perfeitamente confortável em seu inconsciente, sobre as coisas agora? E lembre-se, você tem um encontro comigo em agosto. Certo? Ou antes, se você estiver ansiosa por me contar como as coisas ocorreram facilmente. E se a Srta. Dey abrir a boca para torná-la consciente, devolva para ela, está bem?

Sujeito: (Para a Srta. Dey) Eu a estrangulo.

Erickson: Estou esperando com tremendo interesse pelo seu cumprimento dessa tarefa tão complicada. Você não está? Há alguma coisa a mais que deseje discutir agora?

Sujeito: Acho que não.

Erickson: Você se lembra o que conversamos quando estávamos sozinhos? E quero que você leve essa atitude geral. Você vai, não vai? Está bem. E agora vou acordá-la brevemente e você vai poder sair daqui querendo saber qual era o objetivo dessa visita; mas será um segredo que pertence

cerá ao seu inconsciente. Está pronta para acordar?

Sujeito: Sim.

Erickson: Tudo bem. Acorde fácil e confortavelmente. O que aconteceu essa noite é um segredo para você... Agora, qual poderia ser uma boa dedicatória para esse livro?

Rossi: Aqui você mobiliza o gesto associativo que você começou a estabelecer na Seção 3.11. O maço de cigarros Lucky, no qual você escreveu "só depois" torna-se uma dica que reforça continuamente a sugestão pós-hipnótica: ela vai aproveitar os cigarros depois de aproveitar o nadar. Fumar torna-se contingente ao aproveitar o nadar. Os sentimentos positivos associados ao fumar ficam ligados ao comportamento desejado de nadar. Você lhe dá muitas sugestões sobre como ela vai "delinear em sua mente como irá guardá-lo e protegê-lo". Dessa forma, você está evocando um processo inconsciente ativo pelo qual ela trabalhará continuamente sobre algo que acabará levando a sugestão pós-hipnótica implícita de nadar com sucesso. Uma vez que é um segredo para a mente consciente dela, esse trabalho terapêutico inconsciente e ativo está protegido das suas críticas e das suas limitações aprendidas.

Essa é uma característica marcante da sua estratégia de sugestão pós-hipnótica. Você não presume que apenas por estar em transe ela seguirá suas sugestões pós-hipnóticas. Mais do que isso, você constrói um associativo que utiliza os próprios processos motivacionais dela; você sugere uma cadeia completa de comportamentos que, passo a passo, levarão inevitavelmente à consequência terapêutica final desejada. Concorde?

Erickson: Sim. Onde a transcrição diz que eu abaixei o braço dela, eu estava, na verdade, pondo o maço de cigarros em sua mão e então direcionando sua mão para apanhá-lo e colocá-lo nas pregas da saia. Foi uma dica não-verbal de como ela poderia, mais tarde, pegar o maço de cigarros e colocá-lo no seu maiô e mantê-lo em segredo de si mesma.

Rossi: Você esperava que ela generalizasse essa sugestão não-verbal da saia para o maiô? Por que você simplesmente não lhe disse, de maneira direta, para fazer isso?

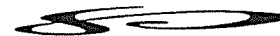
Erickson: Para mantê-lo na sua mente consciente e a salvo do seu inconsciente.

Rossi: Assim, quando você faz algo não verbalmente, isso tende a ser assimilado no hemisfério direito e então mantido em segredo da mente consciente.

Erickson: Quando você está tendo um jantar especial, com música ao fundo, você não presta muita atenção à música, presta?

Sessão IV

Trabalho terapêutico ativo durante o transe



4.0 *Avaliando o trabalho hipnoterapêutico anterior; perguntas evocando incerteza, dúvida, querer saber, curiosidade e expectativa*

Fink: Falando sobre conflitos, o psiquiatra mais velho do hospital estava discutindo filosofia comigo hoje pela manhã e ele me contava sobre uma situação bastante incomum, da qual ele acredita ter, em parte, originado seus conflitos religiosos. Sua mãe havia morrido há quarenta e quatro anos e quando seu pai morreu, de acordo com a vontade dele, tiveram que exumar o corpo dela para que fosse sepultada próxima a seu pai. Quando os restos mortais da mãe foram removidos, ele estava presente. Imagine! Sua própria mãe!

Sujeito: Por que ele teve que ir lá?

Fink: Ele não disse. Isso passou pela Corte de Testamentos e teve que ser assinado pelo Departâ-

mento de Saúde. Houve muita burocracia. Foi terrível.

Erickson: Onde você esteve durante as férias?

Sujeito: Oh, perambulando por aí. Fui à casa de minha irmã e fiquei com ela por um tempo. Só isso. Naturalmente, minha família não ia querer viajar nas minhas férias e claro que o Dia do Juízo Final não seria durante as minhas férias.

Erickson: Quando voltou?

Sujeito: Dia 18. Voltei na noite do dia 17.

Erickson: Lembra-se do que me disse ao telefone?

Sujeito: Sim.

Erickson: O que foi?

Sujeito: Deixe-me ver. Eu lhe disse que tinha sido uma época maravilhosa. Que eu voltaria para lá novamente. De fato, no dia seguinte, eu já estava pronta para voltar lá. Ah, eu lhe perguntei por que você nunca tirava férias.

Erickson: Sim. Mais alguma coisa?

Sujeito: Conte-me o que eu disse. É importante?

Erickson: Sim.

Sujeito: Não deve ter sido importante. Eu me lembro de coisas importantes. Você disse alô e eu disse alô.

Erickson: Tem certeza?

Sujeito: Identifiquei-me e você me perguntou se eu tinha tido férias agradáveis. Eu disse que haviam sido maravilhosas e por que você não tirava umas? Você disse que não tirava férias e eu lhe disse que você deveria. Então você me disse que não tira férias, que apenas fica esperando as pessoas lhe contarem sobre suas férias (delas). Eu falei que isso era bom, mas que achava que você deveria tirar férias. Acho que você me perguntou onde eu estive — não, não perguntou. Sim, você perguntou. E lhe contei. Acredito que perguntei quando poderia vê-lo. Você falou que

seu irmão estava aqui e que você estaria ocupado na semana que passou. Você disse que o Dr. Fink estaria em Detroit essa noite e poderia nos apanhar. Eu falei que seria bom. E concordamos que estava tudo combinado. Então nos despedimos. Esqueci alguma coisa?

Erickson: Não, realmente não. Você expressou-o muito bem.

Sujeito: Vocês três não parecem tão espertos. Você também.

Erickson: Você sentia muito por mim.

Sujeito: Oh, sim. Eu disse que sentia muito por você, por nunca ter tido férias.

Erickson: Não, não foi isso que você disse.

Sujeito: Eu disse que sentia muito por você em relação a alguma outra coisa?

Erickson: Sim.

Sujeito: Por que eu deveria sentir muito por você?

Erickson: Porque eu tinha que ficar sentado, escutando as férias maravilhosas que as pessoas haviam tido. Lembra-se disso?

Sujeito: Sim. Porque você não dá um chute nisso. Sabe como é: na casa das enfermeiras todas as garotas estariam voltando das férias. Se perguntar a elas onde estiveram e elas contarem, você apenas terá que se sentar e dizer: "Não foi bom?" Estará apenas conversando com elas e mais nada.

Erickson: Você acha que é isso que acontece aqui?

Sujeito: Não, com você não. Mas com a maioria das pessoas comuns.

Erickson: Você mudou em alguma coisa desde que esteve aqui?

Sujeito: Não... Eu mudei... Meus melhores amigos não diriam... Dr. Fink você está ficando doente?

Fink: Não.

Srta. Dey: É lamentável.

Sujeito: Não, eu não acho que tenha mudado. Não mais do que qualquer um mudaria nesse período de tempo. Não sou intrometida; apenas curiosa.

Fink: Tudo bem se eu der isso (um bilhete) ao Dr. Erickson?

Sujeito: Sim. Como se eu pudesse impedi-lo. Perceba que eu não posso fazer nada, a não ser ficar curiosa a respeito.

Fink: Está certo?

Sujeito: Você está tentando me deixar brava.

Erickson: Você se bronzeou?

Sujeito: Um pouco, mas logo desaparece. Eu fiquei bronzeada uma vez, mas no dia seguinte já havia sumido.

Srta. Dey: Eu também.

Erickson: Como se sentia a respeito de vir aqui?

Sujeito: Queria vir. Estava ansiosa para vir.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Curiosidade.

Erickson: Por que está curiosa?

Sujeito: A maioria das pessoas ficam intrigadas sobre as coisas das quais não sabem nada. Sou uma delas.

Erickson: Sobre o que você não sabe?

Sujeito: Sobre você. É isso. Pessoas que acham que me intrigam. Você acha. Assim, você me intriga.

Rossi: Você inicia essa sessão com uma série típica de perguntas orientadas a rever e avaliar o trabalho hipnótico anterior. Mas, bem no começo, quando questiona: "Lembra-se do que me disse ao telefone?", você está, realmente, *prendendo a atenção dela* com perguntas e *evocando incerteza e dúvida*. Você a questiona de tal forma que ela tenta lhe dar todos os detalhes, ainda que, inevitavelmente, tenha esquecido de algum. Ela tenta protestar, dizendo aos membros do grupo: "Não são tão espertos, vocês três." Isto significa

que o sujeito já está sentindo-se um tanto quanto incerto e em dúvida. *Seus conjuntos mentais habituais já estão sendo enfraquecidos, de forma que ela passa a fazer buscas internas; desesperadas, procurando o que irá satisfazê-lo e ao grupo.* Isto é: enquanto aparentemente está se desenvolvendo uma conversa normal, na verdade, ela está sendo lançada nos três primeiros estágios da indução de transe: você está (1) prendendo-lhe a atenção, (2) enfraquecendo as formas habituais de referência dela e (3) iniciando buscas inconscientes. Concorde que é isso o que você está fazendo por meio dessas perguntas? Essencialmente, você está iniciando um conjunto exploratório?

Erickson: Sim.

Rossi: Como consequência natural dessa estratégia, a curiosidade e expectativa da Srta. S são despertadas. Certo?

Erickson: Sim.

Rossi: Isso é exacerbado pelo conluio entre você e os outros membros do grupo, como se torna evidente, quando o Dr. Fink lhe entrega um bilhete. Você está evocando essa curiosidade, o querer saber e a expectativa, propositalmente, como uma parte do processo terapêutico? Você faz um esforço consciente para intrigá-la?

Erickson: Sim. (Erickson troca olhares com a Dra. Sandra Sylvester, que experienciou este "ser intrigada" no trabalho hipnoterapêutico de Erickson.)

Dra. Sylvester: É como a experiência do "já visto" (referindo-se aos aspectos do seu recente trabalho com Erickson).

4.1 *Resolução do sintoma; fim da fobia de nadar e dos medos relacionados à água; a "teoria do dominó" sobre problemas psicológicos; objetividade chega com os saltos de maturidade; uma pergunta de duplo vínculo*

Erickson: Devo continuar lhe perguntando enquanto você está acordada ou devo colocá-la em transe?

Sujeito: Acho que posso lhe responder acordada.

Erickson: Vá em frente.

Sujeito: Mas não há nada para contar.

Erickson: Nada?

Sujeito: Já me lembrei de tudo.

Erickson: Sim.

Sujeito: Lembrei-me de tudo que aconteceu aqui naquela noite. E aquela projeção no futuro — há seis semanas, se alguém me perguntasse se era possível, eu diria que não. Absolutamente não.

Erickson: Que projeção no futuro?

Sujeito: Quando você me perguntou se eu havia nadado durante as férias. E eu não havia tido férias. E lhe contei sobre ter ido à casa de Ann, apesar de não ter estado lá, ainda. Oh, e eu me lembrei dos cigarros. Foi uma coisa do outro mundo.

Erickson: Conte-me.

Sujeito: Fui para lá às 8 horas da noite. Conseguimos um barco e remamos pelo lago. Ann ficou olhando para mim, esperando que eu fizesse alguma coisa. Não aconteceu nada e daí fomos para casa. Na manhã seguinte fomos nadar numa praia pública. Nadamos por lá e depois, quando estávamos no bote, eu repentinamente pensei: os cigarros. Foi como um raio vindo do céu. Foi muito marcante:

Erickson: Quero saber mais ainda.

Sujeito: Sobre as minhas férias?

Erickson: Sobre o nadar e os cigarros.

Sujeito: Os cigarros estavam ótimos.

Erickson: Teve problemas em guardá-los?

Sujeito: Nenhum. Escondi-os de mim mesma — fora de tentação. Coloquei-os sob as toalhas, na cômoda, deixando-os na cigarreira.

Erickson: Teve problemas em mantê-los escondidos?

Sujeito: Não muito. Pensei que estariam seguros sobre a cômoda, a menos que chegasse alguém e dissesse: "Ah, cigarros?" Não foi difícil guardá-los.

Erickson: Como reagiu ao descobri-los?

Sujeito: (Para a Srta. Dey) Eu estava no carro, não foi? Primeiro, não sabia onde os havia conseguido. Pensei que eu tivesse comprado alguns Luckies, mas que não sabia. Imagine, comprar coisas sem saber. Mas pensei: "Bem, consegui-os em algum lugar" e isso é o que importa. E então vi que estava escrito "só depois" e eu sabia que era sua letra porque já havia visto você escrever. Daí, perguntei àquela criatura (indicando a Srta. Dey) sobre eles. Ela disse: "Não sei onde você os conseguiu. Não me pergunte sobre suas coisas." Assim, eu soube que haviam vindo de você e que deveria existir um objetivo. Então, pensei: "Algum dia saberei, mesmo que já esteja velha." Simplesmente, guardei-os para esperar.

Erickson: Quer dizer que você passeou num barco e no dia seguinte foi nadar e, quando estava no bote, recordou-se dos cigarros. O que você fez?

Sujeito: Fiquei ansiosa para ir para casa.

Erickson: Como voltou?

Sujeito: Remamos de volta. E ela me disse que meus músculos não ficariam doloridos. Eles não ficariam naquele dia nem no dia seguinte.

Srta. Dey: Eu não fiz nenhuma promessa. Os meus não ficaram doloridos.

Erickson: Quantas vezes, depois disso, você nadou?

Sujeito: Nadamos pela manhã — a maior parte daquela manhã e depois mais uma vez antes de eu voltar.

Erickson: Você gostou de nadar?

Sujeito: Muito.

Erickson: Por quê?

Sujeito: Eu não senti mais medo. Eu estava dizendo a Ann que não era que eu pudesse dar um salto de 20 pés de profundidade. Não sou tão corajosa ainda. Mas, quando eu costumava passar de carro sobre uma ponte, eu ficava ansiosa para chegar do outro lado. Mas agora não há nada disso.

Ainda não gosto de molhar o rosto. Mas isso virá com a prática.

Erickson: Você realmente aproveitou.

Sujeito: Sim, muito.

Erickson: Lembra-se de como costumava sentir-se a respeito?

Sujeito: Sim, eu ficava aflita. Eu queria saber se eu teria que ir ou se não poderia encontrar uma desculpa plausível para cair fora.

Rossi: Acho que você ameaçou-a um pouco com sua pergunta de dupla ligação ("Devo continuar lhe perguntando enquanto você está acordada ou devo colocá-la em transe?"), a qual a colocou numa direção terapêutica. Ela tinha a escolha de ser interrogada enquanto acordada ou entrar em transe — mas qualquer escolha que fizesse a levaria numa direção terapêutica. Então, a Srta. S passa a falar sobre o cumprimento da sua sugestão pós-hipnótica, que a levou a aproveitar nadar e a uma aparente resolução da sua fobia. Você pensou que ela ficaria radiante e aclamaria esta cura maravilhosa. Mas, ainda, o sujeito parece curioso a respeito. De fato, você tem que puxar dela. Por quê?

Erickson: Agora é uma parte dela.

Rossi: Ter resolvido a fobia de nadar é agora tão parte da Srta. S que ela é natural em relação a isso.

Erickson: Sim. Ela sabe que isso é algo que lhe dei e que agora é parte de si própria.

Rossi: Já é parte de sua identidade? Se ela pulasse e gritasse por isso, indicaria que ainda era um desenvolvimento novo e precário para impressioná-lo. É similar ao que discutimos na última seção: tornamo-nos capazes de sermos objetivos em relação a conseqüências emocionais passadas, quando podemos saltar sobre elas com a genuína maturidade do crescimento.

Percebo, ainda, que o sujeito indica também haver resolvido um outro medo relacionado à água, quando ela fala: "Mas, quando eu costumava passar de carro sobre uma ponte, eu ficava ansiosa para chegar do outro lado. Mas agora não há mais nada

disso." Isso indica uma resolução espontânea de outra de suas experiências traumáticas infantis, quando ela foi carregada por Larry (Veja Quadro 1). É uma ilustração da sua "teoria do dominó" para os problemas psicológicos e para o desenvolvimento: quando se lida satisfatoriamente com um aspecto, outros problemas relacionados tendem a ruir sucessivamente e curarem-se sozinhos.

4.2 *Hipnose terapêutica como um processo ativo de trabalho interno*

Erickson: O que você achou da projeção no futuro?

Sujeito: Foi surpreendente. Eu lhe disse que queria uma maiô amarelo. Eu havia visto uma garota da casa das enfermeiras usando um maiô assim e achei um estouro. Então eu lhe contei que tinha ido nadar no rio. Não sei porque lhe disse isso. Acho que não poderia apostar nisso. Parece muito lamacento e não é fundo o bastante. Não é o lugar onde se possa nadar.

Erickson: Continue.

Sujeito: Deixe-me ver. Não sei porque lhe falei aquilo. Uma projeção pode significar seus planos para o futuro. Pode ser uma representação o futuro como a gente imagina que ele será.

Erickson: Não.

Sujeito: Não? Certo, vamos ouvir sobre isso.

Erickson: Sua projeção no futuro foi uma afirmação de seus desejos, esperanças, ansiedades e medos passados, tudo reafirmado de forma correta. Agora, você não quer entrar no rio. E você deu uma razão apropriada. Lembra-se do que disse?

Sujeito: Você quer dizer o que eu disse na última vez sobre o rio?

Erickson: Por que você não ia entrar nele?

Sujeito: Por que era contaminado? Você quer dizer, por que não era muito fundo?

Erickson: Sim.

Rossi: Aqui, você é muito cuidadoso e insistente a respeito do que quer dizer uma projeção mental no futuro. Não é para representar o futuro como ela pensava, mais do que isso é uma "afirmação dos seus desejos, esperanças, ansiedades e medos passados, tudo reafirmado da forma correta". Isto é: na sua pseudo-orientação no futuro, a Srta. S não estava simplesmente relatando uma fantasia sobre o que esperava que acontecesse. Ela estava ativamente engajada num processo interno de mudança e correção de imagens, expectativas e programas de comportamento passados. É isso que você observa aqui? Sua abordagem terapêutica envolve um ativo processo interno de mudança da dinâmica mental do paciente, ao invés da expressão passiva de uma esperança ou fantasia?

Erickson: (Acena que sim.)

Rossi: Nos seus escritos originais sobre a pseudo-orientação como um procedimento hipnoterapêutico (Erickson, 1954/1980), você relata como um paciente evidencia muitos sinais de tensão, excitação e trabalho árduo durante o transe e exaustão após um período de pseudo-orientação no futuro. Na última sessão, a Srta. S demonstrou muita resistência, confusão e dificuldade durante a fase ativa da pseudo-orientação, a ponto de você ter tido que interrogá-la persistentemente para orientá-la para sua (dela) tarefa terapêutica. Não ocorre uma fantasia feliz e idealística sobre o futuro. O paciente tem que trabalhar duro ativamente no transe, certo?

Erickson: Sim.

Rossi: Desse modo, é muito diferente, por exemplo, de T. X. Barber que sente que na hipnose apenas "pensa-se e imagina" junto com o terapeuta (Barber, 1972, 1978, 1984). Você fala sobre isso como sendo um engajamento interno ativo, mais do que apenas um passivo experimentar de desejos. É isto o que, na verdade, o paciente faz na pseudo-orientação no futuro. E acho que talvez seja por isso que eu fracassava antes. Eu fazia meus pacientes falarem passivamente sobre o que poderia ser agradável. Quando se faz trabalho de transe, não é como dormir, mas sim um processo ativo que ocorre na pessoa.

Erickson: (Erickson descreve uma situação análoga, quando demonstrava a uma "moça da cidade" como tirar leite de uma vaca. Na medida em que ela observava a demonstra-

ção, ela tinha que fazer uma idéia ativa e talvez até mesmo mínimos movimentos semiconscientes com sua mão e dedos dominantes para imitar e representar como ela iria movê-los, realmente, quando tentasse tirar leite de uma vaca.)

Rossi: Um-mmm. Assim, ela aprende passo a passo com um ensaio interno ativo, antes de fazê-lo de fato. De forma similar, a hipnose não envolve a fantasia passiva, mas sim uma experiência interna ativa de mudança de alguém para ativar seu potenciais. #

4.3 Rejeitando hipóteses terapêuticas inapropriadas

Sujeito: O que estava escrito naquele pedaço de papel que o Dr. Fink lhe deu?

Erickson: Uma das idéias de Jerome. (Dá o papel a Srta. S.)

Sujeito: Isto é um refrão para o sabão "Salva-vidas". Um salva-vidas na água.

Fink: Você estava interessada em garotos na água?*

Sujeito: Isto não está em questão e é muito irrelevante.

Rossi: A Srta. S não tem, certamente, nenhum problema em descartar o que ela sente ser uma hipótese terapêutica errônea: que sua fobia de água esteja, de alguma forma, relacionada a seu medo de garotos e que assim ela não possa "salvar a vida" na água. Ela rejeita os homônimos (*buoy-boy*) como não tendo nenhum significado psicodinâmico real para si própria. O que você pensa?

Erickson: Acho que parte do seu medo pode estar associado com garotos, mas há mais do que isso.

Rossi: Então, foi um belo exemplo de rejeição do paciente de uma hipótese terapêutica errônea ou incompleta. Não se pode, simplesmente, fazer qualquer coisa e querer que o paciente aceite-a.

* Aqui, o Dr. Fink faz um trocadilho com as palavras "salva-vidas" (em inglês, *buoy*) e "garotos" (em inglês, *boys*). (N.T.)

4.4 *Avaliando a mudança terapêutica; a extensão dos medos fóbicos*

Erickson: Quantas vezes, aproximadamente, você foi nadar?

Sujeito: Você quer dizer na casa de Ann? Umas quatro vezes.

Srta. Dey: Três vezes.

Erickson: A última vez foi um pouco antes do seu ônibus sair?

Sujeito: Sim, pegamos o ônibus saindo.

Erickson: Desde então, você nadou?

Sujeito: Sim, fui ao Rouge.

Erickson: E que gosto teve seu cigarro quando o fumou?

Sujeito: Oh, muito bom. Desde então, tenho gostado dos Luckies.

Erickson: O que mudou em você? Está mudada desde a última vez em que a vi?

Sujeito: Não muito. Eu não acho que vou sentir medo outra vez.

Erickson: Que outros medos você perdeu? Atravessar pontes, esse você perdeu.

Sujeito: Sim.

Erickson: Você nunca havia me contado esse. Por quê?

Sujeito: Simplesmente, nunca me ocorreu.

Erickson: Que outros medos você perdeu?

Sujeito: Não percebi se tinha outros medos. O que eu escondi?

Erickson: Bem, há quanto tempo você tinha percebido que tinha medo de atravessar pontes?

Sujeito: Não sei. Há muito tempo.

Erickson: Você anulou, mais ou menos, aquele seu medo d'água?

Sujeito: Provavelmente.

Erickson: Você descobriu mais alguma coisa?

Sujeito: Olhem como ele ruminou seu cigarro para que não tivesse que fumá-lo. (Referindo-se ao Dr. Fink.)

Erickson: Que hábitos seus mudaram?

Sujeito: Oh, agora estou mudando de hábitos.

Erickson: Srta. Dey, você sabe de algum?

Srta. Dey: Acho que estou percebendo um bem agora.

Sujeito: Bem agora?

Srta. Dey: Ela disse que sempre fumou com a mão esquerda. E agora pegou o cigarro com a direita.

Sujeito: Eu percebi isso também. Mas acho que não há ligação nenhuma.

Erickson: Devemos descobrir se há alguma?

Sujeito: Deixe-me pensar a respeito. Talvez eu fosse canhota.

Erickson: Nada mais?

Sujeito: Ajudem-me, por favor. Soprem, por favor.

Erickson: A audiência pode soprar.

Sujeito: Agora preciso de ajuda. Afinal de contas, a audiência sempre pareceu saber mais do que eu.

Fink: Você se recorda de alguma mudança de atitude com relação ao casamento?

Sujeito: Casamento? Eu não sabia que tinha alguma atitude em relação a casamento. Um mal necessário. Deixe-me ver: mudança de atitude em relação ao casamento.

Rossi: Toda essa mudança ocorrendo e ela ainda não quer admitir.

Erickson: Lembra-se de como você ficava ressentido por tomar banho?

Rossi: Eu? Ressentido em tomar banho? Sim, talvez (risos).

Erickson: Apenas "talvez"? Por que você está tão afável em relação a isso hoje em dia?

Rossi: Oh, entendo. É uma dificuldade resolvida há muito tempo. Divirto-me quando as pessoas comentam o quão melhor meu cabelo parece agora. Sinto: "Jesus, era pior antes?" Eu não resolvi esse problema, por isso não sou afável em relação a ele. Então, você está dizendo que ser afável significa que está, realmente, resolvido.

Dra. Sylvester: E outra coisa: é parte de quem você é.

Rossi: Certo. Muito bem falado.

4.5 Perguntas que estabelecem respostas ideomotoras automáticas do inconsciente

Erickson: Devemos descobrir se você perdeu outras fobias quaisquer?

Sujeito: Eu não achava que tinha alguma.

Erickson: Devemos descobrir se você perdeu algumas outras?

Sujeito: Certamente. Mas não se pode perder algo que não se possui.

Erickson: Eu lhe direi. Estas luvas ficam assim nos seus dedos. Certo. Se você mexê-los, significará que você perdeu algumas outras fobias.

Sujeito: É altamente improvável, você não acha?

Erickson: Bem, observe porque você libertará a mão direita.

Sujeito: É o poder da sugestão. É como me dizer que me sentiria mais confortável naquela cadeira do que na em que estou. Não importa se eu estivesse ou não, eu iria até lá.

Erickson: Tudo bem. Se as luvas ficarem quietas, você nomeará a fobia.

Sujeito: Acho melhor eu pensar rápido em uma fobia.

Erickson: Mas a fobia não lhe ocorrerá até que a luva se mexa — a menos que não haja fobia.

Sujeito: Mas, provavelmente, há. E não vou ser capaz de pensar nela até que eu mexa a luva?

Erickson: Não.

Sujeito: Eu deveria mexer logo a luva. Eu herdei isso.

Srta. Dey: Sempre mudando a responsabilidade.

Sujeito: Do que estou com medo? Lembrem-se, podem soprar. Olhe para essas pessoas de olhos arregalados. Tudo bem. Se eu mexer a luva, vou pensar em alguma coisa da qual eu tinha medo. (Mexe a luva.)

Erickson: Vamos descobrir.

Sujeito: Minhas ostentações na religião?

Erickson: Você mudou alguns dos seus hábitos? Aqui, ninguém sabe para onde estou dirigindo.

Sujeito: Eu sei?

Erickson: Estou tentando saber de você.

Sujeito: Eu fumo mais.

Erickson: Você se importa se eu levar a Srta. Dey para fora da sala a fim de obter alguma informação?

Sujeito: Não, vá em frente. Ann, lembre-se de que você pode precisar pedir-me dinheiro emprestado algum dia. É tudo tão fascinante.

Rossi: Agora, você e a Srta. Dey têm uma conversa em particular fora da sala. Foi isso o que aconteceu.

Erickson: (Acena positivamente.)

Rossi: Qual é o seu objetivo ao estabelecer esse questionamento automático do inconsciente?

Erickson: Descobrir se havia alguma coisa que eu houvesse olhado superficialmente.

Rossi: Por que você não confia na mente consciente dela? Você acreditava que a mente inconsciente poderia ter algo que a mente consciente ainda desconhecia?

Erickson: (Acena afirmativamente.)

4.6 As dinâmicas e a resolução de uma fobia (escondida) de tinas cheias

Erickson: Quanto tempo esteve fora nas férias?

Sujeito: Três semanas.

Erickson: E onde esteve nessas três semanas ?

Sujeito: Em _____.

Erickson: E onde você tomou seus banhos?

Sujeito: Na banheira. O que há de errado nisso?

Erickson: Por que não no chuveiro?

Sujeito: Bem, gosto de sentar na banheira com uma revista e um cigarro. Fico sentada horas, enquanto alguém bate do lado de fora, dizendo: "Deixe-me entrar." E eu digo: "Sinto muito, mas estou tomando banho."

Erickson: Antes de janeiro passado, o que você achava de banhos em banheiras?

Sujeito: Sempre gostei de tomar banho em banheira, exceto não gosto de esperar a banheira encher. Se a gente pudesse apertar um botão e ela se enchesse automaticamente, seria muito melhor.

Erickson: Qual a sua atitude em relação a isso agora?

Sujeito: Agora não me importo. Provavelmente em decorrência de não ter mais medo de água. Todavia nunca tive medo de uma banheira cheia de água.

Erickson: E agora não se importa em ter que enchê-la?

Sujeito: Não. Sempre posso fumar enquanto espero.

Erickson: Esta é uma outra fobia que você perdeu — esse medo da banheira enchendo-se.

Sujeito: Tólice! Eu não tinha medo. Sempre ficava ansiosa por ter que enchê-la, Mas se fosse um medo, por que eu gostaria de ficar nela por longo tempo?

Erickson: Isso lhe forçava a reprimir seus medos num nível inconsciente. A informação da Srta. Dey que eu queria era sobre que arranjos você fazia para tomar banho na casa das enfermeiras. Era sobre isso que eu estava conversando com ela.

Sujeito: É surpreendente.

Rossi: Não estou convencido em relação a sua revisão da fobia de banheira enchendo-se da Srta. S. Você pode estar certo, mas parece improvável. Se ela evitava encher a banheira

e preferia o chuveiro, certamente se poderia tomar o fato como evidência de uma fobia. Mas acontecia o contrário: ela ficava ansiosa por enchê-la — e você deduz que isso prova a mesma coisa (a fobia). A teoria psicanalítica clássica racionalizaria isso, dizendo que a Srta. S tinha uma formação reativa à sua fobia de encher banheira. É uma espécie de dupla ligação, dentro da estrutura da teoria psicanalítica, poder provar, espuriamente, suas próprias hipóteses a despeito do que o paciente faça. Esse tipo de coisa faz uma desordem na ciência, mas pode ser útil como um paradoxo terapêutico.

Erickson: Sempre que enchemos a banheira e lavamos algo, a água diminui.

Rossi: Certo. O nível da água diminui.

Erickson: Mas, quando a irmã da Srta. S caiu na água, o nível aumentou.

Rossi: Certo. Desse modo, ela teria medo de água aumentando. Entendo. Era isso que você estava pensando, quando presumiu que o sujeito tinha fobia de banheira enchendo. E, de fato, ela ficava ansiosa ao ver a banheira enchendo-se d'água e perdeu esse medo sem perceber que o havia perdido até que você o comentasse. Você presumiu que uma vez que a irmã da Srta. S caiu na água esta subiu, portanto, a Srta. S teria medo da água subindo na banheira. Está bem, você me convenceu. Eu li esse caso, tão cuidadosamente, e mesmo assim me esqueci daquele incidente inicial com a tina. Não conseguia imaginar por que nem onde você o havia tirado do ar. Agora faz sentido.

4.7 A natureza parafóbica da maioria das fobias; amadurecimento da personalidade; resolvendo a relação de transferência

Erickson: Você sabe qual era o meu palpite sobre isso, não sabe?

Sujeito: Não. Oh! O que as mudanças tem que ver com você Dr. Fink? Bem, ele fuma charuto.

Erickson: O jeito como você disse aquela palavra (*salva-vidas*) e a quebrou.*

* Salva-vidas como *lifebuoy*, em inglês.

Fink: Bem, foi quebrada.

Sujeito: Sim, foi. Afinal de contas, o que há de tão peculiar nisso? Se você disser duas palavras, não as colocará junto. Oh, bem é uma ótima vida.

Erickson: Bem, estou muito feliz que goste de nadar agora. E manteve a promessa que me fez ao telefone, não?

Sujeito: Qual foi?

Erickson: Durma agora. E você vai dormir, não vai? Não vai, Jane? Durma profundamente; profundamente adormecida. E você está dormindo profundamente (Sujeito acena positivamente.) E você deu-me um relato acurado das suas férias. E você realmente foi nadar. E realmente você perdeu a maior parte daquela ansiedade, e você não tem mais medo de pontes. E você não tem mais aquela ansiedade ao ver a banheira enchendo-se. E isso lhe agrada muito. Realmente, você perdeu muitas aflições que tinha; mais do que discutimos aqui. E é uma coisa agradável perder essas outras ansiedades. E você as perdeu, não? Há um senso comum no jeito de se manejar as coisas, e é uma coisa do senso comum perder ansiedades sem deturpar a própria vida, e você realmente sabe disso. Não lhe será mais necessário deixar a ansiedade superá-la nunca mais, certo? Agora, há mais alguma coisa que eu possa fazer por você? (Sujeito balança a cabeça negativamente.) Você sentir-se-á livre para me procurar a qualquer hora? E eu posso ter o privilégio de pedir-lhe ajuda, um dia? (Sujeito acena positivamente.) Tem certeza? Nunca se sabe quando se precisará de ajuda, e pode chegar um dia em que eu precise da sua assistência. E eu gostaria de ter o privilégio de chamá-la. E agora, enquanto revê as coisas, você está apenas meia dúzia de meses mais velha do que quando me encontrou pela primeira vez. Mas, em experiência e compreensão reais, você está muito mais velha do que isso. Esta é uma das mudanças que se torna evidente quando se olha

para você. Agora, há mais alguma coisa que deveríamos discutir nesta noite? Alguma coisa que você queira me dizer em particular?

Sujeito: (Longa pausa) Realmente, eu tenho uma marca de cigarros muito melhor. O trabalho que estava à mão foi concluído. O trabalho que estava à mão terminou.

Rossi: Você acordou-a antes de ela dizer isso?

Erickson: Há uma pausa.

Rossi: O que aconteceu durante essa pausa?

Erickson: Ela simplesmente acordou e fez alguns comentários.

Rossi: Sua convicção firme em relação à natureza panafóbica real da maioria das chamadas fobias simples é muito importante. É característico da sua abordagem sempre procurar por fobias relacionadas e trabalhar no sentido de resolvê-las juntamente com o principal problema fóbico apresentado pelo paciente?

Erickson: Sim. Não vivemos num mundo isolado.

Rossi: A fobia atual aparece para ser apenas uma das muitas coisas. Você percebe que há muitas outras coisas e então tenta resolver tudo. Não existe uma fobia simples. Sempre há uma resposta panafóbica a muitas coisas.

Erickson: Uma pessoa com fobia de gato visita alguém que tem um gato e descobre que não gostou da mobília, não gostou da comida, que não gostou de nada daquela pessoa ou daquele lugar. Por que ela não deveria gostar daquela pessoa?

Rossi: Não sei. Por quê?

Erickson: Você já ouviu falar de arreios e acolchoados feitos de crina de cavalo?

Rossi: Oh, sim. Já ouvi isso.

Erickson: E gatos têm pêlos.

Rossi: Entendi. É dessa forma que se generaliza. Então, a maioria das fobias e medo se generalizam de maneiras que a pessoa nem percebe.

Erickson: Sim.

Dra. Sylvester: Tenho uma outra pergunta. Por que você lhe faz perguntas tão próximas sobre todas as coisas das quais ela devia ter medo? Havia outra maneira de integrar terapeuticamente a experiência? É como se a mão esquerda não soubesse o que a direita está fazendo e você então a deixa saber — isso é uma experiência completamente integrada?

Erickson: Sim. E dizê-lo em voz alta ajuda a mente consciente a aceitar o que a inconsciente já sabe.

Rossi (Em 1987): Erickson resolve a transferência de uma forma que era típica nos seus trabalhos de demonstração. Como era um caso de demonstração e não uma situação clínica típica, Erickson sentiu que havia necessidade de uma resolução de transferência cuidadosa e abertofechada. Ele tinha uma maneira incomum, mas muito confortável de resolver a transferência nessas situações. Erickson deixava aberta a possibilidade de o sujeito procurá-lo, a qualquer hora, no futuro, se sentisse a necessidade de mais ajuda. Ao mesmo tempo, ele perguntava se poderia “ter o privilégio de, algum dia, pedir-lhe ajuda”. Geralmente, esse tipo de comentário significava que ele poderia pedir ao sujeito para participar, no futuro, num projeto de pesquisa ou demonstração profissional. Erickson sentia que era uma troca justa: “Eu a ajudei dando-lhe terapia; agora me ajude no meu trabalho profissional científico.” A transferência não-resolvida e o senso de obrigação que a terapia livre deveria ter engendrado é assim: “pague” doando tempo igual para ajudar os outros.

Bibliografia

- Barber, T.X. (1972). Suggested (“hypnotic”) behavior: The trance paradigm *versus* an alternate paradigm. In E. Fromm & R. Shor (Eds.), *Hypnosis: Research Development and Perspectives* (pp. 115-182). Nova Iorque: Aldine-Atherton.
- Barber, T.X. (1978). Hypnosis, suggestions, and psychosomatic phenomena: A new look from the standpoint of recent experimental studies. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 21(1), 13-27.
- Barber, T.X. (1984). Changing unchangeable bodily processes by (hypnotic) suggestions: A new look at hypnosis, cognitions, imagining, and the mind-body problem. *Advances*, 1(2), 7-40.
- Bateson, G. (1979). *Steps to an Ecology of Mind*. Nova Iorque: Ballantine Books.
- Bateson, G., Jackson, D., Haley, J. & Weakland, J. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, 1, 251-264.
- Erickson, M. (1935/1980). A study of an experimental neurosis hypnotically induced in a case of ejaculatio praecox. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. III. Hypnotic Investigation of Psychodynamic Processes (pp. 320-335). Nova Iorque: Irvington.

- Erickson, M. (1939a/1980). Demonstration of mental mechanisms by hypnosis. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. III. *Hypnotic Investigation of Psychodynamic Processes* (pp. 203-206). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. (1939b/1980). Experimental demonstrations of the psychopathology of everyday life. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. III. *Hypnotic Investigation of Psychodynamic Processes* (pp. 190-202). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. (1948/1980). Hypnotic psychotherapy. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. I. *The Nature of Hypnosis and Suggestion* (pp. 35-48). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. (1954a/1980). Pseudo-Orientation in time as a hypnotherapeutic procedure. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. IV. *Innovative Hypnotherapy* (pp. 397-423). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. (1954b/1980). Special techniques of brief hypnotherapy. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. IV. *Innovative Hypnotherapy* (pp. 149-173). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. (1964/1980). The "surprise" and "my-friend-John" techniques of hypnosis: Minimal cues and natural field experimentation. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. I. *The Nature of Hypnosis and Suggestion* (pp. 340-377). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. (1980). *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis* (4 vols.). E. Rossi (Ed.). Nova Iorque: Irvington.
- Volume I: *The Nature of Hypnosis and Suggestion*
- Volume II: *Hypnotic Alteration of Sensory, Perceptual, and Psychophysical Processes*
- Volume III: *Hypnotic Investigation of Psychodynamic Processes*
- Volume IV: *Innovative Hypnotherapy*
- Erickson, M. & Rossi, E. (1974/1980). Varieties of hypnosis and amnesia. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Mil-*

- ton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. III. *Hypnotic Investigation of Psychodynamic Processes* (pp. 71-90). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. & Rossi, E. (1975/1980). Varieties of double bind. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. I. *The Nature of Hypnosis and Suggestion* (pp. 412-429). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. & Rossi, E. (1976/1980). Two-level communication and the microdynamics of trance. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. I. *The Nature of Hypnosis and Suggestion* (pp. 430-451). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. & Rossi, E. (1977/1980). Autohypnotic experiences of Milton H. Erickson. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. I. *The Nature of Hypnosis and Suggestion* (pp. 108-132). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. & Rossi, E. (1979). *Hypnotherapy: An Exploratory Casebook*. Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. & Rossi, E. (1980). The indirect forms of suggestion. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. I. *The Nature of Hypnosis and Suggestion* (pp. 452-477). Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M. & Rossi, E. (1981). *Experiencing Hypnosis: Therapeutic Approaches to Altered States*. Nova Iorque: Irvington.
- Erickson, M., Rossi, E. & Rossi, S. (1976). *Hypnotic Realities*. Nova Iorque: Irvington.
- Estabrooks, G. (1943). *Hypnotism*. Nova Iorque: Dutton.
- Gazzaniga, M. (1985). *The Social Brain: Discovering the Networks of the Mind*. Nova Iorque: Basic Books.
- Haley, J. (1963). *Strategies of Psychotherapy*. Nova Iorque: Grune & Stratton.
- Haley, J. (1973). *Uncommon Therapy*. Nova Iorque: W. W. Norton.
- Haley, J. (1985). *Conversations with Milton H. Erickson*. (3 vols.). Nova Iorque: Triangle Press.
- Hilgard, E. & Hilgard, J. (1975). *Hypnosis in the Relief of Pain*. Los Altos, CA: Kaufman.

- Huston, P., Shakow, D. & Erickson, M. (1934/1980). A study of hypnotically induced complexes by means of the Luria Technique. In E. Rossi (Ed.), *The Collected Papers of Milton H. Erickson on Hypnosis*. Vol. III. Hypnotic Investigation of Psychodynamic Processes (pp. 292-319). Nova Iorque: Irvington.
- Jung, C. (1960). *The Structure and Dynamics of the Psyche*. Vol. III. *The Collected Works of Carl G. Jung*. (R.F.C. Hull, Trans.). Bollingen Series XX. Princeton: Princeton University Press.
- Kinsbourne, M. & Smith, W. (Eds.) (1974). *Hemispheric Disconnection and Cerebral Function*. Springfield, IL: Charles C. Thomas.
- Mead, M. (1977). The originality of Milton Erickson. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 20(1), 4-5.
- Pribram, K. (1971). *Languages of the Brain: Experimental Paradoxes and Principles in Neuropsychology* (3^a Ed.). Nova Iorque: Brandon House.
- Rossi, E. (1967). Game and growth: Two dimensions of our psychotherapeutic Zeitgeist. *Journal of Humanistic Psychology*, 8, 139-154.
- Rossi, E. (1968). The breakout heuristic: A phenomenology of growth therapy with college students. *Journal of Humanistic Psychology*, 8, 16-28.
- Rossi, E. (1971). Growth, change and transformation in dreams. *Journal of Humanistic Psychology*, 11, 147-169.
- Rossi, E. (1972a/1985). *Dreams and the Growth of Personality* (2^a Ed.). Nova Iorque: Brunner/Mazel.
- Rossi, E. (1972b). Dreams in the creation of personality. *Psychological Perspectives*, 2, 122-134.
- Rossi, E. (1972c). Self-reflection in dreams. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice*, 9, 290-298.
- Rossi, E. (1973a). Psychological shocks and creative moments in psychotherapy. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 16, 9-22.
- Rossi, E. (1973b). Psychosynthesis and the new biology of dreams and psychotherapy. *The American Journal of Psychotherapy*, 27, 34-41.

- Rossi, E. (1973c). The dream protein hypothesis. *The American Journal of Psychiatry*, 130, 1094-1097.
- Rossi, E. (1977). The cerebral hemispheres in analytical psychology. *The Journal of Analytical Psychology*, 22, 32-51.
- Rossi, E. (1979). Davina's recent dream. *Sundance Community Dream Journal*, 3, 110-113.
- Rossi, E. (1980). As above, so below: The Holographic mind. *Psychological Perspectives*, 11, 155-169.
- Rossi, E. (1986a). Altered states of consciousness in everyday life: The ultradian rhythms. In B. Wolman (Ed.), *Handbook of Altered States of Consciousness* (pp. 97-132). Nova Iorque: Van Nostrand.
- Rossi, E. (1986b). *The Psychobiology of Mind-Body Healing: New Concepts in Therapeutic Hypnosis*. Nova Iorque: W. W. Norton.
- Rossi, E. & Cheek, D. (1988). *Mind-Body Therapy: Ideodynamic Healing in Hypnosis*. Nova Iorque: W. W. Norton.
- Rossi, E. & Ryan, M. (Eds.) (1985). *Life Reframing in Hypnosis*. Vol. II. *The Seminars, Workshops, and Lectures of Milton H. Erickson*. Nova Iorque: Irvington.
- Rossi, E. & Ryan, M. (1986). *Mind-Body Communication in Hypnosis*. Vol. 3. *The Seminars, Workshops and Lectures of Milton H. Erickson*. Nova Iorque: Irvington.
- Rossi, E., Ryan, M. & Sharp, F. (Eds.) (1984). *Healing in Hypnosis*. Vol. I. *The Seminars, Workshops, and Lectures of Milton H. Erickson*. Nova Iorque: Irvington.
- Sperry, R. (1968). Hemispheric disconnections and unity in conscious awareness. *American Psychologist* 23, 723-733.
- Watkins, J. (1949). *Hypnoterapy of War Neuroses*. Nova Iorque: Ronald Publishing.
- Woodworth, R. & Schlosberg, H. (1954). *Experimental Psychology*. Nova Iorque: Holt and Company.

PARTICIPANTES DAS SESSÕES E DOS COMENTÁRIOS

SESSÃO I – Parte 1

Presentes em 1945: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Jerome Fink, Sra. Fink, o sujeito (Srta. S ou Jane) e a amiga do sujeito, “Ann Dey”.

Presentes nos comentários em 1979: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Ernest L. Rossi e Dra. Marion Moore.

SESSÃO I – Parte 2

Presentes em 1945: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Jerome Fink, o sujeito (Srta. S ou Jane) e a amiga do sujeito, “Ann Dey”.

Presentes nos comentários em 1979: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Ernest L. Rossi, Dra. Marion Moore, Dr. Robert Pearson e um visitante não identificado.

SESSÃO II

Presentes em 1945: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Jerome Fink, o sujeito (Srta. S ou Jane) e o Sr. Beatty.

Presentes nos comentários em 1979: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Ernest L. Rossi e Dra. Marion Moore.

SESSÃO III

Presentes em 1945: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Jerome Fink, o sujeito (Srta. S ou Jane) e a amiga do sujeito, “Ann Dey”.

Presentes nos comentários em 1979: Dr. Milton H. Erickson e Dr. Ernest L. Rossi.

SESSÃO IV

Presentes em 1945: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Jerome Fink, o sujeito (Srta. S ou Jane) e a amiga do sujeito “Ann Dey”.

Presentes nos comentários em 1979: Dr. Milton H. Erickson, Dr. Ernest L. Rossi e Dra. Sandra Sylvester.

